



Universidade Estadual do Ceará – UECE
Centro de Humanidades
Mestrado Acadêmico em História – MAHIS

UM OLHAR HISTÓRICO SOBRE A COMUNIDADE DE AREMBEPE
(1970 – 2012): *(RE)SIGNIFICAÇÕES DA CONTRACULTURA HIPPIE*

Getúlio Cavalcante de Sousa

Fortaleza
2014



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ – UECE
CENTRO DE HUMANIDADES - CH
MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA – MAHIS

GETÚLIO CAVALCANTE DE SOUSA

UM OLHAR HISTÓRICO SOBRE A COMUNIDADE DE AREMBEPE
(1970 – 2012): *(RE)SIGNIFICAÇÕES DA CONTRACULTURA HIPPIE*

Dissertação apresentada ao Mestrado Acadêmico em História – MAHIS, Universidade Estadual do Ceará – UECE, como requisito parcial para obtenção do grau Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Francisco José Gomes Damasceno.

FORTALEZA - CEARÁ

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Estadual do Ceará
Biblioteca Central Prof. Antônio Martins Filho
Bibliotecário responsável – Francisco Welton Silva Rios – CRB-3/919

S725o Sousa, Getúlio Cavalcante de
Um olhar histórico sobre a comunidade de Arrembepe (1970-2012):
(re)significações da contracultura hippie / Getúlio Cavalcante de Sousa . --
2014.
CD-ROM. 171 f. : il. (algumas color.) ; 4 ¾ pol.

“CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho
acadêmico, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm)”.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de
Humanidades, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Curso de
Mestrado Acadêmico em História, Fortaleza, 2014.
Área de Concentração: História e Culturas.
Orientação: Prof. Dr. Francisco José Gomes Damasceno.

1. Cultura – Aldeia Arrembepe – 1970-2012 – Camaçari – Bahia. 2.
Contracultura. 3. Hippie – Aldeia Arrembepe – Camaçari – Bahia. 4.
Civilização moderna – 1950-. I. Título.

CDD: 901.9



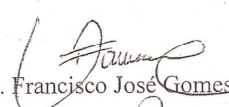
Universidade Estadual do Ceará-UECE
CENTRO DE HUMANIDADES
MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA
Criado pela resolução N° 520 do CONSU - UECE de 31 de maio de 2005

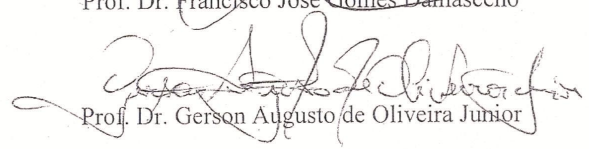


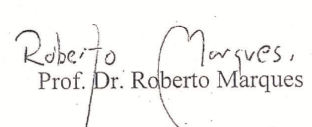
ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DO ALUNO GETÚLIO CAVALCANTE DE SOUSA

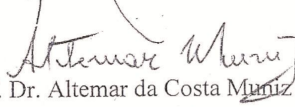
Às 15h00min do dia 17 (dezesete) de setembro de 2013 (dois mil e treze), no Curso de Mestrado Acadêmico em História da Universidade Estadual do Ceará, a Comissão Examinadora da dissertação, para obtenção de grau de Mestre apresentada pelo aluno **Getúlio Cavalcante de Sousa**, intitulada **“UM OLHAR HISTÓRICO SOBRE A COMUNIDADE DE AREMBEPE (1970 – 2012): (RE)SIGNIFICAÇÕES DA CONTRACULTURA HIPPIE”**, em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder ao mesmo o conceito “ Aprovado ” em resultado à atribuição dos conceitos dos professores doutores: Francisco José Gomes Damasceno (Orientador-UECE), Gerson Augusto de Oliveira Junior (UECE) e Roberto Marques (URCA). Assinam, também, a presente ata o Coordenador, Prof. Dr. Altamar da Costa Muniz e o secretário Adauto Rufino de Lima Neto para os devidos efeitos legais.

Fortaleza, 17 de setembro de 2013.


Prof. Dr. Francisco José Gomes Damasceno


Prof. Dr. Gerson Augusto de Oliveira Junior


Prof. Dr. Roberto Marques


Prof. Dr. Altamar da Costa Muniz


Adauto Rufino de Lima Neto

AGRADECIMENTOS

Em nome de Deus, que nos deu a vida e a saúde, uma família maravilhosa e amigos abnegados que não cansam de nos ajudar e incentivar para a realização de nossos projetos. Agradeço a Deus, O Clemente, que nos concedeu uma missão que realizo com satisfação vocacional de estudar e lecionar História, atividade que nos permitiu conhecer a maioria das pessoas do meu convívio mais próximo. Agradeço a Deus, O Misericordioso, que me permitiu realizar este trabalho de pesquisa sobre o Movimento Hippie que movido pela curiosidade de leituras e desbravar arquivos, representou progresso acadêmico e profissional e espero ter dado a nossa humilde contribuição ao progresso do conhecimento, que é também a busca do sentido da vida e saga da humanidade.

Agradecer é uma virtude que só se pode praticar movido pelo amor e reconhecimento de que sem a ajuda das pessoas que colaboraram com esta pesquisa com seu tempo, energia e talento a realização deste trabalho não teria sido possível.

Muitas pessoas estiveram engajadas neste projeto e é possível que eu não me lembre de citar o nome de todos que estiveram envolvidos de forma direta ou indireta, colaborando com esta pesquisa, portanto, de antemão peço desculpas àqueles que porventura tenham colaborado com este trabalho e seu nome não esteja escrito aqui, mas sintam-se da mesma forma agraciados e recebam o meu “muito obrigado”.

Dessa forma agradeço primeiramente a minha família por ter plantado a semente da vida e do amor e ter guiado meus primeiros passos nos caminhos desta existência. Agradeço aos meus avôs João Pereira de Sousa e Antônio Alves Cavalcante, ambos em saudosa memória. Às minhas avós Maria Guiomar de Sousa e Antônia Alves Cavalcante por toda a ajuda empenhada em nossa escolarização e pelas orações por nossa proteção divina.

À minha mãe Maria Irene Cavalcante e ao meu pai Francisco Francimar de Sousa pelo sucesso alcançado no principal projeto de vida em constituir, educar e lutar incansavelmente pela a escolarização e progresso profissional de nossa família. Além dos atuais incentivos e cobranças por resultados nos cumprimentos de nossas metas e projetos.

Agradeço à minha Esposa Keila Moreira e ao meu filho João Paulo pelo apoio de todas as horas, inclusive ajudando diretamente neste trabalho de pesquisa. Aos meus

irmãos e irmãs: Sidney, Danilo, Ana Iris, Cavalcante, Alan, Yana Dara e .
são incentivadores e juntos com meus cunhados e minhas cunhadas somos amigos e companheiros de comemorações por nossas conquistas e progressos profissionais. Agradeço também ao meu sobrinho Felipe Talles pela ajuda na transcrição de entrevistas e fotos de reportagens para o Word.

Agradeço também a todos os artistas e artesãos, moradores da Aldeia Hippie de Arembepe pela agradável acolhida e companhia durante os dias que estivemos em pesquisa de campo e em especial a todos que aceitaram colaborar nos concedendo suas entrevistas: Graça, Alceu, Desireê, Álvaro, Jairo, Luis, Carlos Alberto (em memória póstuma). Meus agradecimentos, na certeza de que conquistei novos amigos.

Também agradeço ao Governo do Estado do Ceará e a Prefeitura Municipal Fortaleza pela liberação da minha carga horária de professor nestas instituições, para o estudo remunerado que possibilitou esta pesquisa.

A viabilização desta pesquisa contou com uma colaboração fundamental de nossa bolsista e amiga Mariane Nascimento que não mediu esforço para conseguir entrevistas e documentos na Bahia. E ao meu amigo, professor Eduardo Lima que foi até Arembepe e nos ajudou com a troca de ideias e com a pesquisa documental em Jornais de Salvador.

Meu profundo agradecimento aos professores que colaboraram de forma direta com esta pesquisa: ao Professor Dr. Gerson Augusto de Oliveira Júnior da UECE, leitor do projeto e membro da banca; aos professores que integraram a banca examinadora tanto na apresentação do relatório de qualificação quanto na defesa da Dissertação; ao Professor Dr. Roberto Marques da URCA, que aceitou o convite e nos concedeu preciosa colaboração; ao Professor Dr. Alexandre Almeida Barbalho que acompanhou toda a nossa trajetória acadêmica sendo o nosso orientador na época da graduação e também na especialização quando eu ainda pesquisava sobre História e Literatura, no entanto me inspirou a pesquisar sobre os jovens da Contracultura após ministrar de forma brilhante a disciplina de História Contemporânea II.

Este estudo não teria se realizado sem o apoio fundamental do Orientador Professor Dr. Francisco José Gomes Damasceno da UECE que sempre exerceu fascínio e inspiração pela sua competência profissional e seu estilo cativante capaz de sair do ambiente universitário e nos auxiliar em outros aspectos de nossas vidas. Agradeço ao Professor Damasceno por ter contribuído para o meu retorno ao convívio acadêmico e ter trabalhado comigo desde a concepção e definição do objeto de pesquisa e no melhor

estilo socrático, viajou comigo até Arembepé para conhecer a Aldeia Hippie
fundamentos da maiêutica que possibilitou a orientação deste trabalho, e mesmo em sua
viagem à Europa onde cursou o PHD em Portugal, esteve sempre presente pela internet.
Professor Damasceno, esta pesquisa também é sua. Muito obrigado por tudo.

Dedico este Trabalho ao meu pai Francisco Francimar de Sousa por trabalhar incansavelmente, sem medir esforço para garantir educação e escolarização a toda a nossa família e a minha mãe Maria Irene Cavalcante que também foi minha 1ª professora e é minha eterna conselheira e incentivadora.

Resumo:

Este trabalho faz um relato histórico da Aldeia Hippie de Arembepe, Camaçari, Bahia, do período de sua fundação no fim da década de 1960 até o ano de 2012. A Aldeia surgiu no auge da contracultura hippie que ocorreu na Europa e EUA e América Latina. Trabalhamos com o conceito de comunidade para expressar as solidariedades espontâneas não estruturadas, próprias do comportamento dos jovens da 1ª fase que contribuíram para a sua solidificação com muitas festas, músicas, o uso de drogas e naturismos. Na 2ª fase, entre 1983 a 1992, ocorreu a sedentarização dos alternativos, descrevemos a formação dos primeiros núcleos familiares, o trabalho com arte. A 3ª fase foi marcada pela luta pela terra entre os hippies e supostos proprietários da região, terminando com a permanência dos alternativos. Surge o Projeto Tamar e participação do poder público que constrói equipamentos para adaptar a aldeia a modernidade. Concluímos que, ao longo da história da Aldeia, houve um investimento no turismo, a proximidade com a urbanização, a construção de estradas, até chegada da energia elétrica e água encanada em algumas barracas e as propostas de tombamento como patrimônio histórico, artístico e cultural de Camaçari. Os hippies formaram famílias e a aldeia permanece, mas ela se tornou também um condomínio familiar e turístico, assim com um símbolo de ideais hippies da década de setenta.

Palavras chaves: Contracultura, Hippie, Aldeia, Arembepe.

Abstract:

This research is about the Hippie Village of Arembepe, Camaçari, Bahia between the period of its foundation in the late 1960s to the year 2012. The village appeared at the height of the hippie counterculture that occurred in Europe, U.S. and Latin America. We work with the concept of community to express spontaneous unstructured solidarity as characteristics of the behavior of the young people of the 1st phase. It contributed to its solidification with lots of parties, music, drug use and naturism. In the 2nd phase of the village, from 1983 to 1992, it occurred the sedentary alternative, as we described as the formation of the first nuclear families, working with arts and crafts. We can see the appearing of a school called Escola do Menino Luz at the 3rd phase. It was marked by the struggling for land among hippies and alleged owners of the region, ending with the permanence of the alternative. So the Projeto Tamar came and with it the participation of government that builded equipments to adapt the village for the modernity. We conclude that during history of the village there were important changes as the investment in tourism, and the electricity took place as well as the running water in some tents. And there were some proposals to tipping the village as historical, artistic and cultural heritage. The hippies razed their families and the village is still there, but it looks like more a familiar and touristic condominium, a symbol of the seventies values.

Keywords: Counterculture, Hippie, Village, Arembepe.

SUMÁRIO

Introdução	12
Capítulo I. (1970 – 1983) Um olhar histórico: os hippies e a Aldeia de Arembepe	
1.1 Desbunde	34
1.2 Veranismo.....	50
1.3 Experimentalismos e Naturismo	59
 Capítulo II – (1983 – 1992) Os “malucos” decidiram Ficar	
2.1. Família, Valores e Educação	72
2.2. Trabalho e Arte	85
2.3. Estilo Hippie e Drogas	96
 Capítulo III – (1992 – 2012) Conquista da terra e disciplinarização do poder público	
3.1. Luta pela posse da terra	104
3.2. Projeto Tamar e Turismo.....	127
3.3. Afinal, o sonho acabou?	136
 Considerações Finais	151
 Referências.....	157
 Anexos.....	165

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1: Passeatas pela paz. Estados Unidos. Jovens americanos em protesto pelo fim da Guerra do Vietnã em 1968.....	25
Ilustração 2: Capa da Revista Time. Reportagem <i>The Hippies: Philosophy of a subculture</i> em 1967.....	27
Ilustração 3: Capa do DVD. Documentário da TV CBS News <i>The Hippie Temptation</i> em 1967.....	28
Ilustração 4: Fotografia da Estética Psicodélica. Gilberto Gil, Maria Betânia, Caetano Veloso e Gal Costa fazem show da banda Doces Bárbaros em 1976.....	37
Ilustração 5: Fotografia do <i>Flower Power</i> . O ativista George Harris coloca rosas nas armas dos policiais, durante uma manifestação no Pentágono, contra a Guerra do Vietnã, em 1967.....	39
Ilustração 6: Jarbas de Sousa Vieira, morador da Aldeia.....	64
Ilustração 7: Casa do Sol onde se hospedou Janis Joplin.....	75
Ilustração 8: Casa de Luiz Cerqueira	79
Ilustração 9: Escola menino Luz	83
Ilustração 10: Alunos da escola menino Luz	83
Ilustração 11: Galpão de vendas	91
Ilustração 12: Galpão de vendas	95
Ilustração 13: Hippies nus.....	97
Ilustração 14: Alceu, morador da Aldeia	99
Ilustração 15: Galpão de vendas e pano de venda de um morador	126
Ilustração 16: Placa da prefeitura	131
Ilustração 17: Luís Cerqueira e filha na varanda de sua casa	147

1. INTRODUÇÃO

A vila de Arembepe pertence ao município de Camaçari, localizada a aproximadamente 27 Km de Salvador no litoral norte da Bahia, com uma paisagem natural exuberante com dunas, coqueirais, praias e lagoas que se formam no leito do rio Capivara. A dois quilômetros ao norte de Arembepe fica a curva do rio Caratingui que nos mapas é nomeada Capivara Grande. Foi nessa curva que os hippies fizeram sua Aldeia.¹ Os mochileiros estavam á procura de locais ‘recantados’ e descobriram Arembepe. Foi chegando um e outro e o papo se espalhando no meio de umas quatro ou cinco famílias que ali habitavam. Parte da população nativa da vila dos pescadores passou a conviver amistosamente e dividir o espaço com os hippies. A aldeia hippie de Arembepe surgiu em consequência da contracultura e traz a herança das características do contexto histórico da época. Havia uma fazenda abandonada e o número de moradores foi aumentando².

O local foi *point* de artistas no final de 1960, como Mick Jagger, Janis Joplin, o diretor de cinema Roman Polansky, além de vários artistas famosos nacionais como Raul Seixas, Gilberto Gil e Caetano Veloso. Arembepe ficou conhecida por abrigar a “mais autêntica” aldeia hippie do Brasil, surgida no final da década de 1960, quando os primeiros mochileiros começaram a chegar ainda entorpecidos pelos acordes psicodélicos das guitarras de Woodstock.

O encontro amistoso que ocorreu entre os nativos de Arembepe - então ainda uma vila de pescadores – e os hippies e veranistas foi um fator determinante para o surgimento do povoado de característica alternativa.

Deste modo, de acordo com a documentação analisada, apesar da afirmativa de John Lennon de que “o sonho acabou”, constatamos que muita gente resolveu ficar. Objetiva-se, pois de forma geral, reconstituir historicamente os canais pelos quais uma chamada contracultura é transmitida e se (re)significa ao longo do tempo. Com isso, especificamente avaliamos as práticas sociais de resistência e mudança da aldeia observando as relações individuais e coletivas, iluminando seu papel histórico no cotidiano do trabalho, do lazer e em face da natureza.

¹ HOISEL, Beto. **Naquele tempo em Arembepe**. Salvador: Século 22 Editora. 2003. p. 38.

² LIMA, Carlos Alberto. Entrevista. Arembepe – BA, em 12/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº1 (90 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

A comunidade hippie é uma dessas minorias relevantes pelas suas proposições que o estudo incorpora e dimensiona. Como afirma Theodore Rozak, o rompimento cultural que a juventude faz surgir entre ela e a tecnocracia, com o advento da contracultura, tem dimensão “tão intensa em suas implicações (embora, obviamente, não em consequência histórica ainda), quanto à brecha que um dia se abriu entre o racionalismo grego-romano e o mistério cristão”³. Assim, ao longo da história, com maior ou menor intensidade, sempre houve uma contracultura, ou seja, uma movimentação de *outsiders* que se colocam em oposição ao *establishment*. Por exemplo, o Iluminismo pode ser considerado uma contracultura em relação ao Antigo Regime⁴.

Entende-se, portanto, que a aldeia hippie de Arembepe seria um lugar em que uma autodenominada contracultura sobreviveria fomentando, pois, um importante espaço de estudos sobre as fronteiras culturais. Os moradores da aldeia de Arembepe estão inseridos no amplo contexto supracitado de questões em que a sua aldeia atua para incorporar as contradições e os conflitos. Cultura e sociedade quando tratadas de forma relacional permitem abordagens históricas que salientam tanto a diversidade das relações sociais quanto a multiplicidade de significados dos códigos culturais, numa perspectiva dinâmica e historicamente construída pelos sujeitos sociais.

Ao longo da história da aldeia hippie de Arembepe, percebemos três momentos distintos: uma 1ª fase – do final da década de 1960 e durante a década de 1970 - representa a “descoberta do paraíso” pelos veranistas que tiveram encontro amistoso com os pescadores e desta fusão nasce o povoado com característica de vida alternativa, com a prática do naturismo, meditação e uso de substâncias psicodélicas; uma 2ª fase, nos anos 80 quando houve intensa disputa pelo território que chegou ao Supremo Tribunal Federal. Quando houve também a resistência dos moradores e sua organização após fundarem a Associação dos Moradores da Aldeia Hippie de Arembepe - AMAH que favoreceu a vitória na posse da terra; e, uma 3ª fase, a partir da década de 1990 quando houve uma disciplinarização do poder público onde a Prefeitura de Camaçari construiu equipamentos de uso comum, como o Centro de Artesanato. Houve também a regularização fundiária, e a transformação em “vila turística” ou de empreendedorismo alternativo.

³ROSZAK, Theodore. **A Contracultura**. Petrópolis - Rio de Janeiro: Vozes, 1972. p. 62.

⁴ Cf. GOFFMAN, Ken e JOY Dan. **Contracultura Através dos Tempos**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007. p. 215.

Ao longo dos quarenta anos após o surgimento do movimento hippie podemos perceber três gerações e todas elas contam com seus representantes na Aldeia Hippie de Arembepe. Os integrantes da 1ª geração não abandonaram os estudos, exerceram ou ainda exercem outras profissões e/ou não eram propriamente formada de artesãos, E estes não desprezaram nem abandonaram seus empregos formais em definitivo. Por se tratar de uma “mão de obra qualificada”, se mantiveram sempre habilitados a ocuparem uma vaga no “mercado de trabalho”. Para eles a Aldeia Hippie representava uma alternativa de veranismo junto à natureza, longe do movimento das metrópoles. Eles conciliaram a sua existência na Aldeia com a moderna vida urbana, qualificação profissional e seus empregos formais, com períodos de estadia na Aldeia Hippie e hoje estão quase todos aposentados. Álvaro Machado e Graça Cerqueira são os típicos exemplos desses representantes que tem uma ligação com a Aldeia Hippie. Esta geração tem idade que varia de 60 aos 75 anos de idade. São anfitriões que preferem ciceronear os amigos como convidados para ficar o tempo que quiserem, aceitando por vezes dividir as despesas da estadia.

A professora Graça, também dedicou parte da vida morando na Aldeia, na atividade de recepcionar turistas, hippies e veranistas, fornecendo uma estrutura de hospedagem, hoje está aposentada e concilia seu tempo entre a casa da Vila de Arembepe, um apartamento em Salvador e sua casa na Aldeia Hippie. O contabilista Álvaro Machado conciliou períodos de hippie “pé na estrada” com empregos de bancário e na Prefeitura de Camaçari, hoje está aposentado e alterna períodos de estadia entre sua casa na fazenda e sua casa na zona urbana, ambos em Camaçari, com sua cabana na Aldeia Hippie.

A 2ª geração é formada eminentemente de artistas e artesãos. Suas idades variam de aproximadamente 40 a 60 anos, a maioria têm apenas como residência a barraca da aldeia, com exceção de Alceu e sua esposa Desirêe que adquiriram uma residência fora, como veremos a seguir. Suas fontes de recursos financeiros advêm da arte, do artesanato e da hospedagem de turistas e veranistas que alugam ou têm a permissão para armarem sua barraquinha de *camping*. As despesas com alimentação e hospedagem são contabilizadas como qualquer pousada ou hotel. Portanto são empreendedores que recepcionam turistas e veranistas como clientes. Veremos depois que, somente no século XXI, alguns artesãos, representantes da 2ª geração, moradores da Aldeia, como por exemplo, o Alceu, e sua esposa Desireê irão optar por empregos fixos. E estes moradores são a exceção.

Os demais representantes da 2ª geração que tem residência fixa na Aldeia e que concederam entrevistas para esta pesquisa são: Jairo, Carlos Alberto, Luiz Cerqueira e Tony. Roque, o proprietário de um dos restaurantes da Aldeia, não se considera mais um hippie, apesar de admitir ter convivido muito tempo com os hippies e veranistas e aderido parte da estética e do comportamento dos alternativos.

A 3ª geração é na maioria composta de jovens, abaixo dos 30 anos de idade, e não tem residência fixa na aldeia. Inclui alguns filhos de artesãos que moram em Arembepe e seguiram a profissão e o estilo de vida dos pais. Inclui também os artistas, e comerciantes de múltiplas formas e tipos de artesanato que passam por Arembepe e se hospedam na aldeia para uma temporada com o direito de expor seus trabalhos no Centro de Artesanato sem pagar por isso, e têm o privilégio de negociar preços módicos, em relação aos outros turistas, ou mesmo a isenção de pagamentos. Não se consideram hippies. Eles se dizem apenas artesãos ou “malucos de BR”. A maioria integra a população flutuante da aldeia.

Nosso trabalho está dividido em três capítulos. Na primeira parte do trabalho, descrevemos e analisamos os aspectos históricos, que situam o momento geral no qual a Aldeia surgiu, problematizando as práticas sociais de vida e pensamentos dos primeiros de seus moradores. As áreas que atraem alternativos mantêm suas portas sempre abertas a qualquer um que chegue para procurar abrigo. Os anfitriões se empenham em garantir hospedagem e alimentação aos visitantes e jovens que se propunham a aderir o movimento e morar entre os alternativos. A rede de relações de solidariedade desenvolvida torna-se uma característica importante no contexto do movimento. Portanto, o capítulo primeiro realiza um olhar histórico sobre a chamada Contracultura em Arembepe do período de 1970 a 1983, fazendo uma ligação com o contexto e as transformações históricas no Brasil e no mundo. As principais características desse período são: o “desbunde”, o veranismo, vários experimentalismos referentes a festas, drogas e naturismo.

Na primeira parte, de forma geral, iremos considerar a problemática histórica sobre o aparecimento do movimento hippie nas décadas de 60 e 70, e o nascimento da autodenominada aldeia hippie de Arembepe, na Bahia. Especificamente, explicitamos e examinamos dois aspectos históricos: a ideologia dos hippies e suas relações com o movimento de jovens brasileiros e estrangeiros que formaram a aldeia hippie de Arembepe. Por fim, expomos como os moradores da Aldeia julgaram ter criado uma

contracultura e um “paraíso” numa comunidade alternativa, por entenderem estar livres ou distantes dos problemas sociais oriundos das cidades de seu tempo.

No segundo capítulo trataremos do período de 1983 à 1992. Trata-se de uma época que abrange o início da sedentarização e marca a luta pela apropriação do território após os hippies se fixarem no local de forma definitiva até a inauguração do Projeto Tamar. Alguns se casaram e constituíram família. A partir do momento que alguns hippies se estabeleceram em caráter definitivo na Aldeia, desenvolvendo a prática do comércio e do artesanato, construíram barracas maiores que permitem uma infra-estrutura básica para receber turistas e veranistas que queiram permanecer por uma temporada. Essa atividade também gerou uma fonte de recursos para os que se estabeleceram em Areembepe. Aqui descrevemos esse processo em que os alternativos radicaram moradia; com o surgimento dos primeiros núcleos familiares surgiu a necessidade de educação e as novas demandas na luta pela subsistência; abordamos também o trabalho dos artistas e artesãos que permite a fusão arte/lazer; o sedentarismo dos hippies traz o questionamento do território por proprietários da região e a intervenção das autoridades; o contexto exigiu o surgimento das associações que auxiliaram de forma decisiva na conquista do território por parte dos alternativos.

No capítulo dois, tendo como marco histórico as décadas de oitenta e noventa, e baseando a análise na sedentarização dos hippies, serão explicitadas e avaliadas, de modo geral, as novas configurações de família, de trabalho e de estilo de vida especificamente, ao longo das seções 2.2 e 2.3, avalia-se os aspectos históricos que envolvem a fixação dos moradores, a educação das crianças, o estilo de vida da comunidade e o trabalho artesanal.

No capítulo terceiro referente a época entre 1992 e 2012, após a vitória, a posse definitiva do território, ocorreu a inauguração do Projeto Tamar, aproximando a Aldeia da urbanização; ocorreu uma disciplinarização do poder público com a construção de equipamentos de uso comum como o centro de artesanato e palanque que serviu como palco para shows e anfiteatro ao ar livre. Nesta parte do trabalho serão descritas as características da aldeia hippie na atualidade que se tornou espécie de condomínio de artistas e artesãos; a atividade econômica é voltada para o turismo que foi determinante no processo de mercantilização; destacamos também a ecologia, tendo a luta pela demarcação do santuário ecológico como a nova demanda da atualidade e a luta de associação responsável pela relação entre a Aldeia e os poderes instituídos. A proximidade da urbanização com a chegada do Projeto Tamar cujo estacionamento

ficou muito próximo da aldeia, ao mesmo tempo que favoreceu o turismo e os negócios artesanais também trouxe grande fluxo de pessoas e as transformações no tipo de comportamento e nas práticas dos atuais moradores e veranistas. Neste capítulo serão abordados três problemas: a luta pela posse da terra onde se localiza a Aldeia Hippie, pois um homem conhecido como Franz Gedeon apresentou documentos dizendo ser o proprietário das terras e o litígio que tramitou pelo Superior Tribunal de Justiça-STJ deu ganho de causa ao fazendeiro. No entanto, combinando mobilização dos hippies através da Associação dos Moradores da Aldeia Hippie - AMAH, que institucionalizou a Aldeia, com aspectos jurídicos e negociação política, os moradores resistiram e conquistaram o direito de permanecer no local, formando segundo os moradores da Aldeia, o último reduto hippie do mundo.

Analizamos também, as contínuas transformações nos modos de vida e ideais dos moradores, principalmente após a chegada do turismo de massa proporcionada pela a implantação da estrutura urbana com a chegada do Projeto Tamar. Por fim, avaliamos o que pode ser historicamente compreendido enquanto um fim da comunidade reconhecida como uma Aldeia Hippie. Houve também o tombamento da Aldeia e sua oficialização como Patrimônio Histórico Artístico e Cultural do Município de Camaçari.

A tendência desenvolvida pelos nativos empreendedores é uma característica que persiste desde o início da aldeia e hoje faz parte da subsistência dos atuais moradores que herdaram essa vocação dos primeiros “mochileiros” que se tornaram empreendedores e desenvolveram um novo gênero de subsistência ao oferecer o aluguel de barracas semi-descartáveis de “arquitetura simples” e a alimentação para os hippies e veranistas que se estabeleciam no local por tempo indeterminado.

Neste momento é possível situar certos aspectos do campo teórico da pesquisa. Utilizamos o conceito de memória trabalhado por Maurice Halbwachs, visto que a questão central na obra deste autor consiste na afirmação de que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, pois as lembranças são constituídas no interior de um grupo. A origem de várias idéias, reflexões, sentimentos, paixões que atribuímos a nós são, na verdade, inspiradas pelo grupo. A disposição de Halbwachs acerca da memória individual refere-se à existência de uma “intuição sensível”. Vejamos: “Haveria então, na base de toda lembrança, o chamado a um estado de consciência puramente individual que - para distingui-lo das percepções onde entram

elementos do pensamento social - admitiremos que se chame intuição sensível”.⁵ Este sentimento de persuasão é o que garante, de certa forma, a coesão no grupo, esta unidade coletiva, concebida pelo pensador como o espaço de conflitos e influências entre uns e outros. A memória individual, construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo, refere-se, portanto, a “um ponto de vista sobre a memória coletiva”. Olhar este, que deve sempre ser analisado considerando-se o lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo e das relações mantidas com outros meios⁶.

Como fontes documentais utilizamos, além de depoimentos orais, jornais, revistas, fotografias, filmagens e fontes oficiais. Uma das principais fontes para a realização desta pesquisa são as fontes orais. Entendemos a história oral como uma técnica e como uma metodologia. Com efeito, a história oral emerge igualmente não apenas como fonte de pesquisa complementar, mas como verdadeira alternativa em face de situações nas quais outras fontes simplesmente não são possíveis por quaisquer razões. Ou mesmo sobre a base epistêmica da história oral enquanto fonte de pesquisa. Os historiadores, de modo geral, lidam mais tradicionalmente com fontes escritas, a saber, cartas de diversos tipos, textos oficiais ou privados, dados estatísticos de diversas espécies etc.

Para estes historiadores, a história oral engendrou vários problemas teóricos muito específicos e é capaz de gerar um largo corpo teórico distinto inerente a ela, capaz de solucionar tais problemas. Entre os problemas teóricos especificamente correlatos a utilização da história oral seria possível situar: o uso do testemunho oral possibilita esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que de outro modo, não seria possível. Os documentos são singulares e pressupõe um melhor tratamento da relação sujeito-objeto na pesquisa; a pesquisa oral se apóia em pontos de vista individuais que incorporam todos os seus pontos de vista subjetivos; a memória dos entrevistados igualmente gera problemas específicos de interpretação; os depoimentos não possuem uma forma tão fixa quanto os escritos; a fonte oral apresenta problemas de precisão na cronologia, etc. Nesta dissertação trabalhamos com história oral entendendo-a como uma técnica e como uma metodologia. E seus problemas epistêmicos, mesmo os que

⁵ HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice Editora, 2004. p.41

⁶ Idem. p.55

podem estar situados de forma realmente mais próxima as especificidades desta metodologia, não implicam uma nova disciplina⁷.

O material colhido nas entrevistas não foi aceito de forma ingênua. Todas as informações gravadas foram, portanto, submetidas aos rigores de uma interpretação que procurou comparar estas informações com o material de todas as outras fontes.

Inicialmente o critério de escolha dos informantes foi com o objetivo de obter a maior e melhor quantidade de informações sobre a aldeia. De forma mais específica, procuramos os informantes mais antigos e mais atuantes politicamente em todo o período estudado. Igualmente privilegiamos os informantes que testemunharam eventos considerados de forma geral os mais relevantes para a história da aldeia. No entanto, as entrevistas com moradores de cidades vizinhas ou políticos locais, moradores que viveram um período curto na aldeia, turistas, assim como, artesãos itinerantes que passam alguns dias, também se mostraram muito ricas. Por vezes aquilo que os entrevistados se negaram a falar também foi importante, pois significou, como veremos, tentativas de velar temas desagradáveis para os moradores. No capítulo três veremos, por exemplo, que há resistência de um dos entrevistados em falar acerca do tema sobre a luta pela posse da terra. À medida em que as entrevistas serão utilizadas, apresentaremos os entrevistados em notas de rodapé.

Com relação às reportagens temos jornais e revistas do período de fundação da aldeia, que abordam o seu contexto inicial, e também reportagens com matérias atuais, onde tento perceber esta realidade estudada em leituras realizadas por outros sujeitos sociais, nos jornais e revistas apresentados. O jornal mais utilizado foi o Jornal A Tarde, mas também, o Correio da Bahia, Camaçari Notícias e outros jornais de circulação no estado da Bahia e em âmbito nacional. Utilizamos também reportagens do jornal Viajes, publicado no Chile.

O livro *Naquele Tempo em Arembepe* escrito por Beto Hoisel, que morou na aldeia hippie de Arembepe na primeira metade da década de 1970, tornou-se uma das mais importantes fontes. Mesmo escrito em forma literária, é um dos únicos documentos históricos que descreve as características do primeiro período da Aldeia.

Utilizamos ainda fotografias e filmagens realizadas na aldeia hippie e na vila de Arembepe durante o trabalho de prospecção de campo. Igualmente, temos cerca de 1000

⁷Sobre a importância e os problemas da história oral assim como o “não dito” nestes documentos, cf. JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A Oralidade dos velhos na polifonia urbana**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003. p. 48.

fotografias capturadas durante várias viagens realizadas entre 2010 e 2013. Reunimos, por fim, uma grande quantidade de fontes, as quais, unidas aos documentos já interpretados nesta pesquisa formam um grande *corpus* documental que será utilizado através de um mesmo método dialógico e tenso em uma futura pesquisa de maior fôlego.

“A essência da decisão pioneira é: aqueles que escolheram mudar seu paradigma logo no início, o fazem não pela cabeça, mas pelo coração”.

(Joel Baker)

Capítulo 1. OS ANOS REBELDES E A CONTRACULTURA – HIPPIES, JOVENS: O MUNDO E AREMBEPE (1970⁸-1984).

Neste capítulo, de forma geral, consideraremos a problemática histórica sobre o aparecimento do movimento hippie⁹ nas décadas de 60 e 70, e o surgimento da aldeia hippie de Arembepe, em Camaçari - Bahia. Especificamente, explicitamos e examinamos dois aspectos históricos: a ideologia dos hippies e suas relações com o movimento de jovens provenientes de vários lugares do Brasil e muitos outros países que formaram a aldeia hippie de Arembepe. Por fim, expomos como os moradores da Aldeia julgam ter criado uma contracultura e um “paraíso” numa comunidade alternativa, por entenderem estar livres ou distantes dos problemas sociais oriundos da moderna vida urbana de seu tempo.

* * *

Por uma série de razões de ordem política, econômica social e cultural, a década de 1960, ficou marcada no imaginário do ocidente como os “anos rebeldes”. Uma década conturbada em que ao mesmo tempo a população assistiu aterrorizada, a corrida armamentista e o assassinato do Presidente dos EUA, John Kennedy (1963), também se sentiu maravilhada com a chegada dos astronautas norte-americanos, Neil Armstrong e Edwin Aldrin, à Lua em 1969.

Nesse período, o processo de expansão capitalista iniciados na Idade Moderna (séculos XVI-XVIII) foi impulsionado pelas altas taxas de crescimento da economia mundial durante as décadas que se seguiram ao fim da Segunda Guerra Mundial. Esse rápido desenvolvimento econômico que impulsiona a globalização do capital foi chamado por Eric Hobsbawn de “era de ouro”, afirmando que:

⁸ Não se sabe exatamente quando e quem foram os primeiros hippies a chegar em Arembepe. A data de 1970 é aproximada, mas entendemos que há uma movimentação anterior a este marco temporal. Estabeleço esta data para fazer jus à chegada de Janis Joplin, que foi moradora da Aldeia Hippie e ajudou a popularizá-la em âmbito internacional. A ideia mais frequentemente divulgada a respeito do surgimento da aldeia hippie é que foi uma obra do acaso e foi se formando, possivelmente ainda em fins dos anos 1960, como veremos a seguir.

⁹ O termo *hippie* deriva de *hip* em inglês, cuja tradução para o português significa: S. coxa; quadril; ancas. V. tombar o adversário por cima da perna (esporte); deslocar o íliaco. Adj. “nos assuntos” atualizado; joelho ferido, mancando. Depois surgiu na imprensa dos EUA, a palavra *hipster* para designar: pessoas que se envolviam com assuntos da cultura afro-americana. Do inglês empregam-se os três termos seguintes: *hippy* (substantivo masculino e feminino), *hippie* (adjetivo invariável) e *hippies* (plural de *hippy*). Para simplificar utilizaremos a palavra hippie (seja como substantivo ou como adjetivo) que se tornou neologismo na língua portuguesa. Diz-se dos jovens que, pelo seu modo de vida boêmia, o seu modo de vestir não-conformista, a sua longa cabeleira e o uso frequente que fazem da droga, se opõem aos valores da sociedade. Plural: hippies. Cf. BERNARD, Durou; RIMAILHO, Andri. Vangantes, “clochards”, “beatniks” e “hippies”. In: Os Hippies Quem os conhece? **Cadernos Dom Quixote**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1970. p. 9.

a economia mundial [...] crescia a uma taxa explosiva. Na década de 1960, era claro que jamais houve algo assim. A produção mundial de manufaturas quadruplicou entre o início da década de 1950 e o início da década de 1970, e, o que é ainda mais impressionante, o comércio mundial de produtos manufaturados aumentou dez vezes¹⁰.

Ao mesmo tempo em que a indústria crescia, também impulsionava a expansão das fronteiras agrícolas em todo o planeta, seja nas áreas capitalistas, socialistas ou do terceiro mundo. O investimento em tecnologia provocava uma “revolução verde” que abastecia os mercados em escala mundial. Esse contexto resultou na diminuição da mão-de-obra no campo, e uma rápida modernização da agricultura impulsionava a urbanização¹¹.

A economia torna-se transnacional com um rápido desenvolvimento dos transportes e da comunicação. O Planeta adquiriu uma dimensão de “aldeia global” em que os indivíduos tornam-se telespectadores de uma série de eventos do contexto da Guerra Fria, protagonizados principalmente pelas superpotências EUA e URSS, como a Crise dos Mísseis em Cuba (1962), a Primavera de Praga (1968), a independências das colônias, muitas vezes realizadas por levantes armados e a construção do muro de Berlim (1961).

Essa expansão da economia e dos meios de comunicação também proporcionou mudanças na cultura e no comportamento da população das várias regiões do planeta, muitas vezes assimilando as mudanças e o estilo de vida da classe média urbana dos países desenvolvidos. Pois o Planeta

...tornou-se permeável, via cinema, rádio e televisão à produção cultural do Primeiro Mundo e ao estilo de vida por ela representada, incorporando muitas vezes, as mudanças comportamentais que ocorriam principalmente no seio da classe média urbana, sobretudo na esfera dos afetos. Enquanto o divórcio, nascimentos ilegítimos e o aumento de famílias com um só dos pais (isto é esmagadoramente de mães solteiras) indicavam uma crise na relação entre sexos, o aumento de uma cultura juvenil específica e extraordinariamente forte, indicava uma mudança profunda na relação entre as gerações¹².

Esse contexto de revolução cultural, marca a ascensão de uma cultura jovem, sobretudo por que “a juventude, um grupo com consciência própria que se estende da

¹⁰ HOBBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 257.

¹¹ Idem, Ibidem, p. 275.

¹² CAPELLARI, Marcos Alexandre. **O discurso da contracultura: o underground através de Luiz Carlos Maciel em O Pasquin (c.1970)**. Tese de doutoramento, Universidade de São Paulo - USP, 2007. p. 3.

puberdade até a metade da casa dos vinte se transforma em um grupo com consciência própria e se torna uma agente social independente”¹³.

O historiador Eric J. Hobsbawm, em seu já clássico *Era dos Extremos*, assim definiu o contexto em que intitulou de “Revolução Cultural”:

A cultura jovem tornou-se a matriz da revolução cultural no sentido mais amplo de uma revolução nos modos e costumes, nos meios de gozar o lazer e nas artes comerciais, que formavam cada vez mais a atmosfera respirada por homens e mulheres urbanos. Duas de suas características são, portanto, relevantes. Foi ao mesmo tempo informal e antinômica, sobretudo em questões de conduta pessoal. Todo mundo tinha que “estar na sua”, com o mínimo de restrição externa, embora na prática a pressão dos pares e da moda impusesse tanta uniformidade quanto antes, pelo menos dentro dos grupos de pares e subculturas¹⁴.

Tentando “estar na sua” e fugir da uniformidade, vários jovens foram para a região de Arembepe. De fato, se tratava de sair das restrições sociais impostas muitas vezes em termos institucionais, como por exemplo, o serviço militar ou recrutamentos.

Foi essa mesma juventude como “agente social independente” - algumas vezes seguindo a orientação de líderes de faixa etária superior - que protagonizou uma série acontecimentos, *happenings*¹⁵ e manifestações nos anos de 1960.

¹³HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 317.

¹⁴HOBBSAWM, Eric. “Revolução cultural”. In: **Era dos extremos**. O breve século XX. (1914 - 1991). São Paulo: companhia das letras, 1995. p. 323.

¹⁵ O *happening* do inglês significa *acontecimento*. É uma forma de expressão das artes visuais e cênicas que, de certa maneira, apresenta como característica o fato de ser quase sempre planejada, mas incorpora elementos de espontaneidade ou improvisação, que nunca se repetem da mesma maneira a cada nova apresentação. Apesar de ser definida por alguns historiadores como um sinônimo de *performance*, nas artes cênicas, o *happening* é diferente porque, além do aspecto de imprevisibilidade, geralmente envolve a participação direta ou indireta do público espectador. Para o compositor John Cage, os *happenings* eram “eventos teatrais espontâneos e sem trama”.

O termo *happening*, como categoria artística, foi utilizado pela primeira vez pelo artista Allan Kaprow, em 1959, para se referir a eventos artísticos, que aconteciam em ambientes diversos, geralmente fora de museus e galerias, nunca preparados previamente para esse fim. Na *pop art*, artistas como Kaprow e Jim Dine, programavam *happenings* com o intuito de “tirar a arte das telas e trazê-la para a vida”. Durante o movimento Provos, de 1964 a 1966, os membros do grupo faziam *happenings* nas praças de Amsterdan. E nos anos do auge da contracultura os jovens dos países de língua inglesa utilizavam o termo *happening* com referência aos acontecimentos artísticos, festivos, musicais, concertos de rock e *camping*.

Ilustração 1 - Passeatas pela paz. Estados Unidos, 1968.



*Jovens americanos em protesto pelo fim da Guerra do Vietnã. BRANDÃO, Antonio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes Duarte. **Movimentos culturais da juventude**. São Paulo: Moderna, 2002, p. 41.*

Dentre esses eventos podemos destacar: o movimento que exigiu o fim da intervenção militar norte-americana no Vietnã, com a retirada pacífica das tropas. Esta mesma geração faz uma crítica à ideologia “liberal burguesa” durante a Revolução Cultural na China (1966) sob a liderança de Mao Tse-Tung. Também foi às ruas para incentivar e comemorar as medidas moderadas tomadas por Alexander Dubcek, líder do Partido Comunista tcheco, desencadeando a Primavera de Praga (1968). Além disso, essa geração levantou barricadas na Universidade de Paris em (Maio de 1968), momento em que vários lugares do Planeta essa juventude se opõe ao capitalismo, ao conservadorismo e à repressão política¹⁶.

O movimento alcançou seu ápice durante a intervenção militar dos EUA no Vietnã. Esse contexto também foi marcado pelo movimento estudantil, as lutas por igualdade de direitos civis dos negros, por direitos de igualdade de sexo e revolução nos costumes e novas formas culturais emergiram. À medida que aumentou o recrutamento para a guerra do Vietnã (1968–1973), simultaneamente emergiu uma cultura hippie. De

¹⁶ Cf. CAPELLARI, Marcos Alexandre. **O discurso da contracultura**: o underground através de Luiz Carlos Maciel em O Pasquin (c.1970). Tese de doutoramento, Universidade de São Paulo – USP, 2007. p. 4.

acordo com os jornalistas Zappa e Soto a contracultura foi um dos temas mais emblemáticos dos acontecimentos de 68:

Entre os muitos grupos que coloriam as manifestações pacifistas dos Estados Unidos, um se destacava e atraía as atenções. Era formado por jovens cabeludos, barba crescidas, vestindo roupas extravagantes, usando brincos, colares, pulseiras e anéis, produtos diferentes dos modelos estabelecidos (mais tarde, muito de seu estilo seria incorporado pelo sistema que rejeitavam). Eles se diziam hippies. (...) uma postura crítica em relação à sociedade de consumo, ao sistema de comunicação de massa e à economia de mercado, o uso de drogas (especialmente psicodélicas). Alguns deles propunham viver em comunidades urbanas ou rurais, sobrevivendo da venda de artesanato e de produtos das hortas¹⁷.

A primeira grande manifestação dos hippies foi em São Francisco, Califórnia, durante o verão de 1967. Esse evento ficou conhecido como *The Summer Love*¹⁸, quando milhares de jovens permaneceram acampados no *Golden Gate Park*, com muita música, uso de drogas e grande parte usavam flores no cabelo.

Com a intenção de construir uma abordagem jornalística e sociológica, de fazer o registro e procurar compreender o fenômeno de mudança no comportamento humano, em julho de 1967 a revista Time Magazine (ver ilustração 2), um dos maiores conglomerados de comunicação dos Estados Unidos, dedicou sua reportagem de capa ao tema. Esta matéria se denominava: “Os hippies/A Filosofia de uma Subcultura”.

¹⁷ ZAPPA, Regina.; SOTO, Ernesto. **1968: Eles só queriam mudar o mundo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p. 84.

¹⁸ Durante o Verão do Amor, dezenas de milhares de jovens permaneceram acampados no *Golden Gate Park*. A data é considerada um marco de uma convocação geral para a reunião de tribos que se identificavam com o movimento hippie. Eles se intitulavam os filhos da Flor. Muitos jovens presentes usavam flores no cabelo. Esta mensagem está na música **San Francisco - Be Sure to Wear Flowers in Your Hair**, uma canção, escrita por John Phillips da banda The Mamas & the Papas, e cantada por Scott McKenzie. Foi lançada em 13 de maio de 1967 para promover o Monterey Pop Festival, se transformando em sucesso imediato. A letra da canção diz aos ouvintes: “Se você está indo para San Francisco, não se esqueça de usar algumas flores no seu cabelo”.

Ilustração 2 - Capa da revista Time Magazine



Fonte: *Revista Time Magazine*. 07/07/1967. pag. 18-29. Escaneado e postado pelo site *The Hippie Museum*. Disponível em: <<http://www.hippiemuseum.org/timehippie.html>> Acesso em 07/09/2012.

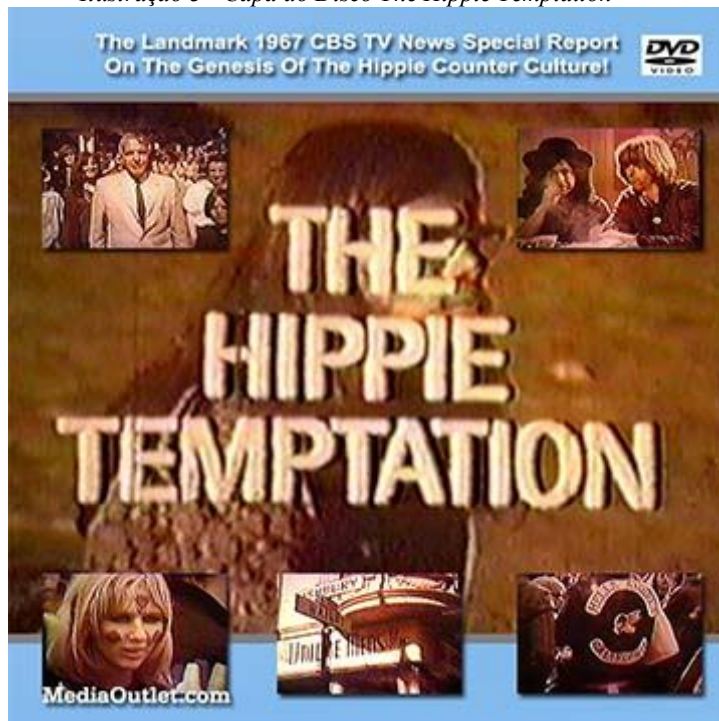
Esse *boom* midiático foi acompanhado pelo documentário da TV CBS: *A Tentação Hippie*¹⁹ em agosto de 1967, (ver ilustração 3) a vanguarda hippie ganha espaço na grande mídia e seu estilo de vida exótico se populariza com a ajuda dos meios de comunicação de massa, contribuindo ao mesmo tempo para a contracultura alcançar o seu auge e sua transformação no final da década de 1960 e a consequente destruição/assimilação de suas características genuínas pela cultura hegemônica quando esta atuou no sentido de desqualificar a intensa carga de protesto e tentativa dos jovens de abandonar os valores da sociedade tecnocrata. Destacamos a seguir alguns pontos importantes da reportagem:

Um sociólogo os chama de 'proletariado freudiano'. Outro observador os vê como 'expatriados vivendo em nossas praias, mas além de nossa sociedade'. O historiador Arnold Toynbee os descreve como 'um sinal vermelho para o American way of life'. Para o bispo James Pike, da Califórnia, eles evocam os primeiros cristãos: 'Há algo no temperamento e na qualidade destas pessoas, uma suavidade, uma calma, um interesse - algo bom'. Para seus pais profundamente preocupados por todo o país, eles mais parecem párias sociais perigosamente iludidos, candidatos a uma boa surra e a um curso intensivo de

¹⁹ **The Hippie Temptation** foi uma série de reportagens especiais elaboradas pela TV CBS News, na coordenação de Harry Reasoner e exibidas em agosto de 1967. Os repórteres mostram a “realidade chocante” dos hippies da América que se deslocaram para o distrito de Haight-Ashbury durante o verão de 1967. São cenas e entrevistas que tentam compreender a cultura hippie e uma discussão científica sobre o uso de LSD. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=xaczKrkf1lE>> . Acesso em 12/09/2012.

moral e civismo - se apenas voltassem para casa para receber as duas coisas. Qualquer que seja o seu significado ou o seu objetivo, os hippies emergiram no cenário norte-americano nos últimos 18 meses como uma subcultura totalmente nova, uma bizarra permutação do ethos da classe média americana a partir do qual evoluíram²⁰.

Ilustração 3 - Capa do Disco The Hippie Temptation



Fonte: Documentário da TV CBS News. Coordenação de Harry Reasoner, em agosto de 1967. Disponível em <<http://www.mediaoutlet.com/the-hippie-temptation-dvd-1967-harry-reasoner-cbs-tv-documentary-p-1132.html>>. Acesso em 12/09/2012.

No decorrer da reportagem a Time Magazine tenta uma abordagem teórica mais abrangente e procura destacar as principais características do comportamento dos jovens que passaram a viver um novo estilo de vida formando comunidades urbanas localizadas em torno do distrito de Haight-Ashbury²¹, em São Francisco, estado da

²⁰ The Hippies: Philosophy of a subculture. **Revista Time Magazine**. 07/07/1967. p. 18. Escaneado e postado pelo site *The Hippie Museum*. Disponível em: <<http://www.hippiemuseum.org/timehippie.html>> Acesso em 07/07/2012.

²¹ O Distrito de Haight-Ashbury, cujo nome deriva-se pelo cruzamento destas duas ruas, ganhou notoriedade em todos os Estados Unidos e repercussão internacional devido ao grande destaque que os meios de comunicação empreenderam durante o Verão do Amor em 1967. Situado nas proximidades do *Golden Gate Park*, o local passou a ser considerado, a capital do Movimento Hippie, pois se tornou reduto de bandas de Rock'and'Roll psicodélico da época, como Janis Joplin, Jimi Endrix, Jefferson Airplane e Grateful Dead. Seu nome também foi associado ao uso de drogas, principalmente a maconha e o LSD. Grupos de teatros de rua ligados à cultura *underground* também tiveram presença marcante durante o momento de efervescência da cultura hippie. Suas lojas se adequaram ao fornecimento do novo público e passa a vender produtos de consumo ligados à cultura hippie e ainda hoje mantêm um ar boêmio com lojas de artesanato, discos e livrarias. Cf. GOFFMAN, Ken. **Contracultura através dos Tempos**. RJ, Ediouro: 2007, p. 289-291.

Califórnia e também no East Village²² em Manhattan, Nova York como centros difusores da cultura hippie, nos Estados Unidos.

Nova York[...], no East Village, tornara-se o centro de uma contracultura *hip*. Abbie Hoffman, Allen Ginsberg e Ed Sanders que tinha um grupo chamado os Fugs [...] todos estavam no East Village. [...] Tornou-se tão famoso por causa de seu estilo de vida “hippie” que os ônibus de excursão paravam junto das movimentadas lojas [...] para os turistas espiarem os hippies. São Francisco e Nova York eram os epicentros bipolares do *hip* americano de 1968. Isto se refletia nos dois salões do produtor de shows de rock Bill Graham, o Fillmore West, no bairro de Fillmore em São Francisco e o Fillmore East [...] do East Village²³.

Nessas comunidades, formadas notadamente de jovens *baby boomers*²⁴ se desenvolvem um novo padrão comportamental, com pressuposto éticos, políticos e estéticos e o uso constante de drogas psicodélicas, principalmente a maconha e o LSD que chocam a conservadora sociedade americana.

A revista Time Magazine identifica e caracteriza essa subcultura com a existência de:

Um senso crescente de utopismo domina a filosofia hippie. Ela tem pouco em comum com a autoritária cidade-estado descrita na República de Platão, ou com a Utopia de Sir Thomas More, que era uma ativa comunidade agrícola onde todo mundo trabalhava seis horas por dia. A inspiração hippie vem da Arcádia: é pastoral e primordial, enfatizando a unidade com a natureza física e psíquica. Northrop Frye, da Universidade de Toronto, professor de inglês e discípulo do filósofo das comunicações Marshall McLuhan, vê os hippies como herdeiros do proscrito e furtivo ideal social conhecido como o País da Cocanha, uma terra de conto de fadas em que todos os desejos podem ser instantaneamente gratificados²⁵.

²² O *East Village* - é uma área localizada no distrito de Manhattan, em Nova York, Estados Unidos. Atraídos por aluguéis mais baratos e também por uma base de beatniks que ali viviam desde os anos 50, estudantes, hippies, escritores, músicos e artistas passaram a se estabelecer no East Village e o local começou a desenvolver sua própria identidade e cultura na década de 60. O local tornou-se o centro da contracultura em Nova York e passou para a história como um local onde se originou muitos movimentos artísticos, como o punk rock. A área também foi local de muitos protestos e manifestações durante os anos 1960. Cf. GOFFMAN, Ken. **Contracultura através dos Tempos**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007. p. 289-291.

²³ KURLANSKY, Mark. **1968: O ano que abalou o mundo**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2005. p. 238-343.

²⁴ O termo refere-se a um aumento na taxa de natalidade que ocorreu no pós-guerra, especialmente nos Estados Unidos quando os soldados retornaram dos campos de batalha com a disposição de constituir um lar, esquecer o passado e os horrores da guerra. O fenômeno foi favorecido pelas altas taxas do crescimento econômico do período.

²⁵ THE HIPPIES: Philosophy of a Subculture. **Revista Time Magazine**. 07/07/1967. p. 18. Escaneado e postado pelo site *The Hippie Museum*. Disponível em: <<http://www.hippiemuseum.org/timehippie.html>> Acesso em 07/07/2012.

A contracultura, para alguns estudiosos, se desenvolveu inicialmente nos EUA e Inglaterra, espalhando pela Europa e, embora com menos intensidade, na América Latina. Na Europa, além de Paris e Londres, temos o movimento dos Provos²⁶ em Amsterdam na metade da década de 1960, que de acordo com Matteo Guarnaccia é considerado um precursor da Contracultura e do movimento hippie. Segundo o autor, em virtude da maioria das publicações sobre a contracultura serem feitas em inglês e grande parte dos autores norte-americanos não se preocuparem em pesquisar os movimentos que ocorreram fora dos Estados Unidos fez com que o movimento dos Provos fosse pouco conhecido. A ausência do aparato midiático e dos grandes festivais que ocorreram na Inglaterra e EUA que não tiveram a mesma importância na divulgação do ponto de vista musical, bem como a barreira da língua e o chauvinismo característico da cultura - e da contracultura - norte-americana contribuem para que:

²⁶ **Provos**, abreviação de *provocadores*, foi um movimento anarquista e tribal, também associado às bicicletas brancas, que colaborou de forma decisiva para o surgimento daquilo que nos anos 60 acabou tomando o nome de Contracultura. “A revolta dos Provos foi o primeiro episódio em que os jovens, como grupo social independente, tentaram influenciar o território da política, fazendo-o de modo absolutamente original”, conta Matteo Guarnaccia. “Caminhando contra a corrente do ‘cair fora’ beatnik, os Provos holandeses empenharam-se descaradamente em permanecer ‘dentro da sociedade’, para provocar nela curto-circuito. “Herdeiros do dadaísmo e da tradição anarco-comunista, os Provos inauguraram novos formatos de ação política e da luta ecológica. Deram nova dimensão à idéia de desobediência civil. Assim, Matteo Guarnaccia, descreve as características e a trajetória do grupo que inspirou toda a chamada contracultura dos anos 60 e transformou Amsterdam na cidade mais livre e tolerante do Ocidente: “Jogo, magia, e anarquia, nisso foi centrada a atividade do movimento Provo. Um grupo de divertidos agitadores que se reuniram no “Centro Mágico” de Amsterdam para celebrar ritos coletivos contra o fetiche da sociedade consumista. Ali surgiram as primeiras campanhas antipublicidade e anti automóvel. Ali surgiu aquilo que passamos a chamar de Contracultura e se desenvolveu a idéia de que a subversão funcionava melhor quando misturada com humor inesperado.”

Segundo o autor, “o exemplo dos Provos antecipou e inspirou os diversos movimentos de contestação jovem nos anos 60, inclusive a esquerda hippie norte-americana e os manifestantes do maio de 68 francês. Os Provos juntamente com os Beatles, Allen Ginsberg e Bob Dylan (e mais alguns milhares de pessoas que se sintonizaram repentinamente no mesmo programa evolutivo) foram um dos elementos decisivos daquela estranha operação de alquimia que, por volta da metade dos anos 1960, produziu uma deflagração de consciências. Uma operação que obrigou o Ocidente a rever os próprios planos de vôo e a desligar o piloto automático, oferecendo a um largo número de humanos a visão de outras opções de vida.”

Para os mais distraídos, aqueles para os quais o nome Provo nada significa, basta evocar uma única palavra: Amsterdam, o inexpugnável bastião contracultural, que há mais de 40 anos continua confortando os corações de todos os que consideram possível um modo de vida mais criativo, tolerante e não enquadrado. Pois bem, sem os Provos, Amsterdam não teria sido o que se tornou: a lendária Meca da Contracultura, um laboratório para ousadas experimentações sociais e revolucionárias.

Guarnaccia afirma que “Amsterdã foi a primeira ‘zona liberada’ do planeta, a primeira na qual as idéias da Nova Consciência fincaram raízes sólidas e os cabelos compridos e os vestidos excêntricos foram aceitos normalmente. Foi ali que as bandeiras negras da anarquia reapareceram nas ruas, e dessa vez não foi para seguir o funeral de um velho militante. O primeiro lugar em que a mistura entre poesia, drogas e música pop conseguiu dar vida a um movimento contracultural gigante. E tudo isso antes do maio francês, antes da Swinging London, antes de Haight-Ashbury.” C. f. GUARNACCIA, Matteo. **Provos**: Amsterdam e o nascimento da contracultura. São Paulo: Ed. Conrad Livros, 2003. p. 11-13.

o resultado mais evidente é que quando se fala do lugar de origem da contracultura, todos instantaneamente apontam para o Sunshine State (neste caso a Califórnia), ignorando os venturosos pioneiros holandeses cujas atividades anarquistas e tribais anteciparam Merry Pranksters, Diggers e Yippies²⁷.

Entende-se que os eventos de protestos nos centros urbanos das economias desenvolvidas do Ocidente foram mais ou menos contemporâneos, e se inserem num amplo contexto de movimentação do pós-guerra, que tem antecedentes na década de 1950 com a *beat generacion*²⁸, da qual herdou seus princípios estéticos, políticos e éticos de radical recusa à cultura estabelecida pela sociedade tecnocrática e o questionamento da autoridade. Para os jovens, as instituições faziam parte da mesma estratégia de dominação e recusam a conferir-lhes legitimidade.

Entende-se, pois que o dito movimento de contracultura alcançou seu ápice durante a intervenção militar dos EUA no Vietnã. Esse contexto também foi marcado pelo movimento estudantil, as lutas por igualdade de direitos civis dos negros, por direitos de igualdade de sexo e revolução nos costumes e novas formas culturais emergiram. À medida que aumenta o recrutamento para a Guerra do Vietnã (1968-1973), simultaneamente emergiu uma cultura hippie.

O movimento hippie foi parte das manifestações da década de 1960 que a imprensa e a academia convencionaram chamar de contracultura. Para Luís Carlos Maciel, colaborador do Pasquim nos anos 1970:

O termo “contracultura” foi inventado pela imprensa norte-americana, nos anos 60, para designar um conjunto de manifestações culturais novas que floresceram, não só nos Estados Unidos, como em vários outros países, especialmente na Europa e, embora com menor intensidade e repercussão, na América latina. Na verdade, é um termo adequado porque uma das características básicas do fenômeno é o fato de se opor, de diferentes maneiras, à cultura vigente e oficializada pelas principais instituições das sociedades do ocidente. Contracultura é a cultura marginal, independente do reconhecimento oficial. No sentido universitário do termo é uma anticultura²⁹.

À medida que aumenta o recrutamento para a guerra do Vietnã (1968-1973), simultaneamente emergiu uma cultura hippie.

²⁷ Idem, ibidem. p 10.

²⁸ A Geração Beat foi um movimento literário composto pelos *beatniks*. Os principais expoentes foram Allen Ginsberg, William Burroughs e Jack Kerouac. Os escritores levavam uma vida nômade, tinham interesse por religiões orientais, principalmente o budismo, e o uso das drogas, pois acreditavam nesse método para a “elevação da consciência”.

²⁹ PEREIRA, Carlos Alberto Messenger. **O que é Contracultura**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 13.

Contracultura é um termo polissêmico que precisa ser observado e tratado com atenção ao longo da pesquisa. A expressão foi popularizada pelo historiador Theodore Roszak em seu livro *The Making of a Counter Culture: Reflections on the Technocratic Society and Its Youthful Opposition*, de 1968. Alguns autores falam que especialmente nos EUA, a grande novidade do período pós-guerra é que começava a constituir num exemplo de sociedade tecnocrática afluente, sintetizada no *American Way of life* (modo de vida americano).

Roszak, por exemplo, a caracteriza como uma “cultura de oposição política”, especialmente contra a tecnocracia e o complexo industrial-militar do pós-guerra. O desenvolvimento do artesanato e a opção pelo mercado informal, uma característica importante, própria dos hippies, podem ser entendidos como uma prática deliberada de recusa à sociedade tecnocrática que proporciona a infraestrutura necessária ao complexo industrial-militar, fornecendo consequentemente, suporte logístico, tecnológico e financeiro à máquina de guerra, conferindo-lhe um caráter totalitário.

O autor defende a tese que os jovens se rebelaram contra os valores da sociedade tecnocrática e se recusaram a conceder legitimidade a todas as instituições que lhe davam suporte. Segundo o Roszak, a movimentação juvenil nos anos 1960 faz parte de um processo de mudança social mais abrangente e estrutural quando afirma:

Em minha opinião, o rompimento cultural que a rebelião da juventude está fazendo surgir entre ela e a tecnocracia tem exatamente essa dimensão, tão intensa em suas implicações (embora, obviamente, não em consequência histórica ainda), quanto à brecha que um dia se abriu entre o racionalismo grego-romano e o mistério cristão. É claro que nos últimos dois séculos, a sociedade ocidental incorporou várias minorias cujo antagonismo em relação à concepção cientificista do mundo tem sido irreconciliáveis³⁰.

Roszak expõe as características do movimento, a “revolução psicodélica”, a produção artística e intelectual que influenciaram os jovens e os episódios protagonizados por aquela geração. Classifica como uma cultura de oposição política e faz um paralelo dos *hippies* com a Nova Esquerda estudantil:

É possível que a boemia dos beats e hippies esteja distanciada demais da ação social para se ajustar ao radicalismo da Nova Esquerda; mas esse distanciamento segue uma direção facilmente entendida pelo ativista. A “viagem” é interior, rumo a níveis mais profundos de auto-análise³¹.

³⁰ ROSZAK, Theodore. **A Contracultura**. Petrópolis - Rio de Janeiro: Vozes, 1972. p. 62.

³¹ Idem, *Ibidem*, p. 62.

A diferença aqui é entendida, por Roszak, entre aqueles que querem mudar o mundo, através da militância política, e aqueles que não se interessam por política partidária, mas querem mudar a si próprios.

Seguindo a trilha de Roszak temos o estudo de Bresser Pereira, o livro *Tecnoburocracia e contestação*, o qual faz uma análise da economia e sociedade brasileira entre os anos de 1930 e 1970. O autor se interessa por importantes aspectos das transformações na estrutura de poder nas sociedades modernas. Afirma que ao invés do socialismo, seria o sistema tecnoburocrático que vai aos poucos transformando o capitalismo. Ele analisa ainda uma crítica aos regimes e à ideologia tecnoburocrática que se instituíram nos países subdesenvolvidos através das revoluções comunistas ou militares.

Igualmente, faz uma análise e uma crítica ao processo de alienação ao qual o homem se submete nas sociedades tecnoburocráticas. Depois o autor examina o surgimento da contracultura que almeja fazer uma contestação radical, pretendendo negar a cultura racional tecnocrática, suas características e as causas históricas das manifestações e contestações mais significativas da época, da qual um dos principais expoentes foi a revolução estudantil.

Esta revolução estoura em toda parte. É uma revolução recente que tem início nos anos sessenta, embora possa ser encontrados antecedentes seus anteriormente. É uma revolução de jovens, apoiados em alguns intelectuais radicais, como Marcuse que souberam ver o mundo dinamicamente e não quiseram comprometer-se com concepções burocráticas do marxismo. É uma revolução dos estudantes, dos *hippies*, da nova esquerda. É uma revolução *underground*, da música jovem, da contestação vivencial, mais do que politicamente atuante. Colateralmente, é a revolução feminista, é a revolução sexual, é a revolução dos negros nos Estados Unidos, é a revolução da Igreja Católica. Inicialmente foi a revolução dos *beatniks* nos Estados Unidos e dos existencialistas, na França³².

Na época, o Brasil passava por um rápido crescimento econômico, levado a cabo pela ditadura militar e também reunia, embora em menor escala, as condições sociais e econômicas existentes na Europa e Estados Unidos para o desenvolvimento da Contracultura.

Porém, ao contrário dos EUA onde as manifestações dos jovens eram, até certo ponto, toleradas, no Brasil, toda e qualquer forma de manifestação crítica ao governo tornou-se proibida, sobretudo a partir do AI-5 de 1968, que

³² PEREIRA, L. C. Bresser. **Tecnoburocracia e contestação**. Petrópolis - Rio de Janeiro: Vozes, 1972. p. 130.

jogou na clandestinidade a oposição ao regime da qual uma parcela acabou optando pela luta armada. Nessas condições, as formas pelas quais a contracultura se difundiu no Brasil, foram bastante peculiares, não podendo contar com um dos elementos que a distinguiram nos EUA e na Europa: as grandes manifestações de repúdio ao sistema, limitando-se assim, à incorporação de um novo “estilo de vida”, a partir de seus referenciais estéticos e intelectuais introduzidos por intermédio das artes plásticas, da literatura, da música e de jornais alternativos, como *O Pasquim*³³.

Mesmo com a repressão política desencadeada pelo auge da ditadura militar no período muitos jovens iriam lutar e passariam a contestar o sistema. Alguns iriam desencadear a luta armada numa guerra de guerrilhas. Mas essa atitude não estaria em sintonia com o espírito da contracultura e o movimento hippie que pregava “paz e amor”. Para aqueles que se recusaram pegar em armas a atitude contestatória tomou forma de “desbunde”. O novo estilo de vida chegou ao Brasil através da imprensa alternativa. O *drop out*, cair fora do sistema levou muitos jovens a pegar a estrada em busca de novas experiências, atitudes, práticas culturais e muitos desses jovens travam contato e se estabelecem na aldeia hippie de Arembepe. Esse será o próximo tema a ser abordado neste trabalho.

1.1 O DESBUNDE

O objetivo desta seção é estabelecer uma relação entre a movimentação de jovens pelo Brasil e pelo mundo e a chegada de alguns deles em Arembepe. É o momento da chegada da contracultura no Brasil.

A historiadora Heloisa Buarque de Holanda, pesquisando sobre a produção cultural no Brasil no período, detecta a chegada da contracultura no país através dos artistas do tropicalismo e jornalistas *undergrounds*. Seu estudo resultou no livro *Impressões de Viagens: CPC, Vanguarda e desbunde (1960/70)*. Nesta obra, a autora analisa as propostas do Centro Popular de Cultura - CPC e os debates, o clima cultural brasileiro nas décadas de 1960 e 1970. Propostas de caráter populista que mobilizaram as massas e o experimentalismo de vanguarda. O teatro moderno, o cinema novo, a música, a arte de um modo geral assumem uma característica importante: ao lado do povo, tentando estabelecer uma interlocução entre as classes médias e altas produzindo propostas estéticas que contemplariam as propostas populares.

³³ CAPELLARI, Marcos Alexandre. **O discurso da contracultura:** o underground através de Luiz Carlos Maciel em *O Pasquim* (c.1970). Tese de doutoramento, Universidade de São Paulo – USP, 2007. p. 10.

É nesse clima que um novo grupo de jovens artistas começa a expressar sua inquietação. Desconfiado dos mitos nacionalistas e do discurso militante do populismo, percebendo o impasse do processo cultural brasileiro e recebendo informações dos movimentos culturais e políticos da juventude que explodiam nos EUA e na Europa - os *hippies*, o cinema de Godard, os Beatles, a canção de Bob Dylan - esse grupo passa a desempenhar um papel fundamental não só para a música popular, mas também para toda a produção cultural da época, com consequências que vêm até nossos dias³⁴.

A contracultura no Brasil se manifestou com mais intensidade na música, através do tropicalismo e a inspiração para o figurino, o colorido das roupas que lembra a estética psicodélica, veio das artes plásticas de Hélio Oiticica que produziu obras marcadas por uma criatividade radical e um compromisso com a linguagem de vanguarda. Alguns dos principais traços que irão marcar o tropicalismo são: a crítica aos intelectuais de esquerda e o namoro com os canais de massa. Com cabelos longos, roupas coloridas, (ver ilustração 4), a crítica política dos jovens baianos, de maneira cênica ou existencial, passou a ter uma dimensão de recusa de padrões de bom comportamento.

Antônio Risério, em seu livro *Avant-Garde na Bahia*, chama a atenção para o contexto cultural baiano no período que vai do final da década de 1940 até o início da década de 1960, quando, “antes que a classe dirigente brasileira exercitasse seus músculos no espetáculo grotesco de mais um golpe militar”, se criou na Bahia “um ‘ecossistema’ propício ao aparecimento, à formação e ao desenvolvimento de uma personalidade cultural criativa, que se encarnou em artistas-pensadores como Caetano Veloso e Glauber Rocha.” Dentre os nomes que transformaram a Bahia em território fértil para a vanguarda artística e intelectual, Risério destaca os músicos Hans-Joachim Koellreutter, Ernst Widmer e Anton Walter Smetak, o teatrólogo Eros Martim Gonçalves, a dançarina Yanka Rudzka, o filósofo Agostinho da Silva, o geógrafo Milton Santos, o antropólogo Vivaldo da Costa Lima, o crítico de arte Clarival do Prado Valladares, o crítico de cinema Walter da Silveira, o fotógrafo e etnólogo Pierre Verger, o arquiteto e urbanista Diógenes Rebouças, a arquiteta de origem italiana Lina Bo Bardi e os artistas plásticos Carybé e Mário Cravo Junior. Outros urbanistas, arquitetos e artistas plásticos modernos, como Mário Leal Ferreira, José Bina Fonyat Filho, Paulo

³⁴ HOLANDA, Heloisa Buarque de. **Impressões de Viagens: CPC, Vanguarda e desbunde** (1960/70). São Paulo: Brasiliense, 1980. p.53.

Antunes Ribeiro, Bastos e Udo Knoff, não são diretamente citados por Risério, porém foram igualmente importantes naquela época.³⁵

Este processo é reforçado principalmente a partir da implantação de projetos culturais de iniciativa do reitor da UFBA, Edgard Santos, que além de inspirar o desenvolvimento de uma nova sensibilidade artística e vigor intelectual de muitos jovens universitários baianos também aproximou a universidade e a vida cultural da sociedade baiana.

Tais transformações teriam, anos mais tarde, consequências diretas em movimentos como o Cinema Novo e o Tropicalismo. O principal motor dessas transformações foram as experiências revolucionárias ocorridas na Universidade Federal da Bahia (UFBA). A reforma instalada pelo reitor Edgard Santos proporcionou uma renovação profunda na vida cultural da cidade e gerou uma nova leva de intelectuais e criadores cujas obras permanecem até hoje instigantes e inovadoras. A partir do planejamento e dos esforços de seu reitor, a reforma da UFBA trouxe para seus estudantes novas perspectivas em áreas como a Música, o Teatro, a Filosofia, a História, as Artes e a Dança. Com tal proposta de renovação, Edgard Santos conseguiu articular diferentes frentes de pensamento e ação cultural da cidade ao redor da universidade³⁶.

Em nossa pesquisa, deve ser observado que alguns destes intelectuais e artistas que fizeram o “avant-garde” na Bahia, puderam ser vistos caminhando na Aldeia Hippie de Arembepe. Junto desta divulgação e “legitimação” direta do “paraíso hippie”, havia ainda, por parte de alguns destes artistas, como por exemplo, os tropicalistas, o uso do “estilo hippie” como roupas e o compartilhamento de outros valores ideológicos.

³⁵ C.f. RISÉRIO, Antônio. **Avant-garde na Bahia**. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1995. p 13-29.

³⁶ Publicado por Ana de Oliveira. Tropicália – **avant-gard na Bahia**. Disponível em: < <http://tropicalia.com.br/ruidos-pulsativos/avant-garde-na-bahia>>. Acesso em: 10/03/2012.

Ilustração 4 – Fotografia: Estética Tropicalista. 1976.



*Fonte: Arquivo pessoal de Caetano Veloso. Gilberto Gil, Maria Betânia, Caetano Veloso e Gal Costa formaram a banda Doces Bárbaros. Show comemorativo para celebrar 10 anos de carreira. Foto publicada pelo blog **Diálogo Fashion** em 23/03/2010 por Mônica Ash. Disponível em. <<http://dialogofashion.wordpress.com/2010/03/23/doces-barbaros/>>. Acesso em 13/10/2012.*

É nesse contexto que os jovens da Bahia, do Brasil e outra grande parte vinda de diversos países iniciaram uma movimentação no sentido de formarem um espaço alternativo para viver seus ideais, seus sonhos e projetos que não se ajustavam aos padrões de “bom comportamento” da sociedade conservadora e tecnocrata. E um dos locais escolhidos para desenvolverem uma comunidade de estilo alternativo foi próximo à vila de Arembepe em Camaçari. Não é possível estabelecer uma data exata para o início, um marco temporal para a “fundação” da aldeia hippie de Arembepe. Em geral os documentos apontam para o fim da década de 1960 e início dos anos 1970. De acordo com a revista:

A época era o final dos anos 60 e início dos 70. O lugar, uma praia virgem, mas espetacularmente bela, no litoral norte baiano. Os personagens, um bando de jovens sujos, porém simpáticos, que aumentava assustadoramente a razão de um cabeludo por dia. Ao cabo de três anos, cerca de 2 mil deles já

havia passado pela comunidade de Arembepe, fincada num dos trechos mais bonitos do litoral do Nordeste brasileiro. A mesma aldeia que até hoje resiste ao tempo, ao progresso e aos condomínios da região. Ainda que de hippie mesmo só tenha restado o seu nome como no dicionário³⁷ [...] nos anos 70, milhares de hippies passaram por aqui. Hoje são apenas 50 pessoas.³⁸

O contexto histórico das origens dessa movimentação de jovens alternativos que se deslocaram para Arembepe, encontra uma ligação com as transformações por que passou a utopia hippie na virada da década. Com a popularização do *Flower Power*³⁹ (ver ilustração - 4) após a intensa cobertura dos meios de comunicação, as comunidades urbanas nos EUA e Europa entram em decadência e os hippies começam a migrar para o interior e litoral, afastados dos centros urbanos. Como afirma o estudo de Jacques Amabric, publicado em 1970:

Mas de há dois anos para cá, o “hipismo” autêntico está em plena crise. Elementos suspeitos, que adoptaram o vestuário hippy sem professar o seu utopismo, infiltraram-se cada vez em maior número nas comunidades fraternas. É assim que os mais importantes centros de “hipismo”, nomeadamente o Sunset Boulevard, em Los Angeles, o Haight Ashbury, em São Francisco, o East Village, em Nova Iorque, o Old Tow, em Chicago, tem sido cada vez mais invadidos por uma fauna frequentemente pouco pacífica. A lei da selva sucedeu ao Flower Power, a violência mais brutal ao pacifismo integral, o racket à generosidade. Os verdadeiros hippies fogem cada vez em maior número desses lugares para irem refugiar-se nas comunidades rurais, sobretudo sobre o solo dos estados do Oeste, onde procuram dar realidade ao seu sonho americano.⁴⁰

³⁷ Questionamos, porém a visão do jornalista. Se o sonho acabou, como afirmou John Lennon, e o movimento hippie já faz parte do passado, por que a aldeia resiste ao tempo e as pessoas com características alternativas, continuam residindo em Arembepe? Essas problemáticas serão discutidas no último capítulo.

³⁸ HIPPIES – A Aldeia do Sonho que Acabou. **Revista Isto É**, nº 1340, p. 94. 07 de junho 1995.

³⁹ *Flower Power* – Significa O poder das flores. O termo foi utilizado pela primeira vez por Allen Ginsberg em 1955 e se transformou em um dos *slogans* mais utilizados nos anos áureos da Contracultura. As flores passaram a simbolizar o pacifismo durante os protestos contra a Guerra do Vietnã. O *Flower Power* foi imortalizado pelas imagens – que se constitui em importante significado simbólico - quando jovens colocavam flores nas armas de soldados americanos que cuidavam da segurança durante as manifestações dos anos 1960, reforçando a ideologia de Paz e Amor do movimento hippie.

⁴⁰ AMABRIC, Jacques. Um falso “Hippismo”. In: Os Hippies Quem os conhece? **Cadernos Dom Quixote**, Nº 29 (org.). Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1970. p. 129.

Ilustração 5 – Imagem representativa do flower Power em 1967.



*Fonte: Foto - Bernie Norman Boston. O ativista George Harris coloca rosas nas armas dos policiais, durante uma manifestação contra a Guerra do Vietnã no Pentágono, em 1967. Blog **Ensaíes Antropológicos**. Postado por Paulo Medeiros em 26/07/2010. Disponível em: <http://ensaioantropologicos.blogspot.com.br/2010_07_01_archive.html>. Acesso em 18/10/2012.*

Esse estudo também percebe o curso e as transformações do movimento hippie. Inicialmente o movimento era urbano e pacífico, mas com a popularização que se seguiu após a intensa cobertura dos meios de comunicação, que atraiu também uma ala de criminalidade e o ambiente urbano se torna hostil para quem buscava “paz e amor” num clima de tranquilidade.

Arembepe, localizada numa área de bela paisagem litorânea, entre o rio e o mar, se transformou, nesse período, em um dos locais de visitas constantes dos *freaks*⁴¹ e escolhido pelos hippies brasileiros e estrangeiros para permanecerem por uma temporada. Em consequência desses deslocamentos, os alternativos formaram um povoamento com características alternativas, onde os atuais moradores defendem a idéia que a aldeia surgida próxima à vila de pescadores, seria a única e mais autêntica aldeia hippie do Brasil e do mundo. Segundo Álvaro Machado que afirma conhecer diversos países, ele chegou à conclusão,

⁴¹ Em português pode ser traduzidos por “malucos”. Pessoas que adotam uma aparência, práticas e comportamentos exóticos ou “esquisitos”. Com estereótipo similar ao dos hippies. Porém podemos estabelecer diversas categorias de análise para diferenciar os *outsiders*.

...que esse lugar não existe no mundo. Agora mesmo eu estive num camping na Bélgica, o que é um camping da Bélgica: são casarões enormes assim, sem cercas sem nada, quer dizer tem uma quando chega lá..., tem um cercado mas a casa ta aberta assim né. Esse é um camping na Europa né... não existe no mundo, essa aldeia hippie é a única no mundo. [...] Não existe no mundo filho. Não existe, não existe, não existe, não existe. (O que existe em outros lugares é) Muito cadeado e muita cerca. Isso não existe: aberto assim, não existe. Podemos dormir com a porta aberta⁴².

As comunidades hippies na maioria das áreas, principalmente dos EUA e da Europa, foram praticamente forçadas a se transferirem para áreas rurais e litorâneas. Parte dessas pessoas irão se deslocar em direção ao litoral brasileiro e Arembepe se torna um dos locais preferidos.



Reportagem do Jornal A Tarde – Arquivo do Pesquisador. Jornal A Tarde. Salvador – Bahia. Quarta-feira, 20/10/93. Caderno Turismo. p. 4.

É interessante, neste sentido, o artigo de Edgar Morin no qual ele descreve as características e o estilo de vida dos vagantes, “clochards”, “beatniks” e “hippies” traçando semelhanças e diferenças entre os tipos que aderiram ao *Flower Power* na Europa e EUA. Uma visão panorâmica do comportamento dos “meninos-flores”, os mais diversos *outsiders*, ao longo da década de 1960 e início de 1970. Nele o autor aponta a movimentação dos andarilhos por Nova York, São Francisco, Londres, Paris e São Paulo e faz uma comparação do movimento nos diferentes centros:

⁴² Dos atuais moradores de Arembepe, Álvaro é o mais idoso, apesar de ter uma casa na zona urbana e uma fazenda em Camaçari seu lugar preferido é a aldeia hippie. É um morador intermitente do local, mas apesar de não ser presença constante, Álvaro é um dos moradores mais famosos. Já foi presidente da Associação dos Moradores da Aldeia Hippie e conhece o lugar desde o tempo em que ainda era uma fazenda.

MACHADO, Álvaro. Entrevista. Arembepe – BA, em 12/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº3 (120 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

Diferentemente da França, onde o movimento é acima de tudo ideológico-político, o movimento americano é existencial e quer revolucionar o modo de vida. Diferentemente da França onde o corpo revolucionário, armado dos pés à cabeça, blindado, sob as espécies ortodoxas variantes do marxismo-leninismo, aqui reúnem-se os elementos primordiais [...], trazidos de todos os cantos do globo [...] aglomerados em estranhos sincretismos: fragmentos de sageza extremo-oriental, pólenes de induísmo ou de zen, cristianismo primitivo, comunismo primitivo intuição das verdades arcaicas do índio, fourierismo selvagem, marxismo vulgar, elementos de uma religião de amor pan-cósmica⁴³.

A população de pré-aquarianos, que recebeu influência da contracultura, chega a meio milhão na Europa. E nos EUA, a população chega a 200 mil. Fernando Gabeira em *Vida Alternativa* fala sobre comunidades alternativas no Brasil. Sua ideia é que as comunas serviriam como um laboratório para uma transição de superação do capitalismo, pois desde a tenra infância as crianças teriam uma educação libertária que desenvolveria uma atitude coletivista superando o individualismo. Estas experiências comunitárias desenvolveriam uma nova cultura que teriam consequências políticas, já que: “Somente a experiência alternativa no seio das comunas, ampliada com a experiência alternativa na luta política poderá desfechar um processo capaz de superar de uma maneira durável a ideologia burguesa e a estrutura psicológica individualista”⁴⁴.

Fernando Gabeira caracteriza e compara os tipos de práticas alternativas existentes em vários países. O autor se interessa pelo movimento de formação das comunas alternativas na perspectiva de transformação cultural e política da sociedade. As gerações posteriores, que viveriam esse processo teriam uma educação mais liberal e fomentariam uma nova forma de viver, uma nova cultura. Gabeira compara as diferenças entre as comunas urbanas e rurais. As comunidades rurais, principalmente nos EUA e Brasil, segundo ele, desenvolveram uma tendência ao misticismo.

Os alternativos tiveram que encontrar saída nas grandes cidades. Os que foram para o campo, como nos Estados Unidos e Brasil lutaram com uma dificuldade grande que é a do isolamento. Em muitos casos esse isolamento resultou numa regressão intelectual ou numa fuga para o misticismo alheio

⁴³ MORIN Edgar. Um Sociólogo entre os Hippies. In: Os Hippies Quem os conhece? **Cadernos Dom Quixote**, Nº 29. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1970. p. 160.

⁴⁴ GABEIRA, Fernando. **Vida Alternativa**: Uma revolução do dia-a-dia. 3ª ed. Porto Alegre: L & PM editores Ltda., 1986. p. 16. Fernando Gabeira viveu em comunas urbanas na Alemanha e visitou comunidades alternativas na Europa, EUA e Brasil com o intuito de desenvolver sua pesquisa sobre o movimento de formação de comunidades alternativas. O resultado do trabalho foi publicado em *Vida Alternativa*. Atualmente Gabeira, eleito deputado federal pelo Rio de Janeiro por vários mandatos, tem atuação política de destaque no Congresso Nacional e marcada por despertar polêmicas ao defender a legalização do uso da maconha.

aos problemas sociais. [...] A proposta de fuga à sociedade de consumo, por exemplo, existiu entre os alternativos conscientes da questão política, mas existiam também os alternativos que voluntariamente se recusavam a modificar uma sociedade que consideravam perdida⁴⁵.

Gabeira acredita que as experiências de vida alternativa fazem parte de um amplo processo de transformação cultural e contribuem para preparar a sociedade do futuro.

Os especialistas, se é que existem, vão se debruçar sobre o tema alternativo separando o trigo do joio, determinando o que é autêntico e o que são apenas pálidas reformas cosméticas no modo de viver. Da minha parte, contento-me em indicar as várias atividades onde se discutiu e se inventou no campo alternativo, abrindo caminhos para uma sociedade do futuro que pode recolher essa experiência, criticá-la devidamente e aproveitá-la em termos mais amplo do que os guetos de vanguarda⁴⁶.

O movimento hippie foi se descaracterizando e perdendo sua força inicial, no entanto, houve tentativa de formação de comunidades hippies em vários países. No Brasil, temos vários exemplos de tentativas de formação de comunidades em Minas Gerais, na Chapada dos Guimarães (Mato Grosso), Chapada Diamantina (Bahia), Brasília e diversos outros locais, no que ficou conhecido como Movimento Alternativo nas décadas de 70 e 80, que possui hoje o Encontro Nacional de Comunidades Alternativas - ENCA, como elemento dinamizador.

A historiografia atesta que o movimento alternativo foi, em grande medida, malgrado. Como alega Carvalho: na Chapada dos Guimarães “havia um numero aproximado de cem pessoas que comungavam o ideal alternativo, mas nenhuma comunidade, e num Encontro Nacional de Comunidades Alternativas- ENCA, o jornalista anotou o nome de um jovem morador de Aldeia Velha como de uma comunidade alternativa”. Carvalho então compreendeu porque não tinha sucesso nas correspondências. As comunidades não mais existiam como confirmara em sua pesquisa de campo⁴⁷.

Uma das fontes literárias sobre a história e as origens da autodenominada aldeia hippie de Arembepe, é o romance *Naquele Tempo em Arembepe*⁴⁸ escrito por Beto Hoisel, reportando a vida na Aldeia Hippie na primeira década. Ele assim descreve:

⁴⁵ Idem, Ibidem, p. 17.

⁴⁶ Idem, op. cit., p. 56.

⁴⁷ CARVALHO, Cesar Augusto de. **Viagem ao Mundo Alternativo: A Contracultura nos anos 80**. São Paulo: UNESP, 2008. p. 47.

⁴⁸ *Naquele tempo em Arembepe* é um romance, escrito por Beto Hoisel, sobre os *hippies* de Arembepe - Foi elaborado a partir das experiências efetivas do próprio autor que viveu na aldeia *hippie* durante a

Quando e como começou a Aldeia, não se sabe. Possivelmente, ainda em fins dos anos 60, algum chincheiro⁴⁹ curtidor chegou ao lugar e resolveu ficar. Fez sua casinha com palhas de coqueiro e ninguém reclamou. Arrumou ou já tinha uma companheira e foi ficando. Encontrou algum outro maluco fazendo colares e pulseiras em Itapuã ou Salvador, onde vez em quando ia vender seu artesanato, e discretamente espalhou sua descoberta. Foram aparecendo outros e outras, fazendo suas casinhas e ficando, sem ninguém protestar. Tudo deserto, nada para encher o saco, a natureza limpa, a praia, o rio, o pôr-do-sol e o nascer da lua, os coqueiros dando material de construção e coco à vontade para qualquer emergência de fome e sede. Arembepe logo ali, para um apoio imediato. E, principalmente, ninguém. Ninguém para reclamar dos trajes ou da falta deles, ninguém para fiscalizar os comportamentos assumidos. Silêncio e paz. O lugar ideal para o amor, ao som discreto das guitarras, flautas e bongôs. Liberdade. Li-ber-da-de! Estava fundado o Paraíso⁵⁰.

A visão de que a aldeia hippie é um “paraíso” é compartilhada por seus moradores, pois a bela natureza entre a praia e o rio, onde é possível viver longe dos centros urbanos, traz a paz e a tranquilidade. Como afirma Carlos Alberto⁵¹:

os ‘mochileiros’ pra lá, pra cá eles foram (se apropriando) no comando do espaço, de passagem pela vila, duas ou três famílias então não conseguiram se adaptar, a conviver juntos. Os que estavam aqui foram saindo assim pros locais mais regateados daqui mesmo, ali no Sangradouro que hoje é uma área de preservação também e dois deles ficaram aqui ganhando em cima disso, que foi João Banderson e o Eduardo Banderson, dois irmãos. Eles começaram a fazer cabaninha de palha descartáveis que os mochileiros dormiam e de manhã, aquilo ali desarmavam. Era só pra não dormir no relento e alugavam, montaram um barzinho, algo assim. A mulher dele já vendia um mingau, um lanche e começaram a sobreviver dessas pessoas que chegaram e essas pessoas que chegaram foram encontrando esse gênero da subsistência que foram ficando, chegando outros e uns indo embora e foi o lugar aparecendo⁵².

primeira metade da década de 1970, quando a aldeia se torna um polo internacional de convergência dos alternativos. Os personagens são reais embora alguns estejam referidos por meio de pseudônimos, quase todos os acontecimentos narrados, realmente aconteceram, até os fatos menos verossímeis. O autor afirma que o livro tem objetivo de pintar um retrato fiel da comunidade que durante aquele período tentou viver de maneira experimental em que os valores éticos e morais eram virtualmente opostos aos da sociedade, em nome dos ideais de vida alternativa. Trata-se de um documento muito importante para esta pesquisa e um dos poucos que se refere a este período em Arembepe.

⁴⁹ Chincheiro na linguagem dos hippies, significa “maconheiro”.

⁵⁰ HOISEL, Beto. **Naquele tempo em Arembepe**. Salvador: Editora Século 22, 2003. p. 27.

⁵¹ Carlos Alberto Lima, mais conhecido como Cava, é um artesão de 48 anos. Ele visitou constantemente a aldeia desde 1981, passando a fixar moradia em 2001. Carlos Alberto é um dos vários informantes cujos depoimentos irão compor as fontes orais da pesquisa. LIMA, Carlos Alberto. Entrevista. Arembepe – BA, em 12/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº1 (90 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

⁵² Idem.

Esta afirmativa de Carlos Alberto sobre a origem da aldeia demonstra que o artesanato e um empreendedorismo alternativo será o meio de subsistência que passou a ser mais explorado pelos novos moradores. Característica que ainda persiste com a maioria dos atuais moradores – como veremos no capítulo 3 - que além da venda do artesanato e suas demais obras de arte fornecem o espaço em torno de suas barracas para os veranistas armarem suas barracas de *camping*, além de fornecer as refeições⁵³.

Este novo gênero de subsistência desenvolvido pelos irmãos Banderson também é observado por Hoisel, porém os irmãos têm o sobrenome substituído pelo pseudônimo Grande.

Eduardo e João Grande são nativos que moram na Aldeia e, entre as atividades dedicavam-se a construir caprichadas casinhas de palha de coqueiro para alugar. Eles já são donos de umas quatro ou cinco, que alugam por um preço ridiculamente baixo, pelo menos para os padrões de quem vem de fora. Sempre tem alguma disponível para o recém-chegado que, se não for convidado para ficar em casa de outro, pode alugar uma casa com o João Grande que é o diretor comercial da imobiliária⁵⁴.

O autor também faz uma discussão sobre o significado e do estilo de arquitetura⁵⁵ que segundo Léa Ester é inspirada nas antigas casas dos pescadores, e desenvolvida pelos moradores de Arembepe. Esse estilo “não oficial” foi valorizado nos países desenvolvidos com a assimilação do *Kitsch*: estética popular muitas vezes classificada de “mal gosto”, mas que vista sem preconceito revela uma bela criatividade. O surgimento da aldeia, nas palavras de Carlos Alberto, teria sido “uma obra do acaso” como podemos ver:

⁵³ Os veranistas são geralmente os turistas que residem na zona urbana que trabalham e/ou estudam e procuram um refúgio na natureza apenas pelo período de férias com datas definidas para o retorno as suas atividades cotidianas. Cf. BERNARD, Durou; RMAILHO, Andri. Vangantes, “clochards”, “beatniks” e “hippies”. In: Os Hobbies Quem os conhece? **Cadernos Dom Quixote**. Publicações do Quixote, Lisboa, 1970. p. 9.

⁵⁴ HOISEL, Beto. **Naquele tempo em Arembepe...** p. 119.

⁵⁵ “Em Arembepe existe uma colônia tradicional de pescadores, com um porto de pesca natural e um comércio que supre as necessidades locais e do turismo de fim de semana. Este comércio conta com mercadinhos, farmácias, bares, restaurantes, lojas de confecções, lojas de construção, barracas de praia, entre outros. [...] Ainda no trecho da orla, situada ao norte de Arembepe, está a Aldeia Hippie, remanescente da cultura *hippie*, dos anos 60/70. Muito procurada por turistas e visitantes, há produção de arte, artesanato e festivais alternativos. Desde a década de 60, os primeiros *hippies* chegaram a Arembepe e estabeleceram uma comunidade alternativa, onde os aspectos sócio-culturais são marcantes e valorizados, o que atraiu visitantes de variadas origens. A aldeia alcançou notoriedade, inclusive fora do Brasil. Vale registrar que a aglutinação e o fortalecimento da associação de moradores da aldeia é o que ainda mantém a sua filosofia de vida no contexto contemporâneo, além de preservar o ambiente natural e respeitar um *padrão arquitetônico peculiar* cuja tipologia é inspirada nas antigas casas dos pescadores da Vila de Arembepe.” Cf. SOBRAL, Léa Ester Sandes. **Complexidade Territorial e desenvolvimento: tendências e perspectivas da urbanização no litoral de Camaçari/Bahia/Brasil**. Tese de Doutorado em Geografia. Universidade de Barcelona, 2008. p.148.

Olha! Se tem uma história, uma coisa quase que generalizada sobre a aldeia hippie? **É um acaso, uma obra do acaso.** Eu cheguei lá a conhecer o Arembepe como vila [...] isso aqui era chamado naquela época do movimento hippie. Aqui era chamado pelas pessoas com uma mentalidade bem provinciana como ‘mochileiros’ e começaram a aparecer em Arembepe, assim era um litoral sendo explorado e foram vendo com todas essas novidades. Eles procurando, a turma á procura de locais ‘recanteados’ assim e descobriram isso aqui, foi chegando um, outro e o papo se espalhando. No meio de umas quatro ou cinco famílias que habitavam aqui no lugar que era uma fazenda abandonada. E foi aumentando o numero, gostaram até a chegada da, segundo se comenta, **Janis Joplin que saiu espalhando pra alguns amigos que tinha encontrado o paraíso**⁵⁶.

A aldeia hippie cresceu com seus primeiros moradores já recepcionando os hippies e veranistas reproduzindo a iniciativa da família Banderson. Esse fato, aliado a estadia da Janis Joplin, a *pop star*, “rainha de Woodstock” que residiu na Aldeia de Arembepe durante o Verão de 1970, serviu para a consolidação e popularização da comunidade hippie de Arempepe em âmbito internacional.⁵⁷ Veremos no capítulo dois que, além da propaganda de Janis Joplin, outros fatores foram fundamentais para a divulgação da Aldeia.

⁵⁶ LIMA, Carlos Alberto. Entrevista. Arembepe – BA, em 12/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº1 (90 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa. Grifos nossos.

⁵⁷ Atualmente a circulação pública de uma celebridade internacional por Salvador dificilmente passaria despercebida. Mas não era assim em março de 1970. Esse período era o auge do movimento hippie. “E Janis Joplin era a rainha deles”. De acordo com o Blog TROPKAYS: “A cantora americana, uma das maiores da história, havia passado como um furacão pelo Rio. Fez *topless* em Ipanema e foi expulsa do Copacabana Palace por nadar nua na piscina. Depois dos incidentes na capital carioca, ela queria ficar longe daquilo tudo e veio para Salvador”. Vejamos alguns trechos do depoimento que o artista plástico Luíz Martins, conhecido como Lula e a então atriz, atualmente empresária residente em São Paulo Judy Spencer, amigos que recepcionaram Janis Joplin em Salvador, falaram ao blog TROPKAYS: “Janis chegou a Salvador com o namorado David de *autostop*, ou seja, pegando carona na estrada. Ela adorou a Bahia e os baianos, conta de São Paulo, por e-mail, Judy. De acordo com Lula: ‘A rotina de Janis era acordar de manhã e dar um mergulho nas águas da Praia do Rio Vermelho, muitas vezes, com os seios de fora’. Os amigos contam que o álcool (cachaça e tequila principalmente) era um companheiro de todas as horas. ‘Já acordava bebendo, e fumou muita maconha’ diz Lula. A cantora veio ao Brasil para tentar se livrar da heroína, droga inexistente por aqui na época. A noite sempre visitava os bares da cidade. Uma das primeiras paradas era no extinto Anjo Azul (no Largo 2 de Julho), bem cedo, quando ainda estava vazio. Certa vez, passando pela rua, numa das ladeiras próximas ao Museu de Arte Sacra, Janis ouviu um som numa casa e quis entrar. O mito e o cantor anônimo se entrosaram rapidamente e Janis Joplin, a rainha de Woodstock, mostrou todo seu talento em um cabaré soteropolitano. A cantora tentou se hospedar no Hotel da Bahia, mas os funcionários não a reconheceram e a cantora, estressada, jogou moedas de dólares na cara de todos. Do hotel, onde foi praticamente convidada a se retirar devido ao seu comportamento, Janis partiu para Arembepe”. Muito se comenta que durante sua estadia na aldeia hippie, a cantora teria se apaixonado por Suíça, um pescador nativo. Segundo Beto Hoisel, ela convidou o pescador para ir morar com ela nos EUA, mas ele recusou o convite. Ela chegou à aldeia hippie de Arembepe em fevereiro ou março de 1970 (as fontes variam a respeito da data da chegada da cantora em Arembepe, mas não há dúvida das fontes quanto à informação que ela teria chegado a Arembepe após o Carnaval de 1970 que ocorreu entre os dias 6 a 10 de fevereiro) e permaneceu durante o verão do mesmo ano. Disponível em <<http://tropkays.blogspot.com.br/2009/09/janis-joplin-na-bahia.html>>. Acesso em 20.09.2012.

Os jovens da contracultura no Brasil foram chamados de “udigrudis”, “marginais” e “desbundados”. Entretanto eles se auto-definiram como “malucos”. Desbunde era o nome que os militantes de esquerda davam para a atitude dos jovens da contracultura, o pessoal que usava drogas, escutava *rock*, lia os poetas *beat*, fazia filmes em Super-8, não cortava os cabelos e preferia fumar maconha à pegar em armas. Contra as atitudes beligerantes do sistema, curtição e ações pacíficas. Nas palavras de Wilberth Salgueiro

Ponto final da viagem contracultural iniciada pela geração beat, passando pelos hippies, a galera do desbunde aprontou mil e umas. Radical como o seu avesso (censura & repressão), o *desbunde* – ainda que, dizem, por linhas tortas – *colocou em xeque valores poderosos como a racionalidade, a autoridade, a propriedade, o belicismo (o beletismo) e pontificou outros como o prazer, o lúdico, o comunitário*. A liberação do corpo tange não só o sexual, mas a moda, os gestos, as drogas – o comportamento e o cotidiano, em geral⁵⁸.

Heloísa Buarque de Holanda concorda que o desbunde, longe de ser uma simples alienação naqueles anos de chumbo, foi uma atitude intempestiva e marginal que transgredia as normas sociais e políticas então vigentes. Na procura de uma nova forma de pensar o mundo, o desbunde tornava-se uma perspectiva capaz de romper com a norma racionalizante, ou a razão instrumental característica tanto das chamadas “direitas” quanto das “esquerdas”⁵⁹. Conforme Sérgio da Fonseca Amaral:

[...] o desbunde foi o caminho encontrado para, de um lado, desprezar tanto a ditadura quanto a guerrilha política ou cultural, e, de outro, procurar uma saída pela música e por um comportamento no qual o espectro da contracultura dinamizava a ação. É nessa interseção que uma sociedade alternativa se revelava como uma idéia a ser conquistada: fora de tudo que cercava aquele contexto sócio cultural. Dessa maneira, gerava-se uma contradição gritante: recusava-se o aparato da lógica empresarial, mas os arautos de uma nova ordem só ultrapassariam as fronteiras do mundo constituído pela reprodutibilidade técnica implantada pela indústria fonográfica⁶⁰.

A atitude de pegar a estrada passou a ser um ideal de vida alternativa. Viagens para comercializar o artesanato, tomam uma dimensão contestatória, pois ainda em tenra idade, abandona-se a família, a escola, e todo o padrão de vida anterior. Com o pé

⁵⁸ SALGUEIRO, Wilberth Claython Ferreira. **Forças & Formas**: aspectos da poesia brasileira contemporânea (dos anos 70 aos 90). Vitória: EDUFES, 2002. p. 56.

⁵⁹ HOLANDA, Heloisa Buarque de. **Impressões de Viagens**: CPC, Vanguarda e Desbunde (1960/70). São Paulo: Brasiliense, 1980. p. 69.

⁶⁰ AMARAL, Sérgio da Fonseca. Fugir (pras veredas). In: Machado João de Moraes (org.). **Eu sou aquele que disse**. Vitória: PPGL/MEL, 2007. p. 56.

na estrada, surge a necessidade de recorrer a uma nova estrutura comportamental. Jairo afirma que: “Desde o princípio da minha vida gostei de viajar”⁶¹ então, todos os anos realizava viagens para comercializar o artesanato que ele próprio confeccionava. Este morador de Arembepe se fixou após longo tempo de estrada. Jairo saiu de casa pra ir à escola e só retornou após percorrer o país:

a gente...nos anos 70, 74, a gente ia pra escola e todo mundo já falava da aldeia hippie, já falava do Oiapoque, já falava de Santarém. Os hippies que apareciam na praça já falava: -“Pô! tem Oiapoque, tem o Santarém e tem aldeia hippie na Bahia” e agente já começou sentir vontade de viajar mesmo. E lá em São Paulo naquele tempo, a onda era: - “Vamos pegar a estrada”. Na escola, na praça, “vamos pegar a estrada! Quem tem coragem?” -“Vambora compade”, aí nós saíamos de 10 malucos da escola né? Saímos mesmo para pegar a BR de pé. Naquele tempo eu não tinha documento aí agente tinha que andar.⁶²

“Fazer a viagem” – seja em um sentido literal ou não – era o mais importante. Sair de casa, não importando tanto as condições nas quais isto se daria. Não obstante, é possível aferir que na Arembepe de seus primeiros tempos os autodenominados “malucos” encontraram condições muito favoráveis:

Então a aldeia hippie “véio” sempre foi um retiro né... chegava em Salvador, e pô, vai ficar em hotel? hum! Que nada! Vou pra um lugar mais fora, então tem a aldeia hippie, que já fica na beira da estrada. Então aqui é outro lugar, toda vez que eu vinha a Salvador, era da rodoviária pra cá. Arembepe, aldeia hippie [...]. Que lugar bonito!⁶³

Antes e resolver fixar moradia na comunidade hippie, Jairo foi um típico hippie pé na estrada, vendendo seu artesanato e acompanhado os eventos culturais e festivais de rock pelo Brasil. Quando estava de passagem pela Bahia sempre pousou em Arembepe pra ficar uns dias, até decidir a respeito da viagem seguinte.

De acordo com Álvaro Machado, que afirma conhecer todo o litoral brasileiro, o fato preponderante para o surgimento da aldeia hippie foi à boa recepção que os pescadores e moradores em geral da vila de Arembepe tiveram para com os veranistas e

⁶¹ Jairo Souza Vieira é artesão de 59 anos, morador da aldeia e um dos colaboradores desta pesquisa. Nasceu em São Paulo, filho de mãe professora e pai militar, fugiu muito cedo da disciplina imposta por seus pais. Não tem presença constante no Centro de Artesanato. Prefere ficar em sua cabana onde há uma grande quantidade de obras de Arte. Nas noites de luar, seu passa-tempo predileto é observar os astros com sua luneta e construir mapas de astronomia. Prefere o silêncio e só fala se for provocado pelo interlocutor. Afirma: “não gosto de correr atrás do dinheiro, o dinheiro é quem tem que vir até mim”. VIEIRA, Jairo Souza. Entrevista. Arembepe – BA, em 10/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº8 (120 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

⁶² Idem.

⁶³ Ibidem.

hippies. Álvaro abandonou a profissão de bancário e se mudou para a aldeia em 1972, sustentando-se “com o alicate”, como ele próprio se refere ao artesanato⁶⁴. Viajou à Argentina um mês após a mudança e, nos anos subsequentes, seguiu intercalando viagens pela América do Sul e a estadia no vilarejo de Arembepe⁶⁵.

Observando a visão dos jornais sobre a comunidade e sobre o movimento cultural, já se afirmou que Arembepe ficou conhecida por abrigar a mais autêntica aldeia hippie do Brasil, “quando os primeiros mochileiros começaram a chegar, ainda entorpecidos pelos acordes psicodélicos das guitarras de Woodstock”⁶⁶. Por sua vez, o jornal chileno *Viajes* identifica um caráter bastante heterogêneo para os primeiros alternativos que habitaram a aldeia hippie de Arembepe, eram jovens de variadas profissões e grupos sociais distintos:

Jóvenes brasileños, artistas, músicos, intelectuales y bohemios se sintieron identificados con la ideología que los hippies de Europa e Estados Unidos pregonaban. Oyeron el llamado a vivir un estilo de vida alternativo y alejado de las masas. Y descubrieron que era posible. Decidieron fundar entonces un pueblo hippie en este sector, el que escogieron por el gran magnetismo que transmitía su naturaleza. Se comprometieron a llevar una vida en comunidad austera, donde la tierra fuese su única fuente de alimentos y donde la meditación y la contemplación del entorno mediante distintas drogas ya sean hongos alucinógenos, peyote, LDS e marihuana eran algo necesario para ir en búsqueda del verdadero sentido de la vida, de Dios y de sí mismos. Dada la efervescencia de aquellos años “la aldea hippie” de Arembepe comenzó rápidamente a ser reconocida en todo el mundo como un lugar místico que había de visitar⁶⁷.

Esta heterogeneidade dos moradores é um aspecto importante que será observado posteriormente. Para se ter uma ideia dessa heterogeneidade de tipos que vieram para Arembepe nos primeiros tempos da Aldeia hippie, o autor Pedro Paulo Pepeu, que também morou em Arembepe na primeira metade da década de 1970, escreveu o prefácio de *Naquele Tempo em Arembepe*, de Beto Hoisel e descreve abaixo os tipos e nacionalidades dos frequentadores hippies e veranistas da época, enfatizando seu caráter cosmopolita e de uma imensa pluralidade, que poderíamos nos referir a um

⁶⁴ Cf. **Jornal - Laboratório da Faculdade de Comunicação** da Universidade Federal da Bahia-UFBA. Salvador, 06/04/2008. Edição Nº 15. Caderno Cidade, p. 01. Disponível em: <http://www.jornaldafacom.ufba.br/ed15/cidade/materias/aldeia_hippie.html> Acesso em 10/07/2012.

⁶⁵ Para o senso comum, Hippies são aqueles que sobrevivem de modo alternativo. Artistas que sobrevivem do comércio de sua arte, geralmente o artesanato. Diferente do veranista, o hippie não tem data para retornar à sua casa, e muitas vezes, não tem endereço fixo e acabam pousando na Aldeia por um período de tempo maior, ou mesmo de forma definitiva.

⁶⁶ Acerca desta afirmação cf. **Jornal Correio da Bahia**. Salvador - BA. 19/01/2000. Caderno Viajar. p. 03.

⁶⁷ **Jornal Viages La Tercera**. Hippies do Brasil. Santiago - Chile. 15/01/2006. Nº 41. Caderno Turismo. p. 05.

mosaico ideológico. Para usarmos os termos hippies e veranistas, só mesmo numa concepção genérica:

Vieram gringos e gringas, francesas e americanos, simpáticos e antipáticos, os do Peace Corps⁶⁸, os desertores, os suíços e suíças, os uruguaios e chilenos, arquitetos catalães, e japoneses, os vagabundos da Bowery, os iogues e a guarda vermelha, os especialistas mundiais que atravessaram Greenwich Village, Soho, Vietnã, Woodstock, Altamont e a Baía de Minamarta.[...]. Vieram astrólogos e profetas, astros e estrelas do show business, Rolling Stones, biólogos e escritores atentos às loucuras dos generais, pescadores, fugitivos do MIR⁶⁹, simpáticos delegados, loteadores, homo, bi e pansexuais, frades, padres, engenheiros bêbados, gente nativa, gente bonita, pescadores de molinete, negros, brancos, mulatos e sátiros, bolivianos e argentinos, médicos de pés descalços descendo o rio Urubamba e atravessando o vale sagrado dos incas. Ah, os kullawayas⁷⁰... Vieram todos ver e viver o mar, a praia de Arembepe e as lagoas costeiras, flutuar no Caratigui – o Ganges dos hippies⁷¹.

A análise de nossas fontes não nos permitiu comprovar que todos esses grupos estiveram em Arembepe, no entanto, é possível sustentar que, de fato todas essas pessoas buscavam um lugar alternativo, com naturismo e experimentalismos, práticas hippies, a beleza de um santuário ecológico e nas palavras da moradora Graça Menezes: “comportamentos não universais”. Mas é significativo que numa época em que o tema da ecologia não tinha o mesmo apelo e a importância dos dias de hoje, muitas pessoas das mais variadas classes sociais decidiram se fixar, por uma temporada em Arembepe e morar em barracas de palha, ou em suas pequenas barracas de camping.

Mas não eram todos exatamente hippies pé na estrada, legítimos fazedores de colares e pulseiras. Se bem que é muito difícil dizer o que seria um hippie

⁶⁸ O Corpo da Paz foi um programa de intercâmbio de estudantes que se dispunha a atuar como voluntários, servindo como “emissários da democracia”. Criado pelo Presidente John Kennedy, dos EUA, com o objetivo de promover a paz e a integração entre os povos. Durante a Guerra do Vietnã o *Peace Corps* foi uma forma encontrada por muitos jovens para ficarem livres do serviço militar e da convocação para a guerra e o número de voluntários aumentou consideravelmente.

⁶⁹ *Movimiento de Izquierda Revolucionaria* que lutou pela revolução socialista no Chile durante o governo nacionalista de Salvador Allende, mas durante a perseguição que se seguiu ao golpe militar liderado pelo General Pinochet, muitos chilenos fugiram para o Brasil, e nota-se nos documentos a presença destes fugitivos na Aldeia hippie de Arembepe. Além de hippies e veranistas em Arembepe, tivemos também a presença de revolucionários fugindo da perseguição política. A diferença fundamental entre estes revolucionários que pegaram em armas, na tentativa de realizarem a revolução socialista contrasta sobremaneira com os “desbundados” que não lutaram para transformar a sociedade, mas sim, “fugir” do sistema.

⁷⁰ Xamãs, curandeiros que vivem na Cordilheira dos Andes, Bolívia. Essa medicina de ancestrais pré-colombiana faz parte da cultura mollo, descendentes de Tihuanacota. A origem dessa cultura remonta ao império Inca.

⁷¹ Um rio da Índia, um dos mais importantes da história dessa civilização. O Ganges é considerado um rio sagrado para os hindus, que o veneram em nome da deusa Ganga. Os hindus acreditam que tomar banho nas águas do Rio Ganges tem o poder de purificar dos pecados.

puro sangue: no mínimo seria um americano fugindo do Vietnã. E além dos fazedores de colares, em Arembepé tinha de tudo⁷².

Era uma população que se renovava constantemente, mas mantinha a base do povoado sempre com um bom número de algumas dezenas de moradores. Jovens originários de vários países, de diferentes classes sociais se deslocavam para a aldeia hippie de Arembepé e permaneciam por algum tempo e alguns passaram a morar por alguns anos.

A maioria dos malucos vem e vai, passam tempos na estrada, depois voltam... Outros ficam algum tempo, depois somem de vez; principalmente os gringos. Eu mesmo estive aqui mais de um ano, mas depois fui para Olinda. Em outubro voltei e vou ficando até pintar outra. Vera e Cris Estão aqui a mais de dois anos. Acho que elas não pretendem sair nunca pelo que dizem⁷³.

Com o tempo, em meados a década de 1980, é que esses hippies e veranistas, resolveram ficar, iniciando o processo de sedentarização, como veremos no 2º capítulo. Além da busca de uma prática ou reflexão sobre a filosofia hippie, talvez a fuga dos centros urbanos e um refúgio na natureza seja um tema em comum á busca de todos os que passaram pela aldeia hippie de Arembepé.

1.2 Veranismo, comunidade e identificação.

Uma das principais características que permitiram o surgimento da aldeia, pode-se afirmar que foi o a boa receptividade dos veranistas pelos moradores da vila de pescadores da região. Alguns pescadores simpatizaram e assimilaram parte da “filosofia hippie” e desse encontro surgiu a aldeia hippie de Arembepé. Essa convivência pacífica entre os antigos e novos moradores locais é um fator importante para o surgimento da comunidade hippie e o exemplo específico da Cibele, comerciante da vila de Arembepé, ilustra bem essa boa recepção:

Respeitada pela comunidade local, talvez não fosse tão fácil para os malucos serem aceitos com seu comportamento extravagante, se não fosse o apoio da Cibele, desde o início. Ela era o “banco” dos hippies. Aceitava depósitos, assentava tudo numa caderneta e nunca se enganava. Forneciam o que precisavam e, quando a grana de algum deles ia acabando, avisava: - *Oi Bestage, a grana está acabando...* Quando acabava todo mundo tinha crédito

⁷² HOISEL, Beto. **Naquele tempo em Arembepé ...** p. 29.

⁷³ Idem, *Ibidem*, p. 35.

e podia continuar tirando o que quisesse; mas sempre pagavam e a confiança era total⁷⁴.

Esse fato de ter havido um encontro amistoso e um bom relacionamento com base na relação de confiança entre os moradores da vila de Arembepe e os malucos da Aldeia é confirmado por Álvaro: - “Nos estamos aqui porque nós estamos na Bahia e a Bahia é um povo muito louco”. Enquanto em outros locais do litoral brasileiro o hippie foi “enxotado”, Álvaro afirma: - “Aqui o pessoal [...] começou alugar casa e a vender fiado”⁷⁵. E confirma que: “Arembepe nos endossou totalmente”.⁷⁶ Por sua vez, Hoisel, ex-morador da aldeia de Arembepe, escreveu sobre a questão financeira nos seguintes termos:

Madrugada, quando o tempo está bom, (os pescadores) saem para além do horizonte e voltam de tardinha com o peixe. Veranistas compram peixe com dinheiro, donos de armazéns e da padaria trocam peixe por mercadoria e quem presta pequenos serviços também faz sua troca, na base da confiança. Mas sempre sobra alguma guaricema, guaripeba ou peixe galo para dar quem nada tem para trocar, quanto mais dinheiro⁷⁷.

Tony, um dos aldeões mais antigos, forneceu várias informações importantes sobre esta época. Seu depoimento reforça a ideia da boa receptividade e bom relacionamento entre os moradores nativos da vila pescadores e os hippies e veranistas que se deslocaram para a região. De acordo com suas palavras, os pescadores da vila:

...gostavam da gente através das nossas exposições, porque além da exposição, a gente (sic) ainda carregava os instrumentos e ainda fazia a música. Então pra eles era maravilhoso porque se passava a noite toda tocando e eles não se incomodavam com o barulho. Nunca fizeram uma reclamação porque nós ‘tava’ fazendo nossos eventos assim, informal, ali sem acordo, tudo natural e assim a gente foi vivendo, pegando amizade com os pescadores. Na chegada dos barcos a gente sempre recebia assim... que eles se sentiam bem: -‘oi, leva um peixe pra você comer e tal’- e já jogava o peixe pra gente, a gente: ‘pô, oh! Apareça lá (para) comer uma moqueca’ – ‘daqui a pouco eu tô lá’ e tal... e já vinha também participar com... junto com a gente na aldeia quando eles chegavam da pescaria a gente não ‘tava’, mas eles iam lá na aldeia eles iam levar o peixe lá pra gente fazer uma moqueca lá e nós fazíamos nossa festa lá ao redor do alimento⁷⁸.

⁷⁴ HOISEL, Beto. **Naquele tempo em Arembepe** ... p. 79.

⁷⁵ MACHADO, Álvaro. Entrevista. Arembepe – BA, em 12/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº3 (120 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

⁷⁶ Idem.

⁷⁷ HOISEL, Beto. **Naquele tempo em Arembepe** ... p.26.

⁷⁸ Tony Carlos Alves de Oliveira. Tony é artesão de 59 anos, é um dos mais antigos moradores da Aldeia e um dos informantes que compõe as fontes orais para esta pesquisa. OLIVEIRA, Tony Carlos Alves de. Erembepe – BA, em 20/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº5 (120 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

O depoimento de Tony aborda uma importante característica da aldeia hippie de Arembepe que o sentimento de confraternização e solidariedade bastante proeminente nos primeiros moradores da época. O fato de celebrarem as festas, e diversões sempre juntos e dividirem as refeições de forma constante e sistemática despertou o sentimento de pertencer ao grupo, e despertar o espírito comunitário o que serviu de base para a formação de uma comunidade hippie. Alceu afirma que no início da aldeia hippie havia uma comunhão fraterna:

...a aldeia hippie quando surgiu, no início, quando eu cheguei aqui, [...] tinha um grupo de pessoas [...] que era voltado realmente para o movimento hippie. Desligado do sistema [...] nós éramos mais unidos: comíamos numa só panela, fazia uma fogueirinha, todo mundo tocava sua viola [...], todo mundo interagindo⁷⁹.

O Barba, personagem do livro de Hoisel também afirma: “falou muito que todo mundo é irmão, que ali na Aldeia quando pinta algum rango especial todo mundo ranga junto e o que é de um é também dos outros etc.”⁸⁰. Outro morador também afirma que houve uma época em que as pessoas de Arembepe gostavam de compartilhar tudo e queriam estar sempre juntas, mas isso aconteceu na época de juventude, nas palavras de Jairo:

É...pra ser alternativa, aqui já faz tempo que não tem né... mas houve uma época em que era todo mundo junto, algum tempo atrás, aqui tinha uma galera legal, calma, morando aqui, bem alternativo em que almoço, janta, tudo agente fazia junto né...que ia “manguear” o rango e trazia tudo pra comer todo mundo junto, mas era naquele tempo em que agente era mais novinho, mais “moleção” né...queria tá sempre junto com a galera⁸¹.

Roque que também viveu esse período de encontro amistoso dos jovens que buscavam Arembepe, rememora que:

...antes existia aqui certa união nesse sentido de dividir aqui as coisas de dentro da aldeia, tipo você chegava trazia de lá um peixe o outro trazia um quilo de feijão, o outro já trazia um tempero, um negócio, aí fazia ali aquela roda, cozinhava o pão e fazia a partilha, fazia uma fogueira ali na roda,

⁷⁹ Dos atuais moradores, Alceu Vicente é o morador mais antigo, chegou em 1984. É artesão e comerciante, e assim como a maioria dos moradores, fornece uma estrutura básica de *camping* para veranistas que escolhem Arembepe para uma temporada. A cabana em que reside, denominada de Rancho Janis Joplin, com a Esposa Desirêe e os filhos, é uma das mais visitadas da Aldeia. O Casal se tornou uma celebridade ao ingressar num *reality show* da TV Record em 2010. VICENTE, Alceu. Entrevista. Arembepe – BA, em 15/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº7 (120 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

⁸⁰ HOISEL, Beto. **Naquele tempo em Arempepe** ... p.32.

⁸¹ VIEIRA, Jairo Souza. Entrevista. Arembepe – BA, em 10/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº8 (120 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

tocava um violão de noite, naquela época você vivia mais sossegado não tinha esse certo compromisso [...]. Naquela época (que) eu cheguei não tinha compromisso com a família, não tinha compromisso com pagar conta então chegava-se ali comia, chegava-se ali curtia⁸².

A parceria entre pescadores, veranistas e “hippies pé na estrada”, passou a existir de forma concreta no sentido da união de grupo. Seria então uma comunidade no sentido usado por Victor Turner. Ele, ao “desenvolver uma das ideias de Durkheim sobre a importância de momentos de ‘efervescência criativa’ para a renovação social, cunhou o termo “*communitas*” para referir-se a solidariedades sociais espontâneas não estruturadas (seus exemplos iam dos antigos franciscanos aos hippies)”. É inevitável que essas solidariedades sejam apenas periódicas, pois o grupo informal desaparece ou solidifica-se em instituição formal. Mesmo assim as *communitas* podem ser revividas dentro das instituições, por meios de rituais ou outros mecanismos no sentido de realizar a “reconstrução simbólica da comunidade”.⁸³

Em *Processo Ritual*, Victor Turner usa a expressão *communitas* do latim, mas tem o mesmo significado de comunidade e declara a preferência pelo primeiro termo:

Prefiro a palavra latina *communitas* à comunidade, para que se possa distinguir esta modalidade de relação social de uma “área de vida em comum”. A distinção entre estrutura e “*communitas*” não é apenas a distinção familiar entre “mundano” e “sagrado”, ou a existente, por exemplo, entre política e religião⁸⁴.

Talvez seja interessante neste trabalho perceber a expressão comunidade definindo-a como a característica de união e confraternização, dos jovens que se fixaram em Arembépe no período áureo da utopia hippie. Pois na própria definição de Turner, os hippies optaram por ser uma comunidade informal, viveram experiências e atitudes não estruturadas, no que diz respeito aos hábitos, a sexualidade a estética, desprezando o “status”.

Na moderna sociedade ocidental, os valores da “*communitas*” estão surpreendentemente presentes na literatura e no comportamento do fenômeno

⁸² Roque Carlos Tavares, comerciante de 52 anos. Roque é um exemplo típico do encontro amistoso de veranistas e pescadores. Incorporou parte da linguagem e da estética dos alternativos, mas é o único dos colaboradores de nossa pesquisa que afirma não haver mais nada de Alternativo em Arembépe. Nascido em Arembépe e filho de pescador. Participou de festas e *happenings* junto com os hippies na época de juventude. Hoje é proprietário de um pequeno restaurante localizado próximo ao Centro de Artesanato. TAVARES, Roque Carlos. Entrevista. Arembépe – BA, em 15/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº4 (120 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

⁸³ Cf. BURKE, Peter. **História e teoria Social**. São Paulo: Unesp, 2002. p 84.

⁸⁴ TURNER, Victor. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. Petrópolis - Rio de Janeiro: Vozes, 1974. p. 119.

que veio a ser conhecido como a “geração 'beat’”, a que se sucederam os “hippies”, [...] São os membros “audaciosos” das categorias de adolescentes e jovens adultos - que não têm as vantagens dos *rites de passage* nacionais – que “optaram” fugir da ordem social ligada ao “status” e adquiriram os estigmas dos mais humildes, vestindo-se como “vagabundos”, ambulantes em seus hábitos, “populares” no gosto musical e subalternos em qualquer ocupação casual de que se incumbam. Valorizam mais as relações pessoais do que as obrigações sociais, e consideram a sexualidade instrumento polimórfico da “communitas” imediata, ao invés de tomá-la por base para um vínculo social estruturado e duradouro. O poeta Allen Gínsberg é, em particular, eloquente sobre a função da liberdade sexual. Também as propriedades “sagradas”, com frequência atribuídas à “communitas”, não estão ausentes aqui. Comprova-se isto pelo uso habitual de termos religiosos, como “santo” e “anjo”, para definir seus congêneres, e pelo interesse no zen budismo. A fórmula zen “tudo é um, um é nada, nada é tudo” expressa bem o caráter não estruturado e global primitivamente aplicado à “communitas”. A acentuação dada pelos “hippies” à espontaneidade, ao imediatismo e à “existência” põe em relevo um dos sentidos em que “communitas” contrasta com a estrutura. A “communitas” pertence ao momento atual; a estrutura está arraigada no passado e se estende para o futuro pela linguagem, a lei e os costumes. Embora nosso interesse se centralize aqui nas sociedades pré-industriais tradicionais, torna-se claro que as dimensões coletivas, a “communitas” e a estrutura, devem encontrar-se com todos os estádios e níveis da cultura e da sociedade⁸⁵.

Nesta concepção, o conceito de comunidade está em sintonia com sociedades holísticas, que se opõem hierarquicamente ao individualismo ficando à parte da sociedade⁸⁶.

Os alternativos buscavam o autoconhecimento, longe das cidades e isto era incompatível com a invasão propiciada pelo comércio, o turismo e a especulação da imprensa. Graça Menezes, uma veranista assídua de Arembepe da época de juventude, lembra a dificuldade que encontrou para chegar até a aldeia hippie. Sempre que encontrava as pessoas com o estereótipo de hippie, ela perguntava:

...mas como é que chega lá na aldeia hippie? Comigo aconteceu assim também, mesmo pra entrar pra acampar foi difícil porque eu ficava como é que vai, procurava as pessoas com aquela aparência de hippie aí as pessoas diziam: “Ah não! Hoje não pode ir porque a maré tá muito cheia, e por baixo, ah! Por baixo o rio tá cheio, não dá pra chegar, muitas vezes sabe? Eu tentei, no dia que eu consegui eu vim aqui com uma amiga, que encontrei na rodoviária eu tava vindo pra acampar e ela tava indo pra Praia do Forte, aí nos encontramos e começamos a trocar fichinhas e ela falava: Ah! Então eu vou lá com você pra ver, e ela muito mais ousada aí vamos tentar ir. Agente vai até onde der tal, e aí fomos indo devagar até que desnudamos o paraíso, e aí quando agente chegou aqui comecei a ver o rio, os hippies e comecei a encontrar aquelas pessoas que eu perguntava e diziam: Ah! Não pode, tá muito cheio pra ir por ali e tal..., então era desse jeito não se entrava aqui

⁸⁵ TURNER, Victor. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. ... pp. 137-138.

⁸⁶ DUMONT, Louis. **O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. p. 67-68.

assim,[...] no lugar que você chega que não encontra acolhida você tem que voltar.⁸⁷

Nesse depoimento, a visão edênica fica evidenciada. Chegar em Arembepe significou uma verdadeira “descoberta do paraíso”. Demonstra também que esse “paraíso” representava um ambiente onde os hippies pretendiam viver com discrição, pois Graça, a princípio, por não compartilhar o estereótipo e outras práticas dos hippies, não se sentia convidada a fazer parte na comunidade hippie de Arembepe. Na memória de Graça Menezes, a mesma que resguardava seus filhos para que não entrassem em contato com as “posturas não universais”, se sentia rejeitada em algumas tentativas de conhecer a aldeia hippie. Isso mostra o caráter heterogêneo de seus moradores que nem todos comungavam com as principais características da cultura hippie. No entanto, mesmo se sentindo rejeitada à princípio, ela se torna uma moradora em definitivo. Isso mostra o grau de acolhimento amistoso por parte dos chamados nativos. Sendo um “maluco” ou não, também ajudava de algum modo para que a aldeia fosse tomando forma e tendo continuidade.

Como podemos ver nos depoimentos abaixo, dos atuais moradores que fixaram morada definitiva, grande parte deles eram, nessa época, veranistas e hippies pé na estrada. Como firma Graça:

...seguí acampando. Aquela época era muita moda acampar, e eu acampava muito, ia à ilha de Itaipava, redutos ecológicos bem ricos de mar, vegetação, de pessoas simples e eu vinha aqui a Arembepe, acampava aqui na aldeia hippie e tinha uma preferência pelos santuários ecológicos, que naquela época pra mim não passava de espaços agradáveis de viver, eu não tinha essa noção do que era um santuário ecológico, de que era eu preferia esses espaços por ser rico em natureza, eu não tinha essa noção, eu tinha uma preferência por essa vivência e fui me identificando com a aldeia hippie até que deixei tudo ali naquele interior onde eu vivia, e inicialmente eu vim pra Salvador, que eu era funcionária do estado, trabalhava como professora, fui transferida para Salvador por opção, por um desentendimento com a política local, eu saí daquele lugar, fiquei em Salvador, mas muito desconfortavelmente, porque eu tinha uma preferência por esses espaços, eu gostava de viver com a natureza, eu gostava de contemplar, então aqui na aldeia era o lugar que eu preferia, porque eu conhecia o movimento hippie, sem me aprofundar porque era muito diferente de mim, era uma coisa que eu não entendia muito, mas eu ficava sempre a observar e valorizar, até que eu tive a coragem de trocar Salvador onde eu nunca fiquei confortada na grande cidade, eu ficava em Salvador, trabalhava durante a semana e no fim de semana sempre estava aqui,[...] e me perguntava: “como é que vive aqui?”⁸⁸

⁸⁷ MENESES, Graça Raimunda Cerqueira. **Moradores de Arembepe**. Entrevistador: Getúlio Cavalcante: Arembepe, 2010. Vídeo nº2 (120 min.)

⁸⁸ Graça Raimunda Cerqueira Menezes, professora aposentada de 59 anos. Graça é a atual presidente da Associação dos Moradores da Aldeia hippie de Arembepe. Tem uma proeminente atuação na comunidade por que se faz presente na coordenação dos trabalhos da Escola Menino Luz, e no bar e restaurante ligado

A exemplo de muitos outros moradores, Graça Cerqueira, na época áurea da movimentação dos hippies que se deslocavam e passavam por Arembepe, era uma veranistas nos tempos livres. Buscava santuários ecológicos para acampar, pois não gostava da vida urbana. Afirma que não conseguiu ser hippie, apenas simpatizante, pois quando estava decidida a aceitar convites para ser hippie pé na estrada, percebeu que o movimento já dava seus primeiros sinais de crise e faz uma crítica ao movimento. Segundo Graça:

...hippie mesmo eu não consegui ser porque eu costumo dizer pra pessoa aqui que se dizem hippies, eu, o hippie que eu conheci, a ideologia deixou claro pra mim que pra ser hippie tem que ter uma origem de nobreza, porque o hippie, ele fez uma opção de vida pra estar [...], longe dos recursos, né... financeiros, vivendo desprendidamente e tal, mas tem uma base né... financeira das suas famílias tá? Eu me lembro de chegar helicópteros aqui pra pegar hippies que adoeceram [...], então isso dava a transparecer que era, pessoas com recursos né... grandes, tal , e o meu entendimento é que pra ser hippie você tem que ter uma base né..., e se depreendi dessa parte financeira e sai no mundo né... pregando o ideal que é o ideal Paz e Amor e a natureza e de conservação, então isso foi o que eu aprendi quando eu descobri o hippie [...], eu não consegui porque quando eu vim ser hippie eu já era funcionária do Estado entende, eu trabalhava como professora e a minha intensidade de viver como hippie era justamente nas épocas mais, nas minhas licenças né, eu tirava licença, nas férias, naquela época professora tinha férias de 3 meses então era uma maravilha tudo aqui, mas eu sempre me preocupei em ter uma base⁸⁹.

Pessoas se dispõem a viajar pra curtir a natureza, conhecer novas culturas e desfrutar o prazer e as possibilidades de aprendizagem que as viagens podem proporcionar. Esse foi o ideal vivido pela a geração *beat*, a década de 1950, que foi assimilado pelos hippies das décadas seguintes. Alguns jovens conseguiram se desprender das bases estruturadas de recursos financeiros de suas famílias, mas a maioria retornou para a casa dos pais depois das jornadas que a juventude lhe permitiu empreender, como podemos ver descrito no blog *Um muro na cidade*: “Depois, a comida acabou e os pais não mandaram mais dinheiro. Os hippies voltaram para casa, mas na alma levaram para sempre as saudades de um paraíso perdido. E talvez, ainda, um pouco de LSD [...] a lembrança de Woodstock.”⁹⁰

à Associação. MENESES, Graça Raimunda Cerqueira. Entrevista. Arembepe – BA, em 13/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº2 (150 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

⁸⁹ Idem.

⁹⁰ **Um muro na cidade**. Disponível em <<http://murosnacidade.blogspot.com.br/2012/05/saudades-dos-anos-60-no-17a-da-calcada.html>>. Acesso em 20/09/2012.

Por despertar essa atitude crítica em relação ao movimento, Graça se preocupa em construir sua base familiar e financeira pra depois da aposentadoria se transferir para morar em definitivo, para viver no santuário ecológico que sempre visitou.

Então, a opção de manter seu emprego como professora, transferindo para Arembepe, foi essencial para que ela pudesse oferecer escolarização e uma vida que para ela, seria melhor para seus filhos. Após a aposentadoria, ela mantém uma casa na cidade, mas prefere ficar a maior parte do seu tempo na aldeia hippie.

...sempre me preocupei em ter uma base [...], um convênio pra minha saúde, se precisar de alguma coisa vou no médico confortavelmente, [...] e quando eu tive meus filhos eu..., Deus me livre que meus filhos não tivessem um amparo sabe? Que tivessem saúde, educação, torci muito para que isso acontecesse, e sempre tive essa preocupação então eu costumo dizer eu sou meio hippie, tenho assim muita simpatia pelo movimento, é um movimento que me interessou que acrescentou muito a minha existência, mais né..., quando eu tava resolvida a ser hippie eu descobri que hippie faliu, e um movimento que sabe? Não teve bases pra se sustentar, tá entendendo? Eu tava prestes a largar emprego, botar uma mochila nas costas e sair, viajar. Os amigos que eu tinha aqui eram muitos estrangeiros, me convidavam⁹¹.

Graça criou e educou seus filhos morando na aldeia hippie. Ela participou como veranista assídua da aldeia hippie em sua juventude e depois foi morar na aldeia, casou e teve filhos em um período no qual o movimento estava em declínio. Ela teve o cuidado na disciplina de seus filhos para que não sofressem influência de comportamentos que ela considera “posturas não universais”. De certo modo parece paradoxal, pois esta moradora antiga viveu a ideologia da época, mas não deseja para seus filhos o mesmo. O que parece interessar, portanto é apenas o contato com a natureza e não o estilo de vida dos primeiros tempos. Não é possível afirmar que ela sente nostalgia do passado, sentimento este que emerge em outros entrevistados:

...e trabalhava né..., trabalhava nas escolas em Arembepe né..., mas aqui dentro da comunidade esta casa era uma escola, porque os meus 2 filhos eu não permitia que eles ficassem andando por ai né..., porque é o movimento dos adultos na aldeia hippie não combinam com a formação de uma criança entende? Então é muito fácil o contato com os vícios, com posturas... é... que não são posturas universais, então eu tinha essa preocupação de levar para os filhos uma maneira firme de ser pra eles poderem entrar em contato com esse mundo, e aí eu tinha um cuidado de tê-los na casa,(e) tal, mas eu também não queria que eles ficassem fora do mundo e abria a casa. Abria, não escancarava,[...] o hippie não é esse que quer palco pra aparecer, alimentar seu ego, o hippie chegava aqui tão simplesmente que levitava e quando você ia descobrir..., eu já hospedei hippies que quando eu fui limpar o colchão, limpar o quarto eu suspendi o colchão que tava no quarto tinha todas as

⁹¹ MENESES, Graça Raimunda Cerqueira. Entrevista. Arembepe – BA, em 13/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº2 (150 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

moedas que você imagina, foi quando eu conheci dólar, não sei o que mais, não sei o que, e até me assustou porque tanto dinheiro na minha casa é um perigo, mas desse jeito⁹².

Veremos depois, no capítulo três, que nenhum morador afirmou ter se arrependido do “modo hippie” como viveu na década de setenta. Há diferenças e mudanças significativas no âmbito do comportamento, das práticas e dos atores sociais que frequentaram Arembepe naquele tempo em comparação com muitos indivíduos que lá residem atualmente que vivem na simplicidade. Estas diferenças serão apontadas e analisadas com acuidade nos próximos capítulos.

Graça chega à conclusão de que o movimento hippie está muito diferente do que conheceu na juventude quando frequentava a aldeia. Para ela o movimento hippie que presenciou está extinto pela falência ideológica, já fazendo parte do passado. Foi desaparecendo junto com a essência na época do auge do movimento. A discrição era uma importante característica que os autodenominados alternativos da aldeia de Arembepe buscavam. Segundo a depoente, ser hippie implica deixar de lado sua antiga vida e, mais ainda, se desprender dos valores materiais de sua vida antiga.

Muitos jovens se tornaram *hippie pé na estrada*⁹³ apoiados em uma base de recursos financeiros. Isto facilita uma vida de andarilhos para conhecer novas culturas ou uma vida tranquila em contato com a natureza, nos paraísos ecológicos. O depoimento da Graça lembra a opinião de autores quando identificam a existência da contracultura com muito mais intensidade nos países desenvolvidos, onde há uma parcela significativa dos lares de renda média e alta possibilitado que os pais permitam a seus filhos prolongar a adolescência e desfrutar das possibilidades e aprendizado que as viagens podem proporcionar.

⁹² Idem.

⁹³ Para avaliar a visão do senso comum (não acadêmica) acerca dos hippies, observamos que os herdeiros do movimento ou neo-hippies podem ser classificados em diversos tipos. Dentre os diversos os tipos, temos o *hippie pé na estrada*, ou *BR*. É o andarilho, ermitão, aqueles que vivem nas estradas, caminhando ou pegando carona, conhecendo a país e/ou o mundo, sem necessariamente praticar o artesanato e o comércio. O *hippie artesão* é aquele que confecciona o artesanato. O *hippie comerciante* apenas revende o produto fabricado pelo artesão. O *hippie artesão e comerciante* é o que pratica as duas atividades ao mesmo tempo. Essa duas categorias geralmente se fixam e passam a viver numa comunidade hippie. Há ainda o *hippie chique*, aquele que vive sustentado pela família, renda ou herança. Afirma ser hippie, pois viveu intensamente o movimento, por não precisar trabalhar e ter liberdade de conversar sobre o uso das drogas e outros assuntos tabus com filhos e netos. O oposto no espectro dessa categoria está o *hippie pombo sujo* ou *micróbio*. É aquele que “suja” a imagem do movimento, em geral não se importa com a estética das vestimentas ou higiene corporal e às vezes pratica o pedintismo. É o exemplo típico de aparência similar ao estereótipo carregado de preconceito do senso comum. Os termos são usados com tom pejorativo pelos próprios hippies e simpatizantes do movimento”. Cf. Blog **Guia da semana**. Herdeiros do Movimento Hippie. Postado por Monique Oliveira em 05/02/2005. Disponível em: <<http://moniqueoliveira.wordpress.com/tag/movimento-hippie/>>. Acesso em 14/10/2010.

1.3 Experimentalismos e naturismo

O objetivo deste tópico é descrever algumas práticas características da aldeia hippie de Arembepe nos primeiros anos de sua história. Nesta época a prática do naturismo era comum, mas não uma regra. Uma certa liberdade nos relacionamentos que não eram duradouros, também revela objetivos, os quais correspondem a um comportamento não estruturado. Mas a visão que o senso comum nutria a respeito de uma suposta promiscuidade sexual não corresponde à realidade. A característica marcante do período é a regularidade com que se realizavam festas com muita música, regadas a bebidas alcoólicas e drogas psicodélicas. É nesse aspecto que a juventude de Arembepe daquele período tentou romper barreiras e testar limites impostos pela cultura.

Sobre a vida na comunidade nestes primeiros tempos, e acerca da visão que os indivíduos de fora tinham uma opinião formada da aldeia, mas que não correspondia à realidade acerca de uma suposta liberdade sexual, Beto Hoisel afirmou:

O povo de fora sempre pensou que os malucos da aldeia vivessem na maior promiscuidade, orgias incríveis nas noites de Lua, coisa assim. Não era desse jeito não. É bem verdade que as opções eróticas eram variadas, assim como intensa a sua prática; mas, de um modo geral, as duplas, as triplas e os casais eram estáveis e curiosamente fiéis entre si. Bem mais do que no mundo careta lá de fora, com certeza. [...] Havia exceções, [...] mas o clima era alto- astral: brigas e querelas eram raras, apesar da rotatividade dos habitantes e de algumas parcerias. Toda semana chegava alguém, saíam outros, de modo que a população permanecia mais ou menos a mesma, em torno de uns vinte e cinco, trinta ou pouco mais, nas quatorze casinhas que Tobi⁹⁴ contou quando lá chegou para ficar⁹⁵.

Como descrevemos anteriormente, um dos fundamentos básicos que permitiu a consolidação do povoado com característica alternativa, é que havia um espírito de amizade e solidariedade bem acentuado entre os moradores nos primeiros tempos da Aldeia, o depoimento de Álvaro é igualmente elucidativo. Ele destaca:

...que Arembepe é tão misterioso que tinha as festas daqui do santo, e nas festas do santo em Arembepe vendia bebida, vendia bebida, porque a comida,

⁹⁴ Tobi é um dos personagens desta obra. Hoisel afirma que todos os personagens de sua obra são reais, mas deixa claro que alguns nomes foram substituídos por pseudônimos, devido à solicitação dos mesmos, para que suas identidades fossem preservadas. No caso de Tobi, não é possível saber qual a sua ocupação na aldeia.

⁹⁵ HOISEL, Beto, **Naquele tempo em Arembepe** ... p. 28.

todo mundo era convidado pra casa de alguém. Já pensou a festa que rolava, aí o pessoal se alucinava né? Então se você fosse convidado pra uma casa não se preocupava⁹⁶.

Segundo Alceu nas festas da época quando chegou a Arembepe “agente tomava um vinho, fumava um baseadinho sossegado, todo mundo interagindo”.⁹⁷ No mesmo sentido, Jairo fala que sempre “tem a nossa turminha, quando eu faço uma festa minha que eu convido a minha turminha mesmo legal daqui agente pode fumar, agente pode ate cheirar uma cocaína que tiver, aí fica uma festa bonita”.⁹⁸ Também nesse sentido de afirmação do uso das drogas Jairo afirma: “não posso passar muito tempo fora, duas semanas fora, se não as plantinhas morrem”,⁹⁹ fazendo alusão a uma pequena plantação de maconha próxima à sua cabana.

Para Álvaro, ser um usuário de maconha representa sinônimo de sabedoria, civilidade, caráter, e cavalheirismo. Ao repreender um amigo que discutiu com a companheira dá um conselho em forma de lição de moral:

Você bateu na mulher? Ele falou: -“não”. Eu falei: “você bateu nela, cara!”, Você empurrou, você bateu na mulher. Que fotografia! Você bateu na mulher e você é um maconheiro cara, você não pode fazer isso cara, porque você é um maconheiro cara. Você tem outro brilho, você tem sabedoria. Isso, quem faz isso é um vulgar. Você fuma maconha. Você tem esse tônico, você não pode fazer isso. Ai ele voltou em casa. Voltou em casa, quis falar nisso, foi pior. Porque a mulher quebrou as coisas, ele quebrou também, ele saiu de novo. Ai foi lá pra casa de novo. Eu disse: “meu irmão você fuma então vá converse com ela, sente com ela”.¹⁰⁰

Assim, Álvaro convenceu o amigo a celebrar a paz imediatamente com a companheira afirmando: “...ele foi pra lá, mas falou com ela tão verdade assim. Ele falou com ela que tinha essa paciência porque fumava. Mas falou tão verdadeiro com ela que ela foi fumar também”.¹⁰¹

O assunto do psicodelismo das drogas é um dos temas mais emblemáticos da contracultura. Drogas constituem um tema complexo que envolve também o debate sobre substâncias lícitas e ilícitas. O assunto que já foi discutido em muitas pesquisas através de muitos autores, merece destaque nessa pesquisa sobre a comunidade hippie

⁹⁶ MACHADO, Álvaro. Entrevista. Arembepe – BA, em 12/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº3 (120 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

⁹⁷ Idem.

⁹⁸ VIEIRA, Jairo Souza. Entrevista. Arembepe – BA em 13/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante: Vídeo nº8 (120 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

⁹⁹ Idem.

¹⁰⁰ MACHADO, Álvaro. Entrevista. Arembepe – BA, em 12/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº3 (120 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

¹⁰¹ Idem.

de Arembepé, onde o uso de substâncias alucinógenas como a maconha a cocaína e o LSD pode ser observado com “normalidade”.

A crença nas substâncias alucinógenas como um fator de liberar “as portas da percepção” é anterior ao movimento de contracultura. Um dos *slogans* dos anos 60 “*turn on, turn in, drop out*” (ligar-se, sintonizar-se e libertar-se), tornou-se campanha publicitária. Hobsbawn escreveu que a:

Liberação pessoal e liberação social... davam-se as mãos sendo sexo e drogas as maneiras mais óbvias de despedaçar as cadeias do Estado, dos pais e do poder dos vizinhos, da lei e da convenção... As drogas, por outro lado, com exceção do álcool e do tabaco, não se beneficiavam da legislação permissiva. Espalharam-se, não só como um gesto de rebelião, pois as sensações que elas tornavam possíveis podiam ser atração suficiente. Apesar disso o uso de drogas era por definição, uma atividade proscrita e o próprio fato de a droga mais popular entre os jovens ocidentais, a maconha, ser provavelmente menos prejudicial que o álcool e o tabaco tornava o fumá-la (uma atividade tipicamente social) não apenas um ato de desafio, mas de superioridade em relação aos que a proibiam. Nas loucas praias dos anos 60 americanos, onde se reuniam os fãs de rock e estudantes radicais, o limite entre ficar drogado e erguer barricadas muitas vezes parecia difuso¹⁰².

Um dos estudos mais importantes é de Aldous Huxley sobre os efeitos provocados pelo uso de substâncias alucinógenas. O resultado de seus experimentos, bem como os desdobramentos de caráter mental e ético revela uma dicotomia do autor que por um lado revelou que o objetivo é buscar iluminações místicas inacessíveis ao pensamento racional, ao mesmo tempo revela inconformismo, pois o corpo humano seria limitado para tal realização.

O resultado das suas experiências com mescalina, substância extraída de um cacto do México (peíote) e utilizada por xamãs estão publicados no livro *As Portas da Percepção*, e as questões de caráter mentais e éticas são escritas em *Céu e inferno*. O autor constata que as alucinações podem atingir a dimensão mística inalcançável pela racionalidade, mas também podem conduzir o usuário às visões de sua própria autodestruição. Huxley tornou-se um dos gurus dos hippies da Califórnia na década de 1970.

As pesquisas tinham o objetivo de melhor compreender os processos mentais e auxiliarem psiquiatras e psicólogos utilizarem a mescalina que “modifica mais

¹⁰² HOBBSBAM, Eric. **Era dos Extremos**: o breve século XX (1914-1991) ... p. 325.

profundamente a qualidade da percepção” e a “droga passou a ser sintetizada em laboratório”.¹⁰³

Outro pesquisador que merece destaque é o professor Timothy Leary que foi expulso da universidade de Harvard após ter realizado experiências com LSD com estudantes de psicologia. Leary escreveu vários artigos e ensaios sobre o assunto, mas criou problemas com a justiça na época que os EUA iniciaram a reação conservadora ao psicodelismo com a proibição do uso de determinadas substâncias. Com a publicação de *A Experiência Psicodélica* - Um manual baseado no Livro Tibetano dos Mortos, Timothy Leary passa a ser conhecido como o guru do LSD, também é um nome de destaque durante o auge da contracultura. O trecho abaixo traz um diálogo entre Huxley e Leary, ambos sob efeito do LSD:

Então, diz, Huxley, - você não sabe o que fazer com essa gloriosa pedra filosófica que topamos na nossa frente? No passado, esse conhecimento foi guardado em segredo, transmitido por meio do obscurantismo metafórico e severo de acadêmicos, místicos e artistas. - Mas a sociedade precisa dessas informações, respondi passionadamente... - Essas questões são de ordem evolucionista. Não podem ser forçadas. Trabalhe privadamente. Inicie artistas, escritores, poetas e músicos de jazz, cortesãos de luxo, pintores, boêmios ricos. E eles iniciarão os ricos inteligentes. É assim que tudo que está associado a liberdade cultural, estética e filosófica tem sido transmitido. Seu papel é bem simples torne-se um incentivador da evolução[...] Essas drogas produzidas em massa pelos laboratórios, provocarão mudanças na sociedade. Tudo o que podemos fazer é expandir o mundo. O obstáculo a essa evolução. Timothy é a bíblia¹⁰⁴.

Os mais variados temas que os jovens da contracultura buscaram e praticaram revela a busca incessante pelo prazer e diversão, realizar como de uma forma mágica, todos os instintos. Emerge de uma perspectiva hedonista, a busca do paraíso e paz e amor, viver o momento com intensidade. A busca do autoconhecimento e a felicidade fora dos padrões e regras estabelecidos pela sociedade tecnocrata. Dentro dessa busca de felicidade individual e coletiva, o psicodelismo das drogas adquire uma estreita ligação com o misticismo que representa um dos principais aspectos da contracultura. Certa vez, uma repórter pergunta a Jack Kerouac, qual o fundamento de sua busca. E a resposta foi simples: “ - Deus, queremos que Deus nos mostre a sua face”.¹⁰⁵

¹⁰³ HUXLEY, Aldous. **As portas da percepção**. São Paulo: Circulo do Livro, 1993. p. 15.

¹⁰⁴ LEARY, Timothy. *Flashbacks “surfando no caos”*: uma autobiografia. São Paulo: Beca, 1999. p. 54.

¹⁰⁵ AQUINO, Márcio. **Palavras Domesticadas** – Contracultura, misticismo e Flower Power. Publicado em 03/11/2010. Disponível em <<http://taratitaragua.blogspot.com.br/2010/11/contracultura-misticismo-e-flower-power.html>>. Acesso em 21/09/2012.

Os movimentos de contracultura nasceram a partir de um ponto de vista hedonista, ou seja, do desejo simples e elementar de felicidade individual, porém fora dos padrões de regras e normas repressoras estabelecidas pelo sistema composto pelas instituições político-sociais que objetivavam a sustentação da ordem vigente. É dentro deste contexto que se insere a grande utopia dos hippies – a construção de um “paraíso aqui e agora”, de “paz e amor”. Para tanto era fundamental criar o seu próprio estilo de vida e “cair fora” do mundo materialista e racional da sociedade moderna, o que significava ganhar um outro espaço físico e mental. Daí a criação das comunidades hippies e a descoberta do misticismo e do psicodelismo das drogas. [...]. Sediado na costa leste dos Estados Unidos [...] o movimento hippie, a partir de 1966, começou a construir suas comunidades em meio a um clima astrológico que previa a chegada da “Era de Aquarius” [...], o advento de um novo mundo pacífico e harmonioso. Esse profetismo acabou revelando todo o misticismo religioso que envolvia a contracultura hippie, misturando parapsicologia, zen-budismo, ufologia, astrologia, magia, iluminações psicodélicas e espiritualismo¹⁰⁶.

Para Brandão e Duarte, a contracultura provocou um terremoto difícil de ser superado por aqueles que tinham ideias e objetivos pré-estabelecidos, pois a contracultura criou uma “fuga” para fora do sistema; um movimento espontâneo e insinuante que se apossa dos meios de comunicação e imprensa alternativa, conquistando muitos adeptos em vários países. A natureza paradisíaca, a hospitalidade fraternal, somadas a uma ideologia forte o suficiente para tirar certos jovens de suas casas parecem estar entre os fatores mais relevantes para o nascimento da comunidade.

Os clichês *sexo, droga e rock'and'roll* que se associou ao movimento hippie se aplica com muita propriedade ao cotidiano da Aldeia desta época, pois o consumo de drogas psicodélicas na Aldeia vinha sempre acompanhado de festas que aconteciam com muita frequência. Tudo era motivo para se festejar. Para fazer a recepção de um casal recém-chegado, o personagem Barba fala:

- Ah, espere pra ver. Hoje não dá mais, mas amanhã vamos reunir a moçada e fazer uma festa pra vocês. Vocês entram com o vinho e agente entra com o resto. - Que resto Barba? - Uma massinha legal meu chapa, incenso para atrair as coisas boas. Sem queimar incenso não tem festa tá sabendo?

Mais um que vinha para a Aldeia, mais motivo para festa¹⁰⁷. Will, um personagem do livro de Beto Hoisel fala: - “Pô, festa aqui agente faz até sem motivo”¹⁰⁸. Ao chegar um novo morador, a personagem Sandete explica que as festas que havia na aldeia é uma característica que:

¹⁰⁶ BRANDÃO, Antonio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. **Movimentos Culturais da Juventude**. São Paulo: Moderna, 1999. p.51-52.

¹⁰⁷ HOISEL, Beto. **Naquele tempo em Arembepe**. p. 13.

¹⁰⁸ Idem, Ibidem, p. 34.

...vem dos tupinambás.[...] índio gastava pouco tempo batalhando o rango de cada dia e não perdia chance de fazer festa para encher o tempo que sobrava. Agente também. Veja só o baiano: em Salvador tudo é motivo para festa, o ano todo principalmente no verão¹⁰⁹.

Hoisel através da fala de seu personagem Zuleida, escreve que “lá quando não se tem motivo para festa inventa-se. Até aniversário de gato e cachorro eles comemoram. Se chega alguém com um fumo novo faz-se uma festa; quando aparece algum gringo generoso distribuindo pontos de ácido, tome-lhe festa”¹¹⁰.

Ilustração 6 – Jarbas de Sousa Vieira, Morador da Aldeia



Jarbas de Sousa Vieira, Morador da Aldeia – Foto: acervo do pessoal do pesquisador

As festas e diversões cumprem uma função social em que as pessoas procuram se libertar dos seus medos e angustias cotidianas. Segundo Birou:

A festa é uma necessidade social em que se opera uma separação das condições normais da vida. É um acontecimento que se espera, criando assim uma tensão coletiva agradável, na esperança de momentos excepcionais. A festa é uma expressão de uma expansividade coletiva, uma válvula de escape ao constrangimento da vida cotidiana. Da economia passa-se à prodigalidade; da discrição à exuberância. Surgem as manifestações de excesso, nos mais ricos por ostentação, nos mais pobres por compensação¹¹¹.

Seria uma forma dos indivíduos buscarem a interação e fugir do isolamento. A diversão é um processo de busca de prazer e uma pausa dos problemas cotidianos. Ao se divertir, o indivíduo se envolve em emoções e excitações em busca de um sentido para a sua existência e para a vida. As festas e diversões sempre estiveram presentes na

¹⁰⁹ Idem, op. cit., p. 38.

¹¹⁰ Idem, op. cit., p. 45.

¹¹¹ BIROU, A. **Vocabulaire pratique des sciences sociales**, Paris: Editions Ouvrières (Edição portuguesa – Dicionário das Ciências Sociais, Lisboa, Dom Quixote, 2ª Ed., 1976), 1966. p. 166.

história da humanidade, mas assumiram grande importância histórica nas sociedades modernas. O autor levanta algumas hipóteses para a reflexão concernentes à função social e evolução cultural da festa nas sociedades modernas, destacando os aspectos econômicos, de sociabilidade e psicológicos ligados à diversão.

Assistir-se-á, na sociedade da abundância, à integração progressiva da festa na vida diária, na qual ela tenderá a diluir-se? Qual a influência do universo técnico e dos meios de comunicação de massa sobre a natureza e expressão da festividade? (Transformação e aparecimento de novas formas de festa). Continuará ainda a festa a marcar a ruptura com o quotidiano, ou não será antes a aglutinadora desse quotidiano disperso? Continuará ainda a representar a procura de um sentido para a vida¹¹²?

É nessa perspectiva de buscar uma sociabilidade agradável, de prazer, de ruptura e transformação do seu cotidiano que entendemos a disposição dos jovens da comunidade hippie de Arembepe da época em que se reuniram de forma constante para realização de *happenings*, de festas e diversões regadas a muita música e drogas, uma forma de reviver, em dimensões microscópicas, do que aconteceu nos grandes festivais de rock do período, reproduzindo e mantendo vivo o espírito de Woodstock¹¹³.

Outro aspecto característico desse período que considero importante e merece ser destacado e desenvolvido é o tema do naturismo que era comum aos moradores da aldeia hippie.

Álvaro descreve uma característica peculiar de Arembepe da época: “- Ali, chega aqui em Arembepe, é um pessoal que dá bom dia a quem tá nu né... - Bom dia! Com maior respeito assim. Arembepe mostrou realmente que [...] é misterioso mesmo.”

Desnudos ou vestidos, sóbrios ou já embriagados, não importava a situação, na Aldeia de Arembepe dos primeiros tempos, segundo os depoentes, reinava a cumplicidade respeitosa. Não havia diferenças entre os moradores do “paraíso”. Ou talvez, por outro lado, todas as diferenças passavam despercebidas, eram assimiladas. Todos se sentiam parte de algo em comum, todos se consideravam irmãos. Inclusive, tal fraternidade implicava dividir a alimentação, e isto foi importante para que os hippies

¹¹² BIROU, A. *Vocabulaire Pratique des Sciences Sociales* ... p. 166.

¹¹³ Em 1967 o Monterrey Pop Festival abriu a época dos grandes festivais de rock. Tivemos também os festivais de Newport, Altamont e Ilha de Wight, mas foi em Woodstock em 1969 que a contracultura viveu o seu auge. Foi uma espécie de cerimônia sagrada (de 500 mil pessoas) que anunciava a "era de *aquarius*", uma pré-estréia da sociedade utópica de paz e amor e muita música. Para o Sistema significou o início da destruição/assimilação do movimento. C.f. BRANDAO, Antonio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. *Movimentos Culturais da Juventude*. São Paulo: Moderna, 1999. p. 52.

“menos favorecidos” pudessem igualmente participar ativamente na construção de Arembepe. Beto Hoisel afirma que:

O povo da Aldeia gosta de ficar bem à vontade, mas evita aparecer sem roupa diante de quem não aceita, de quem não entende. Só se vai à praia cedinho e, como se vê de longe quando vem gente, ou se vai para dentro d'água ou se bota uma toalha até passarem. É verdade que de vez em quando aparece na Aldeia uma gringa que não tá nem aí ou alguém que curte essa de exibicionismo¹¹⁴.

Essa prática que só era interrompida em dias de festas e alguns fins de semanas em que a Aldeia recebia a presença de muitos que, apesar de não comungarem com a ideologia, chegavam como curiosos:

Nos fins de semana aparecem caretas para tomar banho no Caratingui querendo ver as moças nuas, cuja fama corre o mundo. Ficam decepcionados por que os malucos não querem dar espetáculo para divertir ninguém de fora e nos sábados e domingos. Fazendo até concessão de botar um bermudão, um biquíni ou canga colorida. Existem exceções como a Sandete que diz não se vestir simplesmente por que não tem roupa nenhuma¹¹⁵.

Ao descrever uma festa através do diálogo dos personagens Tobi e Sandete, Hoisel revela:

Quando o Sol acabou de sumir no horizonte vermelho [...] os malucos começaram a se juntar em volta do cone de palhas de coqueiro. Cada qual com seu bongô, tambor, guitarra, atabaque ou sem nada nas mãos. Talvez um cachimbinho de barro. [...] Todo mundo tomado banho e - pasmo! – quase todos vestidos. Roupas de hippie, é claro, mas vestidos, limpos, alinhados. Até Sandete. - Sandete! Que imoralidade é essa? Voce vestida? É um escândalo gente!!! - Calma Tobi! Este vestido só uso dia de festa ou para ir a Salvador, é o único que tenho. [...] Dia de festa agente se veste direitinho, mas sem exagero, para não ferir a sensibilidade dos colegas, mas tem alguns que vêm pelados mesmo e até sem banho. Aliás, não tem regra nenhuma, cada um vem como quer¹¹⁶.

O naturismo é uma doutrina filosófica que busca uma integração e a harmonia entre homem e natureza. Buscando esse objetivo, o naturismo reúne um conjunto de princípios de comportamento e éticos tendo como fundamento básico, o retorno do homem à natureza. Entre as principais características estão a prática do nudismo, o vegetarianismo e o ecologismo.

O conceito de naturismo através da *International Naturist Federation* – INF assim define essa prática como "um modo de vida em harmonia com a natureza,

¹¹⁴ HOISEL, Beto, **Naquele tempo em Arembepe** ... p. 55.

¹¹⁵ Idem.

¹¹⁶ Idem, p. 16.

caracterizado pela prática da nudez em grupo e que tem por intenção favorecer o auto-respeito, o respeito pelo outro e o cuidado com o meio ambiente".¹¹⁷ Assim entendida essa prática, então ela remonta ao conceito de ecologia, um tema tão caro à contracultura. Pois

O ecologismo não é uma doutrina, mas sim uma atitude de vida. Uma busca construtiva de transformar a vida dos homens e o seu relacionamento com a natureza. Ele é um projeto político e filosófico novo, que muito recentemente começou a delinear com mais clareza seus objetivos. [...] Esse projeto vai assumindo também uma realidade concreta, à medida que experiências vão sendo realizadas em inúmeros lugares para demonstrar a viabilidade prática de seus princípios. Experiências com novas formas de tecnologia, de vida comunitária, de educação, de relações econômicas, etc. Os grupos e indivíduos [...] chegaram a uma perspectiva ecológica por diversos caminhos. Alguns deles viveram intensamente o espírito de rebeldia dos anos 60, o movimento hippie, a contracultura, o maio de 68. Outros vieram do movimento ecológico tradicional, do pacifismo, do feminismo, de grupos espirituais, das lutas políticas pela transformação social e de muitos outros campos¹¹⁸.

A prática naturista dos hippies da aldeia naquela época acabou influenciando os nativos de Arembepe e alguns adotaram esse padrão de comportamento, pois segundo Beto Hoisel:

As nativas que vêm de Arembepe lavar roupa no Caratingui já estão acostumadas e alimentam papo com as moças nuas enquanto esfregam os lençóis ou estendem toalhas para quilar no capim. Nativas mais novas aderem ao barato e também tiram a roupa toda, no banho de rio para mostrar que estão entendendo a mensagem dos hippies¹¹⁹.

Mas o naturismo também foi motivo de controvérsia entre os moradores da aldeia e alguns nativos de Arembepe com mentalidade mais conservadora. Fato que, segundo Hoisel, provocou a interferência das autoridades locais neste assunto. Em certa ocasião o delegado da vila de Arembepe, representado pelo personagem Santa Rita foi até a Aldeia de surpresa e falou: “é que as lavadeiras estão reclamando que não podem mais lavar roupa no rio por que agora vive cheio de gente nua”¹²⁰ e numa reunião, rodeado de dezenas de hippies e veranistas desnudos, estabeleceu a seguinte ordem: “Em suas casas vocês podem ficar nus como quiserem que ninguém tem nada com isso. Agora pro lado de fora vocês só podem sair nus de manhã cedo, até umas oito, nove

¹¹⁷ Site **Rincão Club Naturista**. O que é Naturismo. Disponível em <<http://www.rincao.com.br/oquee.html>> Acesso em 22.09.2012.

¹¹⁸ LAGO, Antônio; PÁDUA, José Augusto. **O que é ecologia**. 9ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 38-39.

¹¹⁹ HOISEL, Beto, **Naquele tempo em Arembepe ...** p. 58.

¹²⁰ Idem, *ibidem*, p. 57.

horas e de tarde só depois das cinco”¹²¹. Então, este consenso estabelecido entre eles torna-se uma prática no cotidiano dos hippies da Aldeia de Arembepe.

Tudo isso lembra e se coaduna com as pesquisas sobre o movimento alternativo na qual Cesar Augusto de Carvalho descreve esse conjunto de práticas como uma “rede de relações solidárias” que os alternativos articularam, ao perceber um novo padrão na sociabilidade alternativa¹²². Com a percepção de uma nova sensibilidade existente na contracultura, é o mesmo espírito que Marilyn Ferguson chamou de *A Conspiração Aquariana*. Segundo a autora, os aspectos culturais visíveis da contracultura é parte de um contexto mais amplo de transformações sociais e culturais em que a humanidade gesta uma Nova Era. Após desenvolver estudos, experiências e criar métodos e técnicas para o “alargamento da consciência”, ela acredita que estamos passando por um processo de transformações estruturais na sociedade cujos aspectos desta mudança são mais visíveis na contracultura. Ela afirma:

Por certo os anos 60 assistiram a uma grande turbulência social; membros da classe média e da classe alta, em especial começaram a criticar as instituições existentes e a especular sobre uma nova sociedade. Forças históricas e sociais vigorosas convergiram para criar o desequilíbrio que precede a revolução. Os americanos estavam cada vez mais percebendo a importância das instituições existentes [...] em tratar coletivamente em problemas que se avolumavam. O desencanto com os costumes tradicionais e as instituições era mais visível na contracultura, mas se espalhava rapidamente. O descontentamento e o amadurecimento para uma nova direção da sociedade se tornavam evidentes na rápida assimilação de valores, preocupações, comportamento, moda e música da contracultura¹²³.

A contracultura seria uma espécie de laboratório para as novas formas de viver no futuro, com solidariedade, paz e amor, um novo paradigma de vida emergente. Há “conspiradores” em amplos setores da sociedade: empresas, governos grupos de trabalhos e pesquisas e principalmente em comunidades alternativas. Trata-se de uma revolução “interna”, na consciência que faz emergir novos padrões de comportamento, de sociabilidade, ou seja, uma nova cultura.

O tema também encontra repercussão nas obras de Marcuse, quando faz uma releitura do materialismo histórico, utilizando estudos da psicanálise na busca de superação da civilização repressiva naquele momento histórico e analisando as transformações sociais, ele acredita que seria possível a realização de um projeto de

¹²¹ Idem, op.cit., p. 58.

¹²² CARVALHO, Cesar Augusto de. **Viagem ao Mundo Alternativo**: A Contracultura nos anos 80. São Paulo: UNESP, 2008. p. 93.

¹²³ FERGUSON, Marilyn. **A Conspiração Aquariana**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Nova Era, 2003. p.119.

superação da sociedade repressiva, com o exemplo e a presença dos rebeldes da contracultura.

A diferença qualitativa da nova etapa da nova sociedade deveria ser vista não na satisfação das necessidades vitais e espirituais (que evidentemente, continuam sendo a base de todo desenvolvimento), e sim no aparecimento de satisfação de novas necessidades, reprimidas na sociedade antagônica. Tais necessidades novas encontrariam expressão em uma relação radicalmente modificada entre os homens e em um meio ambiente social e natural radicalmente distinto: solidariedade ao invés da luta de concorrência; sensorialidade ao invés de repressão; desaparecimento da brutalidade, da vulgaridade e de sua linguagem; a paz como situação duradoura. [...] Esse humanismo, contudo só pode tornar-se força social concreta se ele for empunhado pelas novas forças sociais e políticas já existentes, que se levantaram e se levantam contra o todo repressivo, velho. [...] A força da negação, como sabemos, não está hoje concentrada em classe alguma. Ela hoje ainda é uma oposição caótica e anárquica, política e moral, racional e instintiva: a recusa a participar e colaborar, o nojo diante de toda a prosperidade, o impulso de protesto é uma oposição débil e não organizada. Mas, creio, ela se baseia em objetivos que se encontram em contradição irreconciliável com o todo existente¹²⁴.

O filósofo Herbert Marcuse, filiado a Escola de Frankfurt teve destaque como um dos tutores da rebelião juvenil daquele período. Com sua tese de superação do capitalismo e as ideias desenvolvidas com a teoria da Grande Recusa da sociedade tecnocrata. Fazendo uma releitura do marxismo, Marcuse acredita que a revolução só seria possível se realizar com a vanguarda da juventude estudantil e rebeldes da contracultura.

A teoria crítica da sociedade não possui conceito algum que possa cobrir a lacuna entre o presente e o seu futuro; não oferecendo promessa alguma e não ostentando êxito algum, permanece negativa. Assim ela deseja permanecer leal àqueles que, sem esperança deram e dão sua vida à Grande Recusa. No início da era fascista, Walter Benjamim escreveu: “somente em nome dos desesperançados nos é dada esperança”¹²⁵.

Em síntese, suas ideias se baseiam na hipótese de que apesar das sociedades modernas parecerem à personificação da Razão, ela é irracional em seu conjunto: a busca do aumento da produtividade é destruidora do desenvolvimento do potencial das faculdades humanas; a paz só é mantida pela constante ameaça de guerra; seu desenvolvimento depende da repressão das reais possibilidades para amenizar a luta pela existência seja individual ou coletiva. Essa contribuição filosófica torna-se

¹²⁴ MARCUSE, Herbert. **Idéias Sobre uma Teoria Crítica da Sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972. p. 164-165.

¹²⁵ MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial: O homem unidimensional**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972. p. 235.

importante para uma melhor compreensão dos significados simbólicos das práticas e do comportamento dos indivíduos que buscaram e procuram viver um mundo alternativo.

E neste sentido, as práticas cotidianas desenvolvidas pelos alternativos da comunidade hippie de Arembepe, que abordo neste capítulo, atuam na direção de questionar os pressupostos políticos, éticos e estéticos desta sociedade tecnocrática capaz de desestabilizar a vida, até mesmo dos indivíduos mais atentos. Também busca alavancar novos desafios sociais e éticos emergentes. Na visão da maioria dos teóricos e pesquisadores dos “anos rebeldes”, os acontecimentos do período que são percebidos na contracultura, fazem parte de um processo de mudança mais amplo. Eles engendram a busca de uma nova cultura, uma nova sociedade.

No próximo capítulo iremos descrever a vida dos moradores de Arembepe após a fixação no território. A partir da década de 1980, surgem as famílias e a necessidade de educação dos filhos e as novas necessidades na luta pela subsistência. A territorialidade dos alternativos e suas práticas serão questionadas pelos latifundiários e especuladores imobiliários. O período de sedentarização será marcado também pelo conflito de posse do território, a intervenção do Estado e a necessidade de organização em associações.

“Não é o desafio que define quem somos nem o que somos capazes de ser, mas como enfrentamos esse desafio: podemos incendiar as ruínas ou construir, através delas e passo a passo um caminho que nos leve à liberdade.”

(Richard Bach)

Capítulo II - Os Malucos Decidiram Ficar (1983 – 1990)

2.1. Família, Valores e Educação

Neste capítulo, tendo como marco histórico as décadas de oitenta e noventa, e baseando a análise na sedentarização dos hippies, serão explicitadas e avaliadas, de modo geral, as novas configurações de família, de trabalho e de estilo de vida. Durante seções 2.2 e 2.3, avalia-se os aspectos concernentes aos moradores, a educação das crianças, ao estilo de vida da comunidade. Outro ponto geral é responder como, historicamente, seria possível afirmar que a Aldeia se mantém com uma cultura hippie. Para o historiador, esta questão é atraente e não pode ser respondida de forma simples. De fato, Peter Burke entende que:

A ideia de fronteira cultural torna-se cada dia mais atraente aos historiadores, porém vista de fora uma fronteira cultural que parece bem definida pode não parecer tão clara quando vista de dentro das culturas. Essa definição cumpre duas funções; uma como zona de encontro entre duas culturas diferentes, que acabam formando uma cultura diversa, híbrida das sociedades em contato; e uma como zona de barreira em que obstáculos físicos, políticos e culturais, diminuem as interações ou as desviam para outros canais¹²⁶.

A cultura hippie na Aldeia estaria sendo modificada através do contato com a “sociedade externa” ao longo de sua história. E as complicações teóricas que dizem respeito ao estudo das culturas pelos historiadores podem ser avaliadas quando se observa, por exemplo, um outro esclarecimento de Burke:

Emprega-se uma grande variedade de termos em diferentes lugares e diferentes disciplinas para descrever os processos culturais de empréstimo, apropriação, troca, recepção, transferência, transposição, resistência, sincretismo, aculturação, enculturação, inculturação, interculturação, transculturação, hibridização (mestizaje), creolização e interação e interpenetração de culturas. (...) Permanecem os problemas conceituais, assim como os empíricos. Utiliza-se a ideia de “sincretismo”, por exemplo, para descrever uma grande variedade de situações, de “mixagem” a síntese cultural. (...) O uso generalizado muito vago do termo suscita, ou mais exatamente obscurece, muitos problemas¹²⁷.

¹²⁶ HONOR, C. André. **Burke e a Nova História Cultural**. p. 157.

¹²⁷ BURKE. Peter. **Variedades de História Cultural**. São Paulo - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 156.

Deste modo, nesta dissertação, não se trata de afirmar simplesmente se a Aldeia é ou não culturalmente hippie depois de 30 anos, mas antes, de investigar, junto às transformações observadas, uma teia de comportamentos humanos, acontecimentos e valores sociais que compuseram os valores e comportamentos na Aldeia. Veremos, a partir deste capítulo, que nosso estudo indica que, na Aldeia, existe uma cultura híbrida, pois como afirma Canclini “nas classes populares encontram-se às vezes extraordinária imaginação para construir suas casas na periferia com lixo, usar as habilidades manuais coseguidas com seu trabalho e dar soluções técnicas apropriadas ao seu estilo de vida”¹²⁸ que no caso da Aldeia Hippie, ainda guarda ideais que podem ser observados como os da década de setenta. Consideramos que

...os produtos gerados pelas classes populares costumam ser mais representativos da história local e mais adequado às necessidades presentes do grupo que o fabrica. Constituem, nesse sentido, seu patrimônio próprio. Também podem alcançar alto valor estético e criatividade conforme se comprova no artesanato, na literatura e na música de muitas regiões populares¹²⁹.

Estas considerações e problemas concernentes aos estudos dos aspectos culturais por historiadores serão retomados na seção 3. Isto posto, já é possível começar as avaliações propostas no começo desta seção.

* * *

Antes da chegada dos hippies, a população nativa da Vila, no final dos anos 60, era estimada em cerca de dois mil habitantes e sobrevivia da plantação de coco e principalmente da pescaria, feita de forma artesanal e vendida, geralmente, para empresas de pesca da capital que iam buscar a produção por mar. Na Vila havia se estabelecido uma população descendente das primeiras comunidades ribeirinhas pesqueiras. Esta comunidade tinha a fama de ter os pescadores mais hábeis e os peixes de melhor qualidade do litoral baiano, e as empresas de pesca iam da capital, por mar, comprar toda a produção. Segundo a revista *Néon*, os pescadores vendiam os peixes a preço de banana, pois sem qualquer organização e, até certo ponto, inocentes no trato com o público, os pescadores primeiro dividiam o pescado na proporção exata e justa

¹²⁸ CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas** - estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1997. p. 195.

¹²⁹ Idem

para cada um.¹³⁰ Esta maneira comunitária dos pescadores, provavelmente ajudou na recepção dos hippies que, a seu modo, vivam um regime comunitário. De fato, segundo Daniele Sousa Santos, que estudou os primeiros contatos entre hippies e pescadores, tais relações, desde o começo, sempre foram muito amistosas.

Por exemplo, alguns hippies com casas em outros estados, chegaram, depois, a contratar como domésticas mulheres do povoado. Por sua vez, outras pessoas do povoado se sentiram mais a vontade para vivenciarem suas relações homoafetivas e familiares consideradas não tradicionais, observando os valores “dos estranhos cabeludos” que ali chegavam¹³¹. Nossa pesquisa se coaduna com tais conclusões, posto que entendemos que tal convivência amistosa entre os nativos e os hippies foi importante para a posterior sedentarização dos forasteiros, mas, como veremos, isto seria apenas um dos aspectos para a sua compreensão.

Observando este mesmo período, podemos citar o morador Alceu Vicente. Ele afirmou que ainda não havia Aldeia Hippie antes de 1970, quando Janis Joplin permaneceu em Arembepe durante o Verão. Neste tempo havia apenas uma grande barraca com uma boa estrutura. Tinha, por exemplo, poço profundo que puxava água para uma caixa e foi construída por um hippie que tinha recursos. A barraca era conhecida como a Casa do Sol. Como então ocorreu o desejo de fixação na Aldeia Hippie e quais os fatores que possibilitaram tal desiderato?

¹³⁰ Revista **Néon**, ano 1, n° 05, Maio de 1999, p.19.

¹³¹ Santos afirma, por exemplo que uma moradora de Arembepe, observando o comportamento e conversando com os hippies, decidiu ter e criar um filho sem necessariamente realizar um casamento, o que, segundo ela, para os ideais da época, seria algo muito não tradicional. Cf., sobre estas afirmações, SANTOS, Daniele Sousa. **Estranhos no Paraíso**. In: Anais da I Mostra de Pesquisa: especialização em História do Brasil. São Bento: Faculdade São Bento, 2009 p. 03-07.

Ilustração 7 – Casa do Sol, onde Janis Joplin se hospedou



Foto: Casa onde Janis Joplin se hospedou. De acordo com o site Viagens Maneiras, (site especializado em publicação de turismo alternativo e divulgação de hotéis, pousadas e albergues) na página AREMBEPE (BA), esta é a Casa do Sol, onde Janis Joplin ficou hospedada em 1970. Disponível em: <<http://www.viagensmaneiras.com/viagens/arembepe.htm>>. Acesso em 08/02/2013.

Segundo o depoimento de Alceu Vicente, a estadia de Janis Joplin desencadeou o processo de povoamento dos mochileiros, onde hoje é a Aldeia Hippie. Nas palavras de Alceu:

Então ela conheceu o Rio do Caratingui que é que nos banha aqui onde é a Aldeia, e nessa época tinha uma casa chamada Casa do Sol, ficava ali embaixo das dunas onde era de um maluco, um cara rico, um cara que descobriu essa “viagem”, com todo conforto, tipo tinha bomba pra puxar água do rio pra caixa, tinha muitas coisas maravilhosas na casa então ela ficou hospedada nessa casa por alguns dias, daí dessa viagem surgiu: “poxa a Janis Joplin esteve em Arembepe”. Dessa viagem muitas pessoas quiseram vir conhecer o local onde abrigou a Janis Joplin e foi nessa viagem que muitos malucos da época dos anos 70, dos anos 80 vieram com uma mochilinha pra Arembepe. E era a febre visitar Arembepe, [...] e essa questão ninguém ficava mais em Arembepe que era o povoado, o povo caminhava esses dois quilômetros e vinha se instalar aqui nessa fazenda, armava a barraca de camping, todo mundo nu, fumava seus baseados ali à vontade numa boa e daí então foi surgindo essa onda e a onda foi evoluindo, foi dizendo de uma pra o outro e a malucada da América Latina, tipo Argentina, Peru, Bolívia, todo mundo começou a vir. E a malucada do Brasil também, então sempre foi surgindo as cabanas no lugar das barracas, foram surgindo umas cabaninhas de palha¹³².

Está correto o depoimento de nosso entrevistado, na medida em que a pesquisa entende que a propaganda de uma cantora internacional do peso de Janis Joplin foi fundamental para a divulgação, para o aumento da população flutuante e, até mesmo, para o desejo de fixação no lugar. No entanto, sustentamos que outros fatores devem ser

¹³² ALCEU. Entrevista. Arembepe – BA, em 12/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº3 (120 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

observados, como a Feira Hippie de Salvador, a proximidade de uma vila a qual forneceria também um público comprador, logística hospitalar emergencial e suprimentos para a Aldeia. Igualmente, a vinda de famosos brasileiros, o descaso inicial do Estado e do dono das terras diante da sedentarização. Por fim, indicamos a própria capacidade de reorganização dos hippies e a hospitalidade ou indiferença dos pescadores enquanto elementos que explicariam o sucesso dos hippies em sua fixação¹³³.

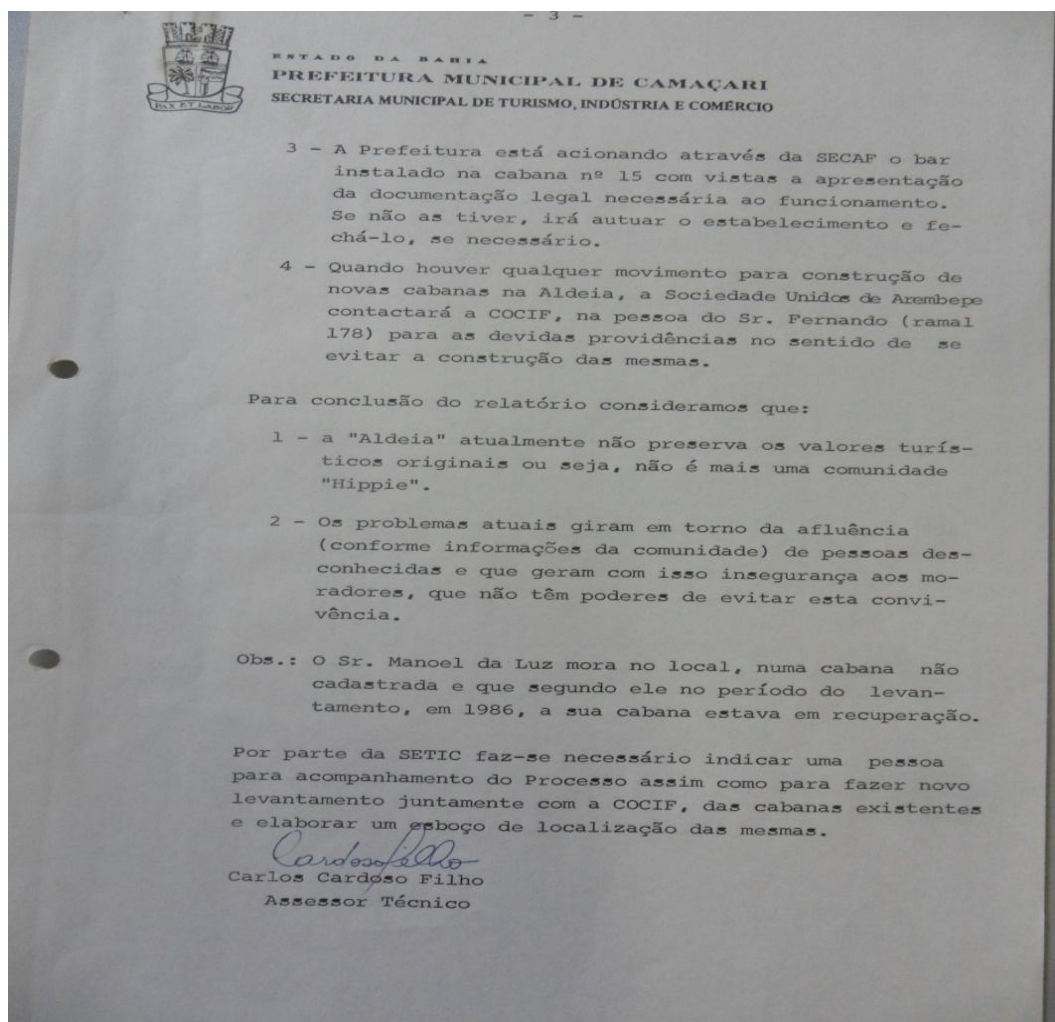
Em 1985, o funcionário de um fazendeiro, suposto dono da região, já se encontrava no lugar. De acordo com o depoimento do morador Alceu: “Quando eu cheguei aqui na Aldeia, esse cidadão estava já aqui tomando de conta destas terras, mas mesmo assim a galera chegava e ficava numa boa”.¹³⁴ Entretanto, só eram bem vindos os mochileiros que armavam sua barraquinha, pois “se alguém queria fazer alguma cabaninha (de palha) ele não deixava porque já era ordem do patrão dele pra não deixar ninguém fazer nada.”¹³⁵. Explica-se assim que as casas só serão mais elaboradas após a expulsão deste capataz. E as significativas mudanças nas casas podem ser estudadas a partir de um documento da Prefeitura de Camaçari.

No ano de 1986, a prefeitura decidiu examinar a Vila e acabou produzindo um importante documento. Nele há uma série de dados que ajudam na compreensão do estilo de vida, dos problemas e de certos valores dos moradores.

¹³³ Estes fatores serão analisados com acuidade ao longo deste e do próximo capítulo

¹³⁴ ALCEU. Entrevista. Arembépe – BA, em 12/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº3 (120 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

¹³⁵ Idem.



Página conclusiva do documento elaborado pela prefeitura na qual conta, no item de número 1, que a Aldeia não era mais uma comunidade hippie¹³⁶. Arquivo do Pesquisador

¹³⁶ 3 - A prefeitura está adicionando através da SECAF, o bar instalado na cabana nº 15 com vistas a apresentação da documentação legal necessária ao funcionamento. Se não as tiver, irar autuar o estabelecimento e fechá-lo, se necessário.

4 - Quando houver qualquer movimento para construção de novas cabanas na Aldeia, a Sociedade Unidos do Arembepe contatará a COCIF, na pessoa do Sr. Fernando (ramal 178) para as devidas providências no sentido de se evitar a construção das mesmas.

Para conclusão do relatório consideramos que:

1 - A "Aldeia" atualmente não preserva os valores turísticos originais, ou seja, não é mais uma comunidade "Hippie"

2 - Os problemas atuais giram em torno da afluência (conforme informações da comunidade) de pessoas desconhecidas e que geram com isso insegurança aos moradores, que não tem poderes de evitar essa convivência.

Obs.: O Sr. Manoel da Luz mora no local, numa cabana não cadastrada, e que segundo ele no período de levantamento, 1986, a sua cabana estava em recuperação.

Por parte da SETIC faz-se necessário indicar uma pessoa para acompanhamento do processo, assim como, para fazer novo levantamento juntamente com a COCIF, das cabanas existentes e elaborar um esboço de elaboração das mesmas.

Carlos Cardoso Filho - Assessor Técnico.

Veja a transcrição completa do documento no **anexo 1**.

Pode-se conferir que em 30 de julho de 1986, havia já quarenta e três barracas, sendo dez com moradores efetivos, três com frequências de fim de semana, duas fechadas, dezessete para alugar, uma para vender, uma em reforma, uma transformada em bar, e oito fechadas sem informação dos donos. Existe ainda a alegação de uma cabana que foi totalmente destruída. Sendo correto, como afirmou Alceu, que havia apenas uma grande casa no fim da década de setenta, cerca de dezesseis anos foram suficientes para um crescimento muito significativo¹³⁷. Neste documento, os principais problemas relatados pelos moradores foram o desejo de evitar a construção de novas cabanas, o aluguel de algumas cabanas para pessoas com costumes diferentes, o trânsito de veículos na Aldeia, a falta de policiamento e a preservação da área.

Portanto, dezesseis anos se passaram para um crescimento demasiado, como igualmente, foram suficientes para que os próprios moradores entendessem que, na aldeia, não deveria ter mais casas. Antes de continuarmos a análise do documento questionamos acerca das mudanças ocorridas nas casas dos hippies.

Com efeito, durante a sedentarização, grandes transformações ocorreram nas habitações dos hippies que, inicialmente, com a exceção da Casa do Sol, ficavam apenas em barracas. Luis Cerqueira, por exemplo, comprou a cabana onde hoje mora com a mulher e a filha e aos poucos foi dando forma a casa que está sempre em constante construção. O largo ambiente tem algumas paredes de pedra, outras de taipa e o telhado coberto com palhas. A casa, no andar de baixo, é também um atelier com fotografias, quadros, livros, cordéis, esculturas e camisetas com pinturas. Luiz Cerqueira pode começar a ser identificado por quem chega à Aldeia observando que ele é um homem receptivo, negro, magro, usa roupas coloridas, óculos escuros com armação redonda e tem as mãos quase sempre sujas de tinta.

Ele recebe visitantes com a casa aberta e, segundo ele, a sua cabana, desde o ano de 1985, já foi visitada por mais de 70 mil pessoas, de 53 países diferentes. A casa de Luis Cerqueira foi uma das quais passamos a noite, durante nossas várias estadias na Aldeia. Neste dia, pousaram também 2 casais de hippies artesões: 1 casal de São Paulo

¹³⁷ Cf. Sobre esta afirmações, ALCEU. Entrevista. Arembepe – BA, em 12/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº3 (120 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

acompanhado do filho de 3 anos, e um casal da Espanha. Talvez, Luiz Cerqueira seja o “hippie” que mais oferece produtos diversificados para os turistas¹³⁸.

Ilustração 8 - Casa de Luiz Cerqueira



*Novo Estilo de Algumas Moradias – amplas e com dois andares -. Casa de Luiz Cerqueira.
Foto: acervo do Pesquisador*

A Aldeia chegara, ao século XXI, com cerca de apenas 33 cabanas, onde moram aproximadamente 55 pessoas. E, na década de noventa, as moradias passaram a oferecer hospedagem para turistas e espaço para camping com diárias pagas. Assim, depois das barracas de praia, e das casas de palha feitas de modo mais artesanal e com durabilidade reduzida, as novas casas desta época, embora mantivessem um “estilo alternativo”, foram refeitas com materiais mais resistentes. Além das casas, a aldeia criou o centro de artesanato e restaurantes que serão analisados posteriormente.

Retomando a análise do documento, de fato, existem algumas reclamações que poderiam ser oriundas de qualquer comunidade não hippie. Entende-se que falta de policiamento, leis de trânsito e cuidados com crescimento desordenado são problemas até mesmo de cidades grandes. No entanto, o que nos chama a atenção é o receio dos moradores acerca do aluguel das barracas e casas para pessoas com ideais diferentes dos valores já estabelecidos na Aldeia. Ou seja, alugar uma barraca ou uma casa poderia trazer grandes complicações caso os locatários não comungassem dos mesmos ideais já vigentes. Além do ponto conclusivo que trata sobre o fim da Aldeia enquanto movimento hippie, o segundo ponto crucial para os moradores já fixos e, portanto, para

¹³⁸ A casa de Luiz Cerqueira pode ser visitada virtualmente no link: <http://www.youtube.com/watch?v=-TZkS5hpB8w>

a prefeitura, era evitar um crescimento da Aldeia o qual, fomentaria mais do que problemas estruturais de espaço geográfico, mas igualmente, traria para Aldeia, pessoas que não compartilhariam de seus ideais. Portanto, o que estava em questão, como um dos pontos fundamentais, eram os valores da comunidade.

Retomando a questão das mudanças na Aldeia e da análise da fonte produzida em 1986, nesta época, não havia, ainda a luta institucional formal pela terra e ninguém na Aldeia sabia exatamente, nem mesmo, onde terminavam os limites geográficos da comunidade. O documento caracteriza uma situação interessante quando anuncia que o parque ecológico, na qual a Aldeia se situa, não tem sua situação legal formalmente resolvida. Este problema viria à tona depois.

Outro aspecto fundamental sobre esta fonte é que entendemos que a própria existência e teor do documento indicam, já em 1986, a legitimação da Aldeia pelo Estado da Bahia, mesmo que a prefeitura de Camaçari percebesse que ali já não havia mais hippies. O ministério público, por exemplo, poderia ter aberto uma investigação para descobrir e proteger o dono legal das terras. No entanto, concluímos que a prefeitura, nesta época, já percebeu a larga importância da existência da comunidade na região. Com efeito, o discurso preservacionista dos hippies, assim como o potencial turístico da Aldeia, foram dois fatores que merecem ser destacados no quadro explicativo acerca da aceitação institucional da comunidade.

No mesmo ano de 1986, o secretário de turismo de Camaçari, sugeriu ao prefeito um decreto de desapropriação para fins de preservação da Aldeia. Nesta década, também é importante observar que, em todas as fontes jornalísticas obtidas para esta pesquisa, nenhuma diz respeito à criminalidade, antes, todas noticiaram a relevância histórica e turística do lugar¹³⁹. No final de década de oitenta, mais precisamente em 1989, o jornal baiano *A Tarde* afirmou que o prefeito de Camaçari iria investir muito no turismo e que uma de suas políticas públicas fundamentais consistirá na preservação da Aldeia. Assim, observa-se que a partir dos meados de década de oitenta, ocorreram algumas políticas públicas dedicadas a Aldeia.

De fato, se, no começo da seção, foram explicitadas as razões históricas encontradas que possibilitaram a sedentarização dos hippies em Arembepe, neste momento, já é possível adiantar que, para esta pesquisa, a longevidade da Aldeia está fundamentalmente relacionada com a transformação/legitimação – por parte do Estado –

¹³⁹ Na seção seguinte será apresentada e interpretada uma tabela estatística que demonstra tal afirmação.

da Aldeia em um pólo turístico. No capítulo três, isto será observado com mais acuidade. Até aqui, é possível afirmar somente que, na década de oitenta, com a sedentarização dos “malucos”, a prefeitura de Camaçari rapidamente percebeu e investiu no potencial turístico que a comunidade sempre teve.



Página do Jornal A Tarde na qual pode-se ler, em 1989, que o novo prefeito investirá fortemente no turismo e que a Aldeia hippie será importante neste investimento. Foto do acervo do pesquisador

Enfatizamos que se trata de um aspecto fundamental para a longevidade da Aldeia. A prefeitura poderia dizer aos turistas e a população em geral que, em Arembepe, a história e a natureza eram preservadas, pois, sob tais aspectos, estas políticas públicas eram vantajosas.

Diante de nossa pesquisa, é possível sustentar que, no final da década de oitenta, qualquer observador atento que lesse jornais, visitasse a Aldeia ou falasse com o secretário de turismo de Camaçari, poderia perceber que os “malucos” de Arembepe estavam sedentários, criaram raízes fortes e, até mesmo, com certo apoio político local, lutariam por seus direitos de permanecer definitivamente.

Outro ponto que será analisado nesta seção é que, com a fixação dos moradores, surgiram filhos que foram criados, de forma geral, na Aldeia. Filhos que estão relacionados com outras importantes mudanças na aldeia. Como a Aldeia, por exemplo, iria lidar com todas as questões que envolvem o nascimento das crianças, a saber, a educação e as necessidades logísticas?

Os pais sentiram a necessidade de colocar suas crianças em uma escola e a comunidade, agora fixa, decidiu que, dos dois aos seis anos de idade, as crianças estudariam em uma escola que seria criada dentro da Aldeia – a *Escola Menino Luz*. A escola seria mantida com trabalho voluntário e doações mensais dos moradores da

comunidade. Com setes anos, as crianças iriam para uma escola de ensino regular na Vila de Arembepe. Na Aldeia, a escola realiza também – até os dias de hoje – atividades educacionais não formais, voltadas para arte (artesanato), cultura, esportes, lazer e natação etc. Atualmente, atende em torno de vinte e uma crianças da Aldeia e de comunidades vizinhas.

Atualmente, o dinheiro da merenda escolar vem de doações do Projeto Tamar, comerciantes, indústrias locais e outras entidades, destaque para uma ONG da Bélgica administrada por Jean Luc, um simpatizante da ideologia hippie que gostou do local e resolveu criar vínculos com a Aldeia após comprar, numa negociação intermediada pela Associação dos Moradores da Aldeia Hippie - AMAH, a casa onde funciona a escola. Há pouco tempo, uma das professoras, a tia Graça, conseguiu comprar uma carroça e um cavalo. A carroça, com uma armação de ferro recoberta de plástico azul, começou a ir à busca das crianças da vizinhança. A Fundação Pró-Tamar também contribui com mantimentos para a merenda das crianças. Pelo trabalho que as professoras desenvolvem, recebem mensalmente uma quantia simbólica. Uma das fontes de recursos da Escola Menino Luz é o trabalho de arrecadação de um cidadão belga chamado Jean Luc o qual fundou uma ONG mantenedora da escola.

Dentro da escola, elas expõem pelas paredes os trabalhos de crianças que por ali passaram. E os desenhos dos dois filhos da então professora Graça, também poderiam ser observados no mural em meados da década de 1980. Atualmente, eles têm mais de uma década, pois seus filhos já são adultos. A proposta da escola é, portanto, realizar diversas atividades, além do ensino complementar. Entre estas atividades, pode-se destacar o grupo de dança “As Estrelas”, formado atualmente por dois garotos e quatro garotas, de Arembepe. Este grupo, às vezes se apresenta nos estabelecimentos da Vila. Os dançarinos são regidos pela coreógrafa colombiana Elis, formada em artes cênicas e dança contemporânea. Na escola, o ideal é envolver a Aldeia e a comunidade local, sendo que, atualmente, a Associação de Moradores da Aldeia Hippie - AMAH apóia financeiramente todas as apresentações. Ainda recentemente a escola concorreu a um edital e foi reconhecida pelo Ministério da Cultura como *Pequeno Ponto de Cultura*.

Ilustração 9 – Escola menino Luz



Escola Menino Luz em Arembepe – Foto do arquivo do pesquisador

Mas quais são os valores que a escola começou a ensinar? Para responder tal questionamento é necessário enfatizar, ainda uma vez, que o movimento hippie, em seus primórdios, fez parte do contexto de manifestações juvenis do pós Segunda Guerra Mundial, que a imprensa e a academia abordam o tema usando como referência o conceito de contracultura da década de 1960. Os jovens adotavam um estilo de vida comunitário e/ou nômade, contrários ao nacionalismo e a Guerra do Vietnã. Adotavam ainda aspectos de religiões orientais, como o budismo, hinduísmo, bem como as religiões das culturas nativas norte-americanas, buscando viver fora dos padrões e valores tradicionais da classe média.

Ilustração 10 – alunos da escola menino Luz



O grupo de dança As Estrelas, formado por dois garotos e 4 garotas da escola Menino Luz, de Arembepe

Como já observado no primeiro capítulo, eles entendiam que o paternalismo de Estado, as corporações empresariais de indústria e comércio, assim como os valores sociais tradicionais, fazem parte do mesmo *establishment*, os quais se recusaram conferir legitimidade. O estilo *hippie*, como vimos no primeiro capítulo, ao menos no começo do movimento, tinha uma certa mensagem anticapitalista. De modo geral, o quadro abaixo no corpo de texto é baseado no artigo de Claudio Novaes, e foi inspirado na obra de Luiz Carlos Maciel, publicado em *O Pasquim*¹⁴⁰, reflete os valores hippies em contraposição aos valores observados como tradicionais.¹⁴¹

Modernidade	X	Valores Hippies
Capitalismo		Comunitarismo
Família		Comunidades hippies
Monogamia		Amor livre
Razão		Intuição
Cristianismo		Religiões orientais / Esoterismo
Armamentismo		Pacifismo
Industrialização		Artesanato / Manufatura
Exército		Flores
Trabalho Viagem		Pé na estrada
Poluição		Ecologia
Ciência		Misticismo / Intuição / Emoção
Alopatia		Homeopatia
Machismo		Feminismo / Movimento gay
Racismo		Negritude
Erudito Pop		Popular
Fast food		Vegetarianismo
Instituições		Tribos
Ocidente		Oriente

¹⁴⁰ No que se refere aos valores hippies esse esquema proposto por Claudio Novaes usa como fonte de inspiração o “Manifesto Hippie” de Luiz Carlos Maciel, publicado em *O Pasquim* em 8 de janeiro de 1970, data importante que pode ser considerada o início do movimento hippie no Brasil. Desse manifesto fazia parte uma lista com duas colunas: a primeira delas, expressando os limites que a “velha razão” teria chegado e a segunda coluna, apresentando a “nova sensibilidade” capaz de ultrapassar esses limites. Vejamos um trecho do “Manifesto Hippie”: “Seguinte: o futuro já começou. Não se pode julgá-lo com as leis do passado. A nova cultura é o começo da nova civilização. E a nova sensibilidade é o começo da nova cultura (...) Você curtiu essa? Há muito ainda a curtir. Não se deixe perder pelos costumes da velha razão. Ela ainda não conhece o poder dos sentidos da mesma maneira que, durante séculos, insistiu em ignorar o poder dos instintos. Não se deixe perder. Fique na sua. (...) Fique na sua. Compare as duas listas desta página. A segunda é uma resposta à primeira, item por item. O limite da velha razão engendra a nova sensibilidade. Angústia x Paz / Uísque x Maconha / Neurose x Compulsiva Esquizofrenia / Amor livre x Amor tribal / Agressivo x Tranquilo / Papo x Som e cor / Ateu x Místico / Sombrio x Alegre / Brasil x Ipanema e Bahia / Panfleto x Flor / Na dos outros x Na sua / Comunicação x Subjetividade / Psicanalizado x Ligado / Bar x Praia / Herbert Marcuse x Wilhelm Reich / Política x Prazer / Bossa Nova x Rock / Pílula e Aborto x Filho Natural / Ego x Sexo / Discurso x Curtição / Oposição x Marginalização / Família e amigo x Tribo / Segurança x Aventura. Cf. MACIEL, Luiz Carlos. **Anos 60**. Porto Alegre: L & PM, 1987. p. 11.

¹⁴¹ COELHO, Claudio Novais Pinto. **Contracultura**: o outro lado da modernização autoritária. In: **Anos 70**: Tragédias. São Paulo: Iluminuras. p. 40-41.

Na década de oitenta, a despeito da sedentarização, os hippies de Arembepe afirmavam que os valores por eles vividos não tinham mudado. Valores do quadro acima, como o desejo de paz, liberdade, desapego, vida simples, comida natural, amor livre e preservação ecológica, por exemplo, ainda eram externados para qualquer pessoa que fosse a Aldeia na década de oitenta. A *Escola Menino Luz* adotaria, pois, tais valores gerais como princípios. Sua educação procurou e ainda procura empreender o cooperativismo, a consciência grupal, a organização, o equilíbrio dos planos material e espiritual. O objetivo seria obter, para além das competências curriculares, uma vida mais simples, calma e saudável, em meio a natureza e com valores norteadores que, por vezes, parecem inexistentes no dia a dia, como amor, paz, harmonia e liberdade. A comunidade decidiu que a escola estaria aberta a interessados e afinados com essas propostas de vida, mesmo não morando na Aldeia. Neste momento, é possível enfatizar algumas conclusões desta seção.

Pode-se situar que, na década de oitenta e noventa, a Aldeia cresceu, viu seus moradores flutuantes se fixarem, terem filhos e ganharem apoio institucional da prefeitura no enfrentamento de seus problemas. É necessário o entendimento acerca do tipo de apoio que a prefeitura ofereceu à Aldeia, pois a comunidade, sendo observada como hippie ou não, obteve certa base institucional que legitimou politicamente sua condição de importante atração histórico-turística. Nossa pesquisa indica – como será visto no capítulo três – que esta foi umas das implicações históricas importantes para a compreensão da longevidade da Aldeia.

2.2. Trabalho e Arte

Nesta seção, tendo como marco temporal as décadas de oitenta e noventa, pretende-se lançar luz e examinar as novas configurações de família, lazer e arte na Aldeia de Arembepe. Especificamente, serão avaliados aspectos concernentes ao modo de vida, voltado para a natureza e trabalhos artesanais avaliando como estas transformações históricas ajudaram na fixação dos moradores.

Como observado na seção anterior, na década de 1980, muitos hippies passaram a se fixar na aldeia hippie de forma definitiva. Igualmente, até o fim da referida década, a maioria dos atuais moradores também passaram a se estabelecer gradativamente em Arembepe – Incluindo os moradores mais antigos, como a professora Graça e seu

companheiro Damião, um nativo de Arembepe, representantes da 1ª geração e os moradores artesãos e comerciantes, representando a 2ª geração da aldeia hippie, como Álvaro (que apesar de ser classificado como da 1ª geração de hippies só construiu sua cabana em 1983) e Alceu Vicente, em 1984.

Alceu nasceu no interior do estado da Paraíba e chegou à Bahia em 1984 após percorrer o Brasil e alguns países da América Latina. Assim, os alternativos que decidiram morar, acabaram por construir lares mais resistentes, criar e educar seus filhos na Aldeia hippie. Para esta geração que se estabeleceu na Aldeia Hippie e se tornou maioria ao longo da década de 1980, a principal fonte de subsistência está no artesanato. Como afirma Desiree, “nós somos [como a] aranha que aqui a gente vive do que tece. A nossa sobrevivência é o artesanato. Né, porque como é ainda um lugar, uma reminiscência, ainda há... as pessoas que vivem aqui ainda levantam essa bandeira né, do movimento hippie”¹⁴².

Como será observado, o artesanato é também uma forma de atividade cuja principal característica é a fusão de trabalho e lazer. Alceu afirma que antes de conhecer a Aldeia, veio para Salvador vender seus trabalhos. “E de repente eu tava em João Pessoa, numa parada assim, um amigo meu me convida pra dá um ‘trampo’ de 30 dias em Salvador, vender uns trabalhos de artesanatos que eu já fazia. Feito torneado na madeira, feito com a mão”¹⁴³. A Aldeia, portanto, mantinha suas portas sempre abertas a qualquer artesão que chegasse e procurasse abrigo. Os anfitriões se empenham em garantir hospedagem e alimentação aos visitantes e jovens que se propunham a respeitar o lugar e a morar entre os alternativos. Aos poucos a sociabilidade alternativa se mostrava.

A rede de relações de solidariedade desenvolvida torna-se uma característica importante naquele contexto do movimento. O artesão Luis comenta que, com a fixação deles na Aldeia, as fontes de subsistência que iam ganhando força na Aldeia eram artesanato, o extrativismo e o peixe. Aquilo que podia ser dividido era compartilhado entre todos e, por vezes, várias pessoas almoçavam junto ao centro de artesanato.¹⁴⁴ Algum turista podia ainda comprar comida que os hippies se ofereciam para cozinhar nas suas casas sem nenhum custo adicional, não importando se o visitante estivesse

¹⁴² Desiree Entrevista. Arembepe – BA, em 12/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº3 (120 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

¹⁴³ Alceu Entrevista. Arembepe – BA, em 12/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº3 (120 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

¹⁴⁴ Luiz Entrevista. Arembepe – BA, em 12/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº3 (120 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

acampando ou não. Sobre seu modo de vida, Alceu afirma que, na sua atividade de confeccionar o artesanato, trabalho e lazer não se separam. Em suas palavras:

De certa forma o trabalho e o lazer pode se envolver no mesmo momento. Em minha atividade eu consigo unir essas questões. Eu trabalho com as mãos, então é uma terapia não é? Então já é um lazer, uma terapia, eu faço um trabalho, uma terapia que eu faço, vendo, então ao mesmo tempo ali é um lazer né... tô passando o tempo com algumas coisas. Eu pego um arame, uma massa de modelar e se transformar numa obra de arte. Então é gratificante. Então junta-se o lazer ao artesanato, quem vive do seu artesanato como no meu caso. É o lazer e o trabalho pra mim são paralelos¹⁴⁵.

Com efeito, na Aldeia, há uma diversidade de trabalhos exercidos pelos hippies e “malucos de BR” e, entre estas, além do artesanato estão as artes plásticas com telas, desenhos e pinturas principalmente em camisetas e quadros. Este tipo de arte é exercida por muitos outros hippies, os quais, hoje dia, correspondem a aproximadamente 70% da população fixa. Os hippies visitantes também podem vender sua arte na Aldeia, pois, todos dizem respeitar os direitos de cada um ganhar com sua arte. Nas várias vezes que estivemos na Aldeia, pudemos observar hippies visitantes que vendiam seus produtos até mesmo no centro de artesanato. Os hippies de BR, ou malucos de estrada, como eles se autodenominam sempre foram bem vindos, embora, como já observamos, não podem mais construir novas casas. Que outras atividades os hippies realizavam quando não estão confeccionando suas artes?

Os habitantes fixos da Aldeia passavam o tempo entre o rio, a praia, o uso de bebidas, da maconha, as festas esporádicas. Acordar com o nascer do sol, fazer fogueiras à noite, pois ainda não existia energia elétrica na Aldeia. Além disto, surgiram calendários de festas com música e fogueira, pois em dias de lua cheia, os moradores fixos realizam o Festival Internacional de Cultura Alternativa – FICA¹⁴⁶, um evento que entrou para o calendário festivo da aldeia e ocorre anualmente na primeira lua cheia de

¹⁴⁵ Alceu Entrevista. Arembepé – BA, em 12/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº3 (120 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

¹⁴⁶ Em 1994 o FICA do ano seguinte era alvo de uma cobertura jornalista especial expondo a história do festival e trazendo a programação cultural completa de um evento preliminar que veremos a seguir. Vejamos parte da reportagem: “O FICA originou-se do ‘Encontro Nacional de Comunidades Alternativas – ENCA’, que acontece há 18 anos e é mais restrito e realiza-se em locais afastados de áreas urbanas. Este festival ocorre de dois em dois anos, tendo como finalidade mostrar em festividade o movimento alternativo para o público em geral, principalmente pessoas que moram nas cidades e não tem oportunidade de conhecer e participar destes encontros. Além de mostrar a cultura alternativa, o FICA tem a meta de fortalecer a comunidade localizada nas proximidades de onde ele ocorre – neste caso, a comunidade da ‘Aldeia Hippie’. O evento está sendo organizado pela Associação Brasileira de Comunidades Alternativas - ABRASCA, a comunidade local e produtora brasiliense “Só os Bonitos”. Cf. Jornal **A Tarde**. Salvador – Bahia. 18/11/94. Caderno Municípios. p. 05.

janeiro. A festa dura de três dias a uma semana e conta com apresentações de grupos culturais, celebrações do movimento hippie e shows. Ao longo da década de 1990 o FICA adquiriu tamanha importância que passou a ser precedido por outro evento preparativo – A Mostra Ecológica de Arte e Educação¹⁴⁷.

Em 1996 a cobertura jornalística do FICA trazia uma reportagem especial de capa no Jornal A Tarde, acompanhado da história e o significado do movimento. O período do festival era precedido e acompanhado de reportagens diárias tanto antes quanto depois do evento. Nesse momento, amplos setores da sociedade baiana já haviam compreendido que a auto-afirmação da aldeia hippie junto ao Projeto Tamar trazia um significado histórico, mas também de oportunidades de empreendimentos voltados para o turismo que se ampliava e extrapolava os limites regionais. Para os moradores a divulgação e popularização da Aldeia Hippie, ao mesmo tempo que fortalecia uma identidade cultural, aceitando fazer usos dos pressupostos da cultura de massa, ou era assimilada por esta, favorecendo a luta pela demarcação do santuário ecológico e também se transformava em oportunidades de ampliação dos negócios. Em síntese, a cultura hippie de Arembepe, mesmo acompanhado do termo “alternativo” também havia se transformado em empreendimento próprio da cultura de massa, passível de mercantilização. Como podemos ler abaixo:

Às vésperas do terceiro milênio, o sonho hippie de paz e amor e a utopia da convivência comunitária e harmoniosa ainda não acabou. A Aldeia Hippie de Arembepe sobrevive "congelada" no tempo 30 anos depois da chegada dos primeiros pioneiros, se uniu a representantes de outras "tribos" para celebrar o IV Festival de Cultura Alternativa que movimentou o pacato lugarejo, durante toda a semana que passou. Oficinas, meditações, palestras, massagens, instalações, feiras, exposições, mostras de vídeo, aulas de ioga, biodança e culinária natural, muita música, além de oportunos mutirões para a construção de benefícios para a comunidade, fizeram parte da programação do IV FICA, organizado pela Associação Brasileira de Comunidades Alternativas - ABRASCA. O evento teve como principal objetivo alertar as autoridades para a necessidade de demarcação e regulamentação do parque ecológico do Rio Capivara e do reconhecimento da aldeia como patrimônio

¹⁴⁷ “A ‘Mostra ecológica de Arte e Educação’ é um evento artístico-educacional de cunho humanista e ecológico, que tem como objetivo, divulgar – junto com shows musicais, peças teatrais, exposições de artes plásticas e recitais de poesias, oficinas e vivências – a importância do espírito comunitário e a preservação do Parque Ecológico Capivara, onde está localizada a chamada “Aldeia Hippie” e instalada uma base do “Projeto Tamar”. O evento organizado por um grupo de artistas e educadores, acontecerá de amanhã até o dia 20 na Praça das Amendoeiras, com a instalação da Biblioteca Pública Prometeu que funcionará também no sábado das 10 às 20 horas. Este evento, idealizado pelo poeta Douglas de Almeida e produzido por artistas e educadores, moradores, e frequentadores da chamada ‘Aldeia Hippie’, também visa a ser um preparativo, uma experimentação para o ‘Festival Internacional de Cultura Alternativa’ o FICA que irá acontecer de 12 a 22 de janeiro de 1995, em Arembepe e que reunirá centenas de integrantes das comunidades alternativas existentes no Brasil e será palco de diversas manifestações artísticas”. Cf. Jornal A Tarde. Salvador – Bahia. 18/11/94. Caderno Municípios. p. 05.

histórico mundial. A intenção dos moradores da aldeia é preservar a área, freando a exploração imobiliária e os grandes empreendimentos que avançam, cada vez mais, ameaçando "esmagar" o antigo paraíso hippie¹⁴⁸.

Durante os dias em que se realizava este festival, os moradores arrecadavam alimentos e livros para a comunidade local. A celebração é inspirada no famoso festival de Woodstock, o mais importante da década de 60, que celebrava a dita contracultura do movimento hippie. Receber os turistas que passavam algumas horas ou dias em Arembepe e os hippies de estrada – os hippies de BR – que ficavam dias ou meses, completavam o cotidiano da vida na Aldeia.



Vivências em biodança: uma das atrações em Arembepe durante o V Festival de Cultura Alternativa em 1996. Foto: Jornal **A Tarde**. Salvador – Bahia. 05/01/96. Caderno Municípios/Caderno 3. p. 01.

Este estilo de vida na Aldeia indicava e ainda significa para eles, a celebração da vida simples, da natureza, da paz e do desapego característicos do movimento.

Mas este estilo de vida seria – se observado de um ponto de vista do trabalhador formal – parasitário? Roszak, sobre isto, afirma que a relação entre pais e filhos que prevalece entre a classe média americana favorece “uma sociedade de lazer, com alto nível de consumo, que simplesmente não precisa de contingente de jovens trabalhadores

¹⁴⁸ Jornal **A Tarde**. Salvador – Bahia. Segunda-feira, 08/01/96. Caderno Cultura. p. 10.

‘responsáveis’ rigidamente treinados”¹⁴⁹. O autor explica que uma economia de abundância cibernética dispensa o trabalho dos rebeldes, pois:

...uma economia que está rapidamente rompendo a relação entre trabalho e salários que sofre miséria não por causa da má distribuição e não por causa da escassez. Desse ponto de vista porque motivo a marginalização voluntária dos hippies será mais parasitária do que a marginalização forçada dos guetos? A economia é capaz de passar muito bem sem toda essa mão-de-obra¹⁵⁰.

Se concordarmos com este teórico, entendemos que o capitalismo não necessitaria fundamentalmente dos hippies para manter-se. Citando as palavras do artesão Carlos Alberto, conhecido como Cava, podemos perceber alguns reflexos desta linha de pensamento no qual o trabalho está relacionado com a natureza e com a simplicidade, portanto bem distante das grandes indústrias capitalistas:

Aprendi com o primitivismo, pegar um pedaço de pau e transformar em alguma coisa, é arte cem por cento. Você não precisa de oficina, não precisa de recurso mecânico nem elétrico.[...] totalmente livre e isso é arte. Eu vejo aí, aprendi por aí a transformar, para a sobrevivência, um pedaço de pau, a natureza morta. Eu já tenho esse espírito assim de preservação. Eu não tiraria nada vivo, não sacrificaria (uma árvore) acho tudo morto, com várias formas
151

Novamente, observamos nas palavras de Cava, uma exaltação da preservação da natureza. Até mesmo as ferramentas de trabalho de Cava não necessitariam de energia elétrica e sua utilização. De fato, Cava afirmou ser um homem que, até mesmo, não possui conta no banco e que algumas de suas roupas ele mesmo fez. E, às vezes, as fez com tecido perdidos na praia. O mesmo discurso foi observado nas palavras de Jairo. Aliás, Jairo disse – com as mesmas palavras de Cava – que não tinha conta em Banco e que nunca fez questão disto. Jairo afirmou que quando ele vai para alguma cidade, seja Salvador, São Paulo ou qualquer outra, ele se sente atormentado. Ele se vê como um homem que só se sente bem vivendo com a natureza, de forma ecológica e que nunca fez questão de ter muitas posses. Jairo tem 2 filhos, um militar e outro ainda jovem que mora com a mãe em São Paulo¹⁵².

¹⁴⁹ ROSZAK, Theodore. **A Contracultura**. Petrópolis - Rio de Janeiro: Vozes, 1972. p. 41.

¹⁵⁰ Idem. p. 46.

¹⁵¹ ALBERTO. Carlos. Entrevista. Arembepe – BA, em 12/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº3 (120 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

¹⁵² JAIRO. Entrevista. Arembepe – BA, em 12/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº3 (120 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

Desta forma, talvez seja possível entender que os hippies não afetariam tanto o grande sistema econômico vigente. No entanto, mesmo vivendo simplesmente, com o passar dos anos e, sobretudo, com a fixação, os moradores da Aldeia sentiram que era necessário obter recursos financeiros mais frequentes que pudessem dar prosseguimento ao sonho. Nossa pesquisa indica que, seja qual for a modalidade de artesanato ou arte, os trabalhos artísticos exercidos na Aldeia pelos hippies foram, desde o começo, a alternativa encontrada pelos “malucos” para a sua sobrevivência sedentária na Aldeia. Para os hippies, as diversas formas de artesanato nunca foram um trabalho opressor, mas uma arte que possibilita sua sobrevivência marginal, plena e feliz. Eles, de fato, não tinham trabalhos, empregos, ou atividades formais próprias dos trabalhadores urbanos do comércio, indústria e serviços, cuja responsabilidade de seguir um cotidiano com horários a cumprir – nas empresas ou corporações, sejam públicas ou privadas – torna-se incompatível com a ideologia de vida ou da utopia hippie. Inclusive, saíram de empregos deste tipo e foram viver na Aldeia, nas palavras deles, uma espécie de *droup out* ao *establishment* tecnocrático.

Ilustração 11 – galpão de vendas



Centro de Artesanato em Arembépe – Foto do Arquivo Pessoal do Pesquisador

Para os hippies que se fixaram neste período da Aldeia, eles próprios, separadamente, fazem o seu cálculo e seu planejamento de labuta, trabalho necessário a sua subsistência e calculam o tempo livre pra se dedicar a outras atividades cotidianas que não seja apenas a “luta pela sobrevivência”.

O morador Álvaro Machado afirma que cada um busca esse equilíbrio: “Não adianta você ter um poder aquisitivo, né? Ter... Eu não tenho poder aquisitivo, né? É você ter muito, [...] ou você querer viver manguendo, né? Você tem que ter esse equilíbrio, né? Você tá equilibrado manguendo? Então viva manguendo”¹⁵³. Segundo Álvaro, cada um que está na estrada vivendo do artesanato escolhe seu equilíbrio, ou seja, o tempo de trabalho necessário para prover sua subsistência de acordo com os padrões de poder aquisitivo que, para os malucos de estrada, geralmente representa prover o básico da alimentação, nem sempre se preocupando com hospedagem. A principal característica da vida na estrada é a liberdade. Nas palavras de Eduardo, “um maluco de BR”:

Quando agente está assim viajando na BR, a primeira coisa que a gente faz é acordar, fazer higiene e vamos buscar a alimentação, aí se não tiver uma grana na hora, vamos tentar vender, né? Por isso que às vezes, quando vocês passam, a gente diz: ei moça vem cá, faz favor, aí chama, vai vende um artesanato, toma um café e já vai trabalhar, fazer artesanato, a gente vende, vem a hora do almoço, assim vai. Se chegar a hora de dormir, tiver uma ponta legal, vai pra uma pousada, um hotelzinho barato, senão, arma a barraca numa praça, em qualquer lugar, vai de mocó¹⁵⁴, vai tirar um cochilo. Nós curtimos também, bebemos, curtimos. Nós vivemos da liberdade, ao Deus dará. Deus dará a liberdade e felicidade para nós todos¹⁵⁵.

Para alguns autores que pesquisaram sobre contracultura, a atitude hippie de viver na periferia e se contentar apenas com as migalhas do capitalismo é um fator de crítica contundente, como a afirma, por exemplo, a autora Patrícia Marcondes de Barros:

No que diz respeito aos *hippies* brasileiros, logo se tornaram figuras também folclóricas, vendendo artesanatos nas ruas das grandes cidades, encaminhando-se para a Bahia, aceitando passivamente as migalhas que o “sistema” lhes oferecia, sem na verdade partirem para experiências mais profundas, em termos de alternativas existenciais ou de produção e veiculação de informações artísticas ou culturais¹⁵⁶.

¹⁵³ MACHADO, Álvaro. Entrevista. Arembepe – BA, em 12/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº3 (120 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

¹⁵⁴ Mocó significa procurar um lugar meio escondido, mas não muito escondido, para armar a barraca em qualquer lugar conveniente.

¹⁵⁵ Eduardo de 25 anos é um “maluco de BR”. Esteve morando por uma temporada na Aldeia Hippie de Arembepe. É natural de Cassilândia, interior de Mato Grosso do Sul. Entrevista concedida para o documentário **Depois da Explosão de Cores: A vida na aldeia hippie de Arembepe**. Autora: Marluce Caroline Weiss.

¹⁵⁶ BARROS, Patrícia Marcondes de. **Patrimônio e Memória** - A imprensa alternativa da contracultura no Brasil (1968-1974): Alcances e desafios. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.1, n.1, 2005. p. 91.

Esta visão que Patrícia Marcondes expõe no seu trabalho, pode até parecer uma observação pertinente à realidade, mas de acordo com a proposta de vida escolhida pelos malucos de Areembepe, isto não é, efetivamente, fundamental. Muitos podem pensar que a opção de vida dos hippies se deu por questão de necessidade, mas na realidade, viver de artesanato foi uma opção de vida. Nas palavras de Alisson:

Assim, a gente vive nessa vida, não é assim por uma precisão, tá ligado? É por opção de vida mesmo, não é por precisão, é por opção. Então pra sobreviver precisa ‘trampar’, não é? Que a gente optou por viver essa vida, conhecer esse mundo, alternativamente mesmo, a única opção d’a gente é fazer artesanato mesmo, música, né? A gente vive viajando assim, de BR em BR, de cidade em cidade, conhecendo esse Brasil, esse mundo aí, e não podia deixar de conhecer aqui, né¹⁵⁷.

Nossa pesquisa indica que os hippies optaram por viver desta forma, adotando certos pressupostos gerais do estilo de vida hippie, mas tais pressupostos não configuram, por exemplo, um projeto revolucionário de tomada de poder. E a teoria desenvolvida por Marcuse pode nos auxiliar na compreensão desta atitude de viver na estrada em busca de plena liberdade. Este filósofo não abandona os princípios do materialismo histórico proposto por Marx, mas incorpora aspectos culturais e mentais provenientes da psicanálise de Freud, que para explicar os processos mentais vai buscar a origem no processo civilizatório desde a mitologia. Segundo Freud, interpretado por Marcuse, para que Eros possa construir a civilização é necessário que a energia, agressividade, a pulsão erótica dos indivíduos contra a própria civilização seja controlada. Para não colocar em risco o trabalho de Eros, o papel da sublimação é fundamental, já que a atividade civilizatória envolve necessariamente a dessexualização e o enfraquecimento da pulsão de vida dos indivíduos, pois:

A cultura exige sublimação contínua; por conseguinte, debilita Eros, o construtor de cultura. E a dessexualização, ao enfraquecer Eros liberta os impulsos destrutivos. [...] Originada na renúncia e desenvolvendo-se sob a progressiva renúncia, a civilização tende para a autodestruição¹⁵⁸.

¹⁵⁷ Alisson de 23 anos é um “maluco de BR”. Esteve morando por uma temporada na Aldeia Hippie de Areembepe. É natural de João Pessoa na Paraíba. Cf.: “**Depois da Explosão de Cores:** A vida na aldeia hippie de Areembepe. Autora: Marluce Caroline Weiss; e, ainda, SANTOS, Daniele Sousa. In: Anais da I Mostra de Pesquisa: especialização em História do Brasil. São Bento: Faculdade São Bento, 2009 p. 03-07.

¹⁵⁸ MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização:** uma interpretação do pensamento de Freud. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Jahar. 1969. p. 87.

Segundo Marcuse, para o pai da psicanálise, Eros só constrói a civilização quando é necessário que haja um vasto repertório de sublimações. Seguindo esta hipótese, encontramos uma categoria indispensável para a vida em sociedade: o *trabalho*, que em geral não representa uma atividade agradável, que contribui para proporcionar felicidade, pois como necessita esforço, o indivíduo terá que usar a energia erótica, a pulsão de vida para executar a tarefa¹⁵⁹. A tesoureira da AMAH, Ivana Mascarenhas, é um exemplo de quem foi uma trabalhadora convencional e não se adaptou à tal rotina a qual maioria dos trabalhadores vive. Ela afirma que trabalhou na Secretaria de Planejamento e Tecnologia – SEPLANTEC e na Prefeitura de Camaçari, mas largou tudo para continuar vivendo na aldeia e vendendo seus colares e pulseiras no barracão da comunidade. “Assim, estou bem melhor”, diz. Sobre estas atividades e “trabalhos alternativos”, Marcuse, entende que existem tipos de atividade que podem estar a serviço de Eros e não sublimar o impulso erótico.

Há um modo de trabalho que oferece um elevado grau de satisfação libidinal, cuja execução é agradável. E o trabalho artístico – sempre que genuíno – parece brotar de uma constelação instintiva não-repressiva e visar finalidades não-repressivas – tanto assim que o termo sublimação parece requerer considerável modificação se o aplicarmos a esse gênero de trabalho¹⁶⁰.

O trabalho artístico seria, pois, um exemplo que constitui uma exceção ao aspecto de negativo que o indivíduo atribui ao trabalho, fonte de insatisfação, em oposição ao lazer fonte de prazer¹⁶¹. Com efeito, enfatizamos que, para os hippies, o trabalho manufaturado dos artesanatos era prazeroso e não restringia, de modo algum, sua liberdade, sua opção de vida. Ao contrário, seu trabalho artístico livre possibilitava sua vida livre. E, a partir da chegada dos hippies fixos da Aldeia, o trabalho com o artesanato tornou-se a principal atividade de subsistência dos alternativos.

¹⁵⁹ Idem. p. 55.

¹⁶⁰ Ibidem. p. 88.

¹⁶¹ Ibidem. p. 50.

Ilustração12 – galpão de vendas



Centro de Artesanato da Aldeia – ano 2013 – Foto do Arquivo do Pesquisador

Sobre o trabalho artesanal na Aldeia, Roque, um nativo de Arembepe que conviveu com a chegada dos “mochileiros” e turistas estrangeiros ao longo da história da Aldeia Hippie, explica:

Por que antes, o movimento hippie era esse, era ficar ali na boa, na beira do rio ali deitado, tomando banho, tomando sol e fumando ali um “negocinho”, curtindo e sempre tinha um... de noite fazia uma festa, fazia aquela fogueira, todo mundo em volta da fogueira com violão, tocando e ali fazia uma alimento, comia, fazia... tipo havia uma união, entendeu? Então tinha ali uma grande união. Então quando eu falo desse movimento foi que o brasileiro também penetrou nessa situação, foi se deixando levar com esse movimento. Só que o tempo foi passando e no caso todo mundo precisa comer, né? Então teria que fazer o que? Trabalhar. Eles (os estrangeiros) já tinham condições e os brasileiros não tinham condições, por isso que surgiu o que? O artesanato, hoje já tem ali o Centro de Artesanato, o pessoal vive disso¹⁶².

A entrevista de Roque, de fato, vai ao encontro de nossas conclusões sobre este tema. A fixação dos hippies na aldeia implica a necessidade de uma renda pessoal mais contínua. E o artesanato, antes esporádico, se tornou o meio mais utilizado para suprir tal demanda. Daí, entendemos serem corretas as observações de Roque. Concluímos que

¹⁶² Roque. Entrevista. Arembepe – BA, em 12/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº3 (120 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

o estilo de vida dos hippies se modificou com a sua fixação na Aldeia e a intensificação do trabalho manufaturado, a criação do centro de artesanatos e a melhoria das barracas tem relação direta com esta nova configuração. Os hippies continuavam tentando viver com seus ideais da década de 70, no entanto, outro fator consequente da fixação dos moradores da década de oitenta irá modificar bastante a vida na Aldeia. Este fator foi o nascimento dos filhos e todas as amplas necessidades e transformações oriundas desta mudança. Na próxima seção, examinaremos estas mudanças, assim como teceremos mais considerações sobre o estilo de vida na Aldeia.

2.3. Estilo de vida Hippie

Nesta seção, focando o período de sedentarização na década de 1980 e 1990, iremos expor e avaliar alguns aspectos do estilo de vida dos hippies, assim como a questão das drogas na Aldeia. Igualmente, começaremos a avaliar que, ao longo da década de setenta, nossas fontes jornalísticas sobre a Aldeia de Arembepe foram encontradas, exclusivamente, nas seções policiais (sendo todas sobre drogas e crimes). Depois, nas duas décadas seguintes, estavam exclusivamente nas seções dedicadas ao turismo.

Examinando o estilo dos hippies em Arembepe, que tanto chamou e ainda chama à atenção dos turistas, podemos começar – voltando no tempo – ressaltando que, até a década de 60, havia o sentido de vestir-se de maneira que homens e mulheres deixassem evidentes as diferenças de sexo e posições sociais. Com a difusão do jeans e a explosão da moda hippie, isto começou a mudar. A chamada sociedade tradicional de fins da década de sessenta, e também uma parte da imprensa, viu neste passo ousado uma quebra imperdoável das tradições de elegância. A emblemática frase de Ronald Reagan define bem tais concepções, pois este ex-presidente, na época, ainda governador de um Estado que viu de perto o aparecimento dos hippies, afirmou que eles “se vestem como Tarzan, tem o cabelo de Jane e cheiram como a Chita”¹⁶³. Portanto, para muitos da opinião pública do fim da década de sessenta, os hippies eram marginais em desalinho com a sociedade, sendo, a maioria, viciados em drogas, que procuravam apenas o divertimento numa direção oposta às noções de carreira e profissionalização

¹⁶³ REAGAN, Ronald. Governador da Califórnia se referindo aos Hippies. In: **Contracultura Hippie**. 1967. Disponível em: <http://actnaturallyhippie.blogspot.com.br/>. Acesso em: 25/04/2013.

característicos da geração de seus pais. E, para estas pessoas, vistas como tradicionais, os hippies usavam roupas de gêneros indefinidos.

Com efeito, no movimento hippie, por exemplo, reduziram-se as características de diferenciação entre as vestimentas de homens e mulheres, assim como as mudanças nos cabelos. Até então, os homens só usavam cabelos curtos, havendo um número muito pequeno de mulheres que ousavam cortar seus longos cabelos. Quanto ao cheiro dos moradores na Aldeia de Arembépe, foi possível observar que existe o banho diário, embora o uso de desodorantes e outros produtos como os cremes, sejam percebidos como relativamente desnecessário.

Quanto aos símbolos hippies temos, por exemplo, que enfatizar a famosa mandala tantas vezes vista em Arembépe. Este símbolo foi criado pela *Campaign for Nuclear Disarmament*, na Inglaterra, e posteriormente adotado pelo movimento hippie. Foi desenhado por Gerald Holtom, um designer inglês, em 1958. O símbolo é uma composição das letras N e D (Nuclear Disarmament). Na sinalização com bandeiras, a letra "N" é formada por uma pessoa que segura duas bandeiras em um "V", de cabeça para baixo, e a letra "D" é formada segurando uma bandeira apontada diretamente para cima e a outra reta pontuda abaixo. Os dois sinais foram sobrepostos, formando o símbolo da paz. No desenho original as linhas se alargam na extremidade do círculo.

E a própria nudez ou seminudez de homens e mulheres podia e ainda pode ser observada na Aldeia. As roupas devem ser simples, alegres, coloridas e refletir a personalidade de quem as veste. Qualquer coisa além seria supérflua. Na Aldeia do novo século, os hippies afirmaram que os banhos nus ficaram mais raros, devido a presença do Projeto Tamar e de turistas vindos através de empresas.

Ilustração 13 – Hippies nus



Disponível em: <http://fashionbubbles.com/historia-da-moda/tribos-urbanas-movimento-hippie/>. Acesso em: 24.12.2013

A nudez fez grande parte da cultura *hippie*, conforme é possível observar na figura, tanto como uma rejeição a repressão sexual de seus pais, quanto como uma declaração sobre o naturalismo, à espiritualidade e, principalmente, a liberdade.

Os hippies, em Arembepe, incluíram em seu universo adornos em geral. Em termos de bijuterias, podemos observar as pedras, assim como o símbolo da paz, as penas e as cores bem variadas e coloridas foram essenciais nos modelos da época. Os óculos pequenos de lentes redondas e coloridas até hoje são associados aos hippies. Cores marcantes, os lenços ou faixas amarrados na altura da testa eram usados por homens e mulheres. Os acessórios de couro como as bijuterias rústicas, feitas manualmente, também tiveram e ainda estão em grande uso. Outro detalhe a se observar na vila de Arembepe, concernente aos produtos que eram utilizados por seus moradores, é a sobreposição de colares.

Assim, em Arembepe, fabricar e misturar colares de texturas, cores e formas diferentes, mostrava um ar mais artesanal e rebelde na aparência. Quantos aos turistas, os hippies coloridos os recebiam produzindo artesanato e cantando canções de Gilberto Gil, Caetano Veloso e Janis Joplin, os quais – os hippies sempre lembram – passaram temporadas na aldeia. O passeio não é nem um pouco monitorado, pois eles entravam na vila, caminhavam entre as casas e conversavam como os habitantes. Depois, em um final de tarde, poderiam tomar um banho nas águas do Rio Capivara.

Segundo o Jornal A Tarde, o estilo de vida hippie da comunidade nem sempre era bem vista pelos moradores da Aldeia.

Na aldeia todo mundo se conhece pelo nome ou apelido, mulheres e homens tomam banho nu no rio sem qualquer constrangimento, costume, aliás, que não é visto com bons olhos pelos moradores de Arembepe, os quais condenam muitas outras manifestações e comportamentos dos habitantes da Aldeia, tidos como “malucos”, “hippies” e “maconheiros”. Às vezes chegam a acontecer pequenos atritos entre as duas partes, motivadas pelo moralismo e a intolerância, na maior parte dos casos, mas a vida e a convivência continuam, apesar de tudo¹⁶⁴.

No entanto, para os hippies, a intenção não era a de criar problemas para a Vila de Arembepe. Apenas de viver naturalmente mostrando seu desapego em relação aos valores tradicionais e protestar, também, do ponto de vista de sua vida simples, nudez

¹⁶⁴ Tombamento pode tirar parte do encanto da Aldeia Hippie. Jornal **A Tarde**. Salvador – Bahia. Quinta-feira, 08/09/90. Caderno Geral. p. 02.

ou vestuários despojados, o desperdício da sociedade de consumo. Nesse sentido, “o estilo da juventude exteriorizava seus ideais de liberdade, mostrando a falta de preocupação com a estética ‘certinha’ das décadas anteriores”. Desenvolveram o Encontro Nacional de Comunidades Alternativas - ENCA, reunindo-se uma vez por ano para debater a organização do movimento, enquanto os *beats* e hippies tinham a prática da espontaneidade. Diante disso, a “mensagem anticapitalista” dos hippies adotava roupas de segunda mão, de artesanato e de lojas de excedentes de roupas do exército americano. Rejeitavam o luxo desnecessário, fazendo um estilo próprio. Eram a favor da autenticidade, do “faça você mesmo”. Pode-se dizer que o hippie se libertou das “roupas e do estilo de vida dos adultos caretas”. Em resumo, ao receberem os turistas, ou na intimidade de seus lares, com suas *tatoos*, colares de mandala e roupas simples, os hippies, em Arembepe, não tinham compromisso com a “elegância tradicional” e sim com a ideia que entendem de compor o seu estilo pessoal libertário.

Ilustração14 – Alceu, morador da Aldeia



Alceu e seu estilo hippie – morador de Arembepe. Foto: Acervo do Pesquisador

Examinando agora o uso das drogas, nossa pesquisa indica que, em Arembepe, de modo geral, os *hippies* eram usuários de alguns tipos de drogas. A maconha majoritária e algumas outras, como o LSD (iniciais em alemão de ácidolisérgico). Maconha e haxixe eram drogas consideradas leves e consumidas em festinhas e reuniões. Em Arembepe não observamos se existem pequenas plantações dentro ou fora de casa. Segundo os moradores, drogas sintéticas, como o LSD, eram mais usadas em experiências místico-religiosas chamadas de “viagens coletivas”, onde, por vezes, havia um líder espiritual que conduzia o ritual, incluindo a meditação oriental como forma de

atingir a expansão da consciência. É importante ressaltar que essas “escapadas” usadas pelos hippies por meio das “viagens” psicodélicas, muitas vezes tiveram resultados desagradáveis, como internamentos.

Neste momento, é possível situar e começar a análise do jornal baiano *A Tarde*, o qual foi uma importante fonte de pesquisa para esta dissertação. Nele, foi possível observar como a Aldeia foi repercutida pela imprensa ao longo das três décadas. Coletamos dezenas de notícias mais diretamente concernentes a Aldeia Hippie de Arembepe. Estes dados, depois de separados por tema, por período e interpretados, ajudaram em algumas de nossas conclusões. As fontes que encontramos, depois de organizadas, tomaram a seguinte forma abaixo:

Notícias do Jornal A TARDE envolvendo a Aldeia de AREMBEPE:

TEMA	Década de 70	Década de 80	Década de 90
CRIMES	3		
TURISMO		7	12
LUTA PELA POSSE DA TERRA			5
PROJETO TAMAR E ALDEIA			6
FIM DO SONHO HIPPIE			6

Nota-se imediatamente que a Aldeia Hippie, na década de setenta, quase não foi noticiada. Somente três notícias foram dadas nesta época. Tão importante quando esta ausência é o fato que, do trio de notícias desta época, todas estão relacionadas à crimes. Para os leitores do jornal *A Tarde*, seria correta, ao menos como uma primeira impressão, que Arembepe não seria um lugar de turismo ou um paraíso, mas um lugar de drogados e criminosos. De fato, entendemos que as três notícias sozinhas não poderiam jamais significar que a Aldeia, na década de setenta, era um lugar de drogados e criminosos, mas certamente indicam que, ao menos para os jornais, Arembepe não era ainda o paraíso dos sonhos hippies e muito menos um lugar turístico apoiado pelos poderes instituídos, o qual deveria ser visitado.

Na década de oitenta, temos somente sete notícias, mas, desta vez, já são sobre turismo. Nota-se igualmente, que nesta década e na década de noventa, simplesmente não encontramos nenhuma notícia de crimes relacionadas à Aldeia. Todas as repercussões seriam sobre turismo, história e disputas por terras. Areembepe, nas folhas do *A Tarde*, seria então o paraíso da tranquilidade, o reduto vivo da história dos hippies, a charmosa Aldeia que ladearia e seria parceira do Projeto Tamar. De fato, nossa pesquisa indicou que, após a criação do projeto Tamar, a história da Aldeia hippie estaria, de certo modo, muito vinculada a história deste projeto. Estes temas e o vínculo serão observados melhor no capítulo terceiro. Aqui cabe enfatizar que, nas décadas de oitenta e noventa, nenhuma notícia foi encontrada, ao menos neste jornal, acerca de drogas ou crimes na Aldeia de Areembepe.

Certamente, nesta época, os hippies não deixaram de usar algumas drogas ilícitas, mas isto já não seria mais repercutido. Retomaremos a interpretação destes dados no capítulo três. A descrição do estilo de vida Aldeia feita por um visitante na década de noventa, corrobora as nossas observações e algumas de nossas conclusões:

Na Aldeia, olhando o horizonte, vi barquinhos de pescadores em alto mar. Qualquer um pode apreciá-los subindo nas dunas. Por trás delas, famílias inteiras traduzem na rusticidade um meio de viver em maior contato com a natureza. São os cabeludões: artesãos, moradores da Aldeia de Caratingui, que não ligam para o conforto nem para os eletrodomésticos. Como já disse, não há energia elétrica na Aldeia. Viver nesta tribo baiana é se acostumar com o aroma de peixe frito à beira do mar calmo e cristalino, que se mistura com a brisa da tarde, que de vez em quando traz um leve cheiro de maconha no ar.¹⁶⁵

165 MARTINI, Austi. **A Simplicidade das Coisas.** Disponível em:
<http://asimplicidadedascoisas.wordpress.com/2005/11/18/arembep-uma-visao-do-paraiso/> Acesso em:
 01/03/2012.

Assim, na década de noventa, os turistas já podiam observar uma aldeia com grandes casas de dois andares, um centro de artesanato, uma escola e moradores fixos. Tudo isto somado as festas, bebidas, drogas, banhos de rio e conversas sobre viagens feitas na América Latina e no mundo.

Nossa pesquisa indica que o uso das drogas está relacionado também à prática da medicina homeopata. Esta se apresenta como um tema importante, como reação à medicina alopata que utiliza produtos artificiais para atacar os sintomas e não as causas. A homeopatia, para o movimento em geral, e também em Arembepe, seria como uma busca do equilíbrio energético do organismo com a natureza. Enquanto a medicina alopata tem o foco nos sintomas e utiliza a cirurgia para extirpar a doença, a homeopatia, para os hippies, evitaria intervenções cirúrgicas sendo a única realmente natural. É possível situar igualmente que certas drogas, assim como a religião, estavam totalmente associadas aos hippies, estando uma inserida na outra.

As experiências com as drogas foram um degrau na procura de outras formas de alcançar uma consciência maior. A utilização das drogas abriria espaço para a vivência de estados alterados de consciência. As roupas e certos aspectos do estilo de vida apontavam para uma série de valores existentes na aldeia que permaneceram desde a década de sessenta. Certamente, o discurso dos hippies da Aldeia na década de oitenta ainda é bastante semelhante ao da década de sessenta, embora já existam modificações importantes, como a ênfase nos problemas de fixação na Aldeia e em algum trabalho mais perene. Necessidades estas que, como vimos, acabaram levando para as várias formas de artesanato.

E o centro de artesanato, a escola, as novas casas, o turismo crescente, a propaganda positiva dos jornais, a organização dos hippies, o apoio da prefeitura, tudo isto chamará a atenção da pessoa que acredita ser o verdadeiro dono das terras. A posse das terras da Aldeia já não poderia ser mais informal. As instituições e necessidades jurídicas, as quais os hippies tanto desejavam se livrar, se tornariam ainda mais necessárias. De fato, a comunidade iria enfrentar, a partir da segunda metade da década de noventa, uma batalha jurídica por sua permanência/longevidade. Igualmente, um projeto ecológico irá criar laços com a Aldeia. Estes serão os temas do próximo capítulo.

“A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.”

(Eduardo Galeano)

Capítulo III – (1992–2012) Conquista da terra e disciplinarização do poder público

3.1. Luta pela posse da terra

Neste capítulo serão abordados três problemas: a luta pela posse da terra onde se localiza a Aldeia Hippie, as contínuas transformações nos modos de vida e ideais dos moradores e, por fim, avaliar o que pode ser historicamente compreendido enquanto um fim da comunidade, ou as transformações no cotidiano que transformou a vida comunitária, reconhecida como uma Aldeia Hippie. Para tanto, nesta primeira seção, examina-se a luta institucional pela posse da terra, pois um senhor, chamado Franz Gedeon, apresentou alguns documentos demonstrando que as terras onde se localiza a Aldeia em que afirmava ter direito de propriedade sobre aquele território e exigia a posse ou a indenização do terreno.

* * *

Talvez, o momento histórico que primeiramente demarque o desejo da comunidade de lutar por sua permanência em Arembepe seja a expulsão do capataz do fazendeiro – que, para os hippies, se dizia dono do lugar. De fato, em uma seção anterior, já foi explicitado que, em 1984, o capataz do fazendeiro já se encontrava na região e, de acordo com Alceu: “quando eu cheguei aqui na Aldeia, esse cidadão já estava aqui tomando de conta destas terras, mas mesmo assim, a galera chegava e ficava numa boa”¹⁶⁶, mas só eram bem vindos os mochileiros que armavam sua barraquinha, pois “se alguém queria fazer alguma cabanhinha (de palha) ela não deixava porque já era ordem do patrão dele pra não deixar ninguém fazer nada”¹⁶⁷. Logo, os hippies sabiam que ele não era o proprietário da terra e resolveram expulsar o funcionário. O capataz, possuidor da singela alcunha “João do Boi”, não era conhecido dos hippies por seus gestos elegantes, simpáticos e por seus bons tratos de etiqueta social.

Alceu ainda lembra que “até que chegou um certo ponto que nós, depois de um certo tempo aqui, uns 5 ou 6 anos, resolvemos botar esse cara pra fora, daí começou já a gente querendo lutar pelos nossos direitos da terra. O morador afirma que todos os alternativos sabiam que “como ele era um ‘testa de ferro’, chegou um momento em que a gente expulsou ele. Não foi violência, não teve sangue, mas teve uns ‘catiripapos’”¹⁶⁸.

¹⁶⁶ VICENTE, Alceu. Entrevista. Arembepe – BA, em 12/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº3 (120 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

¹⁶⁷ Idem.

¹⁶⁸ Idem.

Os hippies realmente expulsaram de forma definitiva o funcionário de Franz Gedeon, o suposto proprietário. Alceu narra que: “ele era grandão, era um pouco valente e aí tivemos que dá uns ‘catiripapos’ nele e daí, não violentamente, pois a gente não queria tirar sangue de ninguém. Uma questão de verdade mesmo, a gente aplicou um corretivo muito forte e ele entendeu a questão e saiu fora”¹⁶⁹ Este momento foi, portanto, fundamental. Como interpretamos este depoimento?

Além de ser um ato de força dos moradores, não foi um ato apressado ou intempestivo. Nossa pesquisa indica que não foi um evento totalmente tranquilo, embora, até onde pudemos verificar, não existem razões para duvidar do depoimento do morador Alceu – participante ativo da ocorrência – quando ele disse que “não teve sangue” no ato da expulsão do “João do Boi”. Interpretamos o depoimento como uma fonte que aponta para uma comunidade que, depois de esperar uns cinco ou seis anos – o fato teria ocorrido em 89 ou 90? –, sentia-se dona o suficiente da terra para lutar por ela. Mesmo que o depoimento de Alceu não expresse, já observamos nas seções anteriores que os hippies haviam se organizado, estavam trabalhando, criando seus filhos, e já tinham um – muito importante – apoio da prefeitura de Camaçari, que passou a observar a comunidade como um atrativo para turistas.

Em suma, o que motivou de fato os moradores a expulsarem o capataz, foi a noção deles efetivamente se sentiram os donos da terra. Mas, o dono legal das terras não iria simplesmente aceitar a situação. Ele iria lutar juridicamente. Por conseguinte, nossa pesquisa indica que, nesse momento a comunidade já se sentia forte, estava simbolicamente unida, inclusive criando laços de forma definitiva com o local.

Em 2013, a questão da posse das terras, continua sendo um assunto tabu para os moradores da Aldeia. Não é raro que um estudante de história, antropologia, geografia ou qualquer outra área, apareça na Aldeia, com declaradas intenções de estudo, inquirindo os moradores a respeito do lugar, incluindo em seus questionamentos, o problema da posse da terra. Quando isto acontece os moradores da comunidade, até onde pudemos observar, sempre os recebem muito bem – como fazem com todos, aliás – e respondem as pergunta com boa vontade. No entanto, quando o assunto “posse da terra” vem à tona, eles falam que preferem não comentar ou que não sabem como está a situação do processo. Em alguns casos, além de não falar sobre o tema, explicaram que quanto mais o assunto for esquecido, melhor será.

¹⁶⁹ VICENTE, Alceu. Entrevista. Arembepe – BA, em 12/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº3 (120 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

No nosso caso, ao ser indagada sobre o assunto, Graça Menezes, uma de nossas principais informantes, respondeu objetivamente: “Não sei como está a questão da terra aqui, mas já que você vai fazer essa discussão, quando você souber, me conta como está”¹⁷⁰. É importante ressaltar que, durante a nossa pesquisa, a moradora Graça pareceu ser uma das mais bem informadas do lugar. Conversando com o artesão Luís Cerqueira com o gravador desligado, observamos ele explicar que falar sobre o tema seria ruim, pois “aquele que se dizia dono da terra” poderia ler esta dissertação e tomar alguma nova atitude jurídica. Independente da possibilidade de um dono de terras de Camaçari ler uma dissertação de mestrado em história da Universidade Estadual do Ceará, o importante é observar que ele só disse isto, devido ao gravador estar desligado. Efetivamente, foram gravados vários momentos com ele, mas nesta entrevista (no momento em que assunto “posse” veio à tona) ele não teve a mesma desenvoltura e boa vontade na entrevista formal. Durante a entrevista ele disse apenas: “A terra é dos hippies, eu tenho a minha vida, o meu trabalho e o meu patrimônio aqui. Não quero ressuscitar fantasmas”¹⁷¹. A expressão “não quero ressuscitar fantasmas”, para a nossa pesquisa é muito significativa, pois o medo de falar sobre o tema foi exatamente a explicação que adotamos para certas “ausências de colaboração” em alguns depoimentos e, sobretudo, em conversas informais, sobre esta importante questão.

Percebe-se com isto que o assunto é um tabu por se tratar de um tema vital e estratégico para a continuidade e da vida dos alternativos naquele território. De fato, os alternativos da Aldeia Hippie de Arembepé não sentem ainda uma segurança plena acerca da propriedade do território da Aldeia para as próximas gerações. A pesquisa indica que tal medo parece justificado¹⁷². Outro aspecto fundamental no depoimento de Luiz é que ele usou a palavras “tenho meu patrimônio aqui”. Foi observado ao longo do primeiro capítulo que os hippies da década de setenta, de modo geral, tinham uma ideia mais voltada para regimes comunitários do que para regimes privados. A entrevista de Luiz, mesmo reticente, aponta para uma forte defesa de seu patrimônio privado, fixo, demarcado e construído com trabalho. Luiz, nesta entrevista, não era mais um hippie de estrada que podia, “quando bem entendesse”, sair pelo mundo viajando de alicate, sem

¹⁷⁰ MENEZES, Graça. Entrevista. Arembepé – BA, em 12/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº3 (120 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

¹⁷¹ LUIS. Entrevista. Arembepé – BA, em 12/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº3 (120 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

¹⁷² Não é improvável que a especulação imobiliária, bem como todas as outras formas de exploração econômica avance no território da chamada aldeia hippie. São muito comuns os exemplos de projetos, políticas públicas ou da iniciativa privada com a anuência dos poderes constituídos, avançando sobre áreas de preservação ambiental e históricas.

ter previsão de volta ou mesmo sabendo, se voltaria. Viajar de alicate, para um hippie, seria viajar de modo mais ou menos aleatório, sobrevivendo do seu artesanato (feito com a ajuda do alicate). A Aldeia já tinha grandes casas (algumas com dois andares), já tinha escolinha, tinha um centro de artesanato, tinha seus filhos, seus amores e amigos mais próximos, seu atelier de trabalho, um mar e um rio permeados por sua história e memória pessoal, enfim, algo que efetivamente não combina, por exemplo, com a vida dos hippies “desbundados” que, rotineiramente, aparecem na Aldeia.

Além da luta pela posse com o Senhor Fraz Gedeon, há, por exemplo, um avanço dos loteamentos de imóveis urbanos que se aproxima cada vez mais da Aldeia. Este fato é público e notório, e constitui uma ameaça real, pela força do capital (especulação imobiliária) que coloca em risco a existência da Aldeia Hippie. Anteriormente, no capítulo dois, observou-se que a prefeitura entendeu que a Aldeia tinha se tornado, ao longo do tempo, um lugar com bom potencial turístico e que tal percepção ajudou na fixação da Aldeia. Isto irá ajudar, igualmente, na luta jurídica pela posse da terra. Como correu a luta pela legalidade dos moradores em Arembepe?

Um fazendeiro chamado Franz Gedeon apresentou documentos que demonstravam que ele era o legítimo dono das terras onde fica a Aldeia. Os hippies que já tinha expulsado o seu capataz, agora teriam que lidar com questões judiciais. A comunidade ficou bastante preocupada com a situação, pois a documentação do Sr. Franz Gedeon parecia ser legal. Agora, a comunidade desejava saber quais as intenções do homem que, processualmente, parecia ser o dono do lugar que, ao longo de vinte anos, tinha sido seu lar e “paraíso”. Jairo, artesão e morador da Aldeia que afirma ter conversado com Gedeon na época das disputas, assegura que Gedeon não queria expulsar os hippies. Jairo afirmou:

Eu encontrei com o Gedeon ali na casa de Ivana, aí tava a galera conversando com ele lá. Ele disse: “Fica tranquilo Hippão. Não quero expulsar vocês. Eu só quero o meu dinheirinho da indenização né, da Prefeitura. Vocês fiquem tranquilo. As pessoas que tão aqui pode ficar”. E teve o tombamento né, fizemos a Agenda 21.¹⁷³ Foi um movimento do desenvolvimento sustentável na aldeia hippie, aí fizemos um documento¹⁷⁴.

¹⁷³ Nas palavras do entrevistado a Agenda 21 tem uma relação direta com o tombamento da Aldeia e a legitimidade da posse do local pelos hippies. O movimento hippie como parte da contracultura da década de 1960 foi importante para a popularização do termo ecologia e a idéia de preservação ambiental. No último quartel do século XX tivemos uma série de conferências que produziram protocolos internacionais com o objetivo de equacionar a questão da sustentabilidade no Planeta. Na Eco - 92 no Rio de Janeiro foi elaborado o documento conhecido como Agenda 21. Com esse pressuposto, em 2000, a Aldeia Hippie de Arembepe se tornou um laboratório em escala microscópica para a implementação da Agenda 21. Ocorreu um processo de mobilização da comunidade local e adjacência a qual culminou com um evento

Não tivemos a oportunidade de entrevistar o Sr. Franz Gedeon, mas todos que participaram das reuniões nas quais ele esteve presente afirmaram que ele disse realmente que suas intenções não eram de expulsar os hippies da terra que afirmava ser dele, mas de obter a devida indenização. No entanto, o “hippão” Jairo, assim como os outros moradores não estavam se sentindo nada confortáveis, embora tivessem a esperança de que sua presença histórica no lugar seria forte o suficiente para dar a eles o necessário ganho da causa jurídica. Veremos que não foi isto que ocorreu.

Novamente, o depoimento de Alceu Vicente ajudará na compreensão dos fatos históricos e de nossas interpretações acerca da luta legal pela apropriação do território. Segundo ele, falando sobre o senhor Franz Gedeon:

...esse cidadão... ele é um dos proprietários, que se diziam donos daqui desse sítio que era a fazenda Caratingui. Era uma fazenda, antes do movimento hippie acontecer em Arembepé. Por que o movimento hippie aconteceu em Arembepé? Arembepé era uma fazenda chamada Caratingui. Arembepé não, aqui onde tá situada a Aldeia Hippie era a Fazenda Caratingui nas margens do Rio Caratingui, que hoje é chamado o Rio Capivara e tinha os donos, mas acho que os donos morreram, e ninguém se preocupava em escriturá-las em cartório nem nada porque era precária essa questão de cartório e ia passando de filho pra filho, assim nessa questão¹⁷⁵.

Nota-se que Alceu procura deslegitimar Franz Gedeon como dono legal do lugar. De fato, para Alceu, os donos verdadeiros teriam morrido e ninguém teria retomado esta questão. O senhor Gedeon seria, na fala do morador, uma espécie de herdeiro ilegítimo. Graça Menezes, que esteve presente no contexto da chegada da primeira geração de hippies, afirma que naquela época não havia

...nada desse negócio: - De quem é essa terra? Não, não tinha este debate. Era aquela coisa. Quem é que tá? - Ah, o senhor podia arranjar uma palhinha pra mim fazer uma casinha aqui pertinho do senhor? Tá? E aí vamos exercitar, vamos usar desse ar, dessa natureza que lá fora tava tudo explodindo já né. Lá na Europa, naquela época a guerra do Vietnã, aquela tragédia toda. Tava

cultural e festivo ocorrido nos dias 29 e 30 de maio de 2000. Em nossa pesquisa encontramos o material desenvolvido pelo Grupo de Trabalho com detalhes da Agenda 21 em Arembepé. Contendo a divulgação e publicidade em âmbito local e estadual, mobilização, diagnóstico de problemas e plano de ação a ser desenvolvido nos anos subsequentes. O material inclui ainda uma listagem completa com o nome de todos os organizadores e colaboradores do evento, uma apostila com a Agenda 21 Global e outra com a Agenda 21 Local. Nesse momento é possível verificar que a aldeia conta com 76 moradores catalogados, que deveriam ser “sensibilizados” para viabilizar a Agenda 21 em Arembepé. Cf. ATAIDE, Yara Dulce Bandeira de. In: Revista da FACULDADE ESTADUAL DA BAHIA - FAEEBA - **Educação e Contemporaneidade**. Salvador, v. 11, n. 18, p. 303-316, jul./dez 2002.

¹⁷⁴ JAIRO. Entrevista. Arembepé – BA, em 12/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº3 (120 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

¹⁷⁵ VICENTE, Alceu. Entrevista. Arembepé – BA, em 12/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº3 (120 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

todo mundo asfixiado, aí vem de lá, todo mundo bem revoltado com aquela postura das famílias né, daqueles governantes cheios de autoridade e sem nenhum sentimento, né, então tava todo mundo pirado por lá¹⁷⁶.

Como não havia ainda a preocupação, por parte dos hippies, com a questão da legalização de terras, então o fazendeiro da região, que disse ser proprietário, afirmou ter comprado a terra de algum proprietário anterior, e ter efetivado a escritura pública em cartório, pois segundo Alceu Vicente:

...então esse tal de Gedeon comprou uma dessas terras na mão de alguém que ninguém viu. Na mão de alguém que se dizia dono e aí como ele não podia tomar conta da questão ele botou um “testa de ferro” que agente chama aqui “testa de ferro”, isso já pra cuidar, pra tomar conta. Ele era denominado João do Boi, uma pessoa de um temperamento muito horrível, e ele predominou aqui por muito tempo¹⁷⁷.

Enquanto isso um processo judicial estava sendo encaminhado pela advogada do suposto proprietário, Franz Gedeon e passado um período de tempo o fazendeiro resolve entrar numa disputa pelo território, que após a decisão do Superior Tribunal de Justiça - STJ, começou a repercutir na imprensa. Durante a pesquisa tivemos acesso às reportagens e algumas delas serão citadas a seguir.

E aí o senhor Gedeon, depois de um certo tempo, depois de uns 10 anos, ele falou que queria a terra de volta e daí veio a questão que se tornou... repercutiu em jornal, televisão e tudo mais e ta na justiça. Até hoje ta na justiça a questão, mas ele embananou mais por saber que ele não tinha a possibilidade, que a história prevaleceu. Então já temos 40 anos de história que a gente vive nesse lugar. É o único local no Brasil e no mundo que ainda tem uma característica de um movimento hippie. Ainda abrigamos remanescentes do movimento hippie aqui. Aqui tem as crianças nascidas do movimento. Minhas crianças nasceram aqui. Aqui você sabe que eu fiz o parto de 5 [filhos]¹⁷⁸.

Na fala de Graça observa-se certas elementos também presentes na fala de Luiz Cerqueira. Ela não era mais uma hippie de estrada sem documentos ou patrimônio, ela, ao longo da história, tinha obtido o direito de ficar na terra. Graça também fala sobre a raridade do lugar, pois talvez a Aldeia hippie fosse a única do mundo que havia guardado as características do movimento da década de setenta. Em suma, para Graça, Jairo e Alceu, as amplas implicações históricas, familiares e temporais, apontavam para

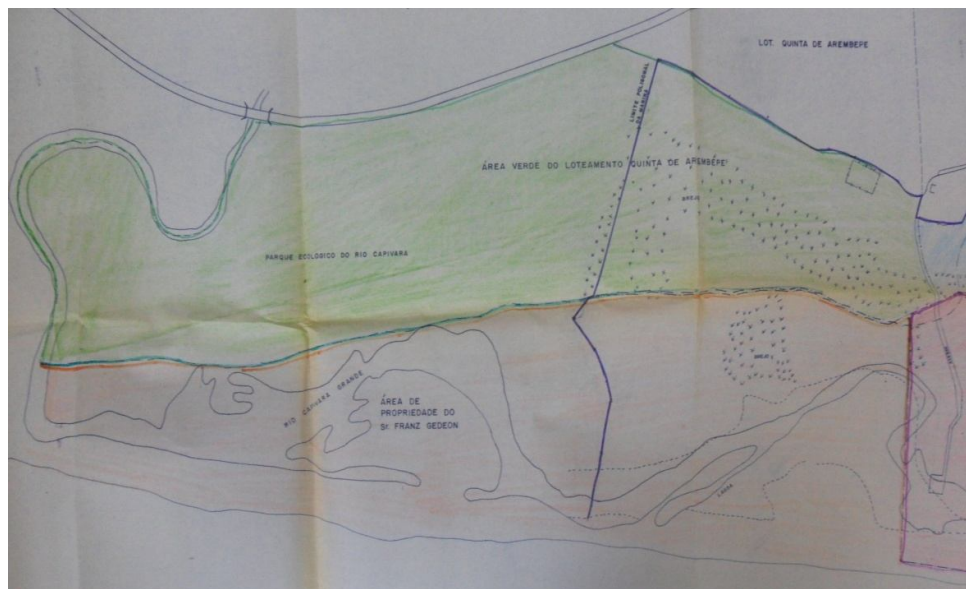
¹⁷⁶ MENEZES, Graça. Entrevista. Arembepé – BA, em 12/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº3 (120 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

¹⁷⁷ VICENTE, Alceu. Entrevista. Arembepé – BA, em 12/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº3 (120 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

¹⁷⁸ Idem.

uma única realidade legal: a Aldeia já tinha seus donos legítimos e tais proprietários são os hippies.

Se desde meados da década de 80, a preocupação era constante, o auge desse processo de luta pelo território se deu no fim da década de 1990, com o desfecho de uma longa batalha judicial que chegou ao Superior Tribunal de Justiça - STJ. Aquela corte judicante deu ganho de causa ao fazendeiro Franz Gedeon. A comunidade se viu realmente ameaçada e não havia razões fortes para eles considerarem que o Sr. Franz Gedeon desejasse apenas sua indenização. As reuniões que ocorriam na Aldeia demonstravam uma grande preocupação. Estaria a Aldeia, depois de trinta anos, perto do seu fim?



Mapa do entorno da Aldeia de Arembépe demarcando os donos das terras da região. É possível ler, na parte laranja, o nome do Sr. Franz Gedeon¹⁷⁹.

Sobre a primeira resposta judicial, que se deu em 18 de setembro de 1997, a reportagem do jornal *A Tarde* repercutiu o seguinte:

A maior parte de Arembépe agora pertence a uma pessoa apenas: o cacauicultor Franz Gedeon. Pelo menos essa foi a decisão do Superior Tribunal de Justiça, ao concluir, em 18 de setembro do ano passado, que são suas as terras reivindicadas há vários anos, dentre elas a aldeia situada nas margens do Rio Capivara, local de inspiração para muitos artistas e que na

¹⁷⁹ Este mapa é um dos anexos do documento produzido em meados da década de 1980 pelos técnicos da Secretaria de Planejamento – Seplan da Prefeitura de Camaçari. A ideia principal do documento seria conhecer a topografia e as “potencialidades” para definir a ocupação e disciplinarização da área. Naquele momento o principal objetivo seria a construção de uma marina.

década de 60 marcou o movimento hippie na Bahia. A advogada de Gedeon, Ana Cristina Barbosa Oliveira, garante que não há mais como apelar da decisão do STJ, pois o processo já tramitou em julgado¹⁸⁰.

Quando a equipe de reportagem elaborou a matéria, a advogada do fazendeiro não estava de posse do processo e não soube informar a área total, mas ela garantiu que:

...“é muita coisa”. Segundo ela, a posse que limita de um lado com a sede do Projeto Tamar, no início da Aldeia Hippie e, do outro, com a Pedra da Marca, ao longo de quase toda a margem direita do Rio Capivara até o ponto conhecido como Estrada do Rio Real. “Pode-se dizer que tudo que está na margem direita do rio pertence à Gedeon”, disse¹⁸¹.

É importante ressaltar que, nesta mesma reportagem, o Jornal não concede a palavra aos hippies, mas entrevistam o diretor do Projeto Tamar e de acordo com o biólogo que responde por aquela instituição:

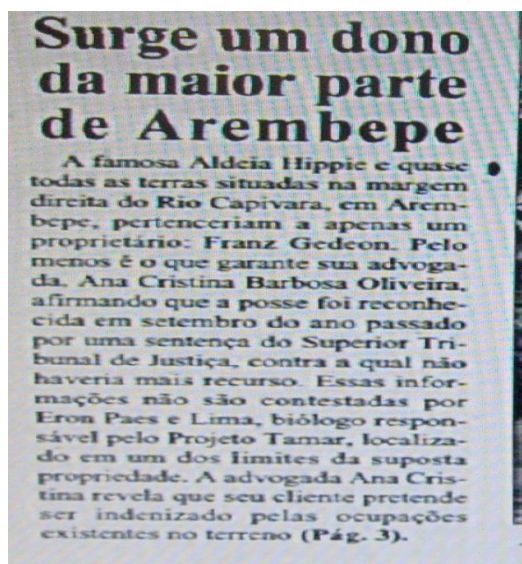
Eron Paes e Lima, biólogo responsável pelo Projeto Tamar, reconhece que essas terras pertencem a Franz Gedeon. O biólogo disse que já manteve contatos com o prefeito de Camaçari, José Tude, na tentativa de adquirir a área da aldeia, para implantar ali um parque ecológico. “Muitas espécies em extinção ainda habitam o lugar. Além das cobras sucuri, na lagoa, e das tartarugas que vêm desovar na região, muitas aves de várias partes migram para a reserva. Isso, por si só, já é um motivo de preservação”, disse¹⁸².

Nesta situação percebe-se claramente que há a possibilidade real de ocorrer o fim do movimento hippie em Arembepe. Após o poder judiciário conceder a propriedade da terra ao fazendeiro, o biólogo responsável pelo Projeto Tamar, uma importante instituição recém-chegada de reconhecida influência política e econômica, também declara interesse no território da Aldeia. Resta aos alternativos, uma chance de mobilização política, a institucionalização da Aldeia Hippie através da criação da Associação dos Moradores da Aldeia Hippie – AMAH. Os hippies de Arembepe despertam para a luta política e jurídica, uma prática que na visão dos hippies, até aquele momento, parecia desnecessária. Isto representou mais uma transformação do movimento. Por sua vez, as relações da Aldeia com o *Projeto Tamar* serão ainda examinadas com acuidade.

¹⁸⁰ Justiça diz que cacauicultor é dono de Arembepe. Jornal **A Tarde**. Salvador – Bahia. Quarta-feira, 27/05/98. Caderno Local. p. 03.

¹⁸¹ Idem.

¹⁸² Ibidem.



Destaque de capa do Jornal A Tarde noticiando que apareceu um dono para a Aldeia Hippie. Arquivo do Pesquisador. Jornal A Tarde. Salvador – Bahia. Quarta-feira, 27/05/98. Caderno Local. p.03¹⁸³.

Devido a cobertura dos meios de comunicação, a sociedade baiana teve a oportunidade de acompanhar uma reportagem que acerca de uma declaração da advogada Ana Cristina, na qual o seu cliente afirma que “ não deseja causar problemas desnecessários”. Os hippies recebiam com desconfiança estas declarações de Franz Gedeon, mesmo que a reportagem explicasse que o real interesse de Franz Gedeon seria receber uma indenização pelas terras ocupadas, pois:

...de acordo com a advogada Ana Cristina, está sendo feito um levantamento de tudo que pertence a seu cliente e, tão logo o trabalho seja concluído, os oficiais da justiça notificarão os invasores. Ana Cristina disse, porém, que seu cliente não pretende criar problemas desnecessários e que as coisas podem ser resolvidas amigavelmente. Entre o quilômetro 25 e 26 da Estrada do Coco, exemplificou, há o Loteamento Mar e Rios que Gedeon não pretende desapropriar, mas quer receber uma indenização pela área ocupada.¹⁸⁴

Como vimos no mapa anterior, a maior parte do território onde foram construídas as cabanas da aldeia pertenceria a Franz Gedeon, principalmente o entorno

¹⁸³ A famosa Aldeia Hippie e quase todas as terras situadas na margem direita do Rio Capivara, em Arembepe, pertenciam a apenas um proprietário: Franz Gedeon. Pelo menos é o que garante sua advogada, Ana Cristina Barbosa Oliveira, afirmando que a posse foi reconhecida em setembro do ano passado por uma sentença do Superior Tribunal de Justiça contra a qual não haveria mais recurso. Essas informações não são mais contestadas por Eron Paes e Lima, biólogo responsável pelo Projeto Tamar, localizado em um dos limites da suposta propriedade. A advogada Ana Cristina revela que seu cliente pretende ser indenizado pelas ocupações existentes no terreno.

¹⁸⁴ Justiça diz que cacauicultor é dono de Arembepe. Jornal A Tarde. Salvador – Bahia. Quarta-feira, 27/05/98. Caderno Local. p. 03.

do lago, para o lado da duna que divide o rio e o mar, de acordo com o documento produzido pela Secretaria de Planejamento e Tecnologia – SEPLANTEC, local onde seria construído uma marina.

No dia seguinte ao anúncio de que a justiça havia dado ganho de causa ao fazendeiro, a equipe de jornalismo do Jornal *A Tarde* elabora uma matéria dando a oportunidade para os hippies se pronunciarem na imprensa. Eles deram ênfase a sua história e a sua mobilização com fins de barrar um possível processo de expropriação do território da Aldeia. Veremos agora que a imagem da Aldeia escolhida pelo jornal para acompanhar a reportagem é bastante significativa.



Página do Jornal A Tarde na qual pode-se ler que os moradores irão lutar juridicamente por sua estadia no lugar. Eles falam que moram no lugar já há 30 anos – Arquivo do Pesquisador

A foto do jornal não apresentou um hippie solitário fumando alguma erva estranha, tocando seu violão ou vendendo sua arte. Observa-se, em uma linda paisagem de fundo, um homem com aparência de um "estilo hippie", com cabelos grandes e sem blusa, o qual está junto à sua família: sua esposa e filhos ainda crianças. Interpretamos que esta imagem é muito significativa, pois o que estava em jogo, não seria somente a expulsão de "desbundados" que deixaram seus lares em nome de ideais mais ou menos estranhos à sociedade considerada tradicional. Assim, o que estava ali posto em questão (na imagem) era o futuro daquela família, assim como de várias outras. Na parte textual, o jornal fez uma breve descrição histórica sobre a origem e o desenvolvimento do povoado alternativo expondo ainda a questão da batalha jurídica:

O sonho hippie de paz e amor junto a natureza pode virar pesadelo na aldeia que formaram há quase 30 anos em Arembepe. Após o anúncio de que o cacauicultor Franz Gedeon ganhou junto ao Superior Tribunal de Justiça o direito de posse das terras, cujo marco inicial inclui a área ocupada pelos adeptos da contracultura e se estende as proximidades do Rio Jacuípe, nas imediações da Antiga “estrada de Garcia D’Ávila”. Cerca de 60 famílias vivem na “Aldeia Hippie” que passou a ser conhecida nacionalmente nos tempos áureos do *Flower Power*, e agora temem perder o que restou do sonho¹⁸⁵.

A notícia afirma que cerca de 60 famílias poderiam perder suas casas, pois, afinal qual seria a garantia que os moradores tinham de que algum grupo milionário resolvesse comprar as terras do Sr. Franz Gedeon e esta oferta fosse mais alta do que uma indenização do Estado? A respeito de especulações envolvendo a terra, um dos hippies que concedeu entrevista, Manuel da Luz do Nascimento, conhecido como Manequinho, lembra que “há algum tempo, desconhecidos ameaçaram a aldeia”¹⁸⁶, e algo similar nos foi fornecida por Graça Menezes quando afirmou que a “especulação a cada dia é mais forte, e já passamos por muitas dificuldades com pessoas que se diziam dono da área e que mandavam a polícia queimar as casas. Já aconteceu de vir policiais fardados e queimaram 3 casas e nos assustaram”¹⁸⁷. Nesta entrevista, assim como nas outras, nota-se que a comunidade tem clara consciência de que a Aldeia está em uma região cada vez mais valorizada e que, até mesmo métodos violentos poderiam ser utilizados com o intuito de expulsarem os moradores.

Manequinho ainda concedeu uma outra entrevista afirmando que teve acesso a documentos que indicam que “Gedeon adquiriu coqueiros e não posse da terra”.¹⁸⁸ O jornal comenta que Manequinho vive há mais de 20 anos no que considera como paraíso. Junto com a mulher, Beatriz, e as duas filhas, Júlia e Glória, ele continua assistindo pacificamente um dos mais belos crepúsculos de que se tem notícias não fosse a notícia há uma semana de Gedeon na companhia do oficial de justiça”¹⁸⁹. Não conseguimos aferir com acuidade a informações de Manequinho, pois o que estava certo é que, a despeito das afirmações de Gedeon, a situação da época não permitia que ninguém da Aldeia acreditasse firmemente em um bom desfecho. A região estava

¹⁸⁵ Moradores da Aldeia Hippie de Arembepe querem ficar no local. Jornal **A Tarde**. Salvador – Bahia. Quinta-feira, 28/05/98. Caderno Local. p. 07.

¹⁸⁶ Idem.

¹⁸⁷ CERQUEIRA Graça. Entrevista. Arembepe – BA, em 12/10/2012. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº3 (120 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

¹⁸⁸ Moradores da Aldeia Hippie de Arembepe querem ficar no local. Jornal **A Tarde**. Salvador – Bahia. Quinta-feira, 28/05/98. Caderno Local. p. 07.

¹⁸⁹ Idem.

valorizada e o suposto proprietário, apesar de ter falado que só queria a indenização, poderia se render a alguma oferta empresarial vultuosa.

No entanto, Franz Gedeon, em pessoa, foi a Aldeia. Sobre este capítulo da história da Aldeia, o morador afirma que Franz Gedeon “chegou aqui e comunicou que a aldeia pode permanecer desde que seja indenizado por isso”. O morador, enfatizamos, temia, no entanto, que todos que ali vivem sejam tragados por “interesses escusos”. Na oportunidade, os moradores igualmente demonstraram que estavam atentos e bem informados sobre os projetos que os gestores da Prefeitura de Camaçari pretendiam desenvolver no local, pois:

Beatriz, mulher de Manequinho se diz surpresa quando tomou conhecimento de que “toda aquela terra tinha proprietário,” pois o secretário de Planejamento e Meio Ambiente de Camaçari, Luiz Sobral, tinha sido recentemente entrevistado pelo jornal O Estado de São Paulo, quando anunciou que o local seria tombado para ser transformado em parque ecológico¹⁹⁰

A mesma matéria também revela a posição do prefeito de Camaçari diante da questão. José Tude iria acatar a decisão da Justiça, no entanto, demonstrou o mesmo interesse em manter a Aldeia sinalizando ainda a relação da Aldeia com o Projeto Tamar como podemos observar na reportagem:

Ontem a tarde, ao deixar a solenidade de lançamento do prêmio Pólo de Segurança, o prefeito de Camaçari, José Tude, disse que nada resta a fazer a não ser acatar a decisão da Justiça”. Por outro lado, ele espera que “Franz Gedeon se sensibilize e doe a hoje histórica aldeia dos hippies ao município”, diz o prefeito, acrescentando que “acredita na boa vontade dele”. Tude se comprometeu a “analisar com profundidade a questão”. Ele, porém, referiu-se às áreas onde estão o Projeto Tamar e o serviço de meteorologia (“só existem cinco como ele em todo o mundo”)¹⁹¹

Segundo informações do funcionário aposentado do Departamento de Estradas e Rodagens da Bahia - DERBA, Ortiz Coelho – “esses terrenos pertenceram ao meu irmão Lídio Coelho e foram legalmente indenizados”. Um outro fazendeiro, o senhor Lídio Coelho, cuja família também possui grandes extensões de terra na localidade, disse que Franz Gedeon adquiriu o terreno de Antônio Souza Cunha, quando começaram a chegar os hippies, isto é no início dos anos 70. “Depois os hippies foram embora e vieram outros que já não eram tão hippies”. Ortiz nega que esteja

¹⁹⁰ Moradores da Aldeia Hippie de Arembépe querem ficar no local. Jornal **A Tarde**. Salvador – Bahia. Quinta-feira, 28/05/98. Caderno Local. p. 07.

¹⁹¹ Idem.

reivindicando junto a Justiça qualquer terreno de propriedade de sua família em Arembepe, pois todos foram indenizados legalmente, inclusive, o que onde hoje está a sede do Projeto Tamar, que pertencia a seu irmão, Lídio Coelho, e o da Tibrás, empresa do Pólo Petroquímico de Camaçari¹⁹².

Em meio a tantas informações, o certo é que, a partir desse momento os moradores se mobilizaram e iniciaram a luta política tendo como base a criação de uma instituição na Aldeia Hippie. Aconteceu, pois, o surgimento da Associação de Moradores da Aldeia Hippie – AMAH¹⁹³. A comunidade que antes acreditava que um homem podia viver até mesmo sem contas em bancos e longe de todos os processos institucionais tradicionais, teria que enfrentar uma disputa legal. Para tanto, decidiram nesta época se organizar criando uma entidade legal. A moradora Graça afirma que:

A associação veio dessa necessidade de organizar pra não perder. Então nós realmente descobrimos, veio realmente ali quando aconteceu a queima das casas né, nós nos sentimos agredidos o quê que faz? O que não faz? Conversa pra um, conversa pra outro... Ah! Não adianta se você vai sozinho falar. Tem que ter né, tem que ir em grupo, inclusive nós fomos e fizemos a representação junto ao comando de polícia né. Fomos em grupo, alguns moradores, então fomos nos despertar pra necessidade de nos organizarmos enquanto a comunidade pra resolvermos as questões que surgiam né, e surgiram muitas. Varias pessoas que chegavam assim convidando pra ser... Ah! Você vai ficar administrando isso aqui que é meu e preciso de alguém pra cuidar e tal né. Fomos resistindo, daí há pouco conseguiu um pessoa que ficou como empregado pra cuidar desse espaço... então aí vamos nos organizar vamos nos organizar... então fizemos uma primeira associação¹⁹⁴.

Trata-se de outra mudança significativa na Aldeia. A Aldeia, antes bem rústica, já tinha casas grandes, escola, centro de artesanato, estrada e casas alugadas, agora tinha uma associação formal de moradores. Sobre este tema, Alceu descreve o processo de mobilização que chamou a atenção das autoridades e de várias pessoas do mundo. Uma demonstração de que os hippies estavam famosos e se organizaram ativamente na sobrevivência da Aldeia Hippie em sua fase crucial. De fato, os hippies procuraram também demonstrar para a Prefeitura que a comunidade não era apenas parte da história de Camaçari ou de Salvador, mas, igualmente, fazia parte de algo maior, pois o que

¹⁹² Moradores da Aldeia Hippie de Arembepe querem ficar no local. Jornal **A Tarde**. Salvador – Bahia. Quinta-feira, 28/05/98. Caderno Local. p. 07.

¹⁹³ Inicialmente o nome da Associação era AMAR, em que o “R” representava a palavra “hippie” numa alusão ao Paz e Amor, mas depois passou a ser AMAH.

¹⁹⁴ MENEZES, Graça. Entrevista. Arembepe – BA, em 12/10/2012. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº3 (120 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

havia acontecido na Aldeia nos seus últimos 25, 30 anos transformava o lugar em um ponto de importância histórica internacional. Nas suas palavras:

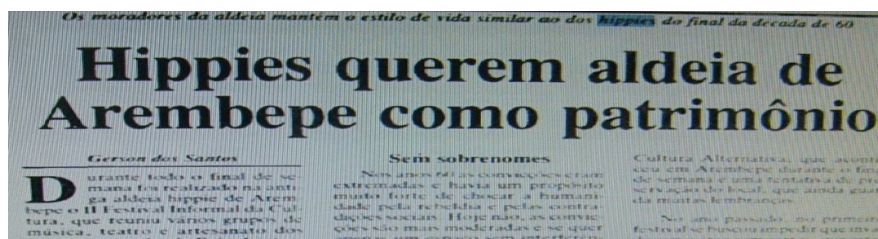
Aí então esse cidadão lutou mesmo e intimou a gente por essas terras, mas aí nós fizemos um abaixo assinado muito forte. Muitas pessoas do Brasil e do mundo inteiro assinou esse abaixo assinado, levamos aos órgãos federais, estaduais, municipais, aí eles observaram e: “- não, ali ninguém mexe, aquelas terras ali pertencem a vocês, pertence a uma história que por sinal é uma história que repercute no mundo inteiro, onde abrigou várias pessoas ilustres, [...] todos passaram por aqui, então tem uma história e ele não teria dinheiro pra bancar tudo isso né, e então graças a Deus levamos isso à prefeitura. O prefeito gente boa que é o Caetano é... o convidou, esse cidadão, o Gedeon para uma reunião, ele foi e nessa reunião eles se acertaram por lá mesmo e aí já tem uns 10 anos mais ou menos que até hoje ele não mexe mais, ele sabe que ele perdeu e não tem nada a ver. Aqui cada um tem a sua história e a gente ainda continua na nossa história e que bom né! Que o grileiro não tirou uma história da gente, porque eu acho que uma história prevalece, muito mais o peso da história do que um cara chegar e desapossar pessoas que lutam por um objetivo que tem uma idéia, que tem uma forma de vida alternativa. O que mostra pra o mundo que ainda é possível viver na paz e no amor¹⁹⁵.

Tal direito era entendido como algo indiscutível, pois a história da comunidade é duplamente observada enquanto um lugar de moradores, famílias e como sendo parte relevante do movimento hippie desde a década de setenta. Portanto, para este morador, as famílias, as crianças, o tempo, enfim a fundamental história da Aldeia – que agora era também sua história – seriam, indiscutivelmente, elementos de mais valor do que qualquer valor monetário ou documento de posse. Neste momento parecia difícil, para os moradores a realização de qualquer previsão sobre o problema.

Por fim, através de um contato entre o fazendeiro Gedeon e as autoridades políticas do município de Camaçari, finalmente, uma decisão foi tomada. Ela atendeu aos anseios da comunidade, de Gedeon, e garantiu a sobrevivência da Aldeia Hippie em face da questão. Com efeito, em maio de 1998, houve a intervenção do Município de Camaçari que, através de um Decreto Municipal, transformou a terra em Área de Proteção Ambiental (APA) do Rio Caratingui em junho de 1998¹⁹⁶.

¹⁹⁵ MENEZES, Graça. Entrevista. Arembepe – BA, em 12/10/2012. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº3 (120 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

¹⁹⁶ Justiça diz que cacauicultor é dono de Arembepe. Jornal **A Tarde**. Salvador – Bahia. Quarta-feira, 27/05/98. Caderno Local. p. 03.



Página do Jornal A Tarde na qual pode-se ler acerca do desejo de manutenção da Aldeia como patrimônio histórico – Arquivo do Pesquisador

Este decreto constituiu uma vitória dos alternativos que, se por um lado garantiu a continuidade da Aldeia Hippie, por outro lado a intervenção do poder público passou a atuar na área.¹⁹⁷ O dispositivo com força de lei traz uma garantia de que a Aldeia continuaria como está e os hippies e suas famílias poderiam continuar em suas casas conservando os modelos das cabanas. De acordo com a reportagem abaixo:

A polêmica em torno do destino da Aldeia Hippie de Arembepe acabou, pelo menos do ponto de vista do poder público. Ou melhor, vai ficar tudo como está. Na última segunda-feira (dia 8), o prefeito de Camaçari, José Tude, garantiu aos líderes dos 85 moradores da comunidade local que, sábado (dia 6), baixou um decreto estabelecendo como de preservação ambiental a área entre os rios Capivara e Jacuípe. Ele também assegurou que está se articulando com o governador César Borges para transformar o lugar numa APA (Área de proteção Ambiental)¹⁹⁸.

Esta decisão no âmbito do município de Camaçari teve uma ressonância em âmbito estadual com a colaboração e o apoio dos técnicos do Conselho Estadual do Meio Ambiente – CEPRAM que elaborou a Resolução Nº 2.172 de setembro de 2001 aprovando o Zoneamento Ecológico-Econômico da Área de Proteção Ambiental do Rio Capivara - APA do Rio Capivara no município de Camaçari.¹⁹⁹ De fato, a atitude da

¹⁹⁷ Decreto Municipal Preserva Aldeia Hippie. Jornal **A Tarde**. Salvador – Bahia. Quarta-feira, 10/06/98. Caderno Local. p. 06.

¹⁹⁸ Decreto Municipal Preserva Aldeia Hippie. Jornal **A Tarde**. Salvador – Bahia. Quarta-feira, 10/06/98. Caderno Local. p.06.

¹⁹⁹ Aqui estão os principais pontos da resolução que interessam aos hippies de Arembepe que passam a fazer parte da administração da área através de Conselhos de Gestão da APA: **RESOLUÇÃO Nº 2.872 DE 21 DE SETEMBRO DE 2001** Aprova o Zoneamento Ecológico-Econômico da Área de Proteção Ambiental do Rio Capivara - APA do Rio Capivara no município de Camaçari. O CONSELHO ESTADUAL DE MEIO AMBIENTE - CEPRAM, no uso de suas atribuições e, tendo em vista o que consta no processo Nº 2001-004022/TEC/PPM- 0001, RESOLVE: Art. 1º - Aprovar o Zoneamento Ecológico-Econômico da Área de Proteção Ambiental do Rio Capivara no município de Camaçari, com o objetivo de garantir a conservação das áreas úmidas associadas à planície do rio Capivara Grande, dunas, remanescentes de restinga arbórea e manguezal, assegurando o desenvolvimento sustentável do turismo na região. Parágrafo Único - Fica estabelecido o Zoneamento Ecológico-Econômico da APA do Rio Capivara, cujas zonas estão delimitadas no mapa que acompanha esta Resolução e cujas diretrizes de uso e ocupação do solo se encontram no quadro do Anexo I. Art. 2º - Ficam sujeitas à anuência prévia do gestor da APA do Rio Capivara, as atividades consideradas efetiva ou potencialmente poluidoras

prefeitura e a mobilização dos hippies desaceleram o ímpeto da especulação imobiliária daquele espaço que terá uma trégua de pelo menos uma década. Em reunião entre o prefeito Tude e os Líderes da Aldeia em nome da AMAH, Tude garantiu que:

...temos todo o interesse de preservar a Aldeia Hippie como ela é. O decreto que baixamos teve o propósito de eliminar, de imediato, qualquer possibilidade de especulação e estamos trabalhando com o governo, através da Conder, para consolidar esses propósitos, disse Tude, que, pouco antes da inauguração do sistema de abastecimento de água da orla de Camaçari, recebeu do presidente da Associação de Moradores da Aldeia Hippie – AMAH, Pedro Ivo Pinto Argolo, e do vice, Thierry Nicodeme, belga de origem e atual "cidadão do mundo", como ele diz, um documento no qual eles dizem estar há mais de 30 anos no local e sugerem que as partes envolvidas na questão se sentem para conversar²⁰⁰.

Já observamos que, em 1986 a prefeitura não tinha realizado tal processo. Então, os decretos e resoluções do Município de Camaçari e do Estado da Bahia (citados nas notas de rodapé), deram uma legitimidade aos hippies na questão do território, pois, de uma quase iminente expulsão da Aldeia, os hippies passaram a auxiliar na administração da APA, através do Conselho de Gestão.

Neste período que marca a vitória na luta pela terra e o início do processo de tombamento da Aldeia, a comunidade conta com o maior número populacional de que se tem notícia ao longo de sua existência. A reportagem afirma que “na Aldeia Hippie de Arembepe, moram atualmente 85 pessoas, 25 delas crianças, que sobrevivem basicamente do artesanato, sustentando uma cultura própria, baseada principalmente

relacionadas no Artigo 180 do Decreto Estadual Nº 7.967/01 e as atividades de pesquisa científica, educação ambiental e ecoturismo quando se instalarem na Zona de Vida Silvestre (ZVS), independentemente de outras licenças e autorizações pertinentes. Parágrafo Único - Nas áreas urbanas compreendidas pela Zona de Urbanização Controlada (ZUC) e Núcleo de Urbanização Controlada (NUC), o licenciamento de atividades e empreendimentos é de responsabilidade do município, devendo atender ao Código de Urbanismo e Obras do Município de Camaçari e à legislação ambiental vigente. Art. 3º - Dentre as ações e articulações envolvendo a prefeitura de Camaçari, deve ser incluída a revisão e os ajustes necessários nos instrumentos legais relativos ao Uso do Solo, de modo a compatibilizá-los com o Zoneamento Ecológico-Econômico da APA. Art. 11º - A participação da comunidade na gestão da APA dar-se-á através da criação de um Conselho Gestor ou do estabelecimento de convênio do órgão gestor da APA com entidades locais com o objetivo, dentre outros, de promover ações de vigilância, monitoramento, educação ambiental, realização de estudos, projetos e orientação à população quanto ao cumprimento do Zoneamento Ecológico-Econômico. Parágrafo Único - As ações de educação ambiental junto às comunidades, incluindo escolas, associações e organizações civis existentes na área, devem ser iniciadas imediatamente, formando-se o Conselho Gestor, de modo a assegurar o envolvimento da sociedade local e a efetividade das propostas contidas nos documentos do Zoneamento Ecológico-Econômico e Plano de Manejo da APA. Art. 12º - Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação. CONSELHO ESTADUAL DE MEIO AMBIENTE - CEPRAM em, 21 de setembro de 2001. LUIZ CARREIRA. Presidente.

²⁰⁰ Decreto Municipal Preserva Aldeia Hippie. Jornal **A Tarde**. Salvador – Bahia. Quarta-feira, 10/06/98. Caderno Local. p. 06.

num modo de vida que elimina serviços essenciais da civilização,”²⁰¹ como por exemplo, energia elétrica e água encanada na época. Não foi possível verificar com precisão se os números dados pela reportagem realmente refletem a situação da Aldeia á época, mas nossa pesquisa indica que não existem razões para duvidar que tais dados estejam equivocados. Quanto a energia elétrica, ela ainda viria para a Aldeia depois deste período.

Depois destes eventos, houve a última etapa que consolidará a vitória da comunidade: o Decreto Estadual nº 2219 de 14 de julho de 1993 criando a Área de Proteção Ambiental – APA do Rio Capivara em Camaçari. Tal decreto complementou a Resolução do Conselho Estadual do Meio Ambiente – CEPRAM²⁰². De acordo com Álvaro Machado todo o processo que culminou com a vitória dos hippies sobre as terras da Aldeia, envolveu medidas legais e conversas dos políticos com o fazendeiro da região. Nas palavras de Álvaro:

Aí foi quando o Antônio Carlos Magalhães soube e chamou ele (Gedeon) pra conversar né e disse: “rapaz deixe os hippies em paz, você vai mexer com os hippies? Acabe com esse negócio de mexer com os hippies”, então aqui tá tombado, realmente assim, mas só formalmente, porque pela região aqui nós

²⁰¹ Decreto Municipal Preserva Aldeia Hippie. Jornal **A Tarde**. Salvador – Bahia. Quarta-feira, 10/06/98. Caderno Local. p. 06.

²⁰² **DECRETO Nº 2219 DE 14 DE JUNHO DE 1993** - Publicado D.O.E. Em 15/06/1993. Cria a Área de Proteção Ambiental do Rio Capivara, no Município de Camaçari, e dá outras providências. **O GOVERNADOR DO ESTADO DA BAHIA**, no uso de suas atribuições, tendo em vista as disposições da Lei nº 3.858, de 03 de novembro de 1980, e com fundamento na Lei Federal nº 6.902 de 27 de abril de 1981 e na Resolução CONAMA nº10, de 14 de dezembro de 1988; considerando que o Rio Capivara, no Município de Camaçari, pelas suas características naturais de apreciável valor cênico, constitui importante potencial turístico e de lazer; considerando o intenso processo de descaracterização e degradação a que vem sendo exposto este valioso patrimônio ambiental, pelas ações antrópicas desordenadas; considerando que, na forma da legislação vigente, a APA constitui o tipo da unidade de conservação mais adequada, à disposição do Poder Público, para o ordenamento das atividades econômicas, sociais e humanas no interior das áreas de interesse relevante para a proteção ambiental; **DECRETA Art. 1º** - Fica criada a Área de Proteção Ambiental - APA do Rio Capivara, localizada no Município de Camaçari, na Região Metropolitana de Salvador, com extensão territorial de, aproximadamente 1.800 ha, delimitada pela poligonal descrita no anexo único deste Decreto e referenciada às folhas sistemáticas SICAR/CONDER nos 073, 063 e 064 escala 1:25,000, depositadas à Companhia de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Salvador - CONDER. **Art. 2º** - A administração da Área de Proteção Ambiental - APA do Rio Capivara será exercida pela Companhia de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Salvador - CONDER, à qual caberá, dentre outras competências previstas na legislação própria, especialmente na Resolução CONAMA nº 10, de 14 de dezembro de 1988: estabelecer o plano de manejo da área, dentro do prazo de 12 (doze) meses, observada a legislação própria e respeitados a autonomia e o peculiar interesse do Município; analisar e emitir pareceres para o licenciamento de empreendimentos na área; exercer a supervisão e a fiscalização das atividades a serem realizadas na área, respeitada a competência municipal. **Art. 3º** - O exercício do direito de propriedade na área da APA do Rio Capivara fica condicionado às restrições contidas na Lei Federal nº 6.902 de 27 de abril de 1981. **Art. 4º** - Este Decreto entra em vigor na data da sua publicação, revogadas as disposições em contrário. **PALÁCIO DO GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA**, em 14 de junho de 1993. Antonio Carlos Magalhães Governador Waldeck Vieira Ornelas Secretário do Planejamento, Ciência e Tecnologia

estamos dentro do parque, APA do Rio Capivara que é toda essa região. E a Aldeia Hippie está dentro da APA. Esse é o privilégio²⁰³.

Nesta época irá nascer o projeto Tamar que será observado depois. Por enquanto, deve ser enfatizado que esta vitória da comunidade reforçou o lugar como um pólo turístico. De fato, no jornal *A Tarde*, desta época temos uma total ausência do assunto “movimento hippie” envolvido em polêmicas criminais. Pelo contrário, a Aldeia Hippie juntamente com o Projeto Tamar tornam-se indissociáveis, podendo ser sempre encontrados juntos nas reportagens dos cadernos Local, de Cultura e Turismo.

Se o Projeto Tamar, foi visto – embora, pela minoria – pelos moradores da Aldeia com alguma desconfiança, nos jornais, por sua vez, o tombamento da Aldeia foi repercutido com algo que poderia ameaçar o encanto bucólico do lugar hippie. Antes dos jornais repercutirem sobre o fim da “Era Hippie” na Aldeia, inaugura-se um período de reportagens especiais, com o objetivo de explicar o movimento hippie, a origem da Aldeia, exaltando a natureza exuberante e lembrando os artistas famosos que por lá passaram. Isto demonstra que a sociedade baiana, os setores médios, formadores de opiniões e a elite política adotaram a Aldeia Hippie como um patrimônio cultural com suas “potencialidades turísticas” transformando-a em um dos importantes *points* turísticos da Bahia. No entanto, igualmente não existem motivos para discordar de que, na visão dos moradores, o desfecho positivo e a vitória dos hippies representam apenas que:

Um paliativo foi conseguido com um decreto municipal da Prefeitura de Camaçari que transformou a aldeia em “área de preservação ambiental”. Pedro Ivo acha que o paliativo não é para sempre, pois a qualquer momento, “o fazendeiro pode aparecer”. A AMAR luta contra o avanço da especulação imobiliária e pela conservação da fauna e da flora e é a favor da preservação da Aldeia. Ao mesmo tempo luta pelo saneamento básico, como a construção de esgotos e banheiros e conservação das dunas. Precisamos de um módulo policial da aldeia para reprimir a “quem vai ao local só para causar arruaças, assaltar e traficar drogas”. A AMAR quer também uma escola para as crianças da Aldeia com ensino fundamental, música, artes plástica e lazer a fim de reforçar a identidade local. A associação, segundo Pedro Ivo, busca também uma parceria com o Projeto Tamar, além de desenvolver outras propostas²⁰⁴.

²⁰³ MACHADO Álvaro. Entrevista. Arembepe – BA, em 13/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo n°2 (150 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

²⁰⁴ Movimento hippie 30 anos depois. Jornal *A Tarde*. Salvador – Bahia. Domingo, 28/02/99. Caderno Local. p. 12.

Partindo desta reflexão, explica-se que o tema “posse da terra” ainda seja um tabu para a comunidade. Igualmente, observa-se que, se, a existência da Aldeia parecia não está mais ameaçada por um fazendeiro, os moradores de Arembepe fizeram reivindicações semelhantes àsquelas de 1986. Eles pediram novamente uma estrutura melhor e mais segura para o lugar onde moram. Devemos apontar que, posteriormente, o tombamento da Aldeia seria percebido pela imprensa, por um lado, como algo bom, pois iria manter a existência da comunidade. E, por outro, o tombamento²⁰⁵ poderia acabar efetivamente com o que ainda havia de “estilo hippie” no lugar. Esta ambiguidade de visões da mídia sobre o tombamento persiste até o presente momento (no qual este trabalho está sendo escrito).



Jornal A Tarde noticiando o Tombamento da Aldeia Hippie²⁰⁶. Arquivo do Pesquisador

Em 2007 a Aldeia Hippie entra na pauta de discussões pelos poderes instituídos. Desta vez no âmbito do poder legislativo de Camaçari com um projeto de lei de autoria da vereadora Janete Ferreira no qual a Aldeia é indicada como Patrimônio, Histórico, Artístico e Cultural do Município de Camaçari. Como podemos ver a seguir na reportagem:

A Aldeia Hippie de Arembepe é indicada para tornar-se Patrimônio, Histórico, Artístico e Cultural do Município de Camaçari. A indicação foi feita pela vereadora Janete Ferreira (PMDB) à Câmara Municipal de Camaçari. O objetivo é que após ser reconhecida como patrimônio histórico a Aldeia ganhe maior visibilidade no cenário nacional e atraia mais turistas para a região, sem contar na maior atenção que lhe será proporcionada pelos Poderes Públicos. A Aldeia Hippie de Arembepe é conhecida mundialmente por possuir uma imensa beleza natural²⁰⁷.

²⁰⁵ Tombamento pode tirar parte do encanto da Aldeia Hippie. *Jornal A Tarde*. Salvador – Bahia quinta-feira, 08/09/1990. Caderno Geral. p. 2.

²⁰⁶ Considerando a importância desta reportagem que fala do decreto de preservação e estudo para posterior tombamento da Aldeia Hippie destacamos no **Anexo nº 2** a transcrição completa da reportagem que aborda o assunto. Tombamento pode tirar parte do encanto da Aldeia Hippie. *Jornal A Tarde*. Salvador – Bahia quinta-feira, 08/09/1990. Caderno Geral. p.2.

²⁰⁷ Cf. Aldeia Hippie é indicada para Patrimônio, Histórico, Artístico e Cultural. *Jornal Camaçari Notícias*. Disponível em: <<http://doisporum.com/aldeia-hippie-e-indicada-para-patrimonio-historico-artistico-e-cultural/>>. Acesso em: 09/10/2013.

Para Janete Ferreira o tombamento da Aldeia Hippy trará vários benefícios para mesma. Segundo ela, muito da fama de Arembepe deve-se à Aldeia que já trouxe ilustres convidados para o município. “Espero com isso chamar atenção dos Poderes Públicos Executivos para as diversas intervenções que precisam ser feitas na Aldeia Hippy para oferecer melhores condições para os moradores e turistas do local”²⁰⁸ afirmou a autora do projeto de lei. De acordo com a vereadora, a Aldeia precisaria de uma atenção maior, afinal de contas é um patrimônio do município para o mundo.

A reportagem que noticia o processo de tombamento faz um relato histórico da aldeia e do movimento hippie, afirmando que chega ao Brasil na década de 70, após o histórico Festival de Música de Woodstock. A visita da cantora Janis Joplin – a mais famosa do mundo psicodélico – ao povoado de Arembepe, em fevereiro de 1970, provocou o “endeusamento” do local, que passou a ser um refúgio dos hippies. De lá para cá Arembepe tornou-se uma referência hippie nacional e internacional.

Ainda, segundo o jornal, nos seus pouco mais de 37 anos de existência a Aldeia Hippy já trouxe para Camaçari convidados ilustres como Janis Joplin, Jimmi Hendrix, Sônia Braga, Gilberto Gil, Caetano Veloso Gal Costa e Cláudia Ohana. Atualmente a principal fonte de renda da Aldeia é a produção artesanal. Mas com a indicação do local para ser um Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural, o turismo cultural pode figurar como uma das principais fontes de renda²⁰⁹.

Abaixo temos o ofício 323 de 2007 que oficializa o tombamento da Aldeia Hippy²¹⁰ e em seguida o documento em anexo da que aprova a indicação 045/2007 da Câmara Municipal de Camaçari que indica a Aldeia Hippy como Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural²¹¹.

²⁰⁸ Cf. Aldeia Hippy é indicada para Patrimônio, Histórico, Artístico e Cultural. Jornal **Camaçari Notícias**. Disponível em: <<http://doisporum.com/aldeia-hippie-e-indicada-para-patrimonio-historico-artistico-e-cultural/>>. Acesso em: 09/10/2013.

²⁰⁹ Aldeia Hippy é indicada para Patrimônio, Histórico, Artístico e Cultural. Jornal **Camaçari Notícias**. Disponível em: <<http://doisporum.com/aldeia-hippie-e-indicada-para-patrimonio-historico-artistico-e-cultural/>>. Acesso em: 09/10/2013

²¹⁰ Veja no **Anexo 3** a transcrição do ofício na íntegra.

²¹¹ Veja a transcrição na íntegra desta indicação no **Anexo 4**.

 **ESTADO DA BAHIA**
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMAÇARI
Gabinete do Presidente

Ofício nº 323/2007/CMC Camaçari-BA, 7 de novembro de 2007.

A Sua Excelência o Senhor
Prefeito LUIZ CARLOS CAETANO
PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMAÇARI
Nesta

Assunto: **INDICAÇÃO Nº 045/2007**
JANETE APARECIDA DE ARAÚJO E SILVA, autora
TOMBAMENTO DA ALDEIA HIPPIE

Senhor prefeito,

Encaminho, anexa, cópia da indicação nº 045/2007, de 22 de outubro de 2007, de autoria da vereadora Janete Aparecida de Araújo e Silva, que tramitou em Plenário na 21ª sessão ordinária do 2º período legislativo de 2007, em 06 de novembro de 2007, tendo sido aprovado por unanimidade dos votos.

Aproveito a oportunidade para reiterar a Vossa Excelência os nossos votos de grande apreço.

Atenciosamente,


LUÍZA COSTA MAIA
Presidente

Prefeitura Municipal de Camaçari
CAD/SEGOV
Correspondência Recebida

Ofício 323/2007 de 07 de novembro de 2007 da Câmara municipal de Camaçari que indica a Aldeia Hippy como Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural. Arquivo do pesquisador

O Projeto foi aprovado por unanimidade como vemos no documento abaixo:

ASSINATURA 

INDICAÇÃO Nº 045/2007

Indico à mesa, após ouvido o plenário na forma regimental; que seja solicitado ao chefe do Executivo Municipal, através do órgão competente, o tombamento da Aldeia Hippy localizada no distrito de Arembepe como patrimônio Histórico, Artístico e Cultural do município de Camaçari Ba.

JUSTIFICATIVA

Senhora Presidente venho propor esta indicação, com o intuito de preservar um marco histórico da revolução cultural e comportamental da juventude brasileira, buscando a liberdade de expressão, mesmo enfrentando o regime militar o qual restringia vigiava as necessidades de liberdade e pensamentos. Além do que a Aldeia atraiu diversas celebridades nacional e internacional, levando o nome de Arembepe à outros países, atraindo o turismo.

Sala das Sessões. 22 de outubro de 2007


Janete-Ferreira
Vereadora
PMDB

 **APROVADO POR UNANIMIDADE**
DATA DA VOTAÇÃO: 06/11/2007
2ª SECRETARIA

Rua do Contorno do Centro Cultural, s/nº - Centro Administrativo - Tel: (71) 3621.6100 - Camaçari-Ba. - Cep: 42800-907

Indicação 045/2007 aprovada por unanimidade na sessão da câmara dos vereadores de Camaçari em 22 de outubro de 2007, como anexo do como anexo do Ofício 323/2007 de 07 de novembro de 2007 da Câmara municipal de Camaçari que indica a Aldeia Hippy como Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural. Acervo do pesquisador

Após o tombamento da Aldeia Hippie e ser aprovada a indicação de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural, a Aldeia foi contemplada com recursos do orçamento da prefeitura e iniciaram investimentos na revitalização do espaço da Aldeia como a construção do palco, a reconstrução do centro de artesanato e a transformação das cabanas que receberam telhados de madeira ao invés da cobertura de palha de coqueiro como podemos conferir na reportagem a seguir:

Moradores e visitantes de Arembepe, na orla de Camaçari, vão ganhar uma nova aldeia hippie. A partir deste mês, serão realizadas obras de paisagismo, limpeza, reforma e construção de algumas estruturas. As intervenções fazem parte do projeto da Prefeitura, iniciado ano passado, de revitalizar o local, que ficou conhecido nacionalmente nos anos 70, com o surgimento da primeira comunidade hippie do Brasil. As melhorias incluem construção de uma escola comunitária para as crianças da aldeia, plantio de mil mudas de coqueiros e ações permanentes de limpeza, realizadas em parceria com a Limpec (Empresa de Limpeza Pública de Camaçari). Além disso, todas as casas sofrerão modificações nas palhoças, que serão substituídas por piaçavas e receberão pintura nas portas e janelas. As obras nas residências devem começar em março e vão beneficiar cerca de 50 moradores. O investimento total é de R\$ 56 mil²¹².

Neste momento estava em construção na aldeia um barracão para ser o centro de artesanato, um espaço para prática de capoeira e um palco para realização de shows e apresentação de atividades culturais. De acordo com o secretário municipal do Desenvolvimento do Turismo, José Cupertino, “a Prefeitura se comprometeu a fornecer um cabo elétrico para geração de energia nos eventos realizados no palco”²¹³. Em 2012, este cabo de energia, que era ligado apenas de forma provisória, nas ocasiões de eventos e festividades, foi instalado de forma definitiva na maioria das residências da Aldeia, implantado então um dos recursos indispensáveis para aqueles que se rendem ao estilo de vida moderno: a energia elétrica. Posteriormente, ainda em 2012, com a implantação da água encanada, a aldeia teve acesso a esses recursos modernos que anteriormente sua inexistência era motivo de orgulho e satisfação para muitos de seus moradores.

De acordo com a entrevista do secretário, a proposta da reforma é preservar a reminiscência da cultura hippie, mantendo as características do local. “A aldeia estava feia e por isso os visitantes e moradores que frequentavam não tinham interesse em retornar. Para melhorar o aspecto, decidimos revitalizar o local, sem alterar o dia-a-dia e

²¹² Obras da prefeitura revitalizam aldeia hippie de Arembepe. Jornal **Camaçari Notícias**. Quinta-feira, 10 de Janeiro de 2008. Disponível em: <<http://www.camacarinoicias.com.br/leitura.php?id=26776>>. Acesso em: 27/02/2013.

²¹³ Idem.

a cultura hippie. “Vamos adotar a aldeia, disse Cupertino”²¹⁴. Adotar a Aldeia, nas palavras do gestor da prefeitura também pode ser entendido em transformá-la e adequá-la às demandas dos novos tempos, ou seja, atualizá-la para suprir às exigências do turismo voltado para corresponder aos anseios da vida urbana e da cultura de massa.

Ilustração15 – galpão de vendas e pano de venda de um morador



À direita o palco de shows e apresentações teatrais ao ar livre e ao fundo, a reconstrução do Centro de Artesanato, também chamado de “barracão”. Nas proximidades das construções vemos trabalhos de artesanato dos hippies em exposição. Foto: Acervo do pesquisador.

Outro fator que modificou a comunidade foi o surgimento do *Projeto Tamar*. Nossa pesquisa concluiu que este recorte temporal da história da Aldeia Hippie de Arembepe não poderia ser contada sem uma análise do que representa o *Projeto Tamar* para esta comunidade. Depois de 20 anos de sedentarismo dos moradores a Aldeia a mídia, assim como os próprios moradores, começam a ser questionar se ainda são uma comunidade que merece – ou não – ser chamada de hippie. Afinal, a todas as outras transformações já observadas implicaram transformações históricas suficientes para que se afirme que ocorreu o término da última comunidade que vivia em estilo hippie do mundo? Estes são os temas gerais que serão debatidos na próxima seção.

²¹⁴ Obras da prefeitura revitalizam aldeia hippie de Arembepe. Jornal **Camaçari Notícias**. Quinta-feira, 10 de Janeiro de 2008. Disponível em: <<http://www.camacarinoicias.com.br/leitura.php?id=26776>>. Acesso em: 27/02/2013.

3.2. Projeto Tamar e Turismo

Estudar o Projeto Tamar em uma pesquisa sobre a Aldeia Hippie de Arembepe, à princípio, pode parecer fugir do objeto de estudo. Mas a problemática estudada nesta dissertação implicou a necessidade de um estudo sobre o Projeto Tamar. Igualmente será avaliado como o tombamento e as outras transformações observadas nas seções anteriores, podem ter significado o fim da Aldeia entendida como uma comunidade hippie. Mas o que é o Projeto Tamar?

O Projeto Tamar faz parte do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), do órgão do Ministério do Meio Ambiente, e da Fundação Pró-Tamar. Já completou 33 anos e objetiva a proteção das cinco espécies de tartarugas marinhas que ocorrem no Brasil, as quais todas estão ameaçadas de extinção. O projeto foi criado em 1980, e é co-administrado pela Fundação Pró-Tamar (instituição não governamental, de utilidade pública federal formada por uma parceria público-privada, a união demonstra a natureza institucional híbrida do projeto, que conta, adicionalmente, com a participação de empresas e instituições nacionais e internacionais, além de outras organizações não governamentais sem fins lucrativos, cuja a base na Bahia foi fundada em 1988). Válido notar que o projeto é reconhecido internacionalmente como uma das mais bem sucedidas experiências de conservação marinha do mundo. O Projeto Tamar procura proteger cerca de 1.100 quilômetros de praias, através de 23 bases de pesquisa mantidas em áreas de alimentação, desova, crescimento e descanso das tartarugas marinhas em vários estados do Brasil, incluindo a Bahia.

Em Arembepe, as instalações do Projeto Tamar foram inauguradas em 18 de janeiro de 1992, mas desde 1990, os jornais já divulgavam e destacavam a importância do projeto que iria ser responsável pela ocupação e modernização daquele espaço. O jornal destacou que no dia da inauguração estavam presentes, os diretores do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais e Renováveis – IBAMA e do Instituto Brasileiro de Turismo – EMBRATUR, autarquia subordinada ao ministério do mesmo nome, entre as autoridades:

Dia 18 vai ser inaugurado em Arembepe, junto à aldeia hippie, o novo Projeto Tamar, trazendo a Salvador importantes nomes do turismo, da ecologia e biologia marinha. Confirmadas para já a presença do presidente da Embratur, Ronaldo Monte Rosa, e diretores do Ibama. O projeto está localizado entre o Farol de Itapuã e Guarajuba e vai ter uma estrutura turística compreendendo museu com vários espécimes de tartarugas

marinhas. A realização é da Secretaria de Turismo da Prefeitura de Camaçari²¹⁵.

Entende-se que a chegada do Projeto Tamar às proximidades da Aldeia Aldeia hippie fez parte de um planejamento mais amplo envolvendo estudos e pesquisas no campo de ecologia e de projetos de ocupação da área. Seria um projeto apropriado a expansão e exploração turística da região, ao mesmo tempo, em que preservaria a Aldeia Hippie. Portanto, o projeto passou a ser visto pelos moradores como uma oportunidade de equacionar a preservação do espaço de importância histórica e cultural contra a exploração e assimilação do lugar devido a expansão urbana. No início dos anos 1990, o Litoral Norte da Bahia, e especialmente Arembepe, ganhará um novo dinamismo de exploração comercial e turística que contará com uma parceria do capital público e privado, e uma intensa estratégia de marketing e publicidade da mídia em geral. Tal promoção capitaneada pela Prefeitura de Camaçari buscou promover uma ocupação urbana apropriada às praias do Litoral Norte. Como podemos observar em uma das inúmeras reportagens da época, a prefeitura foi fundamental para a consolidação do projeto Tamar.

A Prefeitura de Camaçari, através da Secretaria de Turismo, está doando uma área de 3.500m², situada em Arembepe, ao Projeto Tamar (Tartaruga Marinha), do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama). No local doado, serão construídos, pelo Ibama, um escritório de projetos ecológicos, onde trabalharão biólogos e técnicos, a Casa do Estagiário, tanques-reservatórios e depósitos para a preservação das tartarugas marinhas, que se encontram em fase de extinção. Na Bahia, foram localizadas várias áreas primordiais para possibilitar a sobrevivência das tartarugas, como ocorreu na Praia do Forte, onde uma outra base do Projeto Tamar já foi implantada²¹⁶.

O planejamento que permitiu a realização do Projeto Tamar e a instalação de uma de suas bases em Arembepe, envolveu esforços, mobilizou recursos privados e públicos em âmbito federal, estadual e municipal. Tais mudanças previram uma ampla visão e dimensão cultural de diversão, lazer, práticas de pesquisas e divulgação dos trabalhos de preservação para os visitantes, pesquisadores e turistas. O Jornal *A Tarde* elencou todas as instalações previstas para a realização do projeto:

²¹⁵ Projeto Tamar. Jornal **A Tarde**. Salvador – Bahia. Quarta-feira, 08/01/92. Caderno Sociedade. p. 05.

²¹⁶ Projeto Tamar ganha área em Arembepe. Jornal **A Tarde**. Salvador – Bahia. Sexta-feira, 25/08/89. Caderno Geral. p. 03.

O anteprojeto da construção abrigará, também um museu com sala de projeção e auditório, além de outros equipamentos, para mostrar aos visitantes toda história da luta pela preservação da espécie, já está pronto e foi elaborado pela Setur. Segundo o Secretário José Guilherme dos Santos Filho o museu será uma das principais atrações do complexo ecológico²¹⁷.

A dimensão cultural e ecológica criou imediatamente a associação do Projeto Tamar com a Aldeia Hippie (um dos temas da contracultura que vimos no primeiro capítulo é o debate ecológico). Devido ao planejamento do espaço, esses dois territórios se transformam em duas entidades históricas inseparáveis nas páginas das revistas especializadas e de jornais. Especialmente nos cadernos de Turismo e em anúncios das agências de turismo ecológico baianas. Sobre esta relação específica a reportagem abaixo, a qual descreve a justificativa para a implementação do projeto Tamar, afirma:

Um dos motivos que levou Arembepe a ser escolhida foi porque lá já existem locais como o Parque Ecológico do Rio Capivara e a aldeia “hippie” onde o respeito a natureza é preocupação constante. (...) Arembepe tem também condições climáticas bastante favoráveis à implantação de mais uma base do Projeto Tamar²¹⁸.

Existe também a visão comercial que não é mais uma simples associação implícita dos temas turismo-ecologia, mas se insere no contexto de desenvolvimento econômico dos anos 1990. Ocorrem assim, desdobramentos de mercantilização e oportunidade de negócios gerados pela iniciativa, pois “Um outro aspecto importante é que a economia de Camaçari, assim como a ecologia também ganhará muito com a implantação do Projeto Tamar que gerará empregos diretos e indiretos”²¹⁹. Veremos que, a despeito de críticas importantes por parte de alguns moradores da Aldeia, a grande maioria é a favor do projeto. É fácil perceber que o fato da construção da infraestrutura urbana como a abertura da estrada e a eletricidade vai aumentar o fluxo de turistas e, conseqüentemente, a oportunidade de aumento das vendas do artesanato.

Com efeito, desde a sua implantação estava previsto no projeto, uma real relação institucional sólida entre a Aldeia hippie e o Projeto Tamar, mas nossa pesquisa indica que esta idéia não foi implementada como se planejou. Como foram, pois as primeiras relações do Projeto Tamar com a Aldeia?

²¹⁷ Projeto Tamar ganha área em Arembepe. Jornal **A Tarde**. Salvador – Bahia. Sexta-feira, 25/08/89. Caderno Geral. p. 03.

²¹⁸ Idem.

²¹⁹ Idem.

Graça, por exemplo, afirma que com a chegada do Projeto Tamar, “havia uma sala com computadores disponíveis para o uso exclusivo da dos moradores da aldeia hippie, mas como ninguém nunca se interessou por usar, hoje não sei como está”,²²⁰. Carlos Alberto informa que:

“Sim. Há sempre uma relação. É... foi explicando informalmente que isso depende de coordenador, por que lá sempre muda e cada um tem um método, cada um vem com um método de trabalho. Isso é coisa certa. É... Isso às vezes há aquele abalo, mas sempre se chega a um denominador. E hoje com a nossa associação já... toda já certinha, hoje a coisa já se desenvolve de uma forma mais sólida. Antes não, a coisa tava meio descambada à esmo e hoje tem uma associação que já tem uma relação mais sólida com a coordenadoria do Projeto Tamar”,²²¹.

Outro aspecto importante é que, se no começo da fixação dos hippies, a Aldeia seria um importante ponto de apoio logístico, o Projeto Tamar iria compor outro. Nossa pesquisa indica que esta relação, na prática, acabou sendo pouco institucional. Resume-se a favores de ambas as partes, pois “eles estão lá e nós estamos aqui. Se passo por eles dou bom dia, se você precisar de um cabo de energia, você vai lá, pede e eles carregam a bateria de sua máquina. Se algum hippie passar mal, vai lá e pede que o carro deles leva pro hospital”²²² O projeto, portanto, mantém boas relações com a Aldeia.

É necessário enfatizar que esta proximidade e relações informais permitiram um aumento dos negócios na Aldeia, pois seria incrementada a divulgação de novos pacotes turísticos para o duplo santuário ecológico: Projeto Tamar e a Aldeia Hippie.

²²⁰ MENESES, Graça Raimunda Cerqueira. Entrevista. Arembepe – BA, em 13/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº2 (150 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

²²¹ LIMA, Carlos Alberto. Entrevista: Arembepe – BA, em 10/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº1 (90 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

²²² Idem.

Ilustração 16 – placa da prefeitura



Placa da Prefeitura de Camaçari indicando ao turista a localização do projeto Tamar e proximidade da outra atrações turística, a Aldeia – 2012. Foto do arquivo do Pesquisador.

De fato, quem fosse visitar a Aldeia hippie passaria inexoravelmente pela portas do Projeto Tamar e, quem fosse ao Projeto Tamar, poderia andar mais alguns metros e entrar na – também ecológica e bastante conhecida – última aldeia hippie do mundo. Se, em 1986, um documento da prefeitura afirmou que a Aldeia não era mais hippie, pelos menos para as sinalizações municipais de Camaçari, no século XXI, a Aldeia permanecia nesta condição. Ressaltando a relações entre turismo, Aldeia Hippie e o Projeto Tamar, o Jornal *A Tarde* observa o seguinte:

Mais uma agência de viagens entra no mercado do turismo receptivo e exportativo de Salvador. Desta vez é a Bahitour-Bahia Internacional Receptive, Tourism, localizada na Av. Tancredo Neves-939, Ed. Explanada Tower, sobreloja-3-3, Caminho das Árvores (Tels [...]), tendo à frente Márcia Cruz e Ramon de Moraes. Os dois adiantaram que a nova agência oferecerá roteiros diferenciados, a exemplo da Chapada Diamantina, destino ideal para quem quer investir no turismo ecológico em nosso estado. Em relação ao turismo receptivo, anunciaram programas de visita ao Parque de Pituáçu, que muitos turistas deixam de reconhecer por falta de roteiro, ou ainda a Aldeia Hippie de Arembépe.²²³

A partir desta época, em nossa pesquisa não foi mais possível encontrar notícias – sobre turismo – que tratassem separadamente a Aldeia Hippie e o Projeto Tamar. Para a mídia baiana, a Aldeia Hippie e o Projeto Tamar estariam definitivamente em um mesmo circuito turístico a ser explorado. E o aumento de turistas oriundos deste novo

²²³ Nova agência de viagem Jornal *A Tarde*. Salvador – Bahia. Quarta-feira, 02/08/95. Caderno Turismo. p. 8.

duplo circuito possibilitariam ainda mais divulgação sobre a Aldeia, assim como fomentariam um aumento nas vendas de artesanatos dos moradores.

O artesão Carlos Alberto admite que em uma região, de praia e de exploração turística, tudo é mais caro e, por vezes, as vendas do artesanato eram escassas. Entretanto, quando os ônibus das empresas chegam, as vendas melhoram, depois volta a normalidade. Como afirma Carlos Alberto:

Cada um vive do seu trabalho aqui, e vende, consegue vender, que tá ruim de venda e assim agente preserva esse lugar, não tem nenhuma ajuda externa. Hoje com fotos digitais, as pessoas não compram lembrança, lembrancinhas do lugar, porque é só batem fotos, aí não é tão interessante pra gente, agente se desgasta, se expõe, fica exposto à outras interpretações [...] E não é isso, agente tem a nossa subsistência. Agente não tem dinheiro aqui. Agente normalmente ganha pra comer pessimamente. É trabalhoso aqui tudo. Tudo pra gente é mais caro aqui. Aqui não está na cidade, tudo é mais caro. Pra você adquirir uma caixa de fósforo aqui é difícil, aqui não vende! Quando os ônibus chegam a venda melhora um pouco, mas quando eles retornam, aí volta a normalidade²²⁴.

No entanto, existem alguns moradores que criticam o Projeto. Notamos que as críticas mais incisivas à instalação do Projeto Tamar nas proximidades da Aldeia Hippie foram feitas pelos moradores que não estão economicamente classificados na economia de subsistência, ou seja, aqueles moradores, que não tem a necessidade de presença constante de compradores no Centro de Artesanato. O aposentado Álvaro Machado, por exemplo, afirma que o diretor fechou uma passagem que os hippies tinham acesso e hoje não tem mais, porém

...de qualquer maneira existe um respeito, foi feito uma sala pra aldeia lá e coisa e tal, mas não tem muito entrosamento não, vivemos independente do Projeto Tamar, não tem... podia ter mais influência né... mas não tem influência nenhuma não. Eles lá e nós cá. Não que tenhamos nada contra eles, até mesmo porque na lanchonete... tinha uma passagem pela lanchonete e o novo diretor fechou, então nós usamos nossa sala lá e coisa e tal²²⁵.

Graça conta que sua principal expectativa junto a Aldeia Hippie era que ela seria um refúgio na natureza, “distante” e feliz. Ela faz uma reflexão acerca da chegada do Projeto Tamar que acabou modificando consideravelmente o silêncio e a paz que buscava em sua cabana:

²²⁴ LIMA, Carlos Alberto. Entrevista: Arembepe – BA, em 10/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº1 (90 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

²²⁵ MACHADO, Álvaro. Entrevista. Arembepe – BA, em 12/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº3 (120 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

...então hoje prefiro me calar sobre o Projeto Tamar, eu tinha outra expectativa [...] quando o projeto se instalou e tinha outra relação de apoio, quando eu lutei contra a estrada né, e que inclusive foi um iniciativa do Tamar, mas aí quando foi feita a sinalização, e um dia desse eu acordei e tinha caminhões e caminhões trabalhando e tal e aí o que é isso? É uma estrada, e aí como é que pode? Aí eu corri pra prefeitura e fui reclamar e aí o Tamar... (a prefeitura) apoiou também né?, Acabou... com a estrada ali naquele momento, então eu já tive outra expectativa, mas hoje eu não tenho expectativa... não faço nenhum comentário entendendo que sabe, não vai dar em nada né. Porque quem somos nós né? O projeto Tamar tá aí e vai ficar [...] O projeto alcançou legitimidade e por ser patrocinado por uma multinacional trouxe a civilização pra dentro da aldeia, eletricidade, carros²²⁶.

No discurso de Graça, com a construção da estrada, o Projeto Tamar modificou muito a comunidade quando ela afirma que “acabou”. Para Graça, o sonho de paz e tranquilidade acabou, após a chegada do Tamar e a abertura da Aldeia para a civilização urbana. Ela igualmente sempre enfatiza que foi algo ruim a abertura dos 2 km de estrada que liga a vila de Arembepe à sede do Projeto Tamar.

...esse movimento do Tamar, um movimento muito além das expectativas. Ele sobrecarregou a aldeia, inclusive no início com o transporte. Não era esse o transporte pois a gente vinha de carroça, nós conseguimos levar algumas sugestões observando os prejuízos que teríamos (...) Mas as pessoa querem mesmo é muito conforto, querem mesmo é viver com toda essa tecnologia. E a gente não vê a falência desse negócio que tá aí [o Projeto Tamar] Mas os valores trazidos pelo projeto são outros²²⁷.

Para Graça, o Projeto Tamar, embora tenha um cunho ecológico compartilhado com os ideais hippies, ainda representa uma instituição que tem também valores distintos daqueles que formaram a Aldeia. Para Graça, o Projeto Tamar teria trazido pessoas com seus hábitos citadinos para perto demais da Aldeia. A Aldeia agora estava perto demais da civilização e os valores da Aldeia estariam, portanto, ameaçados. Novamente, observamos ecos dos documentos de 1986, no qual os moradores desejavam evitar ao máximo a presença de pessoas que não compartilhavam de suas ideias.

Refletindo acerca da opinião da moradora Graça, questionamos o seguinte: depois do Projeto Tamar e dos largos investimentos propagandísticos do Estado e das agências de turismo, que outras mudanças ocorreram no cotidiano da Aldeia? De fato, a civilização tinha vindo para perto demais da Aldeia?

²²⁶ MENESES, Graça Raimunda Cerqueira. Entrevista. Arembepe – BA, em 13/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº2 (150 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

²²⁷ VICENTE Alceu. Entrevista. Arembepe – BA, em 12/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº3 (120 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

No começo do século XXI, a Aldeia já estava famosa o suficiente para ser escolhida, por exemplo, enquanto locação para um programa televisivo ou ainda como locação de fotos eróticas.²²⁸ Com efeito, é possível situar um episódio significativo que envolveu o movimento hippie em Arembepe tendo ainda desdobramentos (comerciais e midiáticos) à posteriori. Trata-se da participação do casal hippie Alceu e Desireê no Reality Show da Rede Record de televisão em Janeiro de 2009. Avaliamos que o convite para a participação dos hippies no programa *Troca de Família* não foi um fato isolado, pois desde a década de 1990, a Aldeia hippie já havia se transformado em alvo constante da mídia não só da Bahia, mas de vários tablóides de âmbito nacional com repercussão internacional, sobretudo, em jornais e revistas especializados em turismo.

O programa escolheu o morador Alceu da comunidade para ter sua esposa trocada. Alceu afirma que aprendeu “o que é fazer um filme, o que é fazer uma novela, o que é participar, porque foi uma semana, 16 pessoas profissionalmente, uma equipe total, profissional e ficaram na minha casa convivendo comigo”²²⁹. Avaliando o episódio com mais profundidade percebemos a constante presença de outros hippies, amigos e curiosos com participação mais ou menos efetiva ou coadjuvante em torno dos protagonistas (Alceu e a esposa de um delegado de São Paulo). Ela se deslocou para a Aldeia hippie de Arembepe ocupando o lugar de Desirê para ajudar a cuidar da família hippie. O fato é que o núcleo do programa que se deslocou para a Bahia acompanhado com o núcleo de São Paulo, formado por Desirê e o delegado, no comando de um “lar burguês”, formando, pois uma oposição de *estilos hippie-burguês*. O programa alcançou destaque na audiência do canal. Alceu afirma que:

...a coisa também da televisão foi feito pra dar ibope e eu ganhei um prêmio e um contrato de publicidade, foi pra isso pra eles botarem e editarem o que eles quisessem de melhor pra eles. E pra eles foi o que? Ibope. Realmente foi um grande Ibope. Repercutiu em 96 países. Foi 100 países mais ou menos. Japão, Indonésia, então pronto, então pra eles foi bom. Pra mim foi melhor ainda porque agora eu já tenho a experiência do que é estar na tv, enquanto eles só ficam lá na frente assistindo. Então agora eu sei fazer o fundamento...

229

Pouco tempo depois, a família de Alceu se mudaria para outro imóvel, um sítio nas imediações de Arembepe e a Aldeia hippie se transformou na segunda casa, a

²²⁸ Por exemplo, um *book* erótico feito na Aldeia Hippie pela modelo Rianne Ferreira, pode ser observado no link, disponível em: <<http://riannebahia.blogspot.com.br/2011/11/book-feito-na-aldeia-hippie-praia-de.html>>. Acesso em 06/03/2013.

²²⁹ VICENTE, Alceu. Entrevista. Arembepe – BA, em 12/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº3 (120 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

residência de veraneio e fins de semana deles: Alceu, Desireê e seus 7 filhos. O programa *Troca de Família* fomentou o movimento turístico. Nossa primeira visita a Aldeia hippie foi em 2010, no contexto pós-Reality Show. Notou-se que mesmo num período de baixa estação (setembro), havia um grande movimento de turistas europeus e brasileiros, e uma média de 4 ou 5 barracas de camping armadas nas imediações das cabanas dos hippies. Estes fornecem os serviços básicos para a estrutura de camping como hospedagem e refeições e uma média diária de 7 artesão estavam expondo seus trabalhos no Centro de Artesanato. Nossa última viagem com o objetivo de pesquisa foi em 2012 e, num domingo de dezembro, constatamos que não havia mais barracas de campings armadas, e apenas 3 artesãos expunha seus trabalhos no Centro de Artesanato, poucos transeuntes e apenas um pequeno grupo de jovens tomava banho no rio Caratingui. Isto e a análise dos outros fatores nos deixaram com uma ideia geral de decadência no movimento turístico da Aldeia hippie nesta época, mesmo com toda a mídia.

Fundamental para esta pesquisa ressaltar que o contexto pós-Reality show também influenciou a mudança do credo religioso da agora ex-família hippie que adotou a religião evangélica. Segundo Alceu a participação no programa de televisão:

tem a ver com o hippie sim, porque eu era, foi nos finzinhos de hippie, e foi dali então que me fez também eu ver meu outro lado que até então eu não via. Foi o que fez ter uma grande participação pra minha mudança. Foi quando eu mim vi naquela gravação ali que eu tenho ali gravado que eu pude me ver né, em movimento, em loucura²³⁰.

Alceu deixou pra traz a vida a morada na Aldeia, apesar de não ter abandonado a sua cabana, abandonou o estereótipo de hippie, cortou os cabelos, assumiu um emprego de segurança. Sua vida de celebridade, experiência com microfones e câmaras é utilizado agora para dar palestras nas igrejas evangélicas e dar o seu “testemunho de transformação” do “ex-hippie que se transformou”. Como ele afirma:

...foi um presente de Deus também porque hoje eu dou testemunho de Deus nas Igrejas, muitos pastores e congregações, muitas denominações, tipo Assembléia, Batista, Adventista, Quadrangular, todo mundo me convida para dar o meu testemunho né? Porque sabe, hoje em dia o jovem está na perdição das drogas e pra que testemunho melhor do que o meu? Um ex-hippie que usou todos os tipos de drogas do mundo e hoje ser convertido a Jesus Cristo numa Igreja e dar palestra pra jovem, agora mesmo na semana passada eu dei

²³⁰VICENTE, Alceu. Entrevista. Arembepe – BA, em 12/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo n°3 (120 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

uma palestra pra 85 jovens, ex-viciados né, então estou sempre assim, indo pra mostrar que nem só de drogas vive uma pessoa que a droga não tem nada de bom e que podemos também mudar que vejo a minha transformação que através da minha transformação muitas pessoas também já se transformaram, já se mudaram, que tudo tem jeito se pro Alceu teve jeito! Né²³¹?

A Aldeia Hípie, antes bucólica, agora tem energia elétrica e água encanada em quase todas as barracas e transformou mais um hípie em “artesão bem sucedido” que passou a painel do artesanato para o filho mais velho, e adotou a Aldeia como a segunda residência, assim como os dois últimos representantes da primeira geração. Graça também tenta conciliar a presença na Aldeia com uma residência na zona urbana em Arembépe e um apartamento em Salvador. Atualmente, por sua vez, Álvaro que alterna a presença na aldeia com uma casa na zona urbana e uma fazenda, ambos em Camaçari. Alceu considera “então eu já posso dizer que eu sou um cara experiente nessa questão e que me favoreceu. Favoreceu melhor pra eles para o bem. Para mim favoreceu melhor também, então cada um teve a sua, eu tive o meu legado porque eu soube como administrar minha questão”²³² Fundamental perceber, portanto, que vários moradores antigos da Aldeia agora tinha residências em outros lugares e que, a Aldeia seria apenas sua casa de campo .

A vinda do projeto Tamar, junto destas outras mudanças já observadas nas seções anteriores indicam a descaracterização dos antigos valores da Aldeia fomentando o fim “do movimento” hípie na comunidade? Estes são pontos que serão avaliados na próxima seção.

3.3. Afinal, o sonho acabou?

Nesta seção serão avaliados três pontos: como o *Projeto Tamar* transformou a história da Aldeia, sob quais perspectivas a Aldeia ainda teria uma cultura hípie e, os problemas teóricos que cercam os estudos culturais empreendidos por historiadores.

Sobre o terceiro ponto acima, já observamos que não parece correto, em face dos objetivos deste trabalho, concluir simplesmente se a Aldeia seria ou não culturalmente ainda hípie, depois de cerca 40 anos. Peter Burke oferece algumas explicações que serão adotadas, pois avaliando o modo como os historiadores analisam os problemas culturais, ele afirma:

²³¹ VICENTE, Alceu. Entrevista. Arembépe – BA, em 12/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº3 (120 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

²³² Idem.

O que o historiador precisa examinar é a lógica subjacente a essas apropriações e combinações, os motivos locais dessas opções. Por isso alguns historiadores têm estudado as respostas de indivíduos aos encontros entre culturas, em especial aqueles que mudaram de comportamento - quer os chamemos de "convertidos", da perspectiva de sua nova cultura, ou "renegados", do ponto de vista da antiga.(...) A questão é estudar esses indivíduos (...) e concentrar-se nas maneiras como eles reconstruíram sua identidade²³³.

Desta forma, examinar a maneiras que modificaram e reconstruíram a cultura dos moradores de Arembepe é a perspectiva adotada neste trabalho. Os visitantes de Arembepe decidiram ficar e, quando assim o fizeram, tiveram que lidar com situações distintas das do período em que eram "Hippies de Br" ou (e) tinham a casa de seus pais como um refúgio para as horas difíceis. Pensando com Peter Burke, o sedentarismo dos hippies apresentou novas situações que foram enfrentadas e, neste enfrentamento, a comunidade forjou as maneiras pelas quais entende e pratica seus valores. Já observamos que o nascimento dos filhos e as disputas legais, por exemplo, foram situações que transformaram profundamente a Aldeia. Segundo Vera Lúcia, a Aldeia sempre foi um ambiente alternativo legado ao turismo internacional e os brasileiros era minoria entre os visitantes que se instalavam por ali. Ela afirma que foi o Festival de 1984 que ocorreu numa fazenda próxima e devido a grande participação de público a Aldeia tornou-se conhecida para os brasileiros Ela comenta que:

Não foi o Tamar que atraiu muito gente, foi o Festival de 84 que houve uma grande divulgação da Aldeia Hippie. O festival ocorreu aqui numa fazenda, mas tinha uma passagem pela Aldeia. Foi após esse festival que foi janeiro de 84, que a Aldeia ficou conhecida. Até aí, a Aldeia era só internacional. Era muito americano. Eram muitos ingleses. Brasileiros, era o mínimo do mínimo. Tinha que está ligado ao movimento pra chegar e era mais paulista e alguns cariocas, antes dessa época e depois Salvador cresceu, Camaçari também. Toda essa região começou a descobrir a Aldeia²³⁴.

Em síntese, nossa pesquisa indica que o Projeto Tamar se relaciona com três grandes repercussões para a Aldeia: foi bem aceito pela maioria dos moradores, sobretudo, os que vivem de artesanato; trouxe mudanças no cotidiano da comunidade, assim como, provocou reflexões nos moradores acerca da perda definitiva dos ideais

²³³ BURKE, Peter. **Variedades de História Cultural**. São Paulo - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 156-157.

²³⁴ LUCIA, Vera. Entrevista. Arembepe – BA, em 09/11/2012. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº 10 (60 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa. Vera Lúcia House é freqüentadora da aldeia há mais de 30 anos e reside nas proximidades do local e trabalha em um restaurante próximo da Aldeia Hippie.

hippies; criou um novo panorama histórico envolvendo ampla divulgação no Brasil e na região, por parte da grande mídia que passou a entender os dois lugares como um único ponto turístico.

Um dos resultados das relações apontadas acima é que a paz e a tranquilidade que estavam entre os atrativos que a primeira geração de hippies buscava naquele ambiente já não correspondiam mais ao refúgio livre na natureza. Arembepe era vista por seus moradores como um paraíso distante da influência barulhenta das metrópoles, como a afirma Graça:

...foi aumentando né... o movimento de pessoas que vinham pra aldeia vindo de carro até ali e tem que fazer estrada e não faz de asfalto mais faz de terra e agora a aldeia também contribuiu pra essa desordem que se estabeleceu e com isso usando a mídia pra se amostrar, amostrar o que não é seu até que ficasse dentro da sua casa, que você quer fazer um reportagem pro fantástico, você quer aparecer no fantástico, então filma sua casa, tem gente que sabe? É tão desestruturada que nem casa fez pra viver, e aí não tem casa pra receber o fantástico aí usa uma casa que é universal e aí coloca a aldeia em foco e deu nessa desordem toda²³⁵.

Os jornais começaram, desde a fundação do Projeto, a destacar esta relação explicitada por Graça. Se, para os moradores da Aldeia, a opção pela vida mais distante do movimento das grandes cidades representava uma forma de romper com os seus padrões de ideias, isto não significou que estes mesmos moradores, quando necessário, não fossem pedir ajuda para o projeto Tamar. Eduardo, sobre estas relações não institucionais, afirmou que a Aldeia, dentro da situação dela, têm várias dificuldades. Ele explica:

...então, muitas vezes é a questão de fornecimento de água, outras vezes. Nós somos “bem dizer, a ambulância da Aldeia”. Então todas as pessoas, seja o que aconteça, qualquer tipo de problema, seja parto, mordida de cobra, mordida de cachorro, as coisas mais diversas possíveis... Então eles correm pra cá que eles sabem que nos sempre iremos dar apoio para eles. Daqui nós já levamos pro posto médico ou mesmo pro hospital. Então tem essa troca de vizinhança, coisa assim bem amistosa mesmo, de vizinhança. É aquela coisa que o vizinho sempre... fornecer uma xícara de açúcar pro outro então agente tem sempre esse convívio com eles²³⁶.

Já vimos, no capítulo dois que a escolha do artesanato, por exemplo, está ligada ao fato do labor artesanal ser considerado como algo mais livre, lúdico e expressivo.

²³⁵ VICENTE, Alceu. Entrevista. Arembepe – BA, em 12/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº3 (120 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

²³⁶ EDUARDO. Entrevista. Arembepe – BA, em 12/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº3 (120 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

Algo que permitira a existência da Aldeia sem que a comunidade tivesse que se aproximar demasiadamente das grandes cidades e de suas empresas. E o que nossa pesquisa indica é que, as relações com o Projeto Tamar, sendo vistas pelos moradores como boas, más ou indiferentes, seriam, desde a sua fundação, continuas. A isto ocorreria também na mídia jornalística.

De fato, no capítulo dois apresentamos uma tabela que demonstrou a estatística dos temas noticiados sobre Arembepe no Jornal A Tarde. Nesta tabela vemos a partir da década de noventa quatro temas somente: a recordação celebrativa da história de Aldeia, a luta pela posse de terra, a relação entre aldeia e projeto Tamar e, por fim, um número crescente de reportagens sobre o fim da era hippie na comunidade.

Nossa pesquisa indica que, a partir da metade da década de noventa, a Aldeia passou a ser repercutida de dois modos contraditórios. Embora exista o lugar sempre “tranquilo” em todas as reportagens, a comunidade, às vezes, seria vista como uma legítima aldeia hippie em pleno século XXI²³⁷, em outros momentos, era observada como um lugar que “já foi o paraíso” hippie²³⁸. Não existia mais concordância nos jornais a respeito da Aldeia ser ou não hippie depois de 35 anos.



²³⁷ Arembepe ainda mantém vivo o sonho dos anos 70. Jornal **A Tarde**. Salvador – Bahia. Domingo, 03/02/85. Caderno Turismo/Automobilismo. p. 03.

²³⁸ Arembepe - Um dia ela já foi o paraíso hippie. Jornal **A Tarde**. Salvador – Bahia. Domingo, 07/10/84. Caderno Turismo/Automobilismo. p. 03.

Notícias diferentes sobre a Aldeia hippie de Arembepe. Em cima, nota-se que ela foi o paraíso hippie. Embaixo, o sonho ainda está vivo - Arquivo do Pesquisador

Já observamos que a resposta para tal questão não é simples. Por enquanto, apenas situamos que a história do Projeto Tamar se entrelaçou com a da Aldeia e que o sucesso do Projeto fez parte de um dos fatores que ajudam na manutenção da comunidade, assim como foi mais um dos elementos que modificou a vida (cultura) na Aldeia. De fato, o processo de modificação que atingiu a Aldeia Hippie a partir dos anos 90, se de um lado aumentou a venda dos artesãos que precisam comercializar seus trabalhos para a subsistência naquele espaço sem a preocupação em “manguear”, “sair para a BR” na linguagem dos hippies. Por outro lado trouxe a preocupação e a intranquilidade que os hippies entendiam serem próprias da vida urbana. De acordo com a afirmação de Tony, comparando os tempos atuais com o período das festas antigas, ele constata que:

...quando começaram fazer propaganda do lugar da nossa aldeia, de nossa vida então trouxe curiosidade em muita gente, mas coisa boa não trouxeram porque no meio de muita gente, também mal espírito, muita energia pesada, Acabou incomodando a gente, porque a gente perdeu aquele senso de festa, porque já fica preocupado com a festa. Que chega muita gente, e muita gente causa problema. Porque não temos segurança e ao mesmo tempo agora tá uma invasão, então precisa segurança e nos tempos antigos podia-se largar as coisas em qualquer lugar que ninguém mexia e hoje em dia quando você larga uma coisa num lugar quando você procura já não acha mais, já andou²³⁹.

E a expressão “já andou” de Tony, significa que alguém subtraiu os pertences de outro. Os moradores afirmam veementemente que, dentro da Aldeia, não havia roubos. Alias, durante todas as pesquisas que fomos a Aldeia, percebemos que somente a casa de Luiz Cerqueira se mantém fechada durante a noite. As outras, portanto, não tomam os cuidados mais tradicionais com seus pertences. As críticas mais veementes em relação aos novos tempos da Aldeia após a chegada do Projeto Tamar, foram as colocações de Alceu Vicente no que diz respeito aos métodos de preservação utilizados pelo projeto Tamar. Igualmente, também fala acerca do fato da exploração comercial realizados por aquela instituição que deveria ser “sem fins lucrativos”, mas que utilizam as campanhas de preservação das tartarugas para a comercialização dos produtos com a marca da instituição.

²³⁹ OLIVEIRA, Tony Carlos Alves de. Arembepe – BA, em 20/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº5 (120 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

Eu briguei sobre essa questão. O projeto Tamar foi o seguinte: Aldeia hippie sempre foi famosa no mundo inteiro e o projeto é um projeto em que o IBAMA acertou conosco. Em defesa das tartarugas marinhas. E ao chegar aqui na aldeia hippie, aqui em Arembepe, a base era pra ser feita do centro da cidade ao sul. E depois, eu penso que, como a aldeia hippie tem mais privilegio, eles resolveram fazer a base aqui a 200 metros da nossa comunidade. E eu protestei, eu protestei pelo fator de: “porque aqui tão perto da gente?” – “ai que não sei o que, que você é um anti- não sei das quantas” eu digo – “não rapaz eu sou ecologista desde o nascimento, eu vivo o movimento hippie, eu sou irmão de Jesus Cristo”. Jesus foi o primeiro hippie do planeta, ele defendeu a paz e o amor, ele andou descalço meu irmão. Enquanto andava todo mundo calçado..., ele andou descalço, ele foi o primeiro hippie então... ecologista de mão cheia, eu também sigo essa mesma coisa. Isso ai que você estão fazendo, porque vocês não vão fazer isso ai lá do outro lado? Ai rolou polemica, confusão. Depois... tem muitos anos que eu não entro ai. Eu sinto que eles usam o animal pra vender camisas, pra vender bonés, pra vender chaveiros, entendeu? (...) você já bagunçou toda a natureza”²⁴⁰.

É importante notar a ideologia do morador nesta entrevista. A Aldeia já tinha escola, centro de artesanato, casas de dois andares, associação, eventos nacionais e, junto a tudo isto, ainda nota-se a permanência, pelo menos na fala, dos mesmos ideais de fins da década de setenta. E o hippie lembra que o projeto Tamar, apesar do seu discurso ecológico, não deixava de ganhar seu dinheiro com a negociação de vários produtos. A repercussão desta dita exploração comercial das tartarugas pelo Projeto Tamar, assim como o movimento de não hippies na Aldeia, são evidenciados na descrição dos jornais da época:

Dividindo o espaço e a atenção dos visitantes num dos pontos mais bonitos de Arembepe, próximo a uma lagoa de água doce, a aldeia hippie e o Projeto Tamar valem a parada em Arembepe para quem viaja na Estrada do Coco em busca de recantos aprazíveis à beira-mar. Além dos diversos produtos comercializados pelo Tamar – camisetas, chapéus, chaveiros e viseiras - os visitantes podem adquirir trabalhos artesanais feitos pelos hippies da aldeia, gente que a menos de uma década para a chegada do século XXI, nem se dá o trabalho de sair de Arembepe para viver²⁴¹.

No entanto, veremos que as pessoas que supostamente comprariam mais artesanatos dos hippies eram também percebidas pela comunidade como turistas estranhos a cultura da Aldeia. Este é um dos fatores que explica as razões do Projeto Tamar não ser uma unanimidade para os moradores da Aldeia. Segundo Vera Lúcia, até a década de 80, a Aldeia Hippie era ligada ao turismo internacional e apenas de pessoas

²⁴⁰ VICENTE, Alceu. Entrevista. Arembepe – BA, em 15/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº7 (120 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

²⁴¹ Jornal **Folha do Subúrbio**. Além do Pólo, Camaçari é rico em Praias. Nº 572. 29/02/1972. p.1.

ligadas ao movimento alternativo, mas com a divulgação do Projeto Tamar “aumentou o turismo nacional de ‘curiosos’. O Tamar é independente, mas pode sim, ter trazido esse turismo rotativo que vem só pra olhar. Por que antes o turismo era pra ficar, pra se instalar”.²⁴² O isolamento da Aldeia, tão desejado pelos hippies, contra o perturbador movimento das cidades grandes, passou a ser bem menor. De fato, observamos aqui ecos das reclamações dos moradores já documentadas em 1986.

Para Graça, que não é dependente das vendas de artesanato, o aumento dos turistas não foi algo totalmente bom. Trata-se de algo que precisa de uma reflexão, pois o progresso precisaria ser visto com desconfiança. Como consta no documento de 1986, os valores das pessoas que visitam a aldeia é tão importante quanto a vinda destas pessoas. Trata-se de situar que os turistas nem sempre se identificam com os ideais da Aldeia e muito menos compram algo na Aldeia. Então eles apenas interferiam na pacífica, ordeira e íntima solidão dos moradores da Aldeia.

Em entrevista ao Jornal em 1991, Graça “afirma que é contra o progresso e garante que se a aldeia mudar ainda mais, um dia ela sai de lá. ‘Para mim isso aqui sempre foi essa natureza forte, gritante, bela. Quando piso na aldeia sinto logo uma revigorante energia e se a civilização chegar vai acabar com tudo’, salienta ela”²⁴³. Novamente em entrevista no ano seguinte Graça Raimunda reconhece as modificações provocadas com a chegada do Projeto Tamar. Graça afirma que “a inauguração da base do Projeto Tamar, próximo da aldeia, aumentou o fluxo turístico. E as opiniões dos moradores são divididas quanto a se permitir a introdução das tecnologias do mundo moderno em um local considerado alternativo.”²⁴⁴ De acordo com o atual coordenador da base do Projeto Tamar em Arembepe, Eduardo Saliés que está à frente do projeto há 8 anos,

...a relação do Projeto Tamar com os moradores da Aldeia hippie desde o início sempre foi muito harmoniosa. Sobre a relação e a posição dos moradores da Aldeia Hippie e Projeto Tamar no início de sua implantação (1989-1992), perguntado se houve resistência por parte de alguns, Eduardo declara que “não que tenha sido relatado, ou seja, não que tenha sido algo que tenha ferido alguns moradores ou conselho dos moradores, mesmo porque o Projeto Tamar, por mais que, quando veio pra cá, ainda era pouco conhecido, estou falando de 92, mas sempre veio com um objetivo que era um objetivo muito próximo ao objetivo da Aldeia, que é exatamente você trabalhar com a

²⁴² LUCIA, Vera. Alceu. Entrevista. Arembepe – BA, em 15/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº7 (120 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

²⁴³ Os bons tempos da Aldeia Hippie. Jornal **A Tarde**. Salvador – Bahia. Quarta-feira, 20/02/91. Caderno Turismo. p. 03.

²⁴⁴ Idem.

natureza, de preservar a natureza, respeitar a natureza. Então com isso já criava uma interação em alguns objetivos, então, nunca, à princípio, assim que fosse relatado: “Ah, não, no começo nós tivemos muitos problemas, não fomos bem recebidos, nunca foi relatado (...) Não vou dizer que, possa um ou outro morador [...] não tenho compreendido bem, isso é normal, mas de resto sempre foi muito tranquilo, todas as operações que nós temos feitos sempre foi bem recebida, bem atendida pelos moradores²⁴⁵.”

Nota-se que ele não situa que o Projeto Tamar talvez tenha modificado o cotidiano da Aldeia, transformando o seu estilo de vida.

Neste momento, é possível situar nossas conclusões sobre as transformações históricas que o Projeto Tamar efetivou na Aldeia.

O projeto Tamar não é bem visto de forma unânime pelos moradores da Aldeia e, as relações – entre a Aldeia e o Projeto – institucionalmente e previamente pensadas não ocorreram. Os moradores não utilizaram os equipamentos do projeto a eles destinados, pois o que ocorreu foi o uma relação de apoio mais informal. Após a instalação do Projeto, dois aspectos foram percebidos no que concerne ao turismo local: em todos os meios de divulgação observados, a Aldeia Hippie e o Projeto Tamar passam a ser atrações praticamente únicas. A Aldeia que antes era percebida como uma atração exótica, histórica, edênica, um lugar que parecia ser ainda um pouco mais destinado às pessoas com “espírito hippie”, ou seja, um destino para quem desejaria estar longe do “grande sistema das metrópoles”, passou a ser divulgada como uma espécie de condomínio de artesãos anexado ao Projeto Tamar. Esta mudança levou para a Aldeia um novo tipo de turismo que, seria alvo de grandes críticas por parte de alguns moradores.

Os hippies queriam sobreviver através da venda dos artesanatos, mas não em detrimento de sua paz, de sua liberdade de nudez, da honestidade e confiança entre eles, da naturalidade, da liberdade de usar drogas, enfim, não desejavam perder a única coisa que, para eles, talvez fosse o grande elemento essencial para a Aldeia: os seus ideias da década de setenta. Aquilo que, em alguns momentos deste trabalho foi descrito como “cultura hippie” ou “estilo hippie” de pensar. O próprio tombamento da Aldeia foi descrito como um fato que, a despeito de suas vantagens legais, poderia por um fim ao estilo hippie da comunidade. Neste sentido, já é possível aqui, quando nos aproximamos de nossas considerações finais e responder acerca da permanência de uma “cultura

²⁴⁵ EDUARDO. Entrevista. Arembepe – BA, em 15/10/2010. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo n°7 (120 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

hippie setentista” na Aldeia, após três décadas. Igualmente, é possível enfatizar as mudanças históricas que ocorreram.

Com efeito, em nossa última visita a Aldeia, mais de dois anos após a primeira vez, percebemos – além das já descritas no trabalho – acentuadas transformações. Luiz já não recebia os moradores com seus cabelos grandes, Alceu tem um trabalho noturno, já não morava mais na Aldeia, tinha se convertido ao protestantismo e estava aparentemente irreconhecível. Somente o calção de banho dava alguma pista de seu estilo anterior. Graça passou a morar na Vila de Arembepe e, frequenta pouco a Aldeia. Cava, que em sua entrevistas falava sobre os hippies de modo idealista e tocante, havia morrido, e todos eles – os vivos é claro! – tinham tarefas trabalhistas e cuidavam dos seus filhos como qualquer outro pai de uma metrópole. Enfim, os moradores mais antigos da Aldeia haviam modificado bastante, seu estilo de vida desde a década de setenta. Teriam também modificado seus ideais?

Não entrevistamos nenhum morador que afirmou que o movimento hippie ainda estava vivo. Igualmente, nas entrevistas ninguém se mostrou arrependido de ter vivido plenamente o momento de “desbunde”, de experimentalismo, de veranismos e naturismos observados no primeiro capítulo. Nem mesmo Alceu afirmou isto. Todos eles explicam que o movimento acabou, mas alguns ideais permanecem. Eles ainda acreditam que o homem tem que viver através de um contato maior com a natureza, sendo mais livres, menos explorados em seus trabalhos, pregam a simplicidade e o desapego²⁴⁶. De fato, é preciso situar que não existe nenhum consenso sobre o tema fora da Aldeia de Arembepe. Por exemplo, para o jornalista John McCleary:

Nós, nos anos 1960, antecipamos muitas das coisas que temos hoje, como a luta pelos direitos civis, pelos direitos das mulheres, a yoga. O movimento não acabou. Eu ainda moro numa comunidade hippie com as pessoas que conheço há 35 anos. Nós estudamos, trabalhamos, como todo mundo. E hoje o mundo sofre com o materialismo novamente²⁴⁷.

Por sua vez, segundo a historiadora Patrícia Marcondes:

²⁴⁶ Sobre esta afirmação, Cf. Entrevistas realizadas com ROQUE, ALCEU, GRAÇA e LUIS já citadas neste trabalho. Arembepe – BA. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeos diversos. Entrevistas concedidas para esta pesquisa.

²⁴⁷ **Movimento hippie consolidou rebeldia pacífica da geração de 1960.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/Sites/Especiais/Noticias/0,,MUL1267354-16107,00-MOVIMENTO+HIPPIE+CONSOLIDOU+REBELDIA+PACIFICA+DA+GERACAO+DE.html>>. Acesso em: 12/12/2013.

...o movimento e suas principais manifestações foram absorvidos pela tecnocracia. “O próprio teor crítico com o qual o movimento buscou enfrentar o sistema acabou se banalizando sob a forma de produtos a serem vendidos e consumidos, alimentando a estrutura empresarial que se formou em torno de antigos slogans revolucionários. Mas, para ela, o legado hippie vai muito além das camisetas tie-dye. A contracultura sessentista foi muito além do ‘verão do amor’. Sua resignificação faz-se necessária para entendermos a amplitude e a importância do movimento. Houve, através dele, a inclusão dentro da história social das chamadas ‘minorias’: negros, mulheres e homossexuais. Também foi importante quanto aos assuntos tão em voga atualmente, como ecologia e sustentabilidade”²⁴⁸.

Nossa pesquisa nos levou a concordar com muitas das conclusões de Patrícia Marcondes e estes pontos serão retomados nas considerações finais. Neste momento, questionamos: se os moradores antigos afirmam que o movimento hippie está extinto, o que eles pensam sobre os “jovens hippies” que ainda visitam a Aldeia? Para o morador Roque eles não são hippies. Para Jairo, “talvez eles acreditem em algumas coisas do antigo movimento, mas acho que tão aqui para encontrar uma turista ‘gringa’ e casar, como já aconteceu. São artesões só. A cultura hippie acabou”²⁴⁹. O depoimento do artesão Ubirajara Fernandes, também é revelador das diferenças de gerações que marcam a composição social da Aldeia de Arembepe ao longo do tempo. Ele diz que:

O hippie é dá década de 60 e 70. Só fumava maconha e era sustentado pelos pais! Nós somos ‘malucos’ e sobrevive da arte. Meu trampo é com arame. Conheço o Brasil inteiro além de Uruguai, México, Equador, Chile, Peru, Bolívia, Paraguai, Venezuela, Colômbia, fui deportado do México por falta de documentos. A identidade do maluco é o painel do trampo²⁵⁰.

Interessante notar que Jairo usou o termo “cultura” para terminar sua opinião sobre o tema. Já observamos a problemática que envolver o uso do termo “cultura” por um historiador. Tomando como referência Peter Burke, procuramos explicitar e avaliar as maneiras como a comunidade construiu e reconstruiu sua identidade ao longo dos últimos 40 anos. Peter Burke também aponta que

É necessário evitar duas supersimplificações opostas: a visão de cultura homogênea, cega às diferenças e conflitos, e a visão de cultura essencialmente fragmentada, o que deixa de levar em conta os meios pelos quais todos criamos nossas misturas, sincretismos e sínteses individuais ou de grupo. (...) Portanto, deduz-se que uma história cultural centrada em

²⁴⁸ Idem, ibidem.

²⁴⁹ JAIRO. **Entrevista**. Arembepe – BA, em 15/10/2012. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº7 (120 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa

²⁵⁰ FERNANDES, Ubirajara, também conhecido como Bira. É artesão de 30 anos. Ele se classifica como um Maluco de BR e está de passagem por Arembepe. Natural de Porto Alegre – RS. Arembepe – BA. Em 14/12/2012. Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Entrevista concedida para esta pesquisa

encontros não deve ser escrita segundo um ponto de vista apenas. Nas palavras de Mikhail Bakhtin, essa história tem de ser "polifônica". Em outras palavras, tem de conter em si mesma várias línguas e pontos de vista, incluindo os dos vitoriosos e vencidos, homens e mulheres, os de dentro e os de fora, de contemporâneos e historiadores²⁵¹.

Esta perspectiva apontada por Burke parece muito instigante, pois, tentaremos cumprir parte do que ele expressa. Enfatizamos que, do ponto de vista dos hippies mais antigos da Aldeia, o movimento está extinto, mas a resposta para um pesquisador, não é tão simples. Empreendemos, portanto, um trabalho de investigar e interpretar os eventos que construíram a história da chamada Aldeia hippie de Arembepe. Nesta empresa, deve ser possível verificar, as (re)significações do modo de pensar e viver da comunidade.

Em nossa pesquisa percebemos e apontamos que os hippies, que na década de setenta, antes falariam mais de “desbunde”, veranismo, drogas e liberdade total, passaram, ao longo da história da comunidade, a falar e a viver de acordo com seu patrimônio, cuidados com os filhos, trabalho assalariado tradicional, protestantismo e, além disto, tendo cuidados legais e institucionais.

Na Aldeia, que antes havia somente uma casa – a mítica casa do sol de Janis Joplin – pode-se, trinta anos depois, observar, por exemplo, dezenas de casas (algumas com dois andares), uma escola, energia elétrica, lugares para campings pagos, um restaurante e uma passagem para o Projeto Tamar. As terras que antes eram parte de uma fazenda tomada por mochileiros, hippies cabeludos, intelectuais, artistas e aventureiros em fluxo, passaram a ser áreas legalmente protegidas e visitadas por turistas com crianças trazendo tartaruguinhas de pelúcia nas mãos. Todos estes foram fatores que modificaram os ideais (cultura?) da Aldeia. O que se pode sustentar é que, para os moradores da Aldeia – apesar da manutenção de parte do discurso típico da década de setenta – efetivamente o sonho hippie acabou. Igualmente, parte da mídia associou as várias mudanças históricas na Aldeia com o término de uma Era. Contrários a esta concepção, por sua vez, os agentes turísticos da região, assim como as políticas públicas da Prefeitura de Camaçari e do Estado da Bahia, reafirmam constantemente que, no lugar ainda existe a última e legítima aldeia hippie do mundo. Por fim, os estilos de vida da Aldeia Hippie trinta anos depois, estavam muito diferentes.

Quanto ao futuro das crianças que estão sendo criadas na Aldeia, não é tanto o papel do historiador, fazer alguma previsão sobre isto. Com efeito, uma bela imagem

²⁵¹ BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. São Paulo - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 159.

colhida durante a última parte da pesquisa é relevante para evidenciar novamente a mudança de estilo de vida na Aldeia nos últimos trinta anos. Trata-se de Luis com a filha, na varanda de cima de sua casa na Aldeia. O sorriso do morador e a bela criança, ludicamente mostrando a sua língua, talvez possam ser interpretados como um sinal de que eles, pai e filha, não importando se são hippies, estão felizes.

Ilustração17 – Luis Cerqueira e filha na varanda de sua casa



Luis Cerqueira, já de cabelos cortados, abraçando sua filha, na varanda de cima de sua casa em Arembepe. 2012. Veja também o detalhe que a cobertura da casa não é mais feita de palha de coqueiro e sim de madeira. Foto: do Acervo do Pesquisador.

Como percebemos ao longo de toda essa dissertação há uma reiterada opinião defendida pelos moradores de Arembepe e reproduzida pela imprensa e os políticos de que a Aldeia é o último reduto hippie do mundo. Não faz parte do objetivo deste trabalho mapear todos os lugares do mundo em que ainda é possível viver num ambiente cultural de inspiração hippie. Mesmo porque esta missão seria, senão impossível, porém muito difícil e árdua para um pesquisador. Mas a despeito das declarações dos hippies de Arembepe, nossa pesquisa traz elementos que nos permite concordar apenas em parte com esta afirmativa.

Pelo menos nos sites especializados em turismo e roteiros internacionais é possível afirmar que existem no mundo, seis lugares em que ainda é possível viver ao estilo da cultura hippie. Alguns deles permitem uma morada de forma definitiva enquanto que outros possibilitam uma estadia apenas por um determinado período de

tempo. Os lugares que ainda mantêm “hasteada a bandeira do Paz e Amor” além de **Arembepe** na Bahia são: **Essen**²⁵² no departamento de Renânia do Norte-Vestfália – Alemanha; **San Marcos Sierras**²⁵³, província de Córdoba - Argentina; **Nimbin**²⁵⁴, uma vila no Northern Rivers, estado de New South Wales - Austrália; **Ibiza** ou **Eivissa**²⁵⁵, uma ilha do arquipélago e comunidade autônoma das Ilhas Baleares - Espanha; e a república ou comunidade autônoma de **Christiania**²⁵⁶, também conhecida como **Freetown Christiania**, próximo a Copenhague - Dinamarca²⁵⁷.

Os alternativos de Christiania fabricam a maior parte de seus próprios bens e instrumentos. Tanto as residências quanto os meios de transporte advêm da reciclagem ou da fabricação artesanal. Existem bicicletas, motocicletas, barcos, etc, mas os modelos

²⁵² Em **Essen**, na Alemanha celebra-se anualmente, o Burg Herzberg Festival, famoso musical hippie, um concerto de rock que ocorre preferencialmente no mês de julho, desde 1968 onde se revive o espírito de Woodstock e atraindo visitantes, a maioria é composta de jovens, mas também é possível encontrar hippies da velha guarda de muitos lugares que acompanham suas bandas prediletas. São três dias de festival com uma variada programação. No período do festival a rotina e a paisagem da cidade ganham um novo visual composto de tribos, e pessoas que participam de shows ao ar livre, barracas de *camping*, trajes hippies e automóveis pintados com conceitos psicodélicos.

²⁵³ A pequena cidade **San Marcos Sierras**, Córdoba - Argentina que hoje conta com pouco mais de 3 mil habitantes e tem uma infraestrutura com regalias da modernidade, ganhou uma nova configuração quando os primeiros hippies começaram a chegar no final da década de 1960. É conhecida pelos títulos de Capital do Mel, Território Não Nuclear e de Proteção à Natureza. A agricultura orgânica de subsistência é a base da atividade econômica desta sociedade alternativa, mas também há um grande número de artistas e artesãos que expõem seus trabalhos nas ruas e praças. Além do Museu Hippie, San Marcos Sierras tem outras atrações, tais como, a casa em forma de cogumelo e o Morro do Mirante Cerro de Lá Cruz onde o esforço da subida é recompensado com a visão panorâmica dos vales da região. O programa predileto dos neo-hippies que frequentam o local é curtir o entardecer às margens do rio que dá o nome à cidade.

²⁵⁴ **Nimbin**, situada na base de um vulcão inativo em New South Wales é conhecida como a Cidade Hippie e a Capital Alternativa da Austrália. Após ter sediado o Festival Aquário em 1973 ganhou notoriedade, pois muitos músicos, escritores e ambientalistas a consideram como um “paraíso”. Anualmente, no mês de maio, Nimbin é palco para o tradicional Mardi Grass Festival que atualmente tem como bandeira de luta a liberação da maconha.

²⁵⁵ **Ibiza**, no arquipélago das Ilhas Baleares é conhecida pelo turismo popular, uma economia fomentada pelo artesanato e outros bens culturais, e uma proeminente vida noturna, onde os clubes e discotecas funcionam do meio dia ao amanhecer, sendo incrementada durante a temporada de festivais no período de junho a outubro com variados estilos (rock, house, trance e techno). No mercado **Las Dalias** encontra-se a maior e mais diversificada feira hippie de que se tem notícia. Ibiza sedia uma associação internacional de pessoas denominada Família Arco-Íris da Luz Viva ou Tribo do Arco-Íris, uma comunidade hippie itinerante que se declara uma “família”, buscando viver os valores da cultura hippie. Apesar da associação está sediada em Ibiza, a tribo promove desde 1972, acampamentos anuais no mês de julho, em vários países principalmente na Europa e nos EUA que chegam a somar até 30 mil pessoas.

²⁵⁶ A República de **Christiania**, ou **Freetown Christiania**, próximo a Copenhague – Dinamarca é um território de 34 hectares dentro de uma área militar com uma população de aproximadamente 850 habitantes. Em 1971, o bairro se declarou comunidade autônoma ou auto-sustentável e teve seu comércio de cannabis (substância psicoativa semelhante à maconha ou haxixe) tolerado pelas autoridades. Atualmente a comunidade é regida pela Lei Especial de Christiania de 1989, e as medidas para normatização jurídica da comunidade estão em andamento no parlamento dinamarquês. A independência de Christiania é simbolizada pela existência de estações de rádio, canais de TV, cinema, teatro, restaurantes, mercados, centros de yoga e meditação e a própria república se transformou em importante atração turística que recebe pessoas do mundo inteiro.

²⁵⁷ Cf. Viagens Internacionais. **Lugares no mundo para viver como hippie**. Disponível em: <<http://viagens.ig.com.br/destinos/lugares-no-mundo-para-viver-como-hippie/>>. Acesso em 13/01/2013.

não seguem o padrão industrial de produção em série. Na medida do possível, os alternativos inverteram a lógica do capitalismo industrial de monopolizar a aquisição de todos os bens por meio da compra e assimilaram o modelo artesanal como um valor cultural.

Curiosamente, do ponto de vista legal, Christiania tem um caso em comum com Arembepe. A existência de Christiania como comunidade autônoma combina ações políticas, jurídicas e de mobilização social, pois entre 1976 e 1978, a comunidade foi objeto de ação tramitada no Supremo Tribunal Federal dinamarquês que deu ganho de causa ao governo e ao Parlamento contra Christiania, mas a mobilização que os alternativos empreenderam junto aos simpatizantes da comunidade com a promoção de festivais e eventos culturais permitiu a resistência. Atualmente, o clima é de negociação da comunidade com os poderes constituídos, e nos últimos anos, as campanhas para salvar Christiania tornaram-se modismo nacional, mas os alternativos sempre temem novas ameaças à existência da república autônoma.

O que esses lugares têm em comum, além do espírito que mantém vivo o estilo, o comportamento inspirado em conceitos da cultura hippie de seus habitantes, frequentadores e visitantes, é que todos eles adquiriram destaque na imprensa internacional ou alternativa nos fins dos anos 1960 e ao longo dos anos 1970 quando passaram a ser frequentados por adeptos do *power-flower* e se transformaram em importantes destinos turísticos. Além disso, a maioria mantém uma distância relativa dos principais centros urbanos em seus respectivos países, procuram manter autonomia política e administrativa em seus territórios e especialmente Ibiza e Christiania tem essa autonomia, senão totalmente respeitada, é pelo menos tolerada e reconhecida de forma oficial pelos seus países.

No entanto cada um desses territórios hippies mantém suas características específicas, o que nos permite concordar em parte com os moradores de **Arembepe** quando defendem a exclusividade daquela Aldeia no mundo. Pois, apesar de estar rodeada de hotéis e resorts de luxo, a Aldeia Hippie de Arembepe contrasta na paisagem, com a sua rusticidade. Para aqueles acostumados com o estilo de vida urbano, as agências de viagens advertem para os que preferem armar sua barraca de *camping* nos quintais das cabanas dos hippies que oferecem este serviço – o banho é no rio ou no mar ao invés do chuveiro e o banheiro também tem que ser improvisado. Mas para aqueles que aceitam o desafio, a natureza exuberante compensa o esforço - garantem as agências. E esta característica, de estilo rústico, entre os lugares onde a

inspiração hippie persiste, até onde nossa pesquisa indica, é própria apenas da Aldeia Hippie de Arembepe.

Considerações Finais

No início dos anos 60, os alegres e coloridos *hippies* com suas roupas exóticas, percorriam as ruas de São Francisco e de outras cidades americanas com suas marchas pacifistas e seu lema “paz e amor”, ganhando também os jovens da Europa Ocidental e de outras partes do mundo. O empenho dos jovens era buscado prazer e da felicidade, resgatar a individualidade num mundo à parte, sem injustiça e sem violência Talvez, Se o movimento hippie tivesse uma certidão de nascimento fosse possível falar no dia 14 de janeiro de 1967, no parque da Golden Gate, em São Francisco. Neste lugar, uma multidão calculada em 30 mil pessoas se reuniu para uma grande manifestação, o *Human Be*. Os “malucos” então saíram às ruas em marchas pacifistas para protestar contra a guerra, pelos direitos dos cidadãos, pregando paz e queimando suas identidades. Houve recusa de ir a guerra e de pagar impostos que, para eles, seriam convertidos em armas. É dentro deste contexto que, para alguns estudiosos, existe a grande utopia dos hippies, A Grande Recusa. Seria o sonho de construir um “paraíso aqui e agora”. Mas para isso, era imprescindível ficar longe do mundo racional e materialista e criar seu próprio estilo de vida. Foi a partir daí que surgiram as comunidades.

Nesta dissertação, não se trata de afirmar simplesmente se a Aldeia é ou não culturalmente hippie depois de 40 anos, mas antes, procuramos investigar, junto às transformações observadas, uma teia de comportamentos humanos, trazer à tona acontecimentos e valores sociais passados que compuseram os valores e comportamentos na Aldeia no presente.

É válido situar que, em 1968, Theodore Roszak, tentando explicar academicamente o movimento, publicou aquele que é, até hoje, seu livro mais famoso, *The making of a counter culture*, pela Berkeley Press. No prefácio o autor faz a ressalva de que a contracultura, por seu caráter anti-acadêmico, seria tema a ser evitado por um professor de história a todo custo. Mesmo assim, avisa que realizará a empreitada exatamente para trazer a contracultura para o centro de uma discussão mais informada. A ideia de Roszak é que uma nova cultura merece compreensão cuidadosa, pelo menos devido ao grande número de seus adeptos. Importante igualmente perceber que, entre os autores que abordam as origens da contracultura academicamente, Theodore Roszak é o único a colocar a literatura como elemento central de sua estrutura de formação. A contestação literária da geração *beat*, em sua prosa e poesia metamórficas, ao processo

dos valores culturais da sociedade americana dos anos 50 não é notada nem pelos estudiosos da progênie de Jack Kerouack. Mesmo Bruce Cook, em seu texto, não faz nenhuma referência a esta possibilidade.

Trata-se de uma época na qual alguns estudiosos afirmam que surgiu a “contracultura hippie”. Sobre isto, Luís Carlos Maciel, por exemplo, afirma que nos anos 1960, o termo “contracultura” foi inventado pela imprensa norte-americana, para designar um conjunto de manifestações culturais novas que floresceram, não só nos Estados Unidos, como em vários outros países como o Brasil,

No Brasil, os jovens também foram influenciados e algumas comunidades hippies surgiram e houve muitas outras tentativas de se formarem comunidades. Varias tiveram curta existência, ou nem passaram de sonho de seus idealizadores, a saber: a comunidade da praia de Pier, em Copacabana (também conhecida como “as Dunas da Gal”, ou dunas do “barato”); a comunidade dos sítios Quiabo’s e Abóbora’s em Nova Friburgo, região serrana do Rio de Janeiro; e a Cidade das Estrelas, que era um projeto de Raul Seixas e Paulo Coelho para efetivar a Sociedade Alternativa às margens do Rio Paraíba do Sul em Minas Gerais, mas não chegou a se concretizar plenamente.

Desta forma, com exceção dos hippies de Arembepe, nas demais comunidades hippies do período imediato pós AI-5 que se tem conhecimento nas pesquisas, os freqüentadores foram dispersos, e os líderes e idealizadores foram considerados subversivos pelas autoridades. Com efeito, alguns foram até presos. Por exemplo, a comunidade dos sítios Quiabo’s e Abóbora’s existiu de 1968 a 1970. A Aldeia de Arembepe, objeto escolhido para esta pesquisa, existe até os dias de hoje.

Arembepe, localizada numa área de bela paisagem litorânea, entre o rio e o mar, se transformou, nesse período, em um dos locais de visitas constantes dos hippies brasileiros e estrangeiros para permanecerem por uma temporada. Não se sabe exatamente quando e quem foram os primeiros hippies a chegar em Arembepe. A data de 1970 é aproximada, mas entendemos que há uma movimentação anterior a este marco temporal. Estabeleço esta data para fazer jus à chegada de Janis Joplin, que foi moradora da Aldeia e ajudou a popularizar a aldeia hippie em âmbito internacional. A ideia mais frequentemente divulgada a respeito do surgimento da aldeia hippie é que foi uma obra do acaso e foi se formando, possivelmente ainda em fins dos anos 1960, como veremos a seguir. A divulgação da existência da Aldeia Hippie de Arembepe na época não se dava através da imprensa, como nos dias atuais. O conhecimento daquele espaço alternativo era apenas a divulgação interna entre as pessoas ligadas ao movimento,

portanto, isso explica por que a Aldeia Hippie passa uma fase de ostracismo dos meios de comunicação.

Isto mudou quando a aldeia hippie cresceu com seus primeiros moradores já recepcionando os hippies e veranistas. Esse fato, aliado a estadia da Janis Joplin, a *pop star*, rainha de Woodstock que residiu na Aldeia de Arembepe durante o Verão de 1970, serviu para a consolidação e popularização da comunidade hippie de Arempepe em âmbito internacional.

Ao longo da história da aldeia hippie de Arembepe, percebe-se três períodos que podem ser didaticamente demarcatórios: O 1^a momento – do final da década de 1960 e durante a década de 1970 - representa a “descoberta do paraíso” pelos veranistas que tiveram encontro amistoso com os pescadores e desta fusão nasce o povoado com característica de vida alternativa, com a prática do naturismo, atividades lúdicas e festivas sempre acompanhada de músicas, meditação e uso de substâncias psicodélicas. De acordo alguns depoimentos o fato preponderante para o surgimento da aldeia hippie foi à boa recepção que os pescadores e moradores em geral da vila de Arembepe tiveram para com os veranistas e hippies. O autor Pedro Paulo Pepeu, que também morou em Arembepe na primeira metade da década de 1970, escreveu o prefácio de *Naquele Tempo em Arembepe*, de Beto Hoisel e descreve abaixo os tipos e nacionalidades dos frequentadores hippies e veranistas da época, enfatizando seu caráter cosmopolita.

Uma importante característica da aldeia hippie deste período seria o sentimento de confraternização e solidariedade bastante proeminente nos primeiros moradores da época. O fato de celebrarem *os happenings* e diversões sempre juntos com festas noturnas, músicas e danças ao redor de uma fogueira, e dividirem as refeições de forma constante e sistemática, despertou o sentimento de pertencer ao grupo, e serviu para fortalecer o espírito comunitário, o que serviu de base para a formação de uma comunidade hippie. As relações entre os moradores e a comunidade eram, de modo geral, muito boas.

O 2^a período, nos anos 80, quando houve intensa disputa pelo território que chegou ao Supremo Tribunal Federal. Quando houve também o início da resistência dos moradores através da expulsão do capataz, e de sua organização após fundarem a Associação dos Moradores da Aldeia Hippie de Arembepe - AMAH que favoreceu a vitória na posse da terra. Em 30 de julho de 1986, havia já quarenta e três barracas e, em uma pesquisa da prefeitura, os principais problemas relatados pelos moradores foram o desejo de evitar a construção de novas cabanas, o aluguel de algumas cabanas para

pessoas com costumes diferentes, o trânsito de veículos na Aldeia, a falta de policiamento e a preservação da área.

A comunidade, já fixa, decidiu que as crianças que nasceram estudariam em uma escola que seria criada dentro da Aldeia – a *Escola Menino Luz*. Igualmente, o estilo de vida dos hippies se modificou com a sua fixação na Aldeia e a intensificação do trabalho manufaturado, a criação do Centro de Artesanatos (galpão construído pelos próprios moradores) e as grandes mudanças nas barracas têm relação direta com esta nova configuração.

E o 3^a período, a partir da década de 1990 quando houve a vitória dos hippies na luta pela posse de terra. A Prefeitura de Camaçari construiu equipamentos de uso comum, como a estrada que liga a aldeia e o Projeto Tamar à Vila de Arembepe, um palco de madeira que é usado para festas e apresentações teatrais e a reconstrução do Centro de Artesanato. Ocorreu também a regularização fundiária, e a transformação em “vila turística” ou de empreendedorismo alternativo. Depois destes eventos, houve a última etapa que consolidará a vitória da comunidade: o Decreto Estadual nº 2219 de 14 de julho de 1993 criando a Área de Proteção Ambiental – APA do Rio Capivara em Camaçari. Tal decreto complementou a Resolução do Conselho Estadual do Meio Ambiente – SEPRAM.

Neste período que marca a vitória na luta pela terra e o tombamento da Aldeia, a comunidade conta com o maior número populacional de que se tem notícia ao longo de sua existência. Na Aldeia Hippie de Arembepe, moravam 85 pessoas, 25 delas crianças, que sobrevivem basicamente do artesanato, sustentando uma cultura própria, baseada principalmente num modo de vida que eliminava os chamados serviços essenciais da civilização. Em 2013, a questão da posse das terras continua sendo um assunto tabu para os moradores da Aldeia.

Outro fator que modificou a comunidade foi o surgimento do *Projeto Tamar*. Nesta época, a política da Bahia, assim como as agências turísticas, adotaram a Aldeia Hippie e o projeto Tamar, como patrimônios quase únicos com suas “potencialidades turísticas” transformando-os em importantes *points* turísticos. O projeto, não sendo unanimidade entres os moradores, passou a ser visto como uma oportunidade de equacionar a preservação do espaço de importância histórica e cultural contra a exploração e assimilação do lugar devido a expansão urbana. Igualmente, foi observado como um empreendimento que levaria a civilização para perto demais da Aldeia. Realmente, no começo do século XXI, a Aldeia já estava famosa o suficiente para ser

escolhida, por exemplo, enquanto locação para um programa televisivo. Enquanto que a primeira geração dos hippies estava interessada em encontrar um lugar discreto, junto à natureza para celebrar festas, com uso de drogas sem serem incomodados, praticar o naturismo que inclui vegetarianismo, alimentação macrobiótica e meditação, os artesãos que chegavam em Areembepe (ou neo-hippies), mesmo adotando algumas das práticas, estavam muito mais interessados na prática do comércio atividade não tão valorizada pela maioria dos hippies da primeira geração. Todas estas mudanças já seriam observadas pelos próprios moradores como o fim do movimento hippie. De fato, a própria mídia baiana observava, a seu modo, tal questão. Concluimos que, a partir da metade da década de noventa, a Aldeia passou a ser repercutida de dois modos contraditórios. Embora exista o lugar sempre “tranquilo” em todas as reportagens, a comunidade, às vezes, seria vista como uma legítima aldeia hippie em pleno século XXI. Em outros momentos, era observada como um lugar que já foi o “paraíso hippie”.

O que se pode sustentar é que, para os moradores da Aldeia – apesar da manutenção de parte do discurso típico da década de setenta – efetivamente o sonho hippie acabou. Igualmente, parte da mídia associou as várias mudanças históricas na Aldeia com o término de uma Era. Contrário a esta concepção, por sua vez, os agentes turísticos da região, assim como as políticas públicas da Prefeitura de Camaçari e do Estado da Bahia, reafirmam constantemente que, no lugar ainda existe a última e legítima aldeia hippie do mundo.

Em suma, o estilo de vida da Aldeia Hippie trinta anos depois, estava muito diferente e não conversamos ou entrevistamos na Aldeia nenhum morador afirmando que o movimento hippie ainda perdurasse. Igualmente, ninguém se mostrou arrependido de ter vivido plenamente o momento de “desbunde”, de experimentalismos, de veranismo e naturismo. Igualmente, não entrevistamos nenhum morador antigo que explicitasse o desejo de sair da Aldeia definitivamente. Ou que o estilo de vida relativamente simples do lugar – mesmo modificado com as décadas, ou passível de críticas – os deixasse, de algum modo, infeliz. Nossa pesquisa não encontrou razões para duvidar de nenhum destes depoimentos.

Neste trabalho de pesquisa abordamos as experiências vividas pelos moradores e visitantes da Aldeia Hippie, integrantes e simpatizantes no movimento da contracultura. Nosso intuito foi colaborar para enriquecer e aprofundar o debate sobre a história do período, avaliar o quanto a efervescência cultural deste período contribui para modificar e forjar novas mentalidades, compreender a relação e o impacto da interferência que a

cultura *underground* produziu na formação do *establishment* da cultura hegemônica em âmbito tupiniquim, e como a sociedade baiana entendeu o comportamento daqueles indivíduos que assimilaram novas formas de viver e de se relacionar com a sociedade. Esperamos ter alcançado esse objetivo de fomentar o debate sobre a contracultura e desejamos novamente ter a oportunidade de retomar este estudo em outros projetos de pesquisas vindouros.

3. REFERÊNCIAS

3.1 LISTAGEM DE FONTES:

Entrevistas

CERQUEIRA, Luís. Entrevista. Arembepe – BA, em 11/10/2010. Entrevistador:

Getúlio Cavalcante. Vídeo nº 9 (120 min.).

LIMA, Carlos Alberto. Entrevista. Arembepe – BA, em 12/10/2010. Entrevistador:

Getúlio Cavalcante. Vídeo nº1 (90 min.).

MACHADO, Álvaro. Entrevista. Arembepe – BA, em 12/10/2010. Entrevistador:

Getúlio Cavalcante. Vídeo nº3 (120 min.).

MENESES, Graça Raimunda Cerqueira. Entrevista. Arembepe – BA, em 13/10/2010.

Entrevistador: Getúlio Cavalcante. Vídeo nº2 (150 min.).

OLIVEIRA, Tony Carlos Alves de. Arembepe – BA, em 20/10/2010. Entrevistador:

Getúlio Cavalcante. Vídeo nº5 (120 min.).

SANTOS, Desiree Lopes Nunes. Arembepe – BA, em Entrevistador: Getúlio

Cavalcante: Arembepe, 2010. Vídeo nº6 (120 min.).

TAVARES, Roque Carlos. Entrevista. Arembepe – BA, em 15/10/2010. Entrevistador:

Getúlio Cavalcante. Vídeo nº4 (120 min.).

VIEIRA, Jairo Souza. Entrevista. Arembepe – BA, em Entrevistador: Getúlio

Cavalcante: Arembepe. 2010. Vídeo nº8 (120 min.).

VICENTE, Alceu. Entrevista. Arembepe – BA, em 15/10/2010. Entrevistador: Getúlio

Cavalcante. Vídeo nº7 (120 min.).

Fotos:

1.The Hippies: Philosophy of a subculture. Revista Time Magazine. 07/07/1967. Pag.

18. Escaneado e postado pelo site *The Hippie Museum*. Disponível em:

<<http://www.hippiemuseum.org/timehippie.html>> Acesso em 07/07/2012.

2.The Hippies Temptation: TV CBS News. Agosto de 1967. Disponível em

<<http://www.mediaoutlet.com/the-hippie-temptation-dvd-1967-harry-reasoner-cbs-tv-documentary-p-1132.html>> . Acesso em 12/09/2012.

3.Fotografia de 1976: Arquivo pessoal de Caetano Veloso. Gilberto Gil, Maria Betânia, Caetano Veloso e Gal Costa formaram a banda Doces Bárbaros. Show comemorativo para celebrar 10 anos de carreira. Foto publicada pelo blog **Diálogo Fashion** em 23/03/2010 por Mônica Ash. Disponível em.

<<http://dialogofashion.wordpress.com/2010/03/23/doces-barbaros/>>. Acesso em 13/10/2012.

4.Fotografia do *Flower Power*. George Harris coloca rosas nas armas dos policiais, durante uma manifestação contra a Guerra do Vietnã no Pentágono, em 1967. Blog **Ensaios Antropológicos** Postado por Paulo Medeiros em 26/07/2010. Foto: Bernie Norman Boston. Disponível em: <http://ensaioantropologicos.blogspot.com.br/2010_07_01_archive.html>. Acesso em 18/10/2012.

Revistas e Jornais:

Revista Camaçari Shopping. Ano III – novembro 2005.

Revista - PESQUISA FAPESP. Nº 155, janeiro de 2009.

Jornal Viages La Tercera Chile. 15.01.2006.

Jornal Correio da Bahia. 4 de março 2001.

Revista Time Magazine - The Hippies: Philosophy of a subculture. 07/07/1967. Escaneado e postado pelo site The Hippie Museum. Disponível em: <<http://www.hippiemuseum.org/timehippie.html>> Acesso em 07/07/2012.

Sites

Um muro na cidade. Disponível em:

<<http://murosnacidade.blogspot.com.br/2012/05/saudades-dos-anos-60-no-17a-dacalcada.html>>. Acesso em 20/09/2012.

Jornal - Laboratório da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia-UFBA. Salvador, 06/04/2008. Edição Nº 15. Caderno Cidade, p. 01. Disponível em: <http://www.jornaldafacom.ufba.br/ed15/cidade/materias/aldeia_hippie.html> Acesso em 10/07/2012.

The Hippies: Philosophy of a Subculture. **Revista Time Magazine.** 07/07/1967. Pag. 18. escaneado e postado pelo site *The Hippie Museum*. Disponível em: <<http://www.hippiemuseum.org/timehippie.html>> Acesso em 07/07/2012.

Rincão Club Naturista. O que é Naturismo. Disponível em <<http://www.rincao.com.br/oquee.html>> Acesso em 22.09.2012.

Palavras Domesticadas – Contracultura, misticismo e Flower Power. Publicado por Márcio de Aquino em 03/11/2010. Disponível em

<<http://taratitaragua.blogspot.com.br/2010/11/contracultura-misticismo-e-flower-power.html>>. Acesso em 21/09/2012.

Guia da semana. Herdeiros do Movimento Hippie. Postado por Monique Oliveira em 05/02/2005. Disponível em. <<http://moniqueoliveira.wordpress.com/tag/movimento-hippie/>>. Acesso em 14/10/2010.

Documentários Longos:

Making Sense of the Sixties – É uma série de documentários sobre a efervescência cultural dos anos 1960, produzidos pela Public Broadcasting Service - PBS (produtora que fornece documentários e programas educativos para as TVs públicas dos EUA). Essa Mini-série de TV foi exibida em 1991 e atualmente está disponível em 3 DVDs e na internet. Está dividido em 10 partes com aproximadamente 12 horas de informações entrevistas com artistas, intelectuais e personagens de destaque que viveram aquele momento.

<http://www.youtube.com/playlist?list=PLFA93FA24A1ABF68F>

The Hippie Temptation - É uma série de reportagens especiais elaboradas pela TV CBS News. Coordenação de Harry Reasoner, Em agosto de 1967. Aproximadamente 4 horas de entrevistas com personagens integrantes do movimento hippie. A edição final em DVD ficou em 49 minutos.

<http://www.youtube.com/watch?v=xaczKrkflIE>

Depois da Explosão de Cores: A vida na aldeia hippie de Arembepe. Autora: Marluce Caroline Weiss. Modalidade: Grande Reportagem em Vídeo de 1:35min. Em DVD.

Enquanto os vídeos anteriores são de curta duração e na maioria, produzidos por amadores, este documentário é de longa duração e aborda aldeia hippie numa perspectiva de documentário para o cinema. A autora, formada em jornalismo, apresenta uma produção barata, porém de qualidade profissional, sendo premiada no festival Geração Futura da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE, Minas Gerais.

Documentários curtos:

Os links abaixo, se reportam a vídeos e documentários produzidos por turistas e repórteres que tem a função didática de apresentar a natureza, a arte, o estilo das barracas, a vida simples, pacata e hospitaleira dos moradores da aldeia hippie de Arembepe e outros lugares com a característica alternativa.

Outros apresentam a aldeia como ponto de referência do movimento hippie da década de 1960, com imagens e músicas de rock psicodélico, buscando seduzir o ouvinte, convidando a participar da vida alternativa, e valorizando as sensibilidades visual e auditiva do expectador para vislumbrar o tempo da utopia hippie.

<http://www.youtube.com/watch?v=PBAXWhoRK5E&feature=fvsvr>

<http://www.youtube.com/watch?v=9oQ8AU9hhTY>

<http://www.youtube.com/watch?v=loHQcNVsylvM>

<http://www.youtube.com/watch?v=9oQ8AU9hhTY&feature=related>

<http://www.youtube.com/watch?v=PBAXWhoRK5E&feature=fvwrel>

<http://www.youtube.com/watch?v=loHQcNVsylvM&feature=fvsvr>

3.2 Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Armando. **A contracultura e a política que o Ilê Aiyê inaugura: relações de poder na contemporaneidade.** (Tese de doutorado) – Salvador, UFBA: 2010, 176 p

AMABRIC, Jacques. Um falso “Hippismo”. In: **Os Hippies Quem os conhece?** Cadernos Dom Quixote, Nº 29 (org.). Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1970.

AMARAL, Sérgio da Fonseca. **Fugir (pras veredas).** In: Machado João de Moraes (org.). Vitória: PPGL/MEL, 2007.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e expansão do nacionalismo.** Lisboa: Edições 70, 1990

BARROS, Patrícia Marcondes de Barros (Doutora) **Impressos Alternativos Brasileiros.** Expressões e impressões da contracultura. Universidade Positivo/Curitiba-PR, 2011.

- BERNARD, Durou; RIMAILHO, Andri. Vagantes, “clochards”, “beatniks” e “hippies”. In: **Os Hippies Quem os conhece?** Cadernos Dom Quixote. (org.). Publicações do Quixote, Lisboa, 1970.
- BIROU, A. **Vocabulaire Pratique des Sciences Sociales**, Paris: Editions Ouvrières (Edição portuguesa – Dicionário das Ciências Sociais, Lisboa, Dom Quixote, 2ª Ed., 1976), 1966.
- BRANDAO, Antonio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. **Movimentos Culturais da Juventude**. São Paulo: Moderna, 1999.
- BRITO, Sulamita.(Org). **Sociologia da Juventude**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1968.
- BURKE, Peter. **História e Teoria Social**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- CAMPOS, Maria Teresa Cardoso de. **Marcuse - Realidade e Utopia**. São Paulo: Annablume, 2004.
- CARVALHO, Cesar Augusto de. **Viagem ao Mundo Alternativo: A Contracultura nos anos 80**. São Paulo, UNESP, 2008.
- CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- CAPELLARI, Marcos Alexandre. **O discurso da contracultura no Brasil: o underground através de Luís Carlos Maciel**. (tese de doutorado). São Paulo, USP, 2007.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- SANTOS, Manoel Higinio dos. **Hippies: protesto ou modismo**. Belo Horizonte: Minas Gráfica editora, 1978.
- DUARTE, Joelma do Patrocínio. **A Contracultura e Seus desdobramentos: Novas experimentações e religiosidade new age**. (tese de Doutorado em Artes Visuais) Universidade Federal da Bahia. 2007.
- DUMONT, Louis. **O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- FERGUSON, Marilyn. **A Conspiração Aquariana**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Nova Era Editora, 2003.
- FIUZA, Alexandre Felipe. **Entre um samba e um fado: a censura e a repressão aos músicos na Brasil e em Portugal nas décadas de 1960 e 1970**. (Tese de doutorado em História) UNESP/Assis. Assis: UNESP, 2006
- GABEIRA, Fernando. **Vida Alternativa: Uma revolução do dia-a-dia**. 3ª ed. Porto Alegre: L & PM editores Ltda., 1986.

- GERREIRO Cristina. **Indicadores de desenvolvimento sustentável, aplicados em sistema de informação geográfica (sig) para o litoral norte da Bahia.** (Dissertação de Mestrado em Geografia) Universidade de Brasília. 2004.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GOFFMAN, Ken e JOEL Dan. **Contracultura Através dos Tempos.** Rio de Janeiro, Ediouro, 2007.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Vértice, Editora, 1990.
- HOBSBAWN, Eric J. **A Era dos Extremos: o breve século XX (1914 — 1991).** São Paulo: companhia das letras, 1995.
- HOISEL, Beto. **Naquele Tempo em Arembepe.** Salvador: Editora Século 22, 2003.
- HOLANDA, Heloisa Buarque de. **Impressões de Viagens: CPF, Vanguarda e desbunde (1960/70).** São Paulo: Brasiliense 1980.
- HUXLEY, Aldous, **As portas da percepção.** São Paulo: Circulo do Livro, 1993.
- JUCA, Gisafran Nazareno Mota. **A Oralidade dos Velhos na Polifonia Urbana.** Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003.
- KURLANSKY, Mark. **1968: o ano que abalou o mundo.** Rio de Janeiro: José Olimpio. 2005.
- LAGO, Antônio; PÁDUA, José Augusto. **O que é ecologia.** 9ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- LEARY, Timothy. **Flashbacks “surfando no caos”:** uma autobiografia. São Paulo: Beca, 1999.
- LEVI, Giovani. SCHIMITT, Jean - Claude. **História dos Jovens.** São Paulo: Companhia das letras, 1996.
- NERY, Emília Saraiva. **Sons da Contracultura:** Raul Seixas entre cidades e sociedades alternativas. Universidade Federal do Piauí – UFPI. **FÊNIX** – Revista de História de Estudos Culturais. Vol. 6, Ano I, Nº 02.
- SANTOS, Danielle Souza. **Estranhos no Paraíso.** A presença do movimento hippie em Arembepe (1972-1979). Especialização História do Brasil. Luiz Fernando Saraiva e Márcia Gabriela de Aguiar Barreto (orgs.). Faculdade São Bento, 2009.
- FEIJÓ Martim César. **Cultura e Contracultura** - Relações entre conformismo e utopia. Publicado na Revista Facom. Nº 21. Setembro de 2009.
- GUATTARI, F. ; ROLNIK, S. **Micro-política:** Cartografias do desejo. Rio de Janeiro: Petrópolis. 1996.

MAFFESOLI, Michel. **A violência totalitária**: ensaio de antropologia política. Porto Alegre: Sulina, 2001.

_____. **O Tempo das Tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

_____. **A Parte do Diabo**. Resumo da Subversão Pós-Moderna. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MARCUSE, Herbert. **Idéias Sobre uma Teoria Crítica da Sociedade**. Rio de Janeiro, Zahar, 1972.

_____. **A Dimensão Estética**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

_____. **A ideologia da sociedade industrial**: O homem unidimensional. 6ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

MOLINA E., S. **Turismo e Ecologia**. Tradução de Josely Vianna Baptista. Bauru: EDUSC, 2001.

MORIN Edgar. Um Sociólogo entre os Híppies. In.: **Os Híppies Quem os conhece?** Cadernos Dom Quixote, Nº 29 (org). Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1970.

PEREIRA, Carlos Alberto Messenger. **O que é Contracultura**. São Paulo: Brasiliense, 1984. 2ª edição.

PEREIRA, Luís Carlos Bresser. **Tecnoburocracia e Contestação**. Petrópolis: Vozes, 1972.

PESSÔA, Yumara Souza. **Decoração soteropolitana na década de 70**: cores, formas e representações. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal da Bahia – UFBA. Salvador.

POERNER, Artur José. **O poder jovem**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. In.: **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo: 1981.

ROSZAK, Theodore. **A Contracultura**. Vozes. Petrópolis – Rio de Janeiro, 1972.

SALGUEIRO, Wilberth Claython Ferreira. **Forças & Formas**: aspectos da poesia brasileira contemporânea (dos anos 70 aos 90). Vitória: EDUFES, 2002.

TAVARES, Carlos A. P. **O que são Comunidades Alternativas**. São Paulo: Nova Cultural/Brasiliense, 1985.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TURNER, Victor. **O processo ritual**: estrutura e antiestrutura. Petrópolis - Rio de Janeiro: Vozes, 1974

ZAPPA, Regina. SOTO, Ernesto. 1968: **Eles só queriam mudar o mundo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

4 ANEXOS

Anexo1

VEJAMOS ESTE DOCUMENTO:

ESTADO DA BAHIA
PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMAÇARI
SECRETARIA MUNICIPAL DE TURISMO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO
RELATÓRIO DA REUNIÃO REALIZADA NA SEPLAM
EM 28 DE JANEIRO DE 1987

ASSUNTO: ALDEIA DO CARATINGUI – AREMBEPE

SEMLAM – Neuza Haffner

SEDES – Tavares

SOCIEDADE UNIDOS DO AREMBEPE – Genivaldo Tavares (Presidente)

ALDEIA DO CARATINGUI – Manoel da Luz (Morador)

ALDEIA DO CARATINGUI – Vera Lúcia (Moradora)

COCIF – Fernando

Em função do exposto pelos presentes, resumimos os principais assuntos abordados:

1 – A aldeia dos Híppies ou Aldeia do Caratingui (como preferem os moradores) ou simplesmente aldeia (denominação usada em Arembepe) situa-se no parque ecológico do Capivara.

2 – O Parque Ecológico do Capivara não tem sua situação totalmente legalizada.

3 – A “Aldeia” não tem seus limites definidos, nem é cercada.

4 – Os principais problemas dos moradores da Aldeia são:

a) Não permitir a construção de novas cabanas no local;

b) Evitar que algumas cabanas sejam alugadas a pessoas estranhas e de costumes diferentes ao da comunidade;

c) Não permitir o trânsito de veículos no local;

d) Evitar a confluência de “marginais” ao local. (falta de policiamento).

5 – Do levantamento oficial das cabanas em julho/86, temos o total de 43 cabanas, sendo:

10 – com moradores efetivos (2, 3, 6, 7, 8, 12, 25, 33, 40, 41);

03 – com frequência de fim-de-semana (13, 14 e 20);

02 – fechadas (1 e 5);

17 – para alugar -7, de Hélio Veloso (16, 18, 21, 22, 23, 24, 43);

1 – de Roberto (19);

4 – de Analice (26, 30, 31, 32);

5 – de Graça (34, 35, 36, 37, 38);

01 – para vender (4);

01 – em reforma (10);

01 – transformada em bar; (15, de Hélio Veloso);

08 – fechadas sem informação (09, 11, 17, 27, 28, 29, 39, 42).

Ficaram definidas as seguintes providências:

1 – a prefeitura, através da SEPLAM, providenciará a colocação de piquetes em local próprio e uma placa informativa proibindo a circulação de veículos na “Aldeia”.

2 – A Sociedade Unidos do Arembepe emitirá um documento à prefeitura contendo as reivindicações dos moradores, a fim de que a prefeitura possa tomar as devidas providências.

3 – A prefeitura está adicionando através da SECAF, o bar instalado na cabana nº 15 com visitas a apresentação da documentação legal necessária ao funcionamento. Se não as tiver, irar autuar o estabelecimento e fechá-lo, se necessário.

4 – Quando houver qualquer movimento para construção de novas cabanas na Aldeia, a Sociedade Unidos do Arembepe contactará a COCIF, na pessoa do Sr. Fernando (ramal 178) para as devidas providências no sentido de se evitar a construção das mesmas.

Para conclusão do relatório consideramos que:

1 – A “Aldeia” atualmente não preserva os valores turísticos originais, ou seja, não é mais uma comunidade “Híppie”

2 – Os problemas atuais giram em torno da afluência (conforme informações da comunidade) de pessoas desconhecidas e que geram com isso insegurança aos moradores, que não tem poderes de evitar essa convivência.

Obs.: O Sr. Manoel da Luz mora no local, numa cabana não cadastrada, e que segundo ele no período de levantamento, 1986, a sua cabana estava em recuperação.

Por parte da SETIC faz-se necessário indicar uma pessoa para acompanhamento do processo, assim como, para fazer novo levantamento juntamente com a COCIF, das cabanas existentes e elaborar um esboço de elaboração das mesmas.

Carlos Cardoso Filho – Assessor Técnico

Anexo 2

: “Um grupo de aproximadamente 40 cabanas de palha de coqueiro e madeira da região, construída entre dunas, lagoas, coqueirais e a revigorante energia do mar e do rio, que são habitadas por pessoas capazes de, em sua maioria, conservar muito do nostálgico idealismo pregado pelos filósofos do ‘paz e amor’. Eis uma descrição rápida do que hoje é a Aldeia de Caratingui, internacionalmente conhecida como aldeia hippie, localizada em Arembepe, município de Camaçari.

Ali a vida transcorre num ritmo mais tranquilo, os moradores vivem da prestação de serviços, como a construção e aluguel de cabanas, ou do pequeno comércio de artesanatos, roupas alternativas, livros e panfletos de poesia, entre outras bugingangas. As casas não possuem o conforto das habitações da cidade, mas são bonitas e aconchegantes apesar da falta de água encanada, luz elétrica, sanitários ou qualquer indício de infra-estrutura urbana. As roupas são lavadas no rio de onde sai a água potável para beber, a iluminação das casas é conseguida com velas e lampiões, o banho é também no rio e o sanitário é na moita de preferência de qualquer um.

As cerca de 10 famílias que habitam têm que passar por algum trabalho para desfrutar uma vida natural, de contato direto com uma natureza das mais exuberantes. As compras são feitas em Arembepe carregadas a pé ou em lombo de jumento por um trecho de areia fofa. Em caso de doenças, o mais certo é correr para Arembepe, Camaçari ou Salvador. E na hora que falta dinheiro, o jeito mesmo é partir para a cidade, onde as oportunidades de ganhos e trabalhos são maiores. Mesmo assim, é muito difícil encontrar entre eles alguém que concorde em desistir da vida na aldeia para voltar à ‘civilização’ definitivamente.

Na aldeia todo mundo se conhece pelo nome ou apelido, mulheres e homens tomam banho nu no rio sem qualquer constrangimento, costume, aliás, que não é visto com bons olhos pelos moradores de Arembepe, os quais condenam muitas outras manifestações e comportamentos dos habitantes da Aldeia, tidos como ‘malucos’, ‘hippies’ e ‘maconheiros’. ‘Às vezes chegam a acontecer pequenos atritos entre as duas partes, motivadas pelo moralismo e a intolerância, na maior parte dos casos, mas a vida e a convivência continuam, apesar de tudo’.

Preservação

“A pequena aldeia ganhou notoriedade a partir do assédio dos adeptos do movimento hippie no início da década de 70, tendo recebido a visita de figuras famosas como Janis Joplin e mais tarde Alan Delon, poderá sair novamente do ostracismo com a iniciativa tomada pela Prefeitura de Camaçari, Universidade Federal da Bahia e uma e uma empresa do Pólo de elaborar um projeto para estudo de tombamento e preservação daquele aglomerado habitacional. A preocupação extremada pelos três parceiros é a de preservar a área, a fim de evitar o desvirtuamento do que existe ali. Segundo os idealizadores do projeto, as cabanas serão conservadas e a sua construção limitada. Para tal foi feito recentemente um novo cadastramento dos moradores, os quais não possuem qualquer documentação de posse dos terrenos.

Nas proximidades da Aldeia, O IBAMA está construindo uma base do Projeto Tamar, para preservação das tartarugas marinhas, em área de 8000m² cedida pela prefeitura de Camaçari. A mão-de-obra para execução do projeto foi recrutada junto aos moradores da própria aldeia e obedece a critérios que pretendem agredir o mínimo possível o patrimônio natural, formado pelas dunas, principalmente. A maioria dos moradores da aldeia vê a idéia de tombamento e preservação com bons olhos, mas gostaria de ter mais segurança com relação à posse do terreno que ocupa além de externar preocupação com a constante ameaça de poluição do ambiente trazida pela proximidade com o Pólo Petroquímico de Camaçari.

Uma dessas pessoas é Luís Cerqueira, um negro de longos cabelos em estilo *rastafari*, freqüentador da Aldeia há mais de seis anos e há um ano morando na maior e mais bonita cabana da área. Ele conta que justamente há um ano não visita Salvador, apenas de sobreviver da venda de camisetas e panfletos de poesia. Luís foi um dos construtores da casa que sediará a base do Projeto Tamar na Aldeia e considera uma grande contradição a ‘idéia de preservação da fauna marinha e ao mesmo tempo a construção de um emissário que lançará dejetos químicos do Pólo no Mar a 5km da Costa, apesar de todos os cuidados que eles dizem ter tomado, acho muito difícil que o despejo de substâncias químicas no oceano não afete a sobrevivência das tartarugas e dos demais frutos-do-mar. Qualquer acidente nesta área poderá comprometer a pesca, que é a atividade de sobrevivência das populações de Itapuã à Praia do Forte’, analisa Luís”. **Jornal A Tarde**. Salvador – Bahia quinta-feira, 08/09/1990. Caderno Geral. p.2.

Anexo 3

ESTADO DA BAHIA
CAMARA MUNICIPAL DE CAMAÇARI
Gabinete do Presidente

Ofício nº 323/2007/CMC

Camaçari-BA, 7 de novembro de 2007.

A Sua Excelência o Senhor

Prefeito LUIZ CARLOS CAETANO

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMAÇARI

Nesta

Assunto: **INDICIAÇÃO Nº 045/2007**

JANETE APARECIDA DE ARAÚJO E SILVA, autora:

TOMBAMENTO DA ALDEIA HIPPIE

Senhor prefeito.

Encaminho, anexa, cópia da indicação nº 045/2007, de 22 de outubro de 2007, de autoria da vereadora Janete Aparecida de Araújo e Silva que tramitou em Plenário na 21ª sessão ordinária do 2º período legislador de 2007, em 06 de novembro de 2007, tendo sido aprovado por unanimidade dos votos.

Aproveito a oportunidade para reiterar à Vossa Excelência os nossos votos de grande apreço.

Atenciosamente,

LUIZA COSTA MAIA

Presidente

Anexo 4

Indicação votada e enviada ao prefeito como anexo do ofício:

INDICAÇÃO Nº 045/2007

Indico à mesa, após ouvido o plenário na forma regimental; que seja solicitado ao chefe do Executivo Municipal, através do órgão competente, o tombamento da Aldeia Hippie localizada no distrito de Arembepe como Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural do Município de Camaçari Ba.

JUSTIFICATIVA

Senhora Presidente venho propor esta indicação, com o intuito de preservar um marco histórico da revolução cultural e comportamental da juventude brasileira, buscando a liberdade de expressão, mesmo enfrentando o regime militar o qual restringia vigiava as necessidade de liberdade e pensamentos. Além do que a Aldeia atraiu diversas celebridades nacional e internacional, levando o nome de Arembepe à outros países, atraindo o turismo.

APROVADO POR
UNANIMIDADE
06/11/2007
DATA DA VOTAÇÃO

Sala das Sessões, 22 de outubro de 2007
Janete Ferreira
Vereadora
PMDB